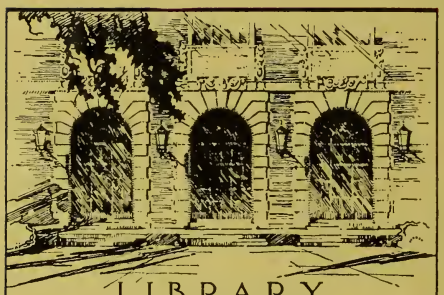


LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF ILLINOIS

056.9
REVBR
v.5

REVISTA

BRAZILEIRA

REVISTA

BRAZILEIRA

SEGUNDO ANNO

TOMO QUINTO

RIO DE JANEIRO
Sociedade — Revista Brazileira
—
1896

056.9
REVBR
v. 5

O CREDITO[1]

COMEDIA EM CINCO ACTOS EM PROSA

A scena é no Rio de Janeiro e de actualidade

ACTO TERCEIRO

Saleta em casa de Pacheco, no fundo vê-se a sala de jantar e a mesa posta com um talher

SCENA I

JULIETA E HIPOLYTO

(Julieta faz crochet sentada num sofá)

Hipolyto (*entrando para o fundo*)

Deita o almoço ! (*desce*)

Julieta

Com effeito, Hipolyto ! São mais de 11 horas !...

Hipolyto (*vendo o relogio*)

E' verdade ! Já levei ponto (*senta-se numa cadeira de balanço*). Decididamente é uma fortuna para a humanidade que meu pai seja rico.

Julieta

Por que ?

---

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de dezembro.

Hipolyto

Porque sinão apenas me formasse mettia-me a curar e era peor do que uma epidemia. Via-me na dura collisão de morrer de fome ou de matar os desgraçados que me caissem nas mãos.

Julieta

Não digas isto nem brincando.

Hipolyto

Não te assustes Julieta! Meu pai teve bastante juizo para ganhar uma porção de contos de réis e portanto os pobres dos hospitaes estão livres de mim.

Julieta

Mas se não pretendes exercer a tua profissão para que estudas?

Hipolyto

Então pensas que a profissão do medico é só curar?

Julieta

Qual é a outra?

Hipolyto

As outras deves dizer. Um medico hoje é um doutor, e um doutor serve para tudo. Ha medicos politicos, medicos financeiros, medicos administradores e medicos honorarios; é a esta ultima classe que hei de ter a honra de pertencer.

Julieta

E que faz ella?

Hipolyto

O seguinte: passear na rua do Ouvidor, fumar o seu charuto no Desmarais, frequentar os bailes e os theatros, namorar as viuvas, ajudar por anno uma operação, fazer visitas para dar consumo aos cartões com o competente *d—r*, e metter de vez em quando na conversa uma palavra technica para chamar a attenção. Que dizes? Não é uma bella occupação?

Julieta

Mas tu não a deves escolher.

Hipolyto

Porque razão?

Julieta

Um homem que só se occupa comsigo não é um ente inutil para os outros? Si o pobre deve trabalhar para ganhar com que sustentar-se, o rico deve usar da intelligencia que Deus lhe deu, não para elle, mas para a sociedade.

Hipolyto

Aposto que foi Rodrigo quem te ensinou isto ?

Julieta (*confusa*)

Não sei.

Hipolyto

Foi, não negues. Elle pensa assim, porém eu entendo que o unico trabalho de um homem rico é distribuir a fortuna que Deus lhe deu. Uns fazem essa distribuição em esmolas, outros em jantares. No fim, o effeito é o mesmo.

Julieta

Pois olha, eu sou mulher e tenho mais direito do que tu a essa vida ociosa e esteril. Entretanto furto todos os dias algumas horas ás minhas distracções para dedical-as a uma occupação qualquer: coso, bordo, não por divertimento, mas por uma obrigação que me imponho a mim mesma.

Hipolyto

E que lucras com isso? O trabalho faz-te melhor do que és?

Julieta

O trabalho é uma boa lição que Deus nos dá; sinto-o por mim. Durante estas horas de uma applicação seria, lembro-me de que somos todos creaturas destinadas á servir umas ás outras; e perco esse pequeno orgulho da riqueza.

Hipolyto

Desde quando começou isto?

Julieta

Desde que eu comprehendi que os ricos deviam ser os primeiros a honrar o trabalho porque é a elle que devem a fortuna. Si meu pai não tivesse trabalhado, não serias pobre?

Hipolyto

Antes fosse, ao menos podia ser amado por mim e não pela minha herança.

Julieta

Ah! ainda estás com esta idéa? Pensas que Christina...

Hipolyto

Estou convencido: o que ella quer é casar com o filho de meu pai.

Julieta

Não acredito...

SCENA II

OS MESMOS E D. ANTONIA

D. Antonia (*entrando*)

Hipolyto, teu amigo está ahi.

Hipolyto

Rodrigo ?

D. Antonia

Não queres recebel-o aqui ?

Hipolyto

Sim, senhora (*caminhando para a porta*) Entra ! (*desapparece um momento*).

D. Antonia (*a Julieta*)

D. Olympia deixou-te lembranças.

Julieta

Esteve cá?

D. Antonia

Não: passou ha pouco para a cidade e falou-me mesmo do carro.

Julieta

Não quiz entrar?

D. Antonia

Na volta.

Julieta

E Christina.

D. Antonia

Ia com ella.

Julieta

Não perguntou por mim?

D. Antonia

Não: e tenho reparado que... (*Hipolyto e Rodrigo entram, D. Antonia sai*).

SCENA III

JULIETA, RODRIGO E HIPOLYTO

Rodrigo

Adeus, D. Julieta. (*Aperta a mão*)

Julieta

Sr. Rodrigo.

Hipolyto

Sabes! Tens uma apologista das tuas idéas.

Julieta

Cala-te, Hipolyto.

Rodrigo

Das minhas idéas?

Hipolyto

Sobre o trabalho. Agora mesmo acabou de dar-me uma lição.

Julieta (*á Rodrigo*)

Não acredite!

Hipolyto

Si tu a ouvisses falar!... Não sei como ella entende.

Rodrigo

Não sabes a razão? As senhoras comprehendem por inspiração o que nós os homens só comprehendemos pela reflexão e pelo estudo. Por isso na minha opinião a mulher é hoje o verdadeiro apostolo da civilização.

Hipolyto

Si entendes por civilização os bailes e as modas, concordo; é um apostolo de leque e crinolina!

Rodrigo

Estás gracejando!... Pois digo-te seriamente que para elevar o Brazil a altura do progresso moral e material da Europa, bastava-me a mulher.

Hipolyto

E que farias tu desse anjo-demonio, como lhe chamam os poetas?

Rodrigo

Nada, deixava que cumprisse o seu destino; somente lhe faria comprehender as idéas que ella devia inocular no coração do povo. A nossa população precisa de instrucção, eu instruiria a mulher.

Hipolyto

E' um problema difficil!

Rodrigo

Eu resolveria com quatro palavras.

Julieta

Como?

Rodrigo

De uma maneira muito simples: faria uma lei.

Julieta

Uma lei?...

Rodrigo

Sim. Decretaria o seguinte: « Nenhuma mulher poderá casar-se sem saber ler e escrever. »

Julieta (*sorrindo*)

Ah!

Hipolyto

E com isso julgas que conseguirias?...

Rodrigo

Sem duvida.

Hipolyto

Mas lembra-te que nem todas as mulheres se casam; a raça das tias augmenta consideravelmente.

Rodrigo

Nem todas as mulheres se casam, é verdade, mas todas desejam casar.

Hipolyto

Que tem isso?

Rodrigo

E' quanto bastava para que no fim de um anno não houvesse no Brazil uma mulher que não soubesse conjugar o verbo casar em todos os tempos: aquellas mesmas que tivessem escapado á lei, por prevenção e na possibilidade de ficarem viuvas, haviam de voltar ao A B C.

Hipolyto (*rindo*)

Neste caso eu fazia-me professor de primeiras letras!

Rodrigo

Desde que a mulher do pobre levasse para a communhão do matrimonio, além do coração, um espirito cultivado, a civilização desceria ás ultimas classes; o seio da familia seria uma escola moral e instructiva, na qual o homem receberia desde o berço até o serão do trabalho, com o

leite materno, e com as affeições domesticas, as lições de sua mãi ou de sua esposa. (*A Hipolyto*) Mas isto são idéas... Passaste hontem por minha casa?

Hipolyto

E não te encontrando deixei-te um bilhete.

Rodrigo

Recebi. Precisas de mim?

Hipolyto

Queria ter o prazer de ver-te. Porque não appareces? Ha muitos dias.

Julieta

Uma semana!

Rodrigo (*sorrindo*)

Pensas então que as minhas theorias são como as receitas de medico? Dou o exemplo; trabalho.

Hipoiyto

Comtudo; não é uma razão para abandonares os amigos. Temos muito que conversar.

Julieta

Não vaes almoçar?

Hipolyto

E' verdade. Queres jantar emquanto eu almoço?

Rodrigo

Obrigado.

Hipolyto

Pois então conversa com Julieta que eu vou fazer a dissecação de um frango e a ingestão de uma chicara de café com leite. Bem vês que não estou tão atrazado na medicina como suppões.

(Senta-se na mesa para almoçar e é visivel durante a scena seguinte).

SCENA IV

Rodrigo

Que genio feliz! (*senta-se*)

Julieta

Sim; mas aquella alegria agora é um pouco fingida. Anda triste.

Rodrigo

Porque motivo?

Julieta

Elle lhe contará.

Rodrigo

E' um segredo então?

Julieta

E'; mas o senhor já o sabe.

Rodrigo

Não me recordo.

Julieta

Christina...

Rodrigo

Que tem?

Julieta

Mudou!

Rodrigo

Ah!

Julieta

Não é a mesma; não fala mais a Hipolyto; apenas o comprimenta. Deixou até de vir á nossa casa! outr'ora, estavamos sempre juntas: queriamo-nos como duas irmans, e eu esperava que haviamos de ser um dia. Mas... Isto talvez não lhe interessa?

Rodrigo

Ao contrario, interessa-me muito.

Julieta

Deveras ?

Rodrigo

Não sou desses que para affectar gravidade, tratam as questões de sentimento com desdem. Não ha nada mais serio para o homem do que sejam suas affeições, que têm sempre uma tão grande influencia sobre a sua vida.

Julieta

E' verdade ! dellas depende a felicidade e quantas vezes não lhes sacrificamos a nossa existencia ?...

Rodrigo

Hipolyto não está neste caso. Christina é ainda uma menina um pouco travessa, mas tem bastante espirito para que o homem a quem amar possa fazer della uma senhora distincta !

Julieta

Porém si ella não o ama?... Não lhe disse que mudou completamente? E sabe desde quando ?

Rodrigo

Não.

Julieta (*confusa*)

Desde quinta-feira ! O senhor não conversou com ella nessa noite ?

Rodrigo

Trocamos algumas palavras ; falamos do luar, de banalidades.

Julieta

Sómente ?

Rodrigo

Creio que só.

Julieta

Pois eu julguei que essa mudança fosse proveniente do que o senhor lhe disse.

Rodrigo

Qual. Que influencia podiam ter as minhas palavras sobre os seus sentimentos ?

Julieta

A mesma que tem a intelligencia sobre o coração.

Rodrigo (*sorrindo*)

Não acredite. O amor de Christina passou naturalmente como passam essas primeiras folhas das arvores antes da florescencia.

Julieta

E é possivel isto ? E' possivel deixar de amar uma pessoa que uma vez se amou ?

Rodrigo

Não sei, D. Julieta.

Julieta

Pergunto-lhe... porque deve ser bem triste sentir-se uma affeição com que vivemos algum tempo fugir a pouco e pouco, e deixar a alma deserta e só. Creio que ha de ser como se vissemos destacar-se da nossa vida os mais bellos dias da mocidade.

Rodrigo

Por isso devemos conservar as nossas affeições.

Julieta

E quando a vontade nada póde contra esse impulso, quando sem que se queira se vão perdendo uma a uma as illusões, quando parece.., que outra affeição toma o lugar da primeira ? Que fazer ?...

Rodrigo

Soffrer o seu destino.

Julieta

E mudar... e...

Rodrigo

Quer que lhe diga uma coisa, D. Julieta ? Si eu tivesse a infelicidade de amar a uma mulher, cuja affeição pertencesse a outro homem e ella me fizesse essa pergunta sabe o que lhe responderia ?

Julieta

O que ?

Rodrigo

Responderia que uma mulher deve guardar sempre com o seu primeiro amor a virgindade de sua alma; porque um dia si amar a outro homem desejará dar-lhe toda a sua vida e não lhe poderá dar o seu passado.

Julieta

Ah!

Rodrigo

Que tem ?

Julieta

Nada. (*Perturbada*) Quebrei um fio. Mas se o homem a quem ella tivesse amado fosse... indigno della, não o poderia, não o deveria desprezar ?

Rodrigo

Não ; e é essa a sua mais bella missão, regenerar pelo amor aquelle que escolheu para seu companheiro na vida.

Julieta

Assim si essa mulher o amasse, o senhor não aceitaria esse segundo amor ?

Rodrigo

Si ella viesse a amar-me, si depois de ter resistido ao impulso do coração, me estendesse a mão ?

Julieta

Sim !...

Rodrigo

Eu lhe diria: só ha neste mundo um meio de esquecer o passado, é confial-o a um amigo.

Julieta

Um amigo ?...

(Apparece Pacheco)

SCENA V

OS MESMOS, PACHECO E HIPOLYTO

Pacheco (*entrando*)

Oh!.. . Sr. Rodrigo.

Rodrigo

Como passou? Não foi hoje á cidade?

Pacheco

Não: deixei-me ficar para acabar a minha correspondencia do paquete que sai amanhan. Aqui trabalho com mais descanço do que no escriptorio: estou livre dos importunos.

Hipolyto

Bom dia, meu pai.

Pacheco

Acabaste de almoçar agora? Não te envergonhas?

Hipolyto

De que? De almoçar?

Pacheco

De almoçar ao meio-dia.

Hipolyto

Isto é um objecto de convenção: os homens não sei porque concordaram em levantar-se ao romper do dia e almoçar ás oito horas, do mesmo modo que podiam concordar em deitar-se ás tres horas e acordar para jantar. Ora eu, que não dei procuração a ninguem para fazer similhante convenção...

Rodrigo

Reivindicas o teu direito.

Hipolyto

E almoço a hora que me apraz.

Pacheco

Não attendes que é uma lei natural...

Hipolyto

Sei o que Vm. quer dizer. E' o tal argumento dos passarinhos que acordam com o tiro de peça...

Pacheco

De todos os animaes da creação.

Hipolyto

Por isso mesmo: é mais uma distincção que tem o homem do animal o acordar á hora que lhe faz conta.

Rodrigo

Já vê o Sr. Pacheco que ha argumento para tudo.

Pacheco

Qual argumento! E' o argumento dos preguiçosos.

Hipolyto

Não ha mais preguiça depois que se inventou o progresso. A humanidade caminha sempre, dizem os philosophos; portanto eu que tenho a honra de pertencer á humanidade, ou acordado, ou dormindo, devo progredir.

Pacheco (*á Rodrigo*)

Si elle começa com as suas theorias, estamos perdidos. (*Senta-se*) Como vai o seu projecto de estabelecimento?

Rodrigo

Perfeitamente.

(Hipolyto senta-se perto de Julieta, e de vez em quando trocam palavras em voz baixa)

Pacheco

Estimo muito! Seu pai, que eu conheci quando ainda eramos ambos caixeiros, podia ter-lhe deixado uma fortuna consideravel; talvez maior do que a minha.

Rodrigo

Não lamento essa perda, com a educação que me deu meu pai deixou-me a melhor herança, e a maior riqueza deste mundo.

Pacheco

Entretanto podia estar hoje com uma fortuna independente.

Rodrigo

A independencia da fortuna não é a que eu mais admiro; prefiro a do caracter.

Pacheco

E tem razão! Mas não seria preciso recorrer aos outros...

Rodrigo

Está enganado, Sr. Pacheco; não recorri a ninguem. Dirigi-me a alguns negociantes e capitalistas, apresentei-lhes a minha idéa para a construcção de um caminho de ferro. Aceitaram; formamos uma sociedade; elles deram o seu capital em dinheiro, eu dei o meu em intelligencia e trabalho. Parece-me que si neste contracto ha superioridade, não é de certo da parte daquelles que forneceram a moeda metallica, fabricada pelos homens, mas sim da parte daquelle que contribuiu com a moeda universal creada por Deus.

Pacheco

Ah! Voltamos á tal questão do credito?

Rodrigo

De certo, porque ella é actualmente a questão da vida e do progresso.

Pacheco

Póde ser; mas ainda não estou convencido.

Rodrigo

Acredito.

Pacheco

Si o senhor me provasse...

Rodrigo

A luz não se prova, Sr. Pacheco, vê-se.

Hipolyto

Apoiado! (*entra D. Antonia*).

SCENA VI

OS MESMOS E D. ANTONIA

D. Antonia (*a Julieta*)

Julieta está ahi aquella menina cega para quem coseste o vestido. Não queres dar-lh'o?

Julieta

Sim, minha mãi!

Hipolyto

Ah! E' nisto que trabalhas?

Julieta (*levando o dedo á bocca*)

Psio! Ninguem lhe perguntou!

Rodrigo (*a Hipolyto*)

Foste indiscreto! A caridade é uma flor que vive na sombra e desmaia ao sol: não se vê, sente-se! Não é assim D. Julieta?

Julieta (*confusa*)

Eu já volto! (*sai*).

D. Antonia

Tens dinheiro na carteira, Pacheco?

Pacheco

Não; mas vou buscar. Quanto queres?

D. Antonia

Dez mil reis para dar a uma menina cega, filha de uma pobre mulher...

Pacheco

Dá-lhe vinte si ella merece.

D. Antonia

Basta ter perdido a vista. Póde haver maior desgraça?...

Pacheco

De certo. (*D. Antonia vai sair; Pacheco sai*).

Hipolyto

Então eu não dou nada? (*Mette a mão no bolso*).

D. Antonia

Não precisa, Hipolyto.

Hipolyto

Mas eu quero, minha mãi: si fosse um habil cirurgião far-lhe-ia a operação. Mas...

D. Antonia (*sorrindo*)

Ainda és estudante.

Hipolyto

E estudante vadio: por tanto dou-lhe o preço da minha cadeira no theatro lyrico. Hoje não ouvirei a Charton. (*Dá uma moeda de prata de dois mil reis.—Entra Julieta*).

D. Antonia

Mas para que?...

Hipolyto

Dê, minha mãi. (*D. Antonia sai*).

Rodrigo

Só eu é que não tomo parte nesta boa acção...

Julieta

Mas do que todos!

Hipolyto

E' verdade! (*Pacheco atravessa no fundo para ir ter com D. Antonia*).

Rodrigo

Como assim?

Julieta (*sorrindo*)

« A caridade é uma flor que vive na sombra »...

Hipolyto (*ri-se*)

Muito bem, Julieta (*para Rodrigo*). E eu não quero ser indiscreto.

Rodrigo (*sorrindo*)

E' justo!... (*Entra Pacheco*)

Pacheco

Ora tornemos á nossa conversa, Sr. Rodrigo.

Rodrigo

Sobre?...

Pacheco

Sobre a grande questão.

Rodrigo

E' inutil... Falemos d'outras coisas...

Rodrigo

Ha pouco passou-se aqui um facto bem pequeno; deu-se uma esmola; deu-se tão delicada e tão generosa como se podia desejar. Não foi só dinheiro, foi o sentimento que elle exprimia, e o que mais que tudo, foi o trabalho de mãos mimosas...

Julieta (*confusa*)

Não fale nisto!

Rodrigo (*sorrindo*)

Deixe: não direi quem é... foi o trabalho de mãos que descalçam a luva para coser a roupa do pobre. Não é possivel que a caridade tenha mais graça, mais delicadeza, mais escrupulo mesmo. Pois bem, no fim de contas, tudo isto não passou de uma esmola.

Pacheco

Então?...

Rodrigo

A esmola é uma generosidade para quem a dá, ás vezes é simples vaidade. Para quem a recebe, é sempre uma humilhação.

D. Antonia

Por que?

Rodrigo

Por que Deus deu as mãos ao homem para trabalhar e não para pedir; porque a vida de toda a creatura deve ser uma luta e não uma supplica.

Julieta

Mas aquelles que nada tem?

Rodrigo

Os que nada tem, tem ainda a coragem, a força e os braços.

D. Antonia

E si isto lhes falta? Si estão doentes?

Rodrigo

Não me refiro á creatura que a desgraça colloca nessa situação extrema de sentir a fome: então não é a alma que fala é o corpo que solta o grito supremo da conservação; é a materia que succumbe. A' estes devemos soccorrer como se soccorre um naufragio ou um incendio; mas não atirar-lhes a esmola como si fossem cães.

Pacheco

Oh!

Rodrigo

A verdadeira caridade Sr. Pacheco é a que evita a miseria e não a que a allivia.

Julieta

Ah!...

D. Antonia

Tu comprehendes?

Julieta (*confusa*)

Creio que sim.

Rodrigo

Em vez de dar ao pobre com o nosso dinheiro um incentivo para a indolencia e a immoralidade, façamos que elle o ganhe como a paga do seu serviço. Deus não creou um só ente por mais pequeno e miseravel que seja, a quem não désse os meios de prover á sua subsistencia.

D. Antonia

Então que dizes, Pacheco?

Pacheco

Na verdade!...

Rodrigo

Compare agora a sua esmola com o credito. Ha pouco o senhor gastou vinte mil reis para sustentar essa menina durante uma semana; eu com o simples emprestimo de onze dei a uma creatura uma profissão honesta.

Pacheco

Bem! Neste ponto acho-lhe razão....

Rodrigo

Em todos, Sr. Pacheco. Si da ultima classe da sociedade subir á mais alta, verá a mesma coisa. Ha uma especie de miseria que não se enxerga porque esconde-se sob apparencias enganadoras; mas que se adivinha, pelo traço que deixam as lagrimas, pela pallidez das vigilias. E' a miseria coberta de seda e de gala; que sorri nos labios e chora no coração. Foi creada pelos prejuizos da sociedade que exige que o homem pareça o que não é. Sabe o que ha de extinguil-a um dia? E' o credito. (*Ergue-se*).

Pacheco

De que maneira? Explique-se! (*entra Macedo*).

Rodrigo

Ah! O senhor começa a interessar-se! Pois o melhor meio de estudar estas cousas, é pela experiencia.

Pacheco

Não ha duvida.

Rodrigo

Si quer, eu lhe darei occasiões de obter a prova material.

Pacheco

Estimarei muito.

Rodrigo

Prometto-lhe: talvez esteja mais perto do que pensa. (*Sai. Hipolyto ergue-se e acompanha-o*).

SCENA VII

OS MESMOS E MACEDO

(Macedo tem entrado e comprimentado a todos que estão presentes)

Macedo (*a D. Antonia*)

Venho da Lagôa, fui encommendar duas camelias para amanhan.

D. Antonia

Ha algum baile?

Macedo

Não, o jantar de D. Olympia. Ella gosta da tal flor, talvez unicamente pela razão de custar caro.

Pacheco

Por aqui a esta hora é milagre!

Macedo

Estava mesmo explicando a D. Antonia.... Passando, não quiz deixar de entrar.

(D. Antonia deixa os dois sós; Julieta sai um momento; Rodrigo passeia no fundo com Hipolyto e saem).

Pacheco

Pois hoje deixei-me ficar. Que ha pela cidade? (*Rodrigo e Hipolyto saem*).

Macedo

Nada. O Oliveira tem apparecido?

Pacheco

Todas as tardes.

Macedo

Não o vejo ha dias; mas tive hontem boas noticias delle. Aquellas letras que lhe endossaste no valor de setenta contos, serviram para uma operação magnifica. O capital já está salvo; e os lucros excedem a cincoenta por cento. Fizeste bem em ajudal-o, seguiste o meu conselho.

Pacheco

Estás enganado. Ninguem me tira de que fiz uma asneira; mas Julieta e minha mulher quizeram....

Macedo

Não te has de arrepender. O rapaz vai numa carreira brilhante.

SCENA VIII

PACHECO, MACEDO, OLIVEIRA E D. ANTONIA

Oliveira

Como passaram?

D. Antonia

Sr. Oliveira!

Pacheco (*voltando-se*)

Oh! Hoje é o dia das surprezas!

Macedo

E' verdade! Agora mesmo queixava-me do senhor.

Oliveira

Porque?

Macedo

Não apparece mais!...

Oliveira (*sorrindo*)

Tenho tido muito o que fazer!

Macedo

Ja soube! a fortuna o protege em tudo.

D. Antonia

Ella sabe o que faz!

Macedo

De certo.

D. Antonia

Julieta estava aqui... Vou chamal-a (*sai*).

Oliveira (*a Pacheco*)

Tenho que falar-lhe em particular, Sr. Pacheco.

Pacheco

Vamos então para o meu gabinete. (*baixo a Macedo*). Teremos mais letras a endossar?

Macedo (*baixo*)

Não é possivel!...

Pacheco (*saindo*)

Venha!

Macedo

E eu não posso demorar-me; adeus.

Pacheco

Até amanhan (*sai*)

Macedo (*a Oliveira*)

Pode falar: já lhe dei o mel pelos beiços.

Oliveira

Sempre tenho algum receio.

Macedo

Qual! Peça-lhe que marque o dia o mais breve possivel; este sabbado ou o outro... Pelo resto eu respondo. Todos já sabem que o senhor casa D. Olympia tem-se incumbido de divulgar; mas é preciso que saibam officialmente. Então o Pacheco que se torça!...

Oliveira

Emfim; vamos a ver o que se arranja... (*sai*).

SCENA IX

MACEDO, D. ANTONIA, JULIETA, OLYMPIA E CHRISTINA

(Macedo toma o chapeu e vai sair).

D. Antonia

O Oliveira?

Macedo

Está no gabinete com o Pacheco.

D. Antonia

E o senhor ja vai?

Macedo

Si me dá licença.

D. Antonia

Jante comnosco.

Macedo

Não posso (*vai saindo*).

Julieta (*a D. Antonia*)

Ahi está D. Olympia.

D. Antonia (*voltando-se*)

Entre, entre!

Olympia

Estou morta de fadiga; corri aquella rua do Ouvidor cinco ou seis vezes! (*senta-se*). Espere Sr. Macedo! (*Macedo senta-se*).

Julieta

Não falas commigo, Christina?

Christina

Já não te beijei?

Olympia

Comprei as coisas mais lindas que é possivel, D. Antonia! Um vestido o que ha de mais moderno e de melhor gosto! Flores de Constantino...

D. Antonia

Então preparou-se para os bailes?

Olympia

Não: comprei por comprar. E' sempre assim: quando vou á rua do Ouvidor, gasto duzentos ou trezentos mil reis sem necessidade; mas que se ha de fazer do dinheiro? Borges zanga-se; eu rio-me.

Macedo

Não lhe custa a ganhar! (*ri-se*)

Julieta

Sabe, D. Olympia; estou muito queixosa da senhora.

Olympia

Que lhe fiz eu?

Julieta

Não deixa Christina vir ver-me como costumava.

Olympia

Ao contrario... Ella é que tem sempre um motivo para não vir... Eu já desconfiei de algum arrufo...

Christina

Tenho estado doente: não lhe disse mamãi?

Olympia

Sim... Mas, D. Julieta, ia me esquecendo... Dê cá um abraço...

Julieta

Porque?

Olympia

Ande lá! Hoje na cidade não me falavam de outra coisa; e todos achavam que não podia haver melhor escolha.

Julieta

Mas de que?

Olympia

Não queira esconder: já todo mundo sabe.

Julieta

Menos eu...

Olympia

Quando é o dia?

D. Antonia

Ainda não está marcado.

Macedo

Por ora ainda é segredo!

Julieta (*perturbada*)

Não gosto que me falem nisto, D. Olympia: sempre cuidei que as amigas guardassem melhor o que se lhes diz em confidencia.

Christina

Não me accuses Julieta, Mamãi que diga se ouviu de mim. Sou uma criança; mas sei guardar um segredo.

Olympia

Foi agora na cidade que me disseram.

Julieta (*a Christina*)

Perdôa!

Christina

Foste injusta.

Julieta

Confesso. (*Entram Rodrigo e Hypolito: Rodrigo vendo D. Olympia quer sair*).

SCENA X

OS MESMOS, RODRIGO E HYPOLITO

Olympia

Ah! Sr. Rodrigo, venha cá; quero ralhar com o senhor.

Rodrigo

Por que razão D. Olympia?

Olympia

Não appareceu hontem á noite; eu esperei.

Rodrigo

Não me foi possivel...

Olympia

Diga que se aborreceu! Passar todas as noites na mesma casa...

Rodrigo

Para mim é muito agradavel (*D. Olympia fala-lhe ao ouvido*).

Julieta (*perturbada a Christina*)

Elle tem ido todas estas noites á tua casa?

Christina

Vai conversar com papai. De que te admiras?

Rodrigo (*chegando-se a Christina*)

Está mal commigo? Não me quer falar?

Christina (*estendendo-lhe a mão*)

Eu é que devia fazer-lhe essa pergunta! já lhe falei hoje.

Rodrigo

Quando?

Christina

Quando ia para a cidade, encontrei-o, disse-lhe adeus; mas o senhor não viu: estava distraido.

Julieta

O Sr. Rodrigo anda sempre distraido. Ha pouco disse-nos que tinha estado tão occupado esta semana que não pôde fazer uma só visita.

Rodrigo

E' exacto, D. Julieta, foi uma distracção (*voltando-se*) Hypolito!...

Christina (*perturba-se*)

Adeus !... Mamãi, vamos!..

Olympia (*erguendo-se*)

Sim: quem me acompanha até a casa?

Hipolyto (*a Rodrigo*)

Que me queres ?

Rodrigo (*afastando-se com elle*)

Nada: desejava ver o effeito que produzia o teu nome!

Olympia (*a Rodrigo*)

Até logo! Hoje não tem desculpa. E você, Hypolito, appareça!

Christina (*beijando Julieta*)

Quer-me bem; e não sejas tão desconfiada.

Julieta

Não: de que ?

Christina

O que parece nem sempre é.

Olympia

Até amanhan, D. Antonia! Venha Sr. Macedo.

Macedo (*seccamente*)

Volto para a cidade. Desculpe...

Olympia

Ora dê-me o braço!... D. Julieta, não fique sentida commigo por causa do que... (*vão saindo á excepção de Rodrigo e Hipolyto*).

SCENA XI

RODRIGO E HYPOLITO

Hipolyto

Está dito. Ella faz tanto caso de mim, como eu da medicina.

Rodrigo

E tem muita razão.

Hipolyto

Obrigado! E' o que faltava.

Rodrigo

Ora, Hipolyto, falemos francamente. Que qualidade tens tu para merecer o amor de uma mulher. D'aqui á dois mezes estarás formado, terás um titulo de doutor; isto é, mais cinco letras no nome!

Hipolyto

Bravo! cada vez a melhor! Na tua opinião não presto para nada.

Rodrigo

Tens sempre algum prestimo: mas é para teu alfaiate; e para aquelles que te fumam os charutos, passeiam no teu cavalo, e jantam á tua custa.

Hipolyto

E tambem para uma menina que deseja casar.

Rodrigo

Queres dizer que és rico? Mas a riqueza é o ultimo dos titulos, e só se invoca em falta de outros. Quando se diz de um homem que—«E'rico»—sabes o que isto exprime? Que tem dinheiro, mas só dinheiro. Suppõe que eu me enganasse a respeito de Christina; que ella seja uma menina de sentimento; ha de escolher um moço distincto e digno della.

Hipolyto

Qual! Não passa de uma namoradeira.

Rodrigo

E's incomprehensivel. Uma menina te ama, tu dizes que é pelo teu dinheiro; ella deixa de amar-te, dizes que é namoradeira.

Hipolyto

Não foste tu mesmo que me fizesse ver?

Rodrigo

Mas lembra-te que ella tambem pode ver hoje o que moço com quem brincava quando menina, não passa de um estudante vadio, que um dia será um homem rico, e nada mais (*entra Julieta*)

SCENA XII

JULIETA, PACHECO, OLIVEIRA, HIPOLYTO E RODRIGO

Hipolyto (*a Julieta*)

Viste?

Julieta

Vi tudo!

Pacheco (*entrando com Oliveira*)

Aqui está ella, póde falar-lhe.

Oliveira

D. Julieta! *(Oliveira e Julieta descem; Pacheco fala com Rodrigo. Hipolyto senta-se no fundo).*

Julieta *(perturbada)*

Minha mãi me disse que o senhor me procurava!

Oliveira

E' verdade.

Julieta

Para que?

Oliveira

Para pedir-lhe a felicidade.

Julieta *(ainda mais perturbada)*

Que quer dizer, senhor?

Oliveira

Cuidei que tivesse força para esperar, mas vejo que é impossivel, o amor é mais forte do que a ambição, Julieta; e hoje só espero que marque o dia.

Julieta

Que dia?

Oliveira

Do nosso casamento.

Julieta *(assustada olhando Rodrigo)*

Falemos mais baixo!

Oliveira

Porque? Isto já não é um segredo.

Julieta

Muitos não sabem... e eu não quero que saibam.

Oliveira

Por alguns dias apenas, sabbado...

Julieta

Este?

Oliveira *(sorrindo)*

Não, da outra semana.

Julieta

Mas eu...

Oliveira

Seu pai concordou e só falta o seu consentimento *(pausa)* quer consultar com elle?... *(volta-se).*

Julieta

Não ! não !

Oliveira

Sr. Pacheco ?

Julieta

Não é preciso !

Oliveira

Então consente ?

Julieta *(com esforço)*

Sim ! (*Pacheco aproxima-se de Oliveira; Julieta afasta-se: Rodrigo chega-se a Hipolyto*)

Pacheco

Que temos ?

Oliveira

Está tudo concluido.

Pacheco

Bem !

Oliveira

Onde está D. Antonia *(dirige-se para a sala de jantar; Pacheco o acompanha; ahi encontram D. Antonia: ao mesmo tempo Rodrigo dirige-se a Julieta)*.

Rodrigo

Adeus, seja feliz.

Julieta *(admirada e confusa)*

O senhor sabe ?

Rodrigo (*sorrindo*)

Ha tanto tempo ! (*aperta-lhe a mão e vai sair*)

Julieta

Por isso... (*senta-se abatida*).

Rodrigo

Adeus Hipolyto !

Hipolyto

Adeus. *(dirige-se a Julieta e olha-a um momento)* Somos bem irmãos, não é verdade ?

Julieta

Oh ! Sim...

José de Alencar

(Continúa)

O ROMANCE FRANCEZ EM 1895

E' corrente que a França, e com ella — ou si quizerem, ao mesmo tempo que ella, para não molestar melindres de hierarchia—as nações cultas atravessam um periodo de transição literaria, sem um ideal commum, vigoroso e bem definido, como foi, por exemplo, o do Romantismo, ou mesmo ainda que em menor escala, o do seu inimigo, o Naturalismo. Não será, portanto, sem interesse examinar, embora limitando as indagações ao vasto campo do romance francez, que elementos a mais para a determinação da nova corrente do gosto nos trouxe 1895; e si por acaso, percorrendo a lista das principaes *novidades* do genero editadas pelos livreiros de Pariz, não se nos depararíam ja facilidades para caracterizar seguramente, mais do que a realidade da transformação, a natureza da proxima geral orientação no dominio imaginativo.

Em primeiro lugar, devemos verificar o abandono quasi completo da obscenidade, do sujo, notas de que o Realismo usou e abusou para desbancar as concepções delicadas da escola anterior. O proprio Emilio Zola, o patriarcha do escandalo e da porcaria literarias, desgostou-se da sua antiga maneira. No *Lourdes* o que ha são pacientes descripções pathologicas, uma exhibição a um tempo carinhosa e monstruosa das enfermidades que affligem a humanidade. O quadro prestava-se maravilhosamente ao espectaculo, e não se póde nem deve exigir do mestre de Médan que assim ponha inteiramente de banda a fidelidade, posto que crúa, do documento, que é uma das suas prendas de romancista, conjuntamente com um prodigioso lyrismo, um poder de emoção pessoal, que quando não concorre para

surprehendentes effeitos literarios, briga com a intenção toda objectiva dos seus livros. A preoccupação da immundicie, porém, essa perdeu-a completamente o autor dos Rougon-Macquart.

Existe alguma coisa que mais e mais se vai sobrepondo ás virtuosidades descriptas do mundo externo: é o estudo das crises moraes, é o romance de analyse, que não é aliás novo, que Stendhal já illustrou, e Bourget ha dez annos pratica com sabido exito. A *Petite Paroisse*, de Alphonse Daudet, por exemplo, o que representa, sinão uma excursão toda ella pelos dominios subjectivos, uma analyse do ciume, feita com aquella comprehensão das maguas alheias, com aquella compaixão que tem levado alguns criticos a aproximar de Dickens o autor de *Jack? O Renouveau*, de Rosny (são livros que datam todos do inverno ultimo) é igualmente uma analyse do ciume, tentada porém com mais pretenção, com mais apparato psychologico, com muito menos vibração pessoal, com menos fugas ainda para o dominio cosmologico. Destas fugas resultam umas paizagens deslavadas apezar de todo o seu symbolismo, que tem sobretudo utilidade para dar maior relevo á evolução moral do personagem, do martyr, já que aqui não podemos dizer do heróe; á marcha empolgante daquelle sentimento animal que a civilização consagrou, aformozeando-o. Huysmans tambem enche todo o seu compacto volume *En Route* com os unicos pormenores, estes todavia exhaustivos, da sua conversão ao catholicismo praticante; com a notação dos cambiantes da demorada metamorphose de um temperamento sensualista, até erotico, numa alma mystica, aberta ás suggestões da vida monastica mais contemplativa.

Não indago si a conversão é sincera ou si nella entrou farta dose de especulação literaria. O servir uma conversão de objecto ao romance de um escriptor excessivamente moderno, que espia sempre d'onde sopra o vento para largar-lhe a vela á feição, basta para provar quanto é evidente o traço religioso no recente movimento intellectual. A influencia do christianismo, que tão decisiva se mostrou no começo do seculo, emprestando uma formosa tonalidade a espiritos do quilate dos de Chateaubriand e Lamartine, dá mostras de querer resurgir viçosa e pujante no nosso tão calumniado *fim de seculo*. Assim como o Romantismo exalava na arte as cathedraes gothicas, que pretendiam attingir o céu com as suas delicadas agulhas, o symbolismo contemporaneo, mau grado suas manifestações

por vezes abstrusas, tenta descobrir nos Primitivos da pintura a suggestão da ingenuidade perdida, da simplicidade ideal, que falta á época presente, de complexa vida material. Os tempos todavia mudaram na essencia. Huysmans com seus modos cynicos de curioso sem escrupulos, que nunca abandona, producto directo de um periodo saturado de investigação, não offerece pontos de contacto com Chateaubriand, producto uniformemente nobre e sereno de um periodo de altaneira philosophia. No *Genio do Christianismo* cada capitulo é marcado com o cunho de uma fé inabalavel. No *En Route*, não obstante toda a invocação da Idade Media e da belleza melancolica do cantochão, não desapparece o ranço do peccado. Nas paginas de mais pronunciado mysticismo, onde se proclama o horror do convertido ás fraquezas passadas, lá surge o espectro da luxuria, o fantasma da duvida, o pezadelo de uma vida sem a possibilidade de um destino levantado, a quasi convicção pessimista do triste futuro moral do escriptor e do de toda a especie humana, a visão da asphyxia de tantas inquietações e aspirações pela acção de um meio seculo de atheismo.

Comquanto a crise catholica não alcance em todos os espiritos esta mesma agudeza, real ou voluntaria, acham-se bem dissiminados os seus effeitos. Devem todos recordar-se de que o anno de 1895 estreou-se com uma furiosa contenda entre a Religião e a Sciencia.

Um artigo que Fernando Brunetière escreveu na *Revue des Deux Mondes*, após uma conversação com o pontifice Leão XIII, e em que accusava a Sciencia de haver feito bancarrota parcial faltando a maior parte dos seus presumpçosos compromissos, de fornecer-nos a chave de todos os problemas que eram antigo objecto da metaphysica, teve o dom de irritar as susceptibilidades dos experimentalistas. Este artigo, discutido com paixão e que até obrigou a Sciencia a desaggravar-se num banquete presidido pelo chimico Berthelot, apresenta o grande merito de ter vindo a lume no momento opportuno, de haver compendiado o que andava na consciencia de um grande numero.

O *leader* conservador da camara dos communs, o Sr. Arthur Balfour, tão conhecido pela sua eloquencia ironica, pela sua flexibilidade parlamentar, num volume intitulado *Fundamentos da crença*, foi ainda mais longe que o critico francez, dando combate ao

retraimento metaphysico. Queixa-se especialmente o philosopho inglez de que o que elle chama o empirismo scientifico, impotente para explicar-nos as questões mais intrincadas, interessantes e elevadas, nos queira entretanto privar das maravilhas da fé. Entre outras aberrações, escreve o autor, a experiencia reduz a moral — a moral representa sempre um papel importantissimo nas elocubrações britanicas, mesmo simplesmente literarias — a um mero resultado da evolução, sem prestigio sufficiente para impor-se como dever, e que antes convém ser eliminada como « residuo hereditario de necessidades antigas ». Quão differente esta moral positiva, oriunda do desenvolvimento dos instinctos sociaes, da moral christan, a que deriva de um principio anterior e recebe a sancção ultima, a unica que no dizer de Tolstoi, encerra na sua natureza como elementos integrantes o amor e a abnegação, A propria razão ficaria destituida da sua nobreza, pois que a experiencia a converte em um puro «instrumento de defesa pratica na luta pela vida.»

O influxo de tão aridas doutrinas, divulgadas sob a capa de progressivas, não podia deixar de manifestar-se pernicioso na literatura de imaginação. Por isso a resurreição religiosa, que incontestavelmente se está operando, tem de ser mencionada quando se deseje explicar o appetite de perdoar, que parece haver-se apoderado de boa parte dos romancistas francezes, a um ponto tal que no paiz de Molière já se deu o facto extraordinario de um Sganarello deixar de ser ridiculo. O fundador da *petite paroisse*, o *bonhomme Mérivet*, é alvo ainda de uma troçazinha disfarçada, mas o impetuoso Ricardo que acaba por se lhe render ás predicas suaves, que após combates dolorosos com um ciume rebelde ás intenções pacificas, recebe dos braços do principe de Olmütz a sua mulher manchada pelo adulterio, e, pouco tragico, perdoa-lhe, esquecendo o passado hediondo, não nos faz sorrir. Faz-nos pensar quão suggestiva é aquella influencia de humildade e caridade christan que, mais que vence o justo furor do filho, chega até a dobrar o orgulho da mãi, da severa e implacavel Mme. Fenignan. Faz-nos pensar quão persuasiva é aquella doutrina de amor do proximo que dota de commovedora eloquencia a quasi mania de sereno proselytismo do benigno Mérivet; que faz entrar misericordia no coração ulcerado do marido.

Os romancistas não lêem comtudo todos pela mesma cartilha de brandura de Alphonse Daudet, que tambem tornou-se a de Bourget, o qual, na frase de Henrì Lavedan, transmudou-se num *joli saule de compassion*. Ha-os menos compadecidos; ha-os mais attreitos a soluções novas, fora do vulgar, paradoxaes. Existem por exemplo, um Paul Hervieu e um Jules Lemaître. Jules Lemaître mesmo, escreve Lavedan no artigo que tenho em mente, deu para misturar mel com os seus escarneos; o que não admira, a vista de outro ironista, o sceptico, o renaniano Anatole France, que deu para contar historias de santos e prestar homenagem ás crenças fortes e singelas, subjugado pelas deliciosas ingenuidades do *Flos sanctorum*.

Si a bondade dominante encobre, o que não creio, muita cabotinagem, si como pretende o articulista citado, degenerou numa *attitude* que não passa de especulação literaria, não é certamente Paul Hervieu que della poderemos accusar. O moço romancista brindou no Anno Bom a alta sociedade franceza com um romance desapiedado, *L'Armature*.

Neste quadro das miserias moraes de uma classe em decomposição, buscaremos em vão a bonhomia ou a clemencia, quer nas tintas do pintor, diluidas em fel, quer na sordida enfiada de modelos egoistas, gananciosos, devassos e desavergonhados por elle reproduzidos, typos tão sómente preoccupados com os gosos da fortuna e as conveniencias mundanas, as quaes, na sua esphera social possuem o consumo do privilegio de substituirem o codigo da moral. Na *Armature* observa-se todavia total ausencia de crueza de expressões e de pormenores indignos, e de tentação facil naquella nojenta evocação, que até pódemos taxar de exagerada, facto que mais uma vez prova a apontada ruina da indecencia literaria.

Deve-se considerar ainda esse romance como um symptoma apreciavel do isolamento intellectual que se está fazendo em torno da nobreza e da riqueza. O fetichismo prestado á alta roda desappareceu.

Defendel-a, é empreza a que se não abalança mais, no meu conhecimento, romancista algum de valor da França. Atacal-a sim, já em satyras como a *Armature*, de arrancar coiro e cabello, já em caricaturas sem finura como *Frisson de Paris*, de Abel Hermant, o qual se entrega até a ridiculizar as côrtes. A burguezia, si bem que tratada com menos acrimonia, tampouco escapa á extirpação

dos podres da alma da sociedade moderna, isto ao passo que o proletario sobe pouco a pouco na consideração dos literatos. Estamos neste momento longe do *Germinal*, da *Terre*, destes estudos de mineiros e de camponezes, meios em que exclusivamento rugiam com ferocidade todas as ruins paixões, desde o duro egoismo e a baixa inveja até a avareza repugnante e a lascivia brutal. No *Sillon*, entre outros romances do anno, ao lado dos aldeãos sovinas, matreiros e interesseiros, apparecem em dose bem soffrivel, sinão igual, os caridosos, leaes e bondosos, que não chegam a ser idyllicos como os de George Sand, porque possuem menos facilidade poetica e mais experiencia da vida.

O socialismo incontestavelmente tem feito o seu caminho nas letras como em todos os demais campos; tem ganho intelligencias e corações; tem instigado o rancor contra os vicios dos ricos, e creado um resplandor, por certo falso no seu brilho excessivo, em torno das virtudes dos pobres. Em outros espiritos, entretanto, a influencia do socialismo exerce-se num sentido de tolerancia. A certeza da inefficacia das soluções, ou antes das meias soluções offerecidas aos arduos problemas da vida actual tem despertado, junto com as iras dos que soffrem e das indignações dos que doem-se destes soffrimentos, uma piedade sincera servindo de balsamo para os primeiros e de arma de combate para os segundos. Não traduz portanto esta distincção, que é palpavel, um reflexo apenas do cosmopolitismo literario. Não foi sómente a apregoada *pitié russe*, a compaixão que com outros grandes sentimentos, resumbra nos grandes romancistas russos, que introduziu uma nota de sympathico individualismo, de irradiação humana, nas telas indifferentes do Naturalismo; que insufflou esse rejuvenescimento do lyrismo romantico, do periodo significativo do Romantismo, já se entende.

Aquelle sentimentalismo representa de preferencia uma evolução propria — tanto quanto hoje póde ser particular um desenvolvimento literario — das idéas dominantes na literatura franceza.

E a compaixão revelada é não só pelos que soffrem fome, como pelos que soffrem na alma. A mulher peccadora, não a de profissão, já se vê, que esta o Romantismo esfalfou-se em rehabilital-a e seus esforços estão ainda muito proximos, mas a que succumbe á paixão ou á curiosidade ou ao enfado ou ao despeito, deixou de ser friamente atirada á morte, como nos dramas classicos de Alexandre

Dumas. O perdão que tambem póde ser considerado pusilanimidade, que ninguem porém negará ser inteiramente consoante á moral christan, não é mais vedado á adultera, como já vimos em Alphonse Daudet. No *Pardon* de Jules Lemaître, representado na Comedia Franceza, o escriptor até, levando como sempre longe a sua ironia e o seu amor do paradoxo, discute uma these um tanto perigosa. O marido perdôa a mulher, mas o esquecimento só por completo fecha em seu coração a ferida mal cicatrizada, quando por seu turno elle lhe é infiel. Obtido tambem para si o perdão — o que, em taes circumstancias, não póde ser difficil — refloresce o amor, vingado por esta applicação da pena de Talião.

Isto não passa do desdobramento audaz da these de Dumas filho na *Francillon*, da consequencia logica das premissas então postas : a reciprocidade é julgada necessaria para a absolvição, para a liquidação da injuria feita á fé conjugal.

Deparam-se-nos igualmente sensiveis alterações no modo de conduzir acção, no que podemos chamar a technica do romance. A intriga apparece cada vez menos complicada ; ganhando em singeleza, a qual não exclue o poder dramatico, como antes Maupassant se encarregara de demonstrar; sacrificada ao exame dos « estados d'alma » ; desprezando pormenores inuteis, que não sirvam para caracterizar, para explicar a evolução physio-psychologica dos caracteres. Ohnet cede continuadamente o passo aos analystas do coração. As grandes télas historicas feneceram. Os quadros de genero perderam a jovialidade e a frescura, tão triste e agitada se tem tornado a vida. As proprias paizagens povôam-se, rompem a solidão da sua natureza, vista com ternura e embellezada com carinho : convertem-se em esboços impressionistas, reflexo ou fixação de uma percepção pessoal num momento dado e fugitivo, e em frescos idealistas, de uma factura pallida e um espirito symbolico, como na pintura, os de Puvis de Chavannes.

Ha porém differenças mais restrictas e que não são menos interessantes.

Alguns annos atraz um romancista julgar-se-ia deshonrado si *acabasse bem* o seu livro, isto é, si o leitor ao fechar o volume não se sentisse invadido por uma impressão de tedio, não deixasse escapar um movimento de nojo, ou não se entregasse a um vago sentimento de tristeza, de mal estar. Agora já assim não é : perdeu-se o pejo de

premiar a virtude e castigar o vicio, segundo se costumava nos bons tempos romanticos, tão condemnados ha pouco ainda. Este regresso aos velhos moldes, para alguns mais sympathicos, para outros mais moralizadores, não representa sómente uma consequencia das preoccupações sociaes, que mais e mais absorvem as imaginações, apezar do egotismo triumphar como nunca em certos espiritos, e ter-se tornado, sob um aspecto porém pouco cruel, de originalidade doentia, de que Mauricio Barros é um exemplar, um dos distinctivos obrigados da actual anarchia literaria. Aquella pequena reversão a processos fóra de moda é uma nova victoria posthuma do Romantismo, deste movimento intellectual mystico e profundo, que constituiu a apologia da dôr, que propalou com a doutrina christan que o soffrimento é na sua essencia bom, porque purifica, porque possue virtude propria.

A lingua tem passado por uma transformação não menos pronunciada, talvez mais ainda do que a da technica. A' medida que perde em generalidade, denota crescente riqueza. Deixou totalmente de ser a lingua sobria, impessoal, equilibrada, uniforme dos classicos; a lingua quente, individual, brilhante, algumas vezes emphatica, limpida outras vezes como o som de um bronze bem fundido, dos romanticos; a lingua particular, local, esmiuçadora, subversiva, profissional dos naturalistas. E' tudo isso, e alguma coisa mais. E' uma lingua inquieta, cheia de expressões e formulas novas para traduzir as impressões mais passageiras, para notar, por assim dizer, as minimas phases que uma impressão atravessa até converter-se em sensação, bem como todas as apparencias dos phenomenos cosmicos.

Huysmans fornece um exemplo de juxtaposição, ou melhor, amalgama da maneira naturalista, que nelle se denuncia principalmente pela insolencia desconjuntada, pelo desrespeito ironico, chasqueador, e da maneira symbolista, que nelle affecta um ar de meditação, de concentração espiritual, no fundo mais geral, mais humano, que individual. E' claro que estas differentes maneiras literarias de que a lingua é a expressão externa não envolvem propriamente opposição, antes tendem a completar-se, vêm successivamente a convergir para um fim esthetico.

Desta arte tornou-se presentemente a linguagem, a um tempo muito concreta e muito abstracta, um instrumento de precisão maravilhosa.

O estylo é mais do que colorido, é frequentemente symbolista: não raro tambem apresenta os vestigios da tortura. De ordinario possue uma agilidade que não é só externa, feita de fluencia, de rhetorica, de vivacidade; mas que é igualmente interna, feita de adaptação á intenção do escriptor, de perfeito accordo intellectual, de força suggestiva, envolvendo ás vezes alguma coisa de occulto, de allegorico. Por outras palavras, a prosa tem deixado de ser lyrica, a saber, de traduzir principalmente as emoções de cada um para ser objectiva, para ser *vivida*, para ser a reproducção animada da realidade ambiente.

Na *Revue des Deux Mondes*, repositorio no qual, apezar dos faceis doestos dos *snobs*, continúa encontrar-se a nota literaria do dia, o éco nitido de todas as transformações mentaes do seculo, publicou-se no decorrer de 1895, ao lado de um valiosissimo romance psychologico do joven mestre italiano Gabriele de Annunzio, e de um romance de caracteres muito lesto, com muito movimento e bastante interesse de enredo, de Victor Cherbuliez, um pequeno romance militar, *Racheté*. E' seu autor Art Roe, e o entrecho pouco vale, quer pelo conflicto de paixões, quer como subtilezas de analyse. Ha porém ahi um poder descriptivo de grande vigor, e o que é mais, um poder descriptivo moderno, feito não de magnificencia e enlevo como o romantico, mas de habilidade e elegante concisão como o realista; além de parallelamente dotado de um tal desenvolvimento de exactidão, e tão petulante de vida, que quasi chega a ter uma milagrosa evocação. A passagem da Beresina, por exemplo, viu-a o autor, e nós vemol-a com elle, como si estivesse representada numa aquarella. E' *aquillo* mesmo: não póde ter sido diverso. Ouvimos tudo quanto de lancinante resoava dessa medonha retirada, e tudo sentimos, isto é, recebemos a illusão dos sentidos e a repercussão na alma dos acontecimentos.

Gozamos de duplas emoções, physicas e moraes, mediatas e immediatas, graças ao talento do escriptor que sabe detalhar as suas impressões e de momento a momento fixal-as, produzindo admiraveis e novos effeitos artisticos, relacionando-nos mais de perto, mais intimamente com a objectivação no espirito do mundo exterior.

Art Roe é um exemplar, entre cem ou entre mil, destas tendencias actuaes do estylo. No esforço enorme em busca da fidelidade, no tormento de projectar a sensação, de ferir o tom adequado, de

estereotypar a representação aguda do instante, neste afan, impressionista, neste nervosismo da frase servida por uma grande intensidade da cultura literaria, não é de espantar que haja por vezes sossobrado a clareza, a qual é uma qualidade tradicional da prosa franceza. E abordamos assim sem querer uma questão muito discutida: a do cosmopolitismo literario.

A influencia das literaturas do Norte, dos escriptores russos e escandinavos, está na ordem do dia de ha certo tempo para cá, mas no que se fala menos em França por motivos de amor proprio mal comprehendido, e constitue um facto tão rigorosamente exacto quanto a seducção exercida por Tolstoï ou Ibsen, é no influxo allemão posterior á guerra de 1870.

Nos recentes livros de historia e de sciencia francezes encontram-se innumeras as citações de autores germanicos. Na musica estamos assistindo ao ininterrupto triumpho posthumo de Wagner, eclipsando, com toda a sua complexidade instrumental e com todo o seu rhythmo extranho, a escola nacional, de melodia facil e ligeira. Na philosophia, ás já cançadas doutrinas de Schopenhauer, de um triste resultado social, vemos juntar-se a acção das theorias nebulosas de um Nietzsche, de um negativismo desconsolado, ou peior, de um atroz nihilismo metaphysico. Acrescente-se que, assim como para o pessimismo allemão contribue a desharmonia entre o regimen politico dominante, quasi autocratico, e as aspirações liberaes e sociaes de uma nação em plethora de cultura, para o correlativo pessimismo francez contribue a ferida sangrenta da humilhação, o resentimento aspero da derrota.

Aquelle pessimismo destruidor não é todavia geral. Não se ha de, correndo a perseguil-o, combater a sequencia admiravel das pesquizas scientificas, que tão pertinazes e tão recompensadas pelo exito se mostram. O que porém se não ha de negar tambem, por um falso respeito experimentalista, é o rejuvenescimento idealista da philosophia, derivado de Hegel e Kant, e mais solidamente firmado depois de um seculo de observação e experiencia, é a reedição nas obras de imaginação das idéas romanticas, outrora trazidas para a França nas paginas vulgarizadoras de Mme. de Stael, e agora mais conscientemente enraizadas, com uma comprehensão mais directa, como um resultado de inclinações proprias. E é justamente por ter o pensamento ganho em profundeza, que a manifestação literaria perdeu

em limpidez, tornando-se em alguns casos confusa, como que esmagada pelo mysterio, tomada de vertigem á vista dos horizontes immensos cuja perspectiva roubara algum tempo á intelligencia a nuvem experimental.

Devemos entretanto convir em que a fé, se não impõe sem discrepancia. A' procura della emprehendeu Pierre Loti á Palestina improficua viagem, que apenas nos valeu tres volumes de esboços de uma factura delicada e paciente, mas vasios de sentido moral, destituidos na sua fórma apurada de qualquer nobre ideal. Escriptores comtudo ha que como Robert de Bonnières, o autor do *Lord Hyland*, sentem-se esterilizados para as emoções religiosas e que, carecendo absolutamente de alguma coisa de suggestivo, regressam á concepção naturalista de Jean Jacques Rousseau, que em Chateaubriand foi habilmente literaria, e que é a apotheose do selvagem, da inintelligencia sensata superior ás complicações da Religião e da Sciencia. A limitação das aspirações intellectuaes é porém tão impossivel quanto a escravização das aspirações moraes.

Estas mesmo parecem primar, porque o espirito libertou-se novamente das peias positivas e impacienta-se por adejar numa atmosphera menos abafada, mais transparente, mais banhada de sol.

Recapitulando estas impressões de leitura, vemos que os caracteristicos da transformação literaria, já pelo que diz respeito ás idéas basicas, já á contextura, já á expressão, se vão claramente destacando e podem grupar-se da seguinte forma :

1.º Ausencia completa da immoralidade e da porcaria caras ao Realismo ;

2.º Predominio do romance psychologico sobre o romance de enredo, ou em geral objectivo, no sentido de realidade exterior, servindo as descripções principalmente para emmoldurar o desenvolvimento dos caracteres, e não constituindo mais parte capital do alvo a que visava o autor ;

3.º Infiltração das maximas christans mercê da innegavel reapparição da crença, e como consequencia natural, manifestação de certa nobre tolerancia para com as fragilidades humanas ;

4.º Revelação dos effeitos das doutrinas socialistas, determinando, segundo o temperamento, a educação e outras circumstancias que concorrem no escriptor, uma maior fermentação, no seu espirito,

de azedume ou de altruismo, convergindo este no sentido da compaixão christan, e ajudando-lhe a obra sympathica de clemencia;

5.º Reforço prestado a essa corrente de indulgencia pelo cosmopolitismo literario, propagando com a força de expansão que encerram todas as idéas generosas, os sentimentos semi-apagados de perdão e caridade a que as literaturas do Norte tinham dado recentemente robustez e fulgor: isto não obstante em alguns espiritos, afeitos ao scepticismo pela pratica, traduzirem-se aquelles sentimentos por soluções paradoxaes, que todavia não impedem a sua transposição do dominio material para o moral;

6.º Differenças da technica do romance, filhas de uma attenção mais concentrada e mais directa sobre os personagens em detrimento do meio physico, das empolgantes preoccupações sociaes, e da reviviscencia da tradição romantica, quasi obliterada no uso pela preferencia dispensada a outros gosos literarios, mas adstricta ao espirito por solidissimas raizes;

7.º Notaveis riquezas e precisão da lingua, que muitas vezes reveste-se de symbolismo;

8.º Estylo objectivista em vez de lyrico, por ventura menos cristalino por motivos que o cosmopolitismo literario ajuda a explicar, mas sem duvida alguma mais largo, mais ductil e mais expressivo ainda que o anterior.

OLIVEIRA LIMA

TARIFAS PROTECCIONISTAS

Agita-se de novo, e desta vez com mais actividade e energia do que em outros tempos, a interessante questão de auxilio ás industrias nacionaes. Parece que de pouco proveito lhes foi a emissão de *bonus* concedida, para soccorrel-as, ao Banco da Republica do Brazil; talvez que por exigua essa emissão, ou porque os emprestimos visassem na realidade fim differente, conjectura esta bastante verosimil quando se considera que um delles, na importancia de muitos mil contos de réis, foi feito á Intendencia Municipal.

O certo é que agora não reclamam ellas auxilios directos, pedem apenas a revisão das tarifas alfandegaes; e para se mostrarem merecedoras deste favor, recorrem ao meio mais pratico e convincente, organisam a Exposição Industrial, que é por assim dizer o seu salão de honra, aberto a quem queira apreciar-lhes o extraordinario desenvolvimento e os brilhantes progressos. Ali se acham reunidos e dispostos, não sabemos si com muita ordem, os seus mais admiraveis productos, desde os artefactos ceramicos, vindos da Bahia, até os primorosos tecidos de sêda, fornecidos pela fabrica de S. Lazaro. Não ha negal-o, foi transposta com rara felicidade a phase, sempre difficil e penosa, da iniciação, do aprendizado e dos ensaios mais ou menos timidos: a Exposição confirma a existencia de industrias já bastante adiantadas, entre as quaes a de moveis tem direito á especial e honrosa menção.

Feita a reforma das tarifas no sentido que ellas indicam, a União se protege a si propria, augmenta desde logo sua receita, lança os fundamentos de um prospero futuro industrial, abre novos

e mais vastos horizontes á classe operaria e assim o paiz se irá tornando mais independente e forte no certamen das permutas internacionaes. O sacrificio, si sacrificio ha, imposto ao consumidor, é temporario, mesmo de pouca duração, e será depois fartamente compensado. Demais, o proteccionismo impéra hoje em quasi toda a parte e até já vai ganhando terreno na propria Inglaterra, que desde muitos annos é o mais poderoso reducto da *free trade.*

Eis-ahi fielmente consubstanciadas as razões em que se apoia o movimento proteccionista, a que devemos a Exposição Industrial.

Não é sob o influxo exclusivo das leis naturaes que sempre e invariavelmente se governa a economia de um povo; exige ás vezes o interesse nacional qne se modifique e attenue por algum tempo —o estrictamente indispensavel—o rigor dessas mesmas leis; mas aqui, do mesmo modo que em politica, é preciso saber «o como, o quando e onde as cousas cabem». Medidas de excepção, sejam politicas ou economicas, só se justificam por bem averiguada necessidade e por uma applicação justa, discreta e util. Ainda que pudessemos favorecer nossas industrias, teriamos o dever de separar o joio do trigo, só dispensando auxilios áquellas que tivessem raizes no paiz, recusando-os portanto áquellas outras que, por falta de elementos proprios, de condições favoraveis, estivessem condemnadas a ter sempre ou por tempo indefinido uma vida artificial e parasitaria. E o numero destas é crescido, comprehende todas as que trabalham com materia prima importada do estrangeiro e só devem sua precaria existencia ás abundantes emissões de papel-moeda e aos desvarios da subsequente especulação. Mesmo as outras não deveriam ser attendidas antes de se conhecerem, por um exame conciencioso e completo das circumstancias em que realmente se acham, as causas dos seus soffrimentos. Primeiro o diagnostico, depois o remedio. Ora, não se procedeu a um inquerito regular, apenas foram ouvidos alguns industriaes; ninguem o pediu e parece que ninguem o quer ou julga necessario. Entretanto, sem dados bastantes e seguros, sem base que inspire confiança, alteam-se as tarifas aduaneiras, vota-se, talvez inconscientemente, a diminuição da receita geral, que em sua quasi totalidade procede das alfandegas e especialmente da importação, decreta-se a carestia de generos de primeira necessidade e por fim colloca-se o governo em uma situação muito difficil e afflictiva!

Um inquerito bem feito havia de mostrar, é nossa firme convicção, que o soffrimento de nossas industrias procede de serem umas, talvez o maior numero, organismos artificiaes, constituidos sem attenção ás condições do paiz; de terem despendido outras com o seu estabelecimento ou fundação muito mais do que deviam e podiam, ficando portanto privadas do indispensavel capital de custeio e, finalmente, de quererem muitos auferir maiores vantagens, lucros extraordinarios, augmentando ainda o preço dos seus productos, de modo a terem todos os beneficios da depreciação da moeda corrente. Nenhuma dellas, mesmo as parasitarias, precisa de outro auxilio além da baixa do cambio, a qual, independentemente das altas tarifas que temos, difficulta muito, si não impede, a concurrencia das industrias estrangeiras. Si importamos artigos similares, é porque no paiz não se fabrica ainda bem e bastante para o consumo.

Allega-se que a depreciação da moeda não é protecção sufficiente, porque eleva os salarios e o preço dos machinismos, da materia prima e do combustivel importados.

Eliminadas as industrias que qualificamos de artificiaes e não merecem protecção, as outras só importam machinismos e algumas combustivel; mas os machinismos não se renovam todos os annos e sim em largos periodos; portanto a carestia delles não é tão grande onus, como se diz: e, difficultando a fundação de novas fabricas, é mais uma vantagem para as existentes que, sem concorrentes no proprio paiz, podem levantar á vontade o preço dos seus artefactos. O arguido augmento das despezas de producção, resultante principalmente da alta dos salarios, não será de certo descontado de seus lucros, recairá inteiro sobre o consumidor, o qual, seja dito de passagem, já vai precisando muito de protecção.

E' possivel que pareça rigorosa, injusta mesmo, a condemnação das industrias *nacionaes*, cuja materia prima vem do estrangeiro, e se allegue que na Europa muitas estão nas mesmas condições e comtudo prosperam.

O facto é real, e a resposta facil. A moeda com que o fabricante europeu compra o algodão, a lan e outras materias primas, é de valor fixo e invariavel, ao passo que o valor da nossa varia todos os dias é até muitas vezes no mesmo dia; não permitte consequentemente nenhum calculo, nenhuma previsão. Ha seis annos estava ao par, hoje a 9 ou pouco mais; então uma libra esterlina custava

8$890, agora 26$660, o triplo. As condições não são pois identicas, antes muito differentes.

Si entre as industrias que ahi se pavoneam e exhibem com o sympathico rotulo de *nacionaes*, não houvesse muitas que só podem florescer sobre as avarias e ruinas das nossas finanças, que são além disso prejudicialissimas, pois desviam da lavoura e de outros empregos seguros e uteis capital e trabalho; si fossem todas ellas viaveis e já não estivessem protegidas em excesso pelo curso do cambio, não deveriamos, ainda assim, conceder-lhes o auxilio de tarifas prohibitivas ou quasi prohibitivas. Industrias completamente abrigadas contra os rudes, mas salutares combates da concurrencia internacional, nunca se robustecem e progridem, serão sempre rotineiras, sempre enfezadas e rachiticas como plantas cultivadas em estufas.

Não foi devido principalmente a elevadas tarifas aduaneiras o assombroso desenvolvimento material dos Estados Unidos da America do Norte, mas á tenacidade e energia da raça anglo-saxonia, á vastidão e riqueza do sólo, á feliz situação geographica e muito tambem á enorme corrente immigratoria que o governo teve a fortuna de attrair e dirigiu quasi sempre com muita sabedoria. Ha, é certo, naquelle original e a muitos respeitos admiravel paiz um partido que reclama tarifas ainda mais elevadas; mas ali ha de tudo, ha tambem um partido que quer a volta do papel-moeda de curso forçado, que lhe attribue a prosperidade da agricultura, das industrias e do commercio. E' erro muito vulgar confundir antecedente e causa. Demais para a *politicagem* americana todo farrapo é bandeira.

As elevadas tarifas alfandegaes de quasi todas os grandes paizes da Europa, estabelecidas com o intuito declarado de proteger as industrias, mas na realidade para fins meramente fiscaes, já vão sendo pouco a pouco modificadas por tratados de commercio, nos quaes se pactuam reciprocos favores. E' o que têm feito a Allemanha, Russia, Austria, França e Italia.

Só como expediente ou medida de excepção é admissivel o systema protector, e mesmo neste caso deve ser applicado discreta e moderadamente para não provocar represalias. Sob estas clausulas tambem o queremos e defendemos.

Inadmissivel é porém o proteccionismo feroz que pretendem nossas industrias, outrora tão modestas e agora tão ambiciosas, como

si já fosse licito sacrificar-lhes as finanças da União, o bem estar do consumidor e a sorte, já bastante mofina, de outros ramos do trabalho nacional. Este proteccionismo é repellido pela sciencia e não se concilia com o espirito democratico do tempo. Seus esforços tendem visivelmente a isolar os povos, animando uns contra os outros de sentimentos hostis, quando a navegação a vapor, as estradas de ferro e telegrapho se empenham em aproximal-os e estreitar-lhes mais e mais as relações, facilitando a communicação de suas idéas e a troca de seus productos.

LOURENÇO DE ALBUQUERQUE

A CHAMMA

I

Chamma que te acendeste ao capricho do vento,
Num velho ramo secco e amarellento,
Sobre a vil poeira da estrada,
Por tanto peregrino aos pés calcada...
Como é que ousas erguer, aventureira chamma,
Para o céu—tão remoto!—a tua lingua afflicta,
Lutando com o tufão que em roucas furias brama,
E te investe convulso, e te torce e te agita?
Como pretendes, fraca e ingenua creatura,
Ludibrio de ambição fallaz,
Remontar até o Sol, que, da suprema altura,
Nem te vê, nem sabe onde estás?...

Escarnecem de ti—malignas, e grosseiras—
Nymphas do bosque e sylphides ligeiras;
E dizem, com sarcasmo agudo:
« Que não se abraze o mundo, o espaço e tudo!... »
Riem-se doudamente as pardas mariposas,
As borboletas de ouro e as variegadas aves,
As rosas loucas, do ar ephemeras esposas,
Os salgueiros do rio e os cyprestes mais graves.
Mas tu só resistindo ao tufão, que, insolente,
De um sopro te póde apagar,
Cresces, buscas o Sol, sentindo unicamente
Não ter azas para voar...

II

Bem sei que debil sou e humilde é minha origem.
Temerarios intentos me dirigem,
Neste combate infrene e rude.
Do triumpho a esperança não me illude.
Condemnada talvez a não durar uma hora,
Atrevi-me a fitar o astro eterno e divino:
E uma attracção fatal, que as forças me devora,
Ao seu destino uniu meu obscuro destino.
Escravizada assim, tento embalde attingil-o,
Absorver-me no seu fulgor;
Mas elle esplende longe, elle esplende tranquillo
—Indifferente ao meu amor...

De motejos me cobre a natureza bruta,
Que nunca a voz de um sentimento escuta,
E seduz, com jugo inflexivel,
O sublime e o grotesco ao mesmo nivel.
Corre a nuvem no céu e a vaga no oceano,
Livre, cantando, a brisa á flor dos campos erra,
E eu não posso — rendida ao meu anhelo insano —
Romper estes grilhões que me prendem á terra!
Ha de exhaurir-me em breve a minha febre intensa,
E eu morrerei feliz então;
Pois como honra me basta e como recompensa
A minha mesma aspiração...

Não zombes tu de mim! E' minha irman, Poeta,
Tua alma anciosa e eternamente inquieta.
—Chamma tremula e fugidia,
Que, distraido, o acaso extingue um dia...
Atomo occasional, minimo ser, submerso
Entre a luz da verdade e a penumbra do mytho,
Teu espirito sonha a posse do universo,
E teu desejo quer abranger o infinito...
Com olhar angustioso o ignoto Deus procuras,
Qual eu procuro além o Sol;
Nessa nobre paixão tua essencia depuras,
Como num candente crisol!

Que a corrosão do mundo e do tempo o marasmo
Não destruam teu santo enthusiasmo,
Bem que, nesses invios caminhos,
Rasguem-te a carne asperrimos espinhos.
Olha a doce visão radiosa que te espera...
E' falsa ? Embora ! Vai sempre avante em teu rumo !
Nutre em teu proprio sangue a divina chimera,
Ainda que ella depois deva esvair-se em fumo...
A tua alma, porfim, succumbirá vencida,
Sem conquistar o summo Ideal...
Que importa ?—Amal-o, amal-o, e dar por elle a vida,
Eis a tua gloria immortal ! »

MAGALHÃES DE AZEREDO

ESTUDOS CLASSICOS [1]

Questão debatida ha muitos annos em todos os paizes, os estudos greco-latinos foram vivamente atacados no nosso parlamento, onde um dos mais operosos de seus membros francamente propoz a sua eliminação como inuteis, sem vantagem pratica e real e fóra inteiramente das exigencias e meios modernos.

Si na Inglaterra, Spencer e Bain se collocaram em antagonismo ás humanidades classicas, Stuart Mill entre outros mostra o valor desses estudos, e Gladstone consagra os seus ultimos dias á traducção dos poetas latinos. Na Allemanha, Naihinger os defende contra Haeckel, Goering e Preyer; na França, Ravaison, Renouvier, Renan, Lachelier, Guyau, Rabier e Fouillée batem em toda a linha os *classicophobos* cujo representante é o Sr. Raoul Frary. Em Portugal e no Brazil as objeções formuladas contra o ensino classico são, *mutatis mutandis,* as mesmas do Sr. Frary no seu livro *La question du Latin.*

O horror do Sr. Frary á educação classica é tal que chega a attribuir-lhe as desgraças de França na guerra com a Prussia, sem se lembrar que então, como agora, como sempre, a base do ensino de alem-Rheno tem sido classico, mais do que na França. Emquanto que nesta se reduzia o tempo dos estudos latinos a seis annos, o dos estudos gregos a quatro, na Allemanha se empregam nove annos para os primeiros e sete para os segundos! Entretanto o proprio

[1] Grande parte dos argumentos aqui expendidos são tirados do livro do Sr. A. Fouillée *L'enseignement au point de vue national.*

UNIVERSIT

Frary não poude deixar de exclamar: «*Je ne suis pas assez barbare pour méconnaître la splendeur des lettres antiques et le charme exquis du commerce des Muses grecques et latines. Moi aussi, je prendrais plaisir à célébrer les bienfaits de l'éducation classique, à joindre ma voix au cœur des disciples qui chante ces maîtres immortels de l'art d'écrire et de l'art de penser.* »

De mais o Sr. Frary tambem não se mostra apaixonado pelos estudos mathematicos no tocante ao desenvolvimento do raciocinio. « Muitos affirmam, diz elle, que as mathematicas dão o habito de bem raciocinar, e fazem os espiritos logicos, é mesmo um aphorismo acceito, mas que por vezes tem sido refutado. Nada é mais contestavel. »

O Sr. Raoul Frary é apologista do ensino das linguas vivas. Ora o conhecimento só de algumas linguas vivas não constitue verdadeiramente uma cultura intellectual elevada; um homem qualquer que tenha viajado um pouco póde adquirir esse conhecimento, sem ter aquelle gráu de instrucção que dão as linguas classicas e as sciencias philosophicas. Um tal individuo poderá ter valor no commercio ou a bordo de um vapor estrangeiro, mas ficará. sempre *gauche* num circulo literario, num meio esthetico qualquer. Para esses o *manual* da conversação será a biblia dos lycêos modernos!

Os partidarios do ensino utilitario e do industrialismo rebaixam o homem e como que fazem-no descer os olhos para o chão e para o ventre a similhança dos outros animaes, emquanto que Deus o fez com o rosto elevado, olhando para o céu.

> Os homini sublime dedit, cœlumque meri
> Jussit, et erectos ad sidera tollere vultus.
>
> Ovid. *Metamorphoses.*

E' precisamente desse espirito interesseiro que devemos afastar os meninos, e pelo contrario desenvolver nelles os sentimentos moraes, estheticos, o culto do bello e da arte. Fouillet diz muito bem: assim como para o corpo a saude é a unica coisa de vantagem certa, para o espirito é a moralidade.

Esquecem muitos que *non solum pane vivit homo*. E' porque era desinteressada que a educação antiga era chamada liberal.

Era um homem livre aquelle que não se preoccupava das applicações materiaes e mecanicas da sciencia ou da arte, aquelle que procurava a verdade pela verdade, o bello pelo bello, a cultura do espirito pelo proprio espirito, liberdade, liberalidade e desinteresse tinham a mesma significação. Além disso a liberdade era concebida como inseparavel da dedicação a *coisa publica*, á cidade, á patria; o patriotismo era a forma pratica do desinteresse scientifico, esthetico, philosophico. O homem livre era pois o cidadão que devia ter por principal preoccupação o bem da republica, cuja direcção lhe era confiada.

A educação realista e utilitaria é a perda das sociedades politicas. Com tal educação a democracia torna-se o culto ou do individuo ou do numero considerado com agrupamento do individuo. Toda a idéa de uma verdadeira patria continua que se estende além da collecção actual e da maioria actual, tende a desapparecer em proveito de individuos quer dispersos, quer em multidão A vontade geral ahi é confundida com o interesse daquelles que são actualmente os mais fortes.

O methodo de educação é bom quando por elle se augmenta a força mental, moral e esthetica do menino, é mau porém se traz elle apenas como consequencia um armazenamento de memoria, porque o cerebro não é um armazem a encher, mas um orgão a fortificar-se, convindo aqui lembrar-se que no tocante a herança de uma geração a outra não são os conhecimentos aprendidos que são transmittidos, sim porém a força intellectual.

Este effeito dynamico da instrucção — augmento da força cerebral e a sua transmissão por herança na lucta e selecção dos povos através da historia vem magistralmente desenvolvido no livro do Sr. Guyau *L'Education et l'Hérédité.*

Quando vemos o estado florescente dos estudos greco-latinos na Inglaterra, na Allemanha, nos Estados-Unidos ficamos admirados de que nós, nação neo-latina, procuremos supprimil-os. A raiz das nossas leis é romana, romano o principio de bom numero dos nossos costumes, romana e romanissima uma boa parte dos accidentes do nosso culto, romanas muitas das nossas superstições e até romana a nossa lingua em palavras, em figuras e trópos, em allusões e reminiscencias, em rifões e anexins, como diz Castilho.

Não enunciamos uma frase, não proferimos quasi um termo que não tenham o cunho latino. A significação dos vocabulos escola, lycêo, academia e de tantos outras encontramol-a na literatura greco-latina. Estudo dos autores latinos augmenta cada dia o nosso vocabulario. Sem o estudo do latim é mesmo difficil ter um conhecimento exacto e perfeito da nossa lingua nacional, de sua orthographia, da significação verdadeira dos termos, isto sem falar na utilidade do estudo do latim para desenvolver o gosto e o espirito.

Sobre este ponto é que os estudos classicos levam vantagem a todos os outros. As observações são numerosas na França, na Allemanha, na Belgica , na Inglaterra e até entre nós: a superioridade dos discipulos que tiveram ensino classico sobre aquelles que não receberam sinão uma instrucção scientifica e moderna. Ahi está o relatorio de Dubois Raymond sobre os estudantes que sairam das escolas reaes em comparação com os discipulos dos gymnasios, os humanistas mesmo mediocres; ahi estão as considerações de Brunetière sobre o mesmo assumpto colhidas nos collegios Chapsal, lycêo Louis le Grand e collegio Saint-Barbe.

O meu sabio amigo e nunca assaz chorado mestre Barão de Tautephœus dizia-me muitas vezes que si já não tivesse convicção firme da excellencia dos estudos classicos para o desenvolvimento das faculdades intellectuaes ter-lh'a-ia dado aqui no Brazil a observação do que se passava com os moços que vindos de Minas só com o conhecimento do latim em pouco tempo se preparavam perfeitamente nas outras disciplinas, com vantagem immensa sobre os outros discipulos que abandonavam o latim por difficil ou melhor por preguiça.

As respostas dos lentes das universidades ao ministro da instrucção publica da Prussia foram unanimes no sentido de querer discipulos sobretudo letrados, de intelligencia aberta, munidos de uma boa educação greco-latina. Na Inglaterra do mesmo modo opinaram os professores das universidades de Oxford.

Na França fala-se muito em americanar o ensino; não sabemos o que isto quer dizer. Si se referem aos Estados Unidos é um engano, por isso que lá até para o ensino secundario dos meninos admittem o grego e o latim; assim na Universidade de Boston (Athenas Americana) os moços estudam o latim e o

grego.[1] Na rica universidade feminina de Vellesley consagra-se um premio ás moças que mais sobresairem nos estudo classicos.[2]

Por ventura uma verdadeira educação classica impedirá que nos occupemos das profissões industriaes, agricolas e commerciaes ou tomará o lugar da educação scientifica? — De modo algum.

Maneuvrier antigo discipulo da Escola Normal de Pariz e professor de Philosophia está a frente de uma grande exploração industrial e escreve livros notaveis sobre o ensino classico. Dezeimeais, excellente hellenista, correspondente da Academia das inscripções e bellas-lettras mostrou ultimamente ao ministro em seus vinhos de Bordelais o effeito de um processo especial da poda para a destruição da phyloxera.

Percorra-se a lista dos sabios illustres da França das ultimas gerações, todos foram a principio bons humanistas, Claudio Bernard, Pasteur, Berthelot como Laplace, Biot, Ampére, Cuvier.

—Os estudos greco-latinos são até mesmo um conforto e um refugio para os homens eruditos nas decepções, desenganos e miserias da vida quando no occaso das illusões elles só acham consolo nas reminiscencias de sua vida escolar—Gladstone *the old great man* entregando-se ao estudo dos classicos gregos e latinos, Mitre que acaba de dar a publicidade a sua traducção de Horacio etc. Queiram ou não os classicophobos, Horacio, Ovidio, Cicero, Virgilio, Homero hão de atravessar os seculos, serão lidos sempre com prazer, ao passo que a maioria dos livros actuaes pouco sobreviverão á idade de seus autores.

Por que este horror ao passado, si ha uma solidariedade das gerações, si na frase de Heraclito nós vivemos a morte dos deuses, isto é, conforme o vocabulario antigo, nós vivemos de nossos antepassados, das forças naturaes incorporadas no clima e no solo da patria, das forças moraes encarnadas em sua historia? Ou, como diz Comte, os vivos são cada vez mais governados pelos mortos?

Como poderiamos nós separar-nos da antiguidade?—Não nos illudamos, a nossa literatura, e a literatura dos povos neo-latinos, é

---

[1] Aquí conhecemos uma distincta senhora, professora de historia natural de um collegio de meninas, cujo diploma conferido pela Universidade de Boston consignava a sua approvação em grego e latim.

[2] 500$ a 1.200$, Isaurat, *Pédagogie*.

toda antiga. Quando não se ler mais Virgilio e Horacio, não se lerá mais Racine, Boileau, Dante, Camões, Cicero; Tito Livio, Sallustio arrastariam em sua queda Pascal, Massilon e Voltaire.—Si o gosto está internado no estudo das letras antigas, não o está menos a moral. Sem duvida as sciencias têm sua utilidade e sua grandeza, mas não falam ao coração nem á imaginação, só as letras são a vida da alma.

Não queiramos, pois, unicamente occupados com as sciencias e suas applicações materiaes, repudiar os nobres e bellos ensinamentos da poesia, da eloquencia, da philosophia e da historia.

FORTUNATO DUARTE

NOTAS E OBSERVAÇÕES

UMA FORMA VERBAL ARCHAICA

Sr. Director da *Revista Brazileira*:

Escreveu-me amigo meu, aturado e modesto escavador de velharias vernaculas, pedindo a minha opinião sobre uma divergencia, e grave, que se nota entre Diez e Ad. Coelho, a qual—parece-me—ainda não foi discutida, e menos elucidada.

« Quem tem razão, pergunta-me o amigo, Diez quando affirma é *soon* a verdadeira fórma da 1ª pess. sing. pres. Ind., e a palavra dissyllaba; o Ad. Coelho quando,—concordando no monosyllabismo de *soon*—, assegura é *sono* a verdadeira graphia?»

Remetto-vos o que escrevi, e si julgardes merece figurar na *Revista Brazileira*, que sejam publicadas as minhas rapidas considerações afim de que outros mais competentes estudem a questão, e digam quem está no certo.

E sem mais gasto de rhetorica entro no assumpto.

Diez, é certo, no seu estudo sobre os primeiros cancioneiros, affirma era *sóon* dissyllabo, e das varias fórmas da 1ª pess. sing. Ind. pres. do verbo *ser*, a mais antiga, seguindo-se-lhe em tempo a monosyllaba *são*, que foi substituida pela actual *sou*.

Acrescenta o eminente romanista que a nasalidade da forma verbal *soon* justifica-se etymologicamente; mas declara não saber d'onde provêm o *o* duplicado, que suppõe todavia ter sido de uso «para melhor distinguir a palavra *sóon* da 3ª plural *son*» E remata declarando não comprehender a razão do bissyllabismo da fórma *soon*.

O Sr. Ad. Coelho, considerando «*bem clara* a bissyllabilidade de *soon*»,[1] é todavia de parecer que esta graphia é errada e *sono* a verdadeira, não

[1] Mas não a explica.

só por mais conformada á pronuncia e pelo principio da analogia, senão tambem « porque a lingua favorece a paragoge do *o* depois da vogal nasalizada (sermon sermõ sermão).»

E para mais esteiar a sua opinião, aponta para a fórma verbal correspondente no italiano, que é *sono*. As ponderações e os argumentos do philologo portuguez baseam-se unicamente em uma fórma *sõo*, encontrada em D. Diniz, e cuja nazalisação está indicada na 1ª vogal, fazendo suppôr a existencia da forma *sono*.

A historia do nosso *son*, resume-se no seguinte:

São formas archaicas da 1ª pess. sing, Ind. pres. do verbo *ser*, algumas das quaes ainda se encontram em G. de Rezende, Sá de Miranda e Gil Vicente:—*sum som ; soom soon* (*soõ*) *sõ so; sam san são.*

Sum, verdadeiro typo latino, é dos primeiros tempos da lingua, e entrou logo em concurrencia com a fórma *som*, e mui regularmente (Cp. *lutum* lodo, *lupus* lobo, *super* sobre,...; cubrir e cobrir, curtir e cortir, etc.)

No portuguez do sec. XII ao XVI, si era frequente a geminação das consoantes nos casos de reforço (*rrios*, *honrras*...), era-o acrescentado á vocalica para indicar a *tonacidade*, o *alongamento* da vogal, ou ainda a transparencia etymologica (leede, creede, seede, jaa, avoos, meesmo, maas, ceeo, aar, meestre, seer...), maiormente antes do som nasal (maãos, coraçoões, cristaãos, tęêde...). Quando se dava contracção, claro está que a tonica absorvia a atona (vêr veer, côr coor color...). D'ahi a forma *soom* (monosyllaba), a qual todavia talvez mais fosse adoptada para se não se confundir com a 3ª pess. do plural, que era *som*. E aínda hoje alguns escrevem *tem* no singular e *teem* no plural.

Como, porém, ainda é irregular a orthographia e vacilante, não é raro encontrar-se em uma mesma pag. dos primeiros documentos ambas as fórmas para a mesma pessoa. Exemplo temos na seguinte passagem de um escripto da ultima ametade do sec. XIV:— « Dise el Rei: dime alcarac esses IX mil que dizes que ficarom *soom* bons cavaleiros?—Si senhor, dise alcarac, cá elles todos *som* alarabes » (*Liv. de Lính.*).

Não havendo regra fixa para se indicar a nasalização, escreviam uns *m* onde outros representavam-na por *n* (bem, bon, ten, non, entom e enton senom...).[1] Esta desuniformidade no escrever trouxe por fim preferencia para as fórmas em *n* (*soon*—monosyllabo—, e *son*); e o uso é autocrata supremo. *Son* serviu, como *som*, para indicar a 3ª pess. do plural.

A confusão das 2 pessoas—1ª do sing. e 3ª do plural—tira origem na etymologia. *T* latino já pouco ou nada soava na pronuncia: *sunt* soava *sun*, que se confundia com *sum*. Deu-se a queda da nasal em *soon*, *son*

---

[1] Ainda em escriptores do sec. XVI.

apocope muito frequente no latim popular, e d'ahi a fórma *so*, que já era da lingua vulgar de Roma.[1] *Soom*, *som*, *soon*, *son*, e *so*, eram formas dialectaes, como se deprehende do passo da grammatica de F. de Oliveira em que se nos refere que, sendo *moço pequeno*, delle faziam zombaria os da terra de S. Domingos d'Evora pelo unico facto de pronunciar *som* por *so*, segundo aprendera na Beira. Era essa a pronuncia aconselhada por João de Barros.

No sec. XVI lutavam pela existencia fórmas *som*, *son*, *são* e *so* (que soava *sô*, por ser este o som do chamado *o* pequeno). *So* fixou-se por fim na forma *sou*, ficando o alongamento da vogal, e mui analogicamente, representado por *ou*. Cp. *sto do...*, e *estou dou...*

Sam, *san*, *são* representam tambem fórmas dialectaes. A phonographia produziu essa differença no escrever, que em muitos lugares do Portugal já era de notar na pronuncia. Cp. *tam*, *tan*, *tão*, *San Johan* ou *Jam*, *S. Jom S. João*,... e *ficarom ficaram ficárão*, *fezerom fizeram*, *razam sâzam quam*...). E ainda hoje em alguns pontos de Portugal ainda pronunciam *nan*, *tan* por *não tão* etc, como era de uso nos sec. XIV e XV:

foi esforçad'e e guarido
tan ben que nunca mais fora

Entre nós ainda ha refractarios á grammatica que dizem *samos* por *somos*, *bão* por *bom*, e quem teime em escrever *orgam* por *orgão*, etc.

O professor Diez pois desacertou em mais de um ponto. *Soon* não é das citadas formas a mais antiga: *sou* já se encontra em doc. do sec. XIV; *soon* não era dissyllabo.

Erra tambem o Sr. Ad. Coelho quando affirma era *bem clara* a razão do bissyllabismo de *soon*, e assegura é *sono*— *são* a verdadeira graphia.

A fórma correcta é *soon* e monosyllaba.

Para provar a minha ultima asserção, basta attender á medida dos versos das cantigas, trovas e cantares desses tempos.

cá mui ben soon sabedor
que morrerei u non jaz al.
(Fern. Velho—Sec. XIV).

o angello le disse
eu soon[2] mandadeiro
a ti de deus do ceo.
(*Conc.* D. Aff. o sabio).

A forma *sono* é errada.

---

[1] A apocope da nasal indicadora do pronome pessoal já era frequente no latim do tempo dos Grachos ao de Augusto, e ainda mais no popular da decadencia.

[2] Na sua chrestomatia historica o Sr. Ad. Coelho mudou erradamente esta forma *soon* (que se encontra no original) por *sono*.

Sei, graphicamente, *sõo* corresponde a *sono*, e são fórmas do portuguez medio—*baroens irmaons*... por barões irmãos...—baron-es, irman-os etc., e, ainda do sec. XV—*caẽs paẽs*... por cães pães... Mas assim como escreviam acertadamente *cristaãos*, para que, conservada a tonica, a palavra não soasse *cris-tá-nos*, e *geeraçoões*, etc.. tambem escreveram (ou imprimiram) erradamente—*alguã* por *algũa*, *espoẽs* por *espões*, etc., e o tal *sõo*, forma que só se encontra em D. Diniz no seguinte verso:

Melhor é a mi: pero *sõo* certão
que me queredes peyor d'outra ren,
pero senhor, quero-vos eu tal ben.

Em nenhum outro poeta dessa mesma epoca, nem da dos Affonsos III e IV, se encontra a fôrma *sõo*, e sim *soõ soon sõ*, nem em algum outro documento tambem ella se nos depara. Note-se mais que em D. Diniz mui raro se encontra tilada vogal media nasalada, o que tambem se nota no *Liv. de Linh.* etc. (*boos homees teedes tees*...), e bem assim que nunca a fórma *sono* por extenso no seu cancioneiro se apresenta.

Tambem não diz o Sr. Ad. Coelho ter encontrado a fórma *sõo* a não ser em D. Diniz. A sua opinião, pois, assenta em um descuido typographico, em um cochilo do autor (*sõo*), em uma hypothese emfim inverificavel (*sono*).

De quantos disparates e destemperos não estão pejadas obras mais recentes, modernas e contemporaneas? Declaro que, ao tilar uma vogal, nunca reflecti em que o signal podia cair mal cabidamente em outra. E amanhan, á luz desta discussão, algum critico é bem capaz — empanturrado de fórmas archaicas, de vir dizer ao publico em letra de fôrma, que eu escrevo *capitaon* por *capitão*, só porque o til estendeu-se mais sobre o *o*.

Creio haver esclarecido a questão, conforme a tenho para mim: si a não entendi, e menos esclareci, que o faça outro mais do que eu sabedor.

PACHECO JUNIOR

BIBLIOGRAPHIA

59.—**Ensaio sobre o Dr. Alexandre R. Ferreira**—mormente em relação ás suas viagens na Amazonia e sua importancia como naturalista pelo Dr EMILIO A. GOELDI, Director do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia—Pará, Brazil, Editores — Alfredo Silva & C.—Travessa de S. Matheus 46 B—MDCCCXCV.

Bella acquisição, não ha duvida, fez o Estado do Pará, collocando á frente do seu Museu de Historia Natural e Ethnographia um profissional da ordem e actividade do Sr. Dr. Emilio A. Goeldi. E', pode-se mais uma vez dizer com exactidão, que tudo vai demonstrando, *the right man in the right place.* Muita consciencia de trabalho, muito desejo de ser util e justificar a confiança nelle depositada, muito amor á sciencia, muito empenho em tornar conhecido e credor da attenção do publico e dos sabios o estabelecimento que está dirigindo, muito ardor nas investigações, emfim um conjunto de circumstancias, que o torna altamente recommendavel e faz presagiar optimos resultados dignos de geraes applausos. Delle agora nos chega valioso livro. Ainda neste trabalho notamos os progressos do Sr. Dr. Emilio A. Goeldi em manejar a lingua vernacula. De certo, não está definitivamente expurgada de claudicações e cochilos; mas é um portuguez animado, nervoso, cheio de vida, tendendo, a olhos vistos, para a pureza de dicção, e mantendo sempre alacre e com brilho o interesse da narração. Já ha, no que escreve o autor, muita frase elegante, de bom cunho classico, desse classismo tão formoso, singelo, claro, sem affectação alguma, nem redundancia ou obscuridade que tanto distingue os grandes *quinhentistas* e infelizmente tão pouco seguido e adoptado pelos nossos homens de letras modernos e novos. Feita a devida justiça aos meritos de mais este trabalho do operoso naturalista e incitando-o, si para tanto temos autoridade, a não esmorecer na ingente tarefa, seja-nos licito, para não dar a este rapido juizo proporções de estudo critico, expender algumas observações que acreditamos bem fundadas e cabidas. Antes do mais, na capa e nas primeiras folhas, aquelle R. (ponto) cortando o nome do illustre biographado causa má impressão. Sabem logo os doutos em coisas patrias, que é Rodrigues; mas o autor não escreve só para esses, tanto mais quanto no corpo da brochura reproduz quasi invariavelmente aquella abreviação. Porque razão? O esmiuçador de curiosidades historicas póde chegar a concluir que esse era o modo habitual do nosso eminente compatriota usar da assignatura—simples suposição de momento, mas que tem probabilidades de lhe acudir ao espirito.—Depois, não achamos bem adequado o titulo *Ensaio* que presuppõe muito maior desenvolvimento, sendo-lhe preferivel o de *Noticia,* que, aliás, emcima as folhas no corpo da brochura—Ainda mais, incute o autor aos seus leitores, sem proposito feito,

está claro, a idéa de que com o seu opusculo vem salvar do *Lethes do esquecimento* a memoria de Alexandre Rodrigues Ferreira, quando entretanto, já nos tomos da *Revista* do *Instituto Historico*, já nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, já em outras fontes de consulta por elle proprio citados, ha valiosissimos elementos, para que a lembrança daquelle illustre brazileiro não corresse tão instante perigo, nem fosse para todo sempre envolvida e levada de roldão pelas rapidas e marulhosas ondas daquelle rio fatal. No catalogo dos manuscriptos referente á exposição feita por aquella Bibliotheca vem longa e muito bem estudada enumeração do que existe de Alexandre Rodrigues Ferreira ali e em collecções particulares e tivemos, naquella occasião, ensejo de ver e admirar os excellentes mappas, plantas e desenhos de José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, alguns notabilissimos até, tendo aquelles manuscriptos sido cuidadosamente compulsados e postos em ordem pelo laborioso e tão lembrado Valle Cabral. Outro reparo, e este será final, porquanto não dispomos de espaço—é a responsabilidade que o autor claramente atira sobre a Côrte de Portugal para explicar a cruel molestia que atormentou os ultimos tempos da existencia de Alexandre Rodrigues Ferreira, profunda e aniquiladora melancolia, o que hoje, neste tormentoso fim de seculo, se denomina *neurasthenia*—Parece querer fogosamente protestar contra a ridicularia da mercê do simples habito de Christo com 60$000 de tenças e mais 12$000 daquella que se ligava áquella venera, quando tudo isso naquelle tempo de immensa barateza e de cambio a 33 e mais até, representava, além de elevadissima prova de apreço, muito bom dinheiro. Esta indignação do autor foi motivo de uma critica de amigo nosso da maior ponderação de espirito e imparcialidade, leal apreciador tambem, como nós, do Sr. Dr. Emilio A. Goeldi—«Não gosto, disse-nos elle resumindo as suas observações, de jacobinismo em sciencia.» E, com effeito, ha nessa noticia biographica um tom profundamente deprimente em tudo que se refere a D. Maria I e D. João VI, quando, sobretudo a este monarcha, muito e muito deve o Brazil, pois foi quem o dotou de innumeros elementos de autonomia e de progresso e evidentemente preparou a sua independencia. De todo o ponto impossivel, que um scientista da esphera do Sr. Dr. Goeldi ignore tudo isso, deixando-se arrastar pela corrente de opiniões vigentes, de certo poderosas, mas passageiras e injustas. Portugal fez por nós o que poude. Nem foi pouco ter defendido com admiravel energia e tenacidade, para nol-a entregar, essa enorme costa de 1.200 leguas de extensão, contra continuas incursões dos povos mais audazes e valentes da terra. A Amazonia e Mato Grosso, então, não se podem queixar do abandono e da incuria dos governos, quando os cuidados a bem dessas enormes regiões foram incessantes, dentro das forças daquelle pobre reino, tendo sido a ellas enviados homens do valor superior de Ricardo Franco de Almeida Serra, o *Leverger* dos tempos coloniaes, e de Alexandre Rodrigues Ferreira—Mande-nos o Sr. Dr. Goeldi novos trabalhos; esperamol-os com impaciencia. O trabalho typographico deste merece menção especial.—V. de T.

REVISTAS E OUTROS PERIODICOS NACIONAES

Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, n. 9 e 10, outubro e novembro; — *Pasteur*, pelo Dr. Juliano Moreira; *Que logar deve occupar a abobora no grupo dos tenifugos*, pelo Dr. Alfredo Britto; *O Beriberi e o methodo de Fournier para descobrimento da ataxia em começo*, pelo Dr. Alfredo Britto; *Algumas considerações sobre o licôr de Fehling no reconhecimento da glycose nas urinas*, pelo Dr. Britto Pereira; *Contribuição ao estudo do tratamento da paralysia e nevralgia facial pela massagem e electricidade*, pelo Dr. João Martins.

ARCADIA, revista de arte, fasciculo 3°, novembro — *Magdalena*, soneto por D. João de Castro; *Collatino Barroso*, por Francisco Pacheco; *Trecho de um livro*, por Brito Mendes; *Terra d'Hus*, por Alves de Faria; *No rio—Crepusculo*, por Delfim Guimarães; *Ultimo sonho*, soneto, por Alfredo Serrano; *Livro de um Arcade*, por F. M.; *Olhar vasio*, por Isaias de Oliveira; *Traços bibliographicos*, por Francisco Pacheco.

ARCHIVO DO DISTRICTO FEDERAL, n. 11, novembro.

BRAZIL MEDICO, ns. 42, 43, 44 e 46, novembro e dezembro — *Da gangrena na febre amarella*, pelo Dr. Miguel Couto; *Da panophtalmite e seu tratamento pela evisceração do globo modificado* (continuação) pelo Dr. Guedes de Mello: *Administração Sanitaria no Brazil*, pelo Dr. Nina Rodrigues; *Sobre um caso de nevrose complexa, hystero-epilepsia, vomitos incoerciveis, parto prematuro provocado*, pelo Dr. Benjamin Moss (de Ouro Preto).

O CENACULO, Coritiba, outubro:—*Iwan Gilkin*, por Dario Vellozo; *Psalterio de Astros*, de Silveira Netto; *Dans la Mort!* por Jean Itiberé; *Alma Penitente*, por Dario Vellozo; *Exorcismo*, por Julio Pernetta; *Mysticismo*, de Romario Martins; *Hypnotisme*, de Iwan Gilkin; *Psychologie*, de Iwan Gilkin; *Ophélia*, por Jean Itiberê.

O PÃO, da padaria espiritual do Ceará, Fortaleza, ns. 25 a 29, outubro e novembro: critica, prosa e poesias de Juvenal Galeno, Raymundo Corrêa, Antonio Salles, Raul de Azevedo, Mello Rezende e outros.

REVISTA CONTEMPORANEA, Recife, ns. 20 a 22, outubro e novembro — *Monismo religioso*, França Pereira; *A Lei da Razão no Theatro*, Adherbal de Carvalho; *João Kollar*, Th. Freire; *Philosophia dos arabes*, Clovis Bevilaqua.

REVISTA DA COMMISSÃO TECHNICA MILITAR CONSULTIVA, ns. 3, 4 e 5, agosto, setembro e outubro: *Considerações estrategicas e defesa do Rio de Janeiro*, por Torres Homem; *Ataque e defesa dos portos*, por Santos Porto; *Noticia sobre o canhão 15 cents. Krup*, por Sá Earp; *As mitrocellulosas*, por Torres Homem, etc.

REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, Pará, agosto e novembro: *Grammatica Portugueza*, pelo professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves, por Octavio Pires; *Ensino Obrigatorio*, por Vilhena Alves; *O vinho de meu tio*, (Novella), por Feliciano Pascal. NOTICIARIO — *O canto na Escola Primaria, Congresso Pedagogico, Gentilicos*, por Vilhena Alves; *Acerto — Asserto*, por Vilhena Alves; *O portuguez ensinado pelas theorias modernas*, por José Pinto.

REVISTA MARITIMA BRAZILEIRA, julho a setembro e outubro — *Metralhadora « Maxime » Trigonometria Rectilinea, Observações sobre a Tactica Naval Moderna, cruzador protegido « Minneapolis »*, *cruzador « Olimpia »*, *Naufragio do encouraçado « Victoria »*. *A torpedeiro « Sokol »*, *Geographia Medica da bahia do Rio de Janeiro*, etc., *Revista das Revistas*.

REVISTA MEDICO-LEGAL, Bahia, n. 2, dezembro: *Le décepage criminel au Brésil*, por Nina Rodrigues; *Considerações sobre um caso de aborto*, por Sá Oliveira; *O segredo medico*, por Firmino L. de Castro; *O novo questionario dos processos criminaes*, por Souza Lima.

LIVROS E FOLHETOS

Annuario do Estado do Rio Grande do Sul, para o anno de 1896, publicado sob a direcção de Graciano A. de Azambuja (duodecimo anno) Porto Alegre, Gundlalh & C., editores, 1895, in-16, 368 paginas.

E' talvez a melhor e a mais bem feita publicação do Brazil, no seu genero.

A voz e a palavra sob o ponto de vista da linguagem pelo Dr. J. J. Pizarro, Rio, Alves & C.—Fasciculo 11 das *Memorias e documentos escolares* publicados pelo Pedagogium Brazileiro.

Anathemas, por Collatino Barroso, Rio, Companhia Impressora, 1895, in-16, 74 paginas.

Bom-Crioulo, por Adolpho Caminha, Rio, Domingos de Magalhães, editor, 1895, 234.

Nossa Senhora da Apparecida, poemeto sacro de Rodolpho Leite, Vassouras, 1895, 30 paginas.

Noções de arithmetica e do systema metrico decimal por M. O. Rodrigues da Costa, 4ª edição, Rio de Janeiro.

Memoria historica e descriptiva da cidade e municipio do Serro, estado de Minas Geraes, por Nelson de Senna, Ouro Preto, 1895, 22 pags. —Trabalho util e interessante.

O CREDITO[1]

COMEDIA EM CINCO ACTOS EM PROSA

A scena é no Rio de Janeiro e de actualidade

ACTO QUARTO

Sala em casa de Borges: portas envidraçadas: no fundo o jardim: ao lado esquerdo o interior; ao lado direito janellas de peitoril com bambinellas.—São seis horas da tarde.

SCENA I

PACHECO, BORGES, OLIVEIRA, MACEDO, GUIMARÃES, HIPOLYTO, OLYMPIA, JULIETA, CHRISTINA E D. ANTONIA

(Todos saem da sala de jantar pelas duas portas, e espalham-se pela scena; uns accendem charutos; outros chegam ás janellas, ou passeiam no fundo).

Guimarães (*a D. Olympia*)

V. Ex. póde ter um orgulho: que no Rio de Janeiro ninguem sabe melhor fazer as honras de sua casa.

Olympia

Ora, Sr. Guimarães...

Guimarães

Um jantar magnifico, servido com toda a delicadeza; uma sociedade encantadora...

Olympia

Faltaram algumas pessoas... (*voltando-se*) Hipolyto!

---

1 Veja a *Revista* de 1 e 15 de dezembro e 1 de janeiro.

Hipolyto

D. Olympia (*chega-se*).

Olympia

Seu amigo me enganou! Nunca esperei!

Hipolyto

Rodrigo?

Olympia

Sim.

Hipolyto

Admira-me com effeito!

Julieta

Talvez receasse encontrar pessoas de quem não gosta.

Christina

Elle disse-me hontem á noite que não podia assistir ao jantar; mas prometteu passar a tarde comnosco.

Julieta

Ah!... Não pode tardar então! (*com ironia*).

Olympia

Manda trazer café e sorvetes, Christina.

Christina

Sim, mamãe (*sai*).

Borges

Aqui têm charutos, meus senhores.

Pacheco

Isto é para os moços.

Guimarães (*a Julieta*)

Minha senhora, ainda não felicitei a V. Ex. Sou amigo intimo de seu irmão e dou-me muito com o Oliveira. E' uma bella pessoa...

Julieta (*secamente*)

Obrigada (*volta-lhe as costas*).

Olympia (*a Borges*)

Borges, leva os senhores para o jardim, é mais agradavel. Já mandei servir o café. D. Antonia, D. Julieta, vão (*vão saindo*).

D. Antonia

E a senhora?

Olympia

Logo: tenho algumas ordens a dar.

SCENA II

MACEDO E OLYMPIA

Macedo

Brilhou, D. Olympia. Deu-nos um jantar soberbo! (*sorrindo*) Deve ter gasto um dinheiro louco!

Olympia

Nem me fale nisso!

Macedo

Mas não ha prazeres completos!...

Olympia

Por que?

Macedo

Faltou sempre uma pessoa.

Olympia

Que importa? Não faltou o senhor...

Macedo

Obrigado; não mereço tanto: isto é para aquelles a quem se fala ao ouvido, e com quem se passeia no jardim nas noites de luar.

Olympia

Não entendo! (*entra na sala de jantar*).

Macedo

Ou não quer entender.

SCENA III

RORGES E MACEDO

Borges

O que?

Macedo

Falavamos do Rodrigo.

Borges

A que proposito?

Macedo

Acho que não faz bem em recebel-o.

Borges

Por que motivo?

Macedo

Por muitos; mas o principal é aquelle projecto...

Borges

Qual?

Macedo

O casamento de Christina.

Borges

Ah!...

Macedo

Notei hoje muita frieza da parte de Hipolyto; e a causa é o tal Sr. Rodrigo.

Borges

Como?

Macedo

Não reparou ainda na intimidade que existe entre elle e sua filha?

Borges

Tem razão: vou falar a Olympia.

Macedo

Não envolva nisto o meu nome! Aviso-lhe por causa dos nossos interesses communs (*sai*).

SCENA IV

BORGES E OLYMPIA

Borges (*chega-se a porta da sala de jantar e chama*)

Olympia!

Olympia

Que queres?

Borges

Quero prevenir-te de uma coisa.

Olympia

Depois.

Borges

Não; é preciso que saibas já.

Olympia

O que é ?

Borges

O Rodrigo faz a côrte á Christina e...

Olympia

E' falso !... Quem te disse ?

Borges

Em segredo : foi o Macedo.

Olympia (*sorrindo*)

Não creias.

Borges

Comtudo acho bom que o afastes pouco a pouco. Christina póde vir a gostar delle e o nosso projecto fica destruido.

Olympia

Não faço isto.

Borges

Mas, Olympia, que te custa ?

Olympia

Não sei ; nem quero saber. Não posso tratar mal uma pessoa que vem á minha casa...

Borges

E si Christina o amar ?

Olympia

Minha filha ?... não é possivel !...

Borges

E' muito ! E tu sabes que este casamento é toda a nossa esperança (*entra Rodrigo*).

Olympia

Está bom, deixa-me.

SCENA V

RODRIGO E OLYMPIA

Olympia

A esta hora ?

Rodrigo

Apezar de todo o meu desejo...

Olympia

Não tem desculpa.

Rodrigo

Então sujeito-me á reprehensão: eu a mereço.

Olympia (*estendendo-lhe a mão*)

Prefiro perdoar.

Rodrigo

E' a melhor vingança...

Olympia

E' o melhor prazer daquelles que soffreram. Todo o jantar estive aborrecida, não sei o que me faltava.

Rodrigo (*rindo*)

Faltava-lhe um convidado.

Olympia

Só?!...

Rodrigó

E' sempre um desgosto perdermos uma testemunha da amabilidade com que costumamos tratar os nossos hospedes.

Olympia

E' maior desgosto ver que rejeitam uma prova de estima que desejamos dar.

Rodrigo

Como está D. Christina?

Olympia

Boa, não a viu no jardim?

Rodrigo

Não, apenas encontrei o Sr. Macedo.

Olympia

Ainda estão passeando.

Rodrigo

Vamos ter com elles?

Olympia

Tem tanta pressa assim? Por que não ficamos aqui?

Rodrigo

Como quizer.

Olympia

Si é um sacrificio, não exijo.

Rodrigo

Não; e quando fosse, fal-o-ia com prazer.

Olympia

Duvido.

Rodrigo

Não tem razão.

Olympia

Si eu merecesse um sacrificio de sua parte, não teria vindo jantar commigo?

Rodrigo (*sorrindo*)

Não fale mais nisso, já perdoou.

Olympia

Perdoei, mas não esqueci. Ao menos diga-me o motivo.

Rodrigo

Para que?

Olympia

Quero saber.

Rodrigo

Que interesse tem nisto?

Olympia

Pergunta?

Rodrigo

De certo; porque ignoro (*pausa*).

Olympia

Então não me diz?

Rodrigo

O que?

Olympia

O motivo por que não veiu? Diga-me que não foi por minha causa!... Sim?...

Rodrigo (*depois de olhal-a um momento*)

Pois foi justamente por sua causa.

Olympia

Eu adivinhava!

Rodrigo

Não vim ao seu jantar porque me repugna sentar-me a uma mesa onde se serve aos convidados em pratos de porcellana a reputação de uma familia; porque quando o champagne fumegasse nos copos, julgaria que meus labios tocando-o para beber á sua saude, bebiam em vez de vinho as lagrimas que elle hade custar.

Olympia

Sr. Rodrigo!...

Rodrigo

Sei que estas coisas não se dizem; mas a senhora deu-me o direito de falar. Passava o meu caminho tranquillamente, sem me importar com o que via, deixando o mundo como elle é. Desde porém que me provocam, que me querem fazer representar um papel nesta comedia, é justo que eu diga:— « Não, minha senhora; não posso aceitar o papel que me destina. »

Olympia

Não sei o que pretende dizer.

Rodrigo

Cuida que não vejo o que se passa aqui? O que era este jantar sinão um jogo, no qual cada um dos convidados formava um parceiro! Um jogava ao casamento; alguns á amizade, outros ao amor: eu devia jogar ao ciume. Era preciso excitar a paixão decadente de um velho namorado; irritar-lhe a vaidade: então deu-se um sorriso ao primeiro que se encontrou, e prometteu-se-lhe as migalhas desse amor já dividido entre um amante e um marido.

Olympia

Para que offender-me assim? Não é mais natural pensar que em vez de calcular, o coração dessa mulher seja arrastado por um sentimento irresistivel? E si ella não sabe reprimir a sua paixão, não se lhe deve perdoar porque é fraca?

Rodrigo

Então esse amor é real?

Olympia

Si não fosse ouviria as palavras que acaba de dizer-me?

Rodrigo

Pois bem!... Dê-me outra prova!

Olympia

Qual? Fale!

Rodrigo

Tenho receio...

Olympia

De que? Pensa que lh'a recusarei?

Rodrigo

Tenho receio de offendel-a.

Olympia (*sorrindo*)

O coração desculpa tudo.

Rodrigo

Pois bem! (*tomando-lhe a mão*). Não me queira mal pelo que lhe vou dizer. Supponha que é um irmão que lhe fala.

Olympia

Para que? A realidade não vale a supposição?... E' o senhor quem fa'a.

Rodrigo

Não me quer por irmão?

Olympia

Si não o amasse...

Rodrigo

E devo eu aceitar esse amor?

Olympia

Por que?

Rodrigo

A mulher que ama realmente um homem, não o obriga a corar por sua causa; não o associa a certos actos que podem lançar uma duvida sobre seu caracter. Não quero que alguem julgue que a affeição que recebo, é um roubo feito áquelle que diz ter direito a ella; não quero que se pense que é por mim que uma senhora mantém um luxo superior á suas posses e sacrifica seu marido com despezas loucas.

Olympia

Ah!...

Rodrigo

Bem vê que este amor só póde ser aceito por aquelles que especulam com elle. Pelo Sr. Macedo, por exemplo.

Olympia

Por piedade!... Não me fale desse homem!

Rodrigo

Elle passa por seu amante.

Olympia

Nunca o foi!

Rodrigo

Entretanto a senhora sabe o que se diz, e parece querer confirmal-o pelas maneiras com que o trata. Quanto a elle, tem tambem interesse em passar pelo que não é; porque uma mulher pobre que ostenta um luxo immenso, dá uma idéa favoravel da riqueza do seu amante.

Olympia

Meu Deus!... Que vergonha!...

Rodrigo

Para elle a senhora não é sinão um annuncio, ou um artigo de jornal, especie de *gazetilha* que elogia a sua generosidade e attesta a sua fortuna. Custa-lhe isto naturalmente o presente de alguma flôr, e um pequeno emprestimo feito de vez em quando a seu marido. O resto pagam os credores illudidos. *(Quando Rodrigo fala em flor, Olympia arranca a camelia que tem nos cabellos, e esmaga-a com os dedos deixando-a cair).*

Olympia

Oh! Tem razão! Eu mereço o seu desprezo!

Rodrigo

Não desprezo a mulher que commetteu uma falta na sua vida, lastimo-a; e si ella quer apoiar-se ao meu braço para reerguer-se, não sou daquelles que lhe voltam as costas, e a deixam só e ao desamparo.

Olympia

Assim si eu rejeitasse o passado, si esquecesse o que fui, podia esperar?

Rodrigo

O que?

Olympia

Ser amada um dia?...

Rodrigo

Não sei. Eu lhe pedi uma prova: quer dar-m'a?

Olympia

Sim!

Rodrigo

Quer tornar-se o que uma mulher deve ser: uma providencia para sua familia, um anjo da guarda que Deus deu ao homem? Faz-me este sacrificio?

Olympia

Juro pela memoria de minha mãi, que o farei.

Rodrigo

Bem. Agora que tenho a sua promessa, diga-me: este sacrificio que faz de bom grado ao amor, por que não o fará a seu marido e a sua filha? Não vê que essa apparencia de riqueza é uma confissão tacita da vergonha de seu esposo; porque o publico sabe que o ordenado de um empregado não chega para tanto, e por conseguinte pensa, e com razão que este dinheiro vem de uma origem immoral? Não vê que todos esses amores de salão que a senhora aceita por divertimento recaem sobre sua filha e mancham sua innocencia?

Olympia

Por elles tambem! Eu farei tudo para apagar a lembrança dessas loucuras. Mas, eu lhe peço, não me abandone! Sinto que as suas palavras me darão forças. E si eu tivesse ao menos uma esperança que me salvasse nos momentos de duvida!...

Rodrigo

E' impossivel!

Olympia

Por que?

Rodrigo

Porque amo a outra mulher.

Olympia

A quem?

Rodrigo

E' uma pergunta a que não se responde.

Olympia

Perdão! Fui indiscreta! Mas é que ha pouco me disseram...

Rodrigo

O que?

Olympia

Que o senhor amava a...

Rodrigo

Diga!

Olympia

Não! Não é possivel que seja ella...

Rodrigo

Ella quem!

Olympia

Christina!

Rodrigo (*admirado*)

Disseram-lhe que eu amava Christina?

Olympia

Sim, mas é falso, não é? Responda! Eu lhe supplico!

Rodrigo (*friamente*)

E' verdade!

Olympia

Minha filha!... (*deixa-se cair sobre o sofá e enxuga as lagrimas*).

Rodrigo (*lentamente*)

Eis a primeira punição da mãi que esquece o seu dever! (*entra Macedo*).

SCENA VI

OS MESMOS E MACEDO

Macedo

Oh! Sr. Rodrigo? (*comprimentam-se*).

Olympia (*enxugando as lagrimas, á parte*)

Ah!...

Macedo

Que tem, D. Olympia?

Olympia

Nada!

Macedo

Parece que acabou de chorar!

Olympia

Por uma coisa atôa...

Macedo (*com ironia*)

A conversa do Sr. Rodrigo foi assim tão triste?

Rodrigo

E' verdade, Sr. Macedo; não falamos de dinheiro nem de especulações.

Macedo

Falaram de amor naturalmente...

Rodrigo

Quando assim fosse... Os nossos cabellos brancos não teriam direito de rir-se das nossas palavras (*afasta-se*).

Macedo (*apanhando a camelia*)

A senhora deixou cair a sua flôr, D. Olympia?

Olympia

Não tinha reparado.

Rodrigo

Caiu de certo com o peso.

Macedo

O senhor está brincando! O peso de uma flôr!

Rodrigo

Por que não? Uma camelia pesa o que custa; e ha algumas que custam tanto! (*dirige-se para a porta*).

Macedo (*a Olympia*)

Não quer deital-a outra vez?

Olympia (*recebendo a flor*)

Sim: esta flor agora é uma recordação para mim!

Macedo

Obrigado!

Olympia (*a Rodrigo supplicante*)

Espere!... (*Rodrigo volta*) Sr. Macedo, meu marido deseja falar-lhe.

Macedo

Como? Si agora mesmo estive com elle!

Olympia

E' que talvez esquecesse o que lhe pedi; mas vou lembrar-lhe.

Macedo

De que se trata? Não posso saber já? Economisaremos o tempo.

Olympia

Eu lhe digo. Hoje, Borges falando a seu respeito, contou-me os obsequios que o senhor lhe tem feito, emprestando-lhe algum dinheiro por varias vezes...

Macedo

Ora, uma ninharia!

Olympia

Não importa! E' sempre um incommodo e eu não desejo incommodar ninguem; muito menos a uma pessoa a quem devemos já muitos favores, e que nos trata com tanta amisade.

Macedo

Deixemos isto, D. Olympia. Quando estivermos sós...

Olympia

Por que? O Sr. Rodrigo póde ouvir-nos: não me envergonho de confessar os obsequios que recebo...

Macedo

Não vale a pena falar disso agora. Eu me entenderei com o Borges.

Olympia

Sim, é mesmo o que eu desejo. Pedi a meu marido para que combinasse com o senhor a maneira de pagarmos estas dividas que me contrariam; amanhan...

Macedo

Mas não tem pressa, D. Olympia.

Olympia

Eu é que tenho pressa de poder recebel-o em minha casa como um amigo de meu marido e não como um credor.

Macedo

A senhora vexa-me realmente com isto.

Olympia (*dirigindo-se a Rodrigo que está do lado opposto—a meia voz*)

Está satisfeito?

Rodrigo

Sim; mas como póde pagar essas dividas? (*entra Oliveira*).

Olympia

Tenho as minhas joias! (*afasta-se*).

Macedo

Porém, D. Olympia, não posso consentir!

Olympia

E' escusado Sr. Macedo: as senhoras têm caprichos que se devem respeitar. (*a Rodrigo*) Dê-me o seu braço, Sr. Rodrigo; vamos ver Christina! (*saem*).

SCENA VII

OLIVEIRA E MACEDO

Oliveira

Que historia é esta?

Macedo

Um phenomeno mercantil! Um devedor que quer pagar á força!

Oliveira

Ah! Ah! Ah! (*rindo-se*). Mas então dissolveu-se a firma social e procede-se á liquidação!

Macedo

Pois não! Manha de corretor que quer fazer subir as suas acções! Mas perde o seu tempo (*senta-se*).

Oliveira

Por falar em acções; sabe que de hontem para cá tenho reflectido?

Macedo

Fez mal. Actualmente não se reflecte, calcula-se.

Oliveira

Quero dizer que pensei...

Macedo

Peior! O pensamento é um inimigo do progresso e da felicidade humana. Si um homem pensasse antes de entrar num vapor, lembrava-se da caldeira e não embarcava; si pensasse nos desastres dos caminhos de ferro, não viajaria sinão a pé; si pensasse nos prejuizos, não compromettia seus capitaes em transacções. Todo homem que pensa é estupido; porque não ha estupidez maior do que ser pobre, podendo ficar rico em um momento.

Oliveira

Concordo; não se deve hesitar no momento de emprehender; mas não é possivel deixar de reflectir sobre os seus actos; e então nesses momentos vem uma duvida... Si aquillo que praticamos é bom...

Macedo

Ora! Já lhe expliquei antes de hontem o nosso plano; e o senhor enthusiasmou-se. Vendemos vinte mil acções a tres mezes de prazo, por trinta mil réis; inundamos a praça. Ellas baixam necessariamente; compramos a cinco mil réis. Ganhamos quinhentos contos de pancada.

Oliveira

O calculo dos dividendos tambem era magnifico; porém lá se foram as letras do Pacheco no valor de setenta contos; e não sei como as havemos de pagar.

Macedo

Não se inquiete: antes disso teremos recursos. O seu casamento está espalhado e em vesperas de fazer-se: o Pacheco considera-o já como marido de sua filha, e não consentirá que seu genro soffra uma vergonha.

Oliveira

Seu genro, sim! Mas quererá elle que sua filha case com um homem quasi fallido?

Macedo

Que remedio? Antes isso do que fazer a desgraça de Julieta!

Oliveira

Comtudo não sei o que me parece isto! Illudir esta menina; enganar esse velho! A nossa honra, Sr. Macedo...

Macedo

A honra do negociante é pagar com pontualidade! Não conheço outra.

Oliveira

Sim; mas essas especulações não são uma especie de jogo?

Macedo

E o que é a vida sinão um jogo? que fazemos nós neste mundo? Levamos todo o tempo a baralhar as cartas e a jogar com a fortuna: ás vezes ganhamos a parada, e ficamos ricos; outras perdemos, e fazemos bancarrota. O casamento é um jogo em que o homem aposta a sua liberdade contra um dote; o amor é um jogo em que o homem aposta seu tempo contra algumas horas de prazer. Quanto á honra é um verdadeiro lansquenet; ha parceiros que pagam toda a noite á espera do chorrilho.

Oliveira

Nem todos consideram assim: e para alguns o que fazemos é...

Macedo

O que?

Oliveira

Uma immoralidade!

Macedo

Immoralidade!... Palavra muito grande, que nada exprime. Tire-lhe duas letras e muda-lhe o sentido.

Oliveira

Que tem isso?

Macedo

Então, pensa que um homem que calcula as mais vastas operações, importa-se com duas letras? Si ao menos fossem duas cifras!...

Oliveira

O senhor não quer tomar ao serio as minhas palavras? Pois confesso-lhe uma coisa. Hontem, quando vi Julieta hesitar em marcar o dia do nosso

casamento, conheci que a amava. Pensei que era unicamente esse sonho de ser rico que me attraia; mas não! Gosto dessa menina! E tenho medo de perder a sua affeição, praticando uma acção má.

Macedo

Tem um bom meio de não praticar acções más.

Oliveira

Qual?

Macedo

Venda as más e compre boas.

Oliveira

Ah! quer divertir-se?...

Macedo

Ora, que lhe hei de responder? Ha seis mezes que nos associámos; durante este tempo, o senhor que apenas tinha de seu uma boa porção de dividas, gastou como um barão. Para as dançarinas de theatro, e as bellezas da noite, realizou o ideal do amor sob a forma de uma pulseira de brilhantes. As moças solteiras o querem para marido, e as casadas para amigo dos maridos. Dá jantares; offerece camarotes da segunda ordem; faz presentes; tem carros; cavallos do Cabo; todos lhe querem vender, e ninguem lhe pede dinheiro. Não está contente; julga que por perdermos cento e tantos contos vamos pela agua abaixo? Pois bem; o dito por não dito!

Oliveira

Não, Sr. Macedo; não me arrependo do que fiz. Queira desculpar si o offendi; mas bem vê que ás vezes sem querer se pensa de um modo differente...

Macedo

O senhor ainda está muito moço. Quando conhecer o mundo, verá que todos nós não somos sinão algarismos, e por conseguinte devemos tratar de ir sommando e multiplicando os outros, antes que elles nos façam o mesmo (*entra Julieta apressadamente e senta-se no sofá*). Por exemplo!... (*ri-se— entra Christina*).

SCENA VIII

OS MESMOS, JULIETA E CHRISTINA

Oliveira

Sr. Macedo...

Christina (*a Julieta*)

Que tens, Julieta?

Julieta

Nada! Deixa-me!

Oliveira (*a Julieta*)

Está incommodada?

Julieta (*seccamente*)

Não, senhor!

Oliveira

Pensei; fugiu do jardim...

Julieta

Gosto de estar só.

Macedo (*a Christina*)

E' significativo!... (*sai*)

Oliveira

Não quero então contrarial-a (*sai*)

SCENA IX

CHRISTINA E JULIETA

Christina

Por que nos deixaste?

Julieta

Porque... não quiz ver...

Christina

Ver o que?

Julieta

Não sei.

Christina

Não me queres contar...

Julieta

E tu me contaste o que te pedi outro dia?

Christina

Mas que interesse tinhas nisso?

Julieta

O que foi?

Christina

Não me lembro já.

Julieta

Pois eu sei tudo!

Christina

Elle te contou? (*com vivacidade*)

Julieta

Eu adivinhei.

Christina

E' impossivel!

Julieta

Não procures occultar, Christina! Eu tenho olhos... Tu gostas delle...

Christina

Eu! Eu gosto do Sr. Rodrigo!

Julieta

Sim; e elle gosta de ti.

Christina

Que idéa! Dou-te minha palavra...

Julieta

Não creio.

Christina (*sentida*)

Eu minto, Julieta!

Julieta

Não dizes o que sentes.

Christina

Mas não sou fingida.

Julieta

Só te acredito com uma condição.

Christina

Qual?

Julieta

Conta o que elle te disse naquella noite em minha casa a primeira vez que conversou comtigo.

Christina

Não disse nada.

Julieta

Contas ou não?

Christina

Não posso!...

Julieta

Adeus!... (*volta-se e dá com Rodrigo*) Ah!... (*chega-se de novo a Christina*) Elle te procura.

Christina (*baixo*)

E por que não a ti?

Julieta

Por que?... Tu sabes! (*sai rapidamente*)

SCENA X

RODRIGO E CHRISTINA

Rodrigo

Sabe, D. Christina, vou deixar de vir a sua casa.

Christina

Que motivo tem para isso?

Rodrigo

Hipolyto pensa que eu sou a causa de sua mudança.

Christina

E pensa a verdade.

Rodrigo

Mas elle não sabe a razão, julga que a senhora gosta de mim.

Christina

Elle tambem?

Rodrigo

Ah! Alguem já lhe disse o mesmo.

Christina (*sorrindo*)

Ha um momento.

Rodrigo

Julieta!... Ella estima o irmão, deve dizel-o.

Christina

E' por outra razão ainda.

Rodrigo

Hipolyto me accusa. Elle ignora que as nossas conversas são sempre a seu respeito; que falamos delle.

Christina

E deve ignorar; o senhor deu-me a sua palavra!

Rodrigo

Tenho-a cumprido. Mas agora prefiro retirar-me, essas suspeitas injustas me incommodam.

Christina

E fazem soffrer os outros.

Rodrigo

A Hipolyto...

Christina

E a ella tambem, á Julieta...

Rodrigo

Sim, por causa delle.

Christina

Por causa do senhor.

Rodrigo

Não a comprehendo (*entram D. Olympia e D. Antonia*).

Christina

Tem razão. A nossa amisade não deve perturbar o socego daquelles que amam (*entra Julieta*).

SCENA XI

OS MESMOS, ANTONIA, D. OLYMPIA, HIPOLYTO, PACHECO E JULIETA

(Olympia entra com D. Antonia, deixa-as na sala e vai á varanda de jantar. Christina sobe a encontrar-se com D. Antonia, Julieta senta-se. Hipolyto entra e desce para falar com Rodrigo. Pacheco apparece depois e desce a scena).

Olympia (*a D. Antonia*)

Espere um momento, D. Antonia (*entra na sala de jantar*).

Christina (*a D. Antonia*)

Já quer ir ? tão cedo !

D. Antonia

Julieta não está boa, e D. Olympia tambem parece-me incommodada. (*Entra Hipolyto*).

Christina

Mamãi ?... Não me disse nada !...

D. Antonia

Talvez seja fadiga simplesmente.

Hipolyto (*a Rodrigo*)

Conta-me a tua nova conquista !

Rodrigo

Deves saber melhor do que eu.

Hipolyto

Não queiras fazer-te de innocente! Já me disseram...

Rodrigo

O que?

Hipolyto

D. Olympia está loucamente apaixonada por ti, no jantar todos notaram o effeito da tua ausencia; e agora o Macedo acabou de commentar o negocio. Ella chorou! Parece que temos um amor tragi-comico!

Rodrigo

Não zombes nunca da affeição de uma mulher, Hipolyto; tudo que vem do coração é sempre bom.

Hipolyto

Por exemplo, o amor de uma mulher casada! (*entra Pacheco*).

Rodrigo

Sim: porque o amor é a razão da mulher.

Hipolyto

Não te entendo.

Rodrigo

Algum dia entenderás (*passando a direita*) Sr. Pacheco!

Pacheco

Ainda hoje não tivemos tempo de conversar.

Rodrigo

E' verdade; mas sempre podemos trocar uma palavra. Ainda deseja a occasião que lhe prometti?

Pacheco

De certo; estou á espera.

Rodrigo

Pois não é mais preciso esperar: já achamos.

Pacheco

Muito bem!

Rodrigo

Está aqui mesmo.

Pacheco

Oh! admira-me...

Rodrigo

O Borges acha-se individado; o seu ordenado está hypothecado em casas de desconto que lhe tomam um juro de 36 % ao anno.

Pacheco

Apre! E' de esfolar!

Rodrigo

Si o senhor o libertasse desse onus mediante um premio razoavel, podia dentro em pouco tempo ser reembolsado do seu dinheiro, recebendo metade do ordenado.

Pacheco

Mas por que individou-se elle desta maneira?

Rodrigo

Porque o senhor e outros entendem que não devem emprestar o seu dinheiro sinão aos ricos que não têm necessidade delle. Borges foi obrigado a dirigir-se a um usurario, descontou o ordenado de um mez: dado o primeiro passo os outros não custam. Hoje, estou certo que elle deve mais de premios do que de principal.

Pacheco

Bem; não vejo no que o senhor me propõe sinão uma objecção.

Rodrigo

Qual?

Pacheco

Si o Borges morrer antes de pagar?

Rodrigo

E si o senhor morrer antes de emprestar?

Pacheco

Deixarei a meus filhos.

Rodrigo

Que de bom grado dariam essa parcella de sua fortuna para honrar o nome de seu pai com uma bella acção.

Pacheco

Tem razão, Sr. Rodrigo.

Rodrigo

Em todo o caso, Sr. Pacheco, eu garanto a divida.

Pacheco

Não é preciso; conte commigo (*entram Borges e Macedo*).

Rodrigo

Lembre-se porém que um amigo não empresta dinheiro unicamente; dá a sua experiencia e os seus conselhos (*entram Oliveira e Guimarães*).

Pacheco

Percebo.

SCENA XII

OS MESMOS, MACEDO, OLIVEIRA, BORGES, GUIMARÃES

(D. Olympia volta-se e senta-se no sofá: Borges e Macedo vão-se aproximando: Oliveira e Guimarães vem sentar-se. Oliveira conversa com Julieta.)

D. Antonia

Vamos, Pacheco.

Pacheco

Quando quizeres.

Olympia

Ora, Sr. Pacheco, ha pouco na mesa estavam todos curiosos por saber o motivo deste jantar.

Pacheco

E' verdade.

Guimarães

Eu ainda sustento que é um anniversario!

Hipolyto

Eu creio que foi uma demonstração especial dada a alguem. Que diz, Sr. Macedo!

Macedo

Para mim foi um projecto.

Guimarães

Como?

Macedo

Quero dizer uma occasião.

D. Antonia

Tem razão, Sr. Macedo; não é preciso um motivo para dar um jantar, D. Olympia quiz reunir os seus amigos...

Olympia

Mas houve realmente um motivo, D. Antonia; não foi, é verdade, nem um dos que esses senhores pensam...

Guimarães

Qual foi então?

Olympia

Uma despedida.

D. Antonia

Que quer dizer?

Olympia

Vou deixar S. Clemente; volto para S. Domingos, e depois creio que tomarei uma casa no Engenho Velho!

Borges

Não me tinhas dito nada!

Christina

Nem a mim!

Olympia

E' que não te lembras.

Oliveira

Ao menos ha de assistir ao meu casamento! Julieta lh'o pede.

D. Antonia

Mas por que nos deixa assim?

Olympia

Sinto-me doente; quero viver tranquilla.

D. Antonia

Que mais tranquillidade do que se tem aqui... longe da cidade?

Olympia

Ha ainda outra razão.

Hipolyto

Qual?

Rodrigo (*baixo a Olympia*)

Quer afastar-me de Christina?

Olympia (*baixo a Rodrigo*)

Quando assim fosse não me perdoava? Mas enganou-se! Custa a dizer...

Macedo

Essa outra razão, D. Olympia?

Olympia

Ah! O senhor deseja saber?

Macedo

Si não é indiscrição.

Olympia

Não. O bairro de S. Clemente é muito aristocratico, e não serve para mim que sou pobre: quem mora aqui precisa gastar muito!

Macedo (*admirado*)

Assim é por economia que se muda?

Olympia

Sim, senhor; meu marido é apenas um empregado...

D. Antonia

Mas D. Olympia, cada um vive como póde.

Pacheco

E demais a carestia é geral, não se póde viver hoje no Rio de Janeiro: tudo está por um preço...

Guimarães

Tambem por isso faz-se fortuna com uma rapidez espantosa.

Oliveira

Quando se tem habilidade e não se quer vegetar num emprego mesquinho!

Guimarães

Justamente. Conheço moços que ha pouco tempo eram mais pobres do que eu; e que hoje estão ricos e numa bella posição.

Rodrigo (*erguendo-se*)

E o senhor não sabe como se faz a maior parte dessas fortunas?

Guimarães

Negociando.

Rodrigo

Não; é d'outra maneira. Muitos dos nossos moços são atacados aos vinte e cinco annos pela febre do dinheiro, que se tem tornado endemica no Rio de Janeiro. Alguns escapam da molestia; outros porém querem ser ricos á força, e sem trabalho. Emquanto ella não chega o aspirante a moço rico vai á casa do seu alfaiate e veste-se á ultima moda. O alfaiate é o ente mais perigoso da sociedade.

Hipolyto

Não sabia. Por que?

Rodrigo

Porque com a sua tesoura e um pedaço de panno, nivela todos os individuos, e faz que o homem de bem se confunda com o especulador.

Vestido no grande tom o moço rico (de esperanças) toma um par de luvas, alguns charutos de Havana, uma bengalinha e vai ao cabelleireiro. Tudo isto custa dinheiro, mas quem é que desconfia de um moço elegantemente vestido que diz com um certo ar de milionario.—« Assente na minha conta »—Penteado, frisado, passa na cocheira, aluga um carro, e vai jantar no hotel. Em que hotel janta, Sr. Guimarães?

Guimarães

E' a mim que pergunta?

Rodrigo (*sorrindo*)

Naturalmente para saber o hotel mais frequentado! Porém não importa! Qualquer serve...

Rodrigo

Os pobres como eu, vendo-o entrar, perguntam — «quem é» — Um moço rico! responde o creado pensando na gorgeta. D'ahi a pouco o sujeito levanta-se, accende o charuto e deixa cair dos labios a palavra magica «Assente na conta...»

Pacheco

E o dono do hotel o que faz?

Rodrigo

O dono do hotel fica satisfeitissimo, porque adquire um freguez constante; os outros aspirantes á riqueza que se acham ali, na esperança de um dia jantarem á custa do homem, fazem delle os maiores elogios. Não os tens ouvido algumas vezes, Hipolyto?

Hipolyto

E tenho-os pago tambem!

Rodrigo

Isto dura um certo tempo. Por fim um pai de familia que deseja casar a filha, ouve falar do moço rico, e recebe-o em casa apresentado por um amigo. As moças que se parecem com as mariposas, illudem-se com o brilho; faz-se o casamento no meio de satisfação geral; e o que era uma mentira, torna-se uma realidade. O sujeito está rico, o pai feliz, a familia contente. Apenas ás vezes succede um pequeno incidente em que ninguem repara.

Christina

Qual?

Rodrigo (*sorrindo*)

A mariposa queima as azas!

Julieta

Ah!

Rodrigo

Eis como se faz fortuna rapidamente, Sr. Guimarães, sem trabalho nem privações, alguns não passam dessa riqueza de contas e acabam por viver a custa dos amigos. Aquelles porém que têm habilidade e não querem vegetar no trabalho, conseguem o seu fim: não é verdade, Sr. Macedo? Não conhece alguns moços que enriqueceram desta maneira e devem sua fortuna á tesoura do seu alfaiate ?... (*vai tomar o chapéu*).

Macedo

Nunca indago de ninguem a razão porque tem fortuna, Sr. Rodrigo; a riqueza é uma coisa que se prova por si mesma.

Rodrigo

E ás vezes pelo dinheiro dos outros. (*comprimenta*) Meus senhores... (*aperta a mão de D. Olympia*).

Olympia

Vá nos ver algumas vezes em S. Domingos, sim?

Rodrigo

Eu lhe prometto.

Olympia

Obrigada. (*Rodrigo sai*)

Pacheco

Sr. Borges.

Borges

Que deseja ?

Pacheco

Si não lhe é incommodo, vamos passeando até a casa; temos que lhe falar.

Borges

Com muito gosto; deixe-me tomar o chapéu.

(Os homens vão descendo a scena e grupam-se no fundo: Christina e Julieta chegam-se uma para a outra: D. Antonia aproxima-se de Olympia).

D. Antonia

E' serio? Sempre nos deixa?...

Olympia

Pois duvidava ?

D. Antonia

Julguei que estava brincando. Não vá sem dizer-me adeus.

Olympia

Não sei si terei tempo. Desejo ir amanhan.

D. Antonia

Amanhan? Que pressa é essa? Uma mudança repentina!...

Olympia

A casa em S. Domingos está preparada; não me causa o menor desarranjo.

D. Antonia

Demore-se alguns dias.

Olympia

Não posso.

D. Antonia

Ao menos quando passar lembre-se de se despedir de mim.

Olympia

Sim: entrarei um momento... (*vão saindo*)

Julieta (*de repente*)

Tu vais me deixar, Christina?

Christina

Que remedio?

Julieta

Oh! Tu não sentes!

Christina

E tu?

D. Antonia (*na porta*)

Vem, Julieta!

Julieta

Sim, mamãi! (*a Christina*) Adeus!

Christina

Adeus!

Julieta (*sai e volta*)

Não; não posso... Apezar de tudo! Não é tua culpa!... Deixa-me abraçar-te!... (*abraçam-se*)

Christina

Julieta! Si eu podesse dizer-te!

Julieta

Não queres! (*Hipolyto tem se chegado*).

Hipolyto

As amigas custam separar-se !

Christina

As amigas só ?... (*afasta-se*).

Hipolyto (*dá dois passos para ella, depois volta á Julieta*)

Aperta-lhe a mão por mim ! (*afasta-se*).

D. Antonia

Vamos, minha filha !

Julieta

Adeus! (*Christina corre a ella : tomando-lhe o rosto nas mãos, beija-a na fronte*) Por mim !... (*beija-a outra vez*). Por... elle !...

Christina

Ah !... (*beija-a na face*).

(Julieta sai correndo, Christina a acompanha; Olympia comprimenta na porta e desce. Vê-se na porta as pessoas que se despedem. Borges vem do interior de chapéu na cabeça e sai fazendo um gesto a Olympia).

Borges

Até já.

SCENA XIII

OLYMPIA E CHRISTINA

(Olympia senta-se no sofá. Christina entra do jardim, chega á janella, faz um gesto de adeus a Julieta, e chega-se á mãi).

Christina

Sente alguma cousa, mamãi ?

Olympia (*sobresaltada*)

Não é nada, não te inquietes. Isto passa.

Christina

Vá se deitar.

Olympia

Sim; já vou !

Christina

Bôa noite! (*beija-lhe a mão*).

Olympia

Escuta! Tu me queres bem, Christina ?

Christina

Que pergunta, mamãi!

Olympia

Tu te admiras (*com fogo*) E' preciso que tu ames muito a tua mãi, para que ella tenha a coragem de fazer-te o sacrificio...

Christina

Que sacrificio?

Olympia

Eu disse sacrificio... sim... sim... Vamos deixar de ir a divertimentos porque somos pobres. E tu has de sentir... Vais te separar de tua amiga, de Julieta...

Christina

Eu sinto, porém mamãi quer...

Olympia

Elle quer! (*com expressão*).

Christina

Elle quem?

Olympia (*confusa*)

Elle... elle... O dever, minha filha!... Boa noite! (*beija-a*).

Christina

Se tiver alguma coisa me mande chamar, sim?

Olympia

Vai descançada. Sinto-me melhor! Até amanhan.

(Christina sai. Olympia segue-a com os olhos e ergue as mãos como fazendo uma prece)

José de Alencar

(Conclue no proximo numero)

O PADRE JOSÉ MAURICIO[1]

III

O episodio que deixamos em começo narrado, e em que figuraram José Mauricio e Marcos Portugal, foi-nos contado com toda a minucia e vivacidade de colorido por uma illustre testemunha quasi de vista — meu pai, o barão de Taunay. E quantos incidentes curiosos e do maior interesse, verdadeiras e largas perspectivas abertas sobre a vida de então do Rio de Janeiro, não nos referiu elle sobre o rei D. João VI e a sua côrte ? !

Desde a chegada da familia real ao Rio de Janeiro, acompanhada de perto de quinze mil emigrados de Lisboa, era de regra que a nata delles fosse diariamente, das 4 ás 6 horas da tarde, a S. Christovão beijar as mãos do regente e mais principes e saber noticias da saude da rainha Mãe, a Senhora D. Maria I.

Via-se, então, a estrada que do interior da cidade vai ter á Quinta da Boa Vista — e a cidade ia só até ao largo do Rocio Pequeno, sendo a linha do Aterrado uma lingueta de terra rodeada em todo o seu percurso de larguissimos brejos maritimos—via-se aquella estrada cheia de gente, alguns em *seges*, *traquitanas* e *sociaveis*, não poucos a cavallo ou montados em bestas e muitos a pé, levando suspensos meias, sapatos e borzeguins até ao ribeirão do Maracanã, então copioso em aguas, onde lavavam os pés empoeirados e se calçavam.

No palacio, não havia uma só cadeira, para que ninguem se pudesse sentar, circulando, por entre os grupos, as pessoas reaes, que a

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de novembro e 15 de dezembro.

todos distribuiam sorrisos e amabilidades. E quem deixasse de comparecer a essas recepções familiares incorria logo em reparo e estranheza.

Naquella mescla de omnipotencia do monarcha autocratico e muita meiguice de genio, tudo temperado por extrema *bonhomia* e—sejamos imparciaes—notavel deficiencia, sinão falta radical de instrucção, davam-se episodios e scenas, dignos, por certo, de ser relembrados.

Uma vez, queixava-se um official de marinha de haver sido preterido, tocando-lhe por direito o accesso a 2º tenente, do que apresentava provas e documentos.

— Mas o senhor já foi 1º tenente ? perguntou o rei.

— Não, senhor.

— Então como quer passar logo a 2º tenente ? Sr. ministro, faça promover este homem a 1º tenente, elle tem direito !

Debalde impugnava com todo o respeito, já se sabe, o ministro, procurando esclarecer o caso, D. João VI bradava irado :

— Não quero, não admitto, basta de escandalos! Promovi já o homem ; obedeçam.

E assim se fez.

Em certa epoca, julgou o rei dever dar a algumas pessoas distinctas do Brazil, titulos de fidalguia, escolhendo nomes de localidades brazileiras e por tanto de feição indigena.

— Já viu a minha nobreza ? perguntou elle a alguem. Como a acha ?

Que havia de responder o interpellado, sinão que optima, excellente ?

Sorriu-se D. João VI e tomou longa pitada.

— Nobreza, tambem não, tafetá... tafetá!...

E muito satisfeito com a lembrança, repetiu logo o dito a varios.

Apezar da qualidade inferior da fazenda, eram taes graças em extremo ambicionadas.

Numa daquellas tardes a que alludimos, um fidalgo portuguez, de nome Noronha, atirou-se aos pés do rei.

— Que é isto ? Que novidade temos ?

— Não me levanto do chão, emquanto Vossa Magestade não conceder o titulo de conde para...

— Para quem ? Para ti ?

Levantou-se muito depressa o cortezão todo radiante e, em voz alta e triumphante, annunciou :

— Palavra de rei não volta atraz; estou feito conde de Paraty.

E o monarcha concordou e, com a eterna pitada, poz-se a rir.

— Pois vá lá... teve espirito, não ha duvida... teve espirito !

Quanta intercurrencia, porém, quando precisamos encetar o assumpto capital, falar em José Mauricio, um dos homens mais illustres que o Brazil tem até agora produzido, nome infelizmente ainda não cercado do prestigio a que tem direito, vagamente conhecido por alguns, apreciado na cabal medida do que vale por muito poucos e para a quasi totalidade dos brazileiros desprovido de qualquer significação.

Si, de vez em quando, lá de longe em longe, figura esse nome nos annuncios de festividades religiosas, parece nada mais ser do que uma reminiscencia de tempos idos, evocação da época de D. João VI, a que ninguem deve dar importancia. Rarissimos são, pois, nesta cidade do Rio de Janeiro aquelles que acódem ao chamado, com a convicção formada de que vão ouvir trechos de musica de incontestavel valor, obra emfim de um grande mestre, na extensão da palavra.

A sua reputação está, por emquanto, encerrada dentro do limitadissimo circulo de artistas que compõem a orchestra das nossas igrejas em dias de solemnidade e de pequeno numero de entendidos e *dilettanti*, todos avelhantados e mais ou menos chegados aos contemporaneos do nosso mal julgado compatriota.

E', pois, mais que tempo de reagir-se contra esse deploravel abandono e inqualificavel indifferença, que tão altamente depõem contra nós, deixando em espessa sombra um vulto, que nos honra e que na Europa já devêra ser acatado como gloria musical e gloria brazileira.

Constituem as numerosas composições do padre José Mauricio precioso thesouro, que tem sido até aos nossos dias tratado, digamol-o francamente, com a maior *indignidade*. Espalhado por mãos de particulares que não lhe sabem a valia ou desordenadamente amontoadas no archivo da antiga Capella Imperial debaixo de espessa camada de poeira (imagine-se o que será hoje com as obras da Cathedral!) *não ha nenhuma que esteja impressa*, de maneira que nos manuscriptos devem-se ter dado —e já se deram — perdas e

truncamentos irreparaveis, irremediaveis, fruto da ignorancia, da desidia e do feio esquecimento.

Convém quanto antes atalhar-se o mal.

Não temos tanta gente que fale de nós ás nações civilizadas, para que estejamos tratando de resto o pouco que nos pertence e, com o nosso habitual e vergonhoso indifferentismo ás coisas de arte, impedindo que um compositor da ordem de José Mauricio seja applaudido e venerado pelo mundo inteiro e collocado a par dos maiores compositores sacros, que a Allemanha, a Italia e a França apregoam com orgulho.

Será, de certo, uma reivindicação tardia, mas que, ainda assim nos ha de engrandecer — *quæ sera tamen.*

Datam, aliás, de longe os nossos esforços nesse empenho, em que só encontrámos tropeços e desillusões.

Luziu-nos, uma vez, fagueira esperança, quando ministro dos negocios interiores do então imperio, o Sr. conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira. Mostrando-lhe com instancia a urgencia de se encarregarem alguns professores habilitados e intelligentes do estudo serio e aprofundado da obra completa do eminente brazileiro, pediamos, quando menos, a reducção para piano das suas composições de mais fama—por exemplo, o solemne *Requiem* que Neukomm, um allemão, não duvidou collocar a par do do divino Mozart—devendo aquellas reducções ser impressas na Europa, em Leipzig ou em Vienna, por preços relativamente insignificantes.

Foi a idéa acolhida com real satisfação; mas, nem de proposito pouco tempo depois, saía aquelle ministro do poder.

Com excepção desse, nenhum outro quiz attender-nos, ou, por pouco que fosse, favonear os projectos que apresentámos ao senado e á camara dos deputados — provocando a nossa insistencia não pouco caso e até riso. Doloroso nos é denunciar facto tão deprimente para a mentalidade do parlamento brazileiro!

Não falavamos levados por exageração patriotica, por esse *brazileirismo* mal fundado e quasi ridiculo que tem sido uma das causas do nosso atrazo intellectual e artistico; não, sobre José Mauricio ha opiniões da maior competencia e imparcialidade, conforme adiante veremos.

Consultem-se as autoridades na materia, ouça-se o juizo dos profissionaes que conhecem e estudam José Mauricio, e verificar-se-á

que não são improcedentes, de um lado, o enthusiasmo que nos incute esse mestre, de outro o desgosto por vel-o tão menoscabado na patria, que delle devêra, ha longo tempo, ufanar-se e para a qual tanto trabalhou, sósinho, cercado de inimigos e desajudado de todos os meios que encaminham os homens á felicidade e ás grandezas, cheio, porém, daquella chamma, daquella confiança inspiração, que os levam á immortalidade.

IV

Examinemos agora mais de perto alguns dados biographicos relativos ao grande compositor e, compulsando varios artigos que delle se occupam, rectifiquemos erros de datas e de apreciações, deduzindo, á medida que se nos apresentar ensejo, ligeiras considerações que mais ou menos directamente se prendam ao assumpto. Não seguimos nenhum plano traçado de antemão. Escrevemos, um tanto a esmo, sem prévia coordenação o que nos forem ministrando a penna e a consulta de diversas fontes de informação.

Entre ellas, a mais copiosa, donde decorreram todas as outras, é, sem duvida alguma, a noticia dada por Manoel de Araujo Porto Alegre, no ensaio que denominou *Iconographia brasileira* e impressa no tomo XIX da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro* [1] da pag. 354 á pag. 369, e com o sub-titulo de *Apontamentos sobre a vida e obras do padre José Mauricio Nunes Garcia*.

Nesse volume não vem a lista das composições do mestre, porém sim no tomo XXII, da pag. 504 a 506, após o catalogo muitissimo mais desenvolvido das de Marcos Portugal. Esse mesmo ról é em extremo deficiente, porquanto só encerra, conforme declaração da ementa, as musicas escriptas até ao dia 6 de setembro de 1811, isto é, 19 annos antes do fallecimento do compositor.

Assim mesmo, o catalogo traz 196 peças, além de psalmos avulsos e mottetos, todas ellas no genero sacro.

Apezar do seu incontestavel valor, esta noticia de Porto Alegre tem os defeitos que se notam na maior parte dos trabalhos de

---

[1] 3º trimestre de 1856, n. 23.

procedencia moderna, que enchem os muitos volumes da *Revista do Instituto*, isto é, empolamento de frase, tom facticio dominante, um *brazileirismo* infantil, bastante falta de *sensorium* e demasiada facilidade nas asseverações historicas.

Com tal não queremos dizer que para nós e para os estudiosos não tenha essa collecção a maior importancia. Antes do mais, contém ella documentos, memorias e roteiros de antiga data e do mais alto interesse, justamente por terem sido escriptos com a maxima singeleza e sem as pretenções alambicadas e gongoricas, que o mau gosto nos impõe em certos periodos de decadencia literaria.

Tudo quanto, nos 58 volumes até agora publicados da *Revista*, provém de origem portugueza e das épocas coloniaes é bom, por vezes excellente e do mais elevado alcance. O que nos legaram os fundadores do Instituto ainda vale bastante, notadamente os trabalhos do General Cunha Mattos, e merece aturada leitura. Quando, porém, chegamos a tempos mais proximos de nós, é preciso deveras paciencia para respigar-se algum trigo no muito joio accumulado. Abundam biographias, elogios, estudos historicos e philosophicos, monographias, etc, com apparato não raro de ploravel e que nos trazem fundas saudades das despretenciosas exposições de Ricardo Serra, Dr. Lacerda, Alincourt e tantos outros, cujas pisadas tão bem soube seguir o venerando Leverger, (barão de Melgaço), com a superioridade, este, que lhe dava a maior cultura scientifica.

Não deixa de ter alguma gravidade similhante asserção; mas não faltam provas.

Por exemplo, nesse volume XIX que temos á mão, e que talvez não seja ainda o mais digno de reparo nesse ponto, é abrir-se ao acaso, e formigam os exemplos de insuportavel pompa e da ausencia quasi absoluta de critica. Assim Porto Alegre, se não poupa, e ahi com razão, elogios a José Mauricio a quem declara logo *incomparavel na arte de Gui d'Arezzo*, mais adiante tambem acha Valentim da Fonseca e Silva merecedor de iguaes gabos e, cita, entre as obras desse *homem extraordinario para o Brazil do seu tempo e para o nosso*, o grande, pesadão, quasi grotesco, chafariz do largo do Paço, hoje Praça 15 de novembro, que, ha muito, já devera ter sido derrubado pela progressão do gosto artistico desta capital e destruido com vantagem até para a memoria de quem o ideou e construiu.

Mais além, outro escriptor da *Revista*, referindo-se ao Rio de Janeiro, só a trata de bella Guanabara, denominando-a *rainha da America do Sul*, o que, no fim de pouco tempo, se torna positivamente inaturavel.

Algumas paginas adiante, uma *Memoria* sobre as primeiras capitanias do Brazil começa com toda a emphase e do seguinte modo:

« *Homero* (nota n. 1) *situando os Elysios para além das trevas cimmerias* (nota n. 2) *revelando-nos a existencia de um grande continente; Evhemero* (nota n. 3) *falando-nos da sua Pauchéa*, etc.—e neste gosto um horror de paginas.

VISCONDE DE TAUNAY

(*Continúa*).

RAUL POMPEIA

(SAUDADES E EVOCAÇÕES)

De uma vez que Pompeia, por um domingo de manhan, me appareceu na *republica* para juntos fazermos o habitual passeio pelas colinas que cercam a gloriosa Paulicéa das tradições academicas, informei-o que o bairro, a Consolação, havia despertado sobre a noticia sensacional de uma tragedia.

Um italiano, que nós ambos conheciamos, musico e mestre de uma pequena orchestra ambulante, havia pela madrugada dado cabo da existencia. A casa do suicida era fronteira á minha e, antes de fazermos nosso caminho, penetramos nella e, entre grupos de curiosos que entravam e saiam atravancando o corredor, chegámos ao quarto do morto. Em torno do leito vimos, taciturnos, os figurantes da pequena orchestra, companheiros em cujo semblante, numa expressão commovedora, se traduzia um mixto de consternação e de surpresa. Tinham sido abertas as janellas todas do quarto e a viva luz da manhan, musical e perfumada pela vizinhança de uma grande chacara onde passaros cantavam nas murteiras em flor, punha em toda a evidencia os minimos detalhes da scena. Sobre a borda de um leito pobre, de madeira, via-se o corpo inanimado do infeliz; o tronco sobre o colchão, as pernas caidas para o soalho. A policia ainda não havia tomado conhecimento do facto, de sorte que o corpo se achava na mesma postura em que o suicidio se effectuara. O misero se havia servido, para a realização do tresloucado intento, de uma espingarda a cujo gatilho atara uma corda que pela outra ponta estava amarrada a um dos pés. Por essa fórma, collocando

o cano da arma sobre a fronte, pela rapida distensão da perna, a operação se deu do modo mais horrivel. Toda a parte superior e posterior da cabeça foi desalojada. A visagem do pobre homem apresentava o aspecto de uma simples mascara, sinistra, contraida numa dolorosa expressão de ángustia e de pavor, olhos abertos, bocca ensanguentada.

Fugimos os dois á contemplação daquelle espectaculo afflictivo, e uma vez na rua, puzemo-nos a andar, para a frente, sem dizer uma palavra, cada qual ruminando comsigo a philosophia que a impressão viva do incidente ia suggestivamente desenvolvendo no espirito. Foi longo o silencio. Quando chegámos á altura do Bexiga paramos instinctivamente. Era esse um dos nossos pontos habituaes de descanso.

Realmente o panorama em de redor convidava á contemplação demorada. Em baixo, apenas vivo do crespo franzido da viração, o açude jazia entre as collinas verdes, reproduzindo a passagem silenciosa das nuvens, e a um lado, por onde a varzea se estendia serpeada pelo Anhangabahú, lavadeiras batiam roupa nas pedras da margem, algumas entoando cantigas monotonas. No horizonte, de uma parte, os fundos das casas da cidade desde a Consolação até a Liberdade, em sobrado, sobre a vegetação dos quintaes que se alongavam pelo morro abaixo, e, do outro lado, o suave perfil das collinas até a sombra espessa dos salgueiros do cemiterio, ascendendo para o espaço numa lugubre expansão.

Ahi paramos e Pompeia disse:—Não era um artista aquelle diabo de homem que se matou...

Sobre esse conceito inicial, cuja significação só em seguida comprehendi, a conversação se estabeleceu.

Não era o facto do suicidio que preoccupava meu companheiro. O suicidio, em ultima analyse é uma solução, e é tolo entretecer em torno delle considerações philosophicas ou moraes, porque, mesmo quando no suicidio se veja uma deserção covarde, para a pratica delle ainda assim é mister coragem, coragem de que nem todos são capazes.

E o certo é que mal se póde avaliar a luta que se deve travar no espirito do homem que em meio de uma grande crise psychologica chega ao suicidio como a solução que se lhe afigura necessaria e unica. Não, o suicidio é apenas uma solução. Boa ou

má, mas solução, e que, ao menos para quem a toma, derime todas as difficuldades, apaga todos os soffrimentos.

Em Pompeia não era o facto do suicidio que o preoccupava. Comprehende-se que um homem se mate, que abra mão do direito de continuar a viver até um dia em que tenha de deixar o mundo apezar seu; mas não se comprehende que o animal intelligente e consciente se deforme, quebre voluntariamente o complexo harmonico de linhas e fórmas que constituem a cabeça. Ser bello, sempre bello, mesmo depois de morto, emquanto a contemplação do morto se permitte aos vivos... Não era um artista aquelle italiano musico e tão apaixonadamente possuido da sua arte. Si o fôra, teria o cuidado esthetico, derradeiro cuidado, de não tornar repulsiva a morte pela ostensiva exhibição de uma chaga compungente...

E' preciso guardar a illusão até o fim, até para depois de nós. Além disso, é preciso ainda respeitar a cabeça, a séde superior dos conhecimentos humanos. O homem vive pelo cerebro. Quando o cerebro se enfraquece ou morre o homem diminue e torna-se ridiculo. Nunca ferir o cerebro. A morte deve vir pelo coração. O coração é o centro da vida animal.

* * *

A reminiscencia perdida em mim deste pequeno episodio, velho de onze annos, voltou-me nitida ao espirito e viveu em todos os detalhes ante a inesperada noticia do suicidio de Raul Pompeia.

Consoante as considerações que nessa manhan me enunciara, o meu pobre amigo fizera com um tiro de revolver parar de subito o coração, transbordante de sentimento e de vida.

E ao outro dia, quando o pude ver, pela ultima vez, inteiriçado no funebre caixão, todo cercado de flores, a energica expressão da physionomia diluida numa pallidez de marmore, ainda a lembrança desse episodio me veio á memoria.

O meu pobre amigo havia achado a solução para as angustias que lhe affligiam o espirito, e quem lhe conhecesse a tempera e podesse avaliar a intensidade da devastação que lhe conturbava a existencia, servida por uma exagerada susceptibilidade morbida,

bem devia comprehender que para elle a solução era completa, pois de uma vez o libertara do inferno do mundo. Para os outros, para os que ainda o contemplavam morto, não offereceu elle o espectaculo de uma contemplação afflictiva.

Por sobre as flôres que lhe cobriam o corpo mal se adivinhava o pequeno orificio por onde escoara tanta vida, como mal se adivinhava a inclemencia da tempestade que lhe agitara o espirito, horas antes, por sobre a calma placidez, pallida e fria, de um semblante quasi risonho.

E era o mais bello dos dias. Celebrava a Christandade o Natal, o dia risonho e poetico que tão mysteriosamente fala á imaginação das crianças; e a natureza ácertara, por seu turno, em dar para esse dia o ceu azul mais limpido, sem a macula mesmo de um simples nimbo alvissimo...

*
* *

Não foi um homem vulgar esse que de tal modo findou.

Desde muito criança, affeito ao estudo e á meditação, viveu comsigo só, graças a uma educação quasi monastica, em que a sociedade, a vida ruidosa e facil dos salões, não entrou. Amigos, teve-os na rua, nas palestras do botequim, nas rodas literarias, e ultimamente, na solidariedade politica. Em casa, muito poucos o viram. Raros penetraram o seu gabinete de trabalho e conheceram os segredos de sua existencia de artista. Na vida apparente, na convivencia passageira dos camaradas, apresentava elle o mais sensivel contraste com a realidade da sua vida. Cá fóra, Raul era alegre, enthusiasta, turbulento mesmo nas expansões de sua alegria e do seu enthusiasmo. Recolhendo-se ao seu isolamento, não levava comsigo sinão a tortura de um ideal não attingido. Trabalhava com um ardor de crente, com uma sinceridade de convertido. Só cogitava do seu trabalho, extenuava-se no esforço, ás vezes vão, de fixar a idéa com a precisão impeccavel que a impressionabilidade delicada e fina de seu temperamento exigia. Desse esforço continuo e fatigante vinha-lhe a exaltação perenne em que vivia e que lhe preparava o espirito para ver em todas as coisas, as mais naturaes, uma segunda intenção, perfida, insidiosa, ameaçadora.

Da vida social não conheceu sinão esse aspecto sombrio do esforço intellectual em prol da Arte e da Idéa. A cortina que abre para a scena alegre e folgazan não a descerrou elle. A unica diversão a que se permittia era a palestra na roda dos confrades de letras ou dos correligionarios politicos.

E essa diversão unica elle amava devéras. Era um conversador emerito, eloquente, vivissimo. Muitas vezes o vi completamente feliz nas sessões do *Club Rabelais*, invenção delle, longamente preparada no animo dos companheiros e que finalmente se consubstanciou em ágapes ruidosos onde se fazia espirito e se trocavam idéas, a proposito de fazermos honra a profuso jantar do *Globo* ou do *Internacional*, ahi na communhão intima de soldados de uma mesma cruzada, na confraternidade de conscriptos de um mesmo valle, Raul expandia-se todo e era inexcedivel na graça saltitante com que retrucava a todos os ditos, na promptidão admiravel com que contradizia todos os conceitos. Nisso consistia porém, toda a alegria de sua vida; e era muito pouco para contrabalançar as grandes sombras que tinha no espirito,a grande amargura que lhe travava o coração. Por dentro, era um concentrado, um triste, dessa tristeza congenita, original, que se não rende á agua lustral de nenhum baptismo, feição mesma do seu espirito, aspecto do seu temperamento. E no meio de tudo faltava-lhe o amigo; essa foi sua desgraça. Pompeia não tinha um intimo, na absoluta significação dessa palavra. A ninguem confiava o fundo do seu coração e de sua alma. Era moço e poeta e ninguem sabe de algum amor que lhe eflorasse o coração. E elle devia amar, porque si em sua existencia o cerebro procurava sempre indicar o caminho, o coração muitas vezes dirigia o cerebro.

A misanthropia instinctiva do seu temperamento, formada pela educação e cultivada pelo convivio assiduo dos philosophos e poetas doentios que encaram a vida sómente pelo prisma da sua inocuidade dolorosa e desconsoladora, essa misanthropia não lhe havia tornado o peito mais arido e inhospito que a propria lava resequida, onde mesmo nasce e floresce a rescendente giesta, a triste flor dos versos de Leopardi,

. . . lenta ginestra
Che di selve adorate
Queste campagne dispogliati adorni...

O poeta devia amar; entretanto, a ninguem confiava o fundo do seu coração e de sua alma. Não tinha pois, esse salutar derivativo da confidencia que, quando sincera, conforta o espirito mais desalentado e desanuvia o coração mais confrangido. Assim, toda a magua que os embates das paixões distillam no espirito do homem pensador neste fim de seculo anarchizado e prenhe de borrascas incalculaveis, accumulava-se nelle e, encontrando elementos propicios para uma devastação tremenda, agitava-lhe torturadamente a alma numa lenta absorpção que o foi envenenando, até a final explosão decisiva e irremediavel.

* * *

Foi um trabalhador e talvez o mais completo dos nossos trabalhadores da palavra. Si na sua obra a fórma é irreprehensivel, harmoniosa e castiça, não lhe faltam nem a idéa superior e o conceito original que fazem meditar, nem a vivacidade animada e flexivel do estylo que encanta e prende.

Era um escriptor de pulso forrado por um pensador de alma.

A obra com que dotou a literatura patria ficará, guardando por muitos annos a memoria do glorioso autor. Nella não se encontram nem a banalidade trivial dos trabalhos de fancaria, nem a simples preoccupação de escrever bonito, juntando pacientemente palavras cantantes e esdruxulas, bordando em torno de uma fantasia qualquer uma trama rendilhada de frases ocas de idéas, vasias de sentimento.

Em Raul Pompeia o philosopho e o escriptor se completam e se integram. Aquelle, vendo as coisas e os homens de um modo original, através de sua tristeza e de sua idiosincracia; este, vestindo as observações do philosopho de uma roupagem surprehendente de brilho e frescura, obtida por um trabalho cuidadoso e consciente, em que punha toda actividade, toda a arte, todo o talento. As frases lhe saiam promptas da penna, inteiras, perfeitas; mas elle as lia e relia, e ainda outra vez as lia, alto, cantando, e riscava, substituia, emendava, emendava sempre, sempre com animo de emendar ainda, sem nunca achar a fórma definitiva que satisfizesse as exigencias de seu gosto ou de seu capricho. Desse

modo elle nos deixa trabalhos admiraveis, paginas impereciveis, que serão lidas sempre, com admiração e prazer.

Morreu aos 32 annos, mas teve os tres ultimos annos da vida absorvidos pelo funccionalismo e pela politica, que o tinham absolutamente conquistado ás letras. Podemos pois dizer que o escriptor morreu aos 29, e ainda assim, por esse tempo, elle era sobretudo o escriptor politico, nas *Lembranças da Semana*, do *Jornal do Commercio*, nas correspondencias para jornaes de S. Paulo e Juiz de Fóra, já quasi afastado da literatura propriamente artistica. Entretanto, são admiraveis de vigor e de enthusiasmo esses artigos em que o pamphletista apaixonadamente prega e defende a theoria de um nativismo exclusivo e intolerante, prenunciando o advento da revolução que deveria fechar o cyclo da formação da nacionalidade brazileira.

« Tivemos um dia a revolução em nome da dignidade humana. Tivemos a revolução da dignidade politica. E' preciso que não tarde a terceira revolução : a revolução da dignidade economica ; depois da qual sómente poder-se-a dizer que existe a Nação Brazileira. »

Assim definia elle essa aspiração patriotica na brilhante *Carta ao autor das Festas Nacionaes*, por certo a obra culminante da ultima phase da sua actividade literaria.

A politica, porém, foi um desvio fatal na carreira do grande escriptor. Sincero e desinteressado, faltava-lhe tudo o que era preciso para o triumpho politico. Seu caracter, apaixonado e intransigente no dominio dos principios, não tinha por certo a ductilidade necessaria para conchavos partidarios, nem a calma indispensavel para as refregas parlamentares. Si elle entrasse effectivamente no scenario politico em pouco tempo ver-se-ia isolado, só, com sua intransigencia e com seu ideal. Entretanto, essa mesma politica o tinha dominado, e esse é um traço de seu caracter que convem assignalar:— elle nada queria para si, nada ambicionava della, não tinha aspirações nesse terreno. Era politico por patriotismo, puramente por isso, por convicções sinceras e profundas, certo de que representava a idéa salvadora da dignidade da patria.

No mais aceso da campanha abolicionista, em S. Paulo, foi um lutador ousado e extrenuo ; ahi havia o grande ideal supremo da libertação dos captivos a lhe falar á alma nobre e vibrante de moço e poeta.

Ultimamente, o Marechal Floriano encarnou para elle a personificação da resistencia a todos os elementos dissolventes e subversivos que perturbam e entorpecem a marcha do nosso engrandecimento moral e social, e elle tornou-se um partidario da politica do Marechal, extremado até o fanatismo, incondicional até a irreflexão.

Excessivo em todas as manifestações do sentimento, foi nessa derradeira phase de sua existencia que o erectismo do seu temperamento attingiu á maxima intensidade. Esse estado psychologico, porém, deveria necessariamente passar quando a calma fosse voltando em geral aos espiritos, e se dissipasse essa anarchia mental que nos ficou da grande convulsão social que agitou tão profundamente a nossa vida politica.

Então o escriptor renasceria, o artista voltaria a se preoccupar sómente da sua arte, e a Raul já não bastava a simples arte de amontoar palavras, elle aspirava fazer mais, arrancar do marmore, perceptivel aos sentidos, toda a opulencia da mulher estatua, a suprema expressão da formosura humana.

mappa mundi da suprema belleza...

Era notoria a aptidão do illustre moço para a pintura e esculptura. Alguns pequenos trabalhos deixou, cabeças de criança, troncos de mulher, fructos apenas de sua intuição, alheios completamente aos ensinamentos do mestre, que não teve.

Nos ultimos tempos elle falou-me varias vezes numa projectada viagem á Italia e « de lá voltarei esculptor, dizia elle. Ainda é tempo de aprender ». Isso era porém, uma esperança, uma promessa, que se não realizaria talvez. Nas letras, elle já era uma realidade. Ahi é que a perda foi sensivel, enorme, impreenchivel.

A obra de Pompeia é vasta.

Publicados tem apenas dois volumes: um romance de menino, escripto em 78 ou 79, quando ia a meio no curso do antigo collegio de Pedro II, a *Tragedia no Amazonas*, onde já se notam grandes qualidades de escriptor, na simplicidade das scenas e na belleza das paizagens, e o *Atheneo*, chronica de saudades, a historia da vida do collegio, das intrigas do internato, escripta com uma superioridade de observação e critica de velho mestre experimentado.

Além desses dois volumes publicados, do joven escriptor nos fica ainda materia esparsa pela imprensa diaria e periodica, bastante para uma meia duzia de volumes excellentes.

Quasi concluido devia ter deixado um novo romance, *Agonia*, a historia sentimental de uma adolescencia feminina, como o *Atheneo* é o descerrar do mundo para um futuro cidadão. Conheço da *Agonia* capitulos admiraveis; nesse livro Raul trabalhou com afinco muitos mezes a fio em 89 ou 90. Si pudesse tel-o concluido, seria outro romance que honraria ás letras nacionaes. *Alma Morta* é um trabalho em que deduz em opulentos capitulos o seu modo de ver o mundo e a sociedade, a sua philosophia triste e desanimadora. São paginas profundas e admiraveis, em que o pessimismo do autor se concretisa e accentúa; foram escriptas em 85, no Recife, ao tempo em que juntos moravamos no pittoresco arraial do Caxangá, esparso á margem do Capiberibe de tradições historicas.

E ainda além desses, tantos outros: *Violeta*, a *Mão de Luiz Gama*, a deliciosa collecção da *Pandora*, publicada na *Gazeta de Noticias*, e innumeros contos, e novellas e fantasias...

Dos seus trabalhos porém, a obra prima, aquella a que elle dedicou mais cuidadoso desvello e que por certo mais amava, é o bello livro das *Canções sem metro* em cujo lavor o artista trabalhava desde 83. Quando, a esse tempo, conheci Raul, em S. Paulo, elle terceiro annista e eu calouro, apenas iniciando os meus estudos na velha Academia, o então já conhecido escriptor começava a compor as *Canções sem metro*. Eram a principio pequeninas historias, uma impressão apenas, uma simples mancha, como se diz na linguagem dos *ateliers*, subordinada cada uma ao sentimento que na imaginação popular corresponde a cada côr do espectro:— Verde, esperança; amarello, desespero; azul, ciume. Depois, a idéa passou além das côres e outras *canções* se foram juntando ás primitivas, e quando o poeta as tinha promptas, as fez de novo, e sobre ellas levou toda a vida a trabalhar até a ultima noite, pacientemente, como o velho ourives de Heredia sobre a custodia de ouro.

E si essa gemma nos legou completamente acabada, tendo conseguido confiar-lhe com tão paciente esforço todo o sentimento poetico de sua alma, muito ainda era licito esperar do talento masculo, da infatigavel actividade do moço escriptor.

Elle era sobretudo um artista.

Todas as preoccupações de outra natureza passariam um dia, e elle ver-se-ia de novo entregue ao afan predilecto de extravazar no papel o que lhe transbordava do coração e da alma.

Falava sempre com tanto amor das obras começadas, dos futuros trabalhos! Tinha um longo roteiro traçado, cujo caminho anciava por perlustrar, recomeçando a jornada que iniciara com tão assignalado exito. E a fatalidade dos acontecimentos bruscamente toldou a perspectiva brilhante dessa peregrinação triumphal. Para o estudo da personalidade poderosa do meu saudoso amigo é mister o concurso do psychologo e do critico. Este virá quando a obra de Pompeia apparecer reunida em seu conjunto opulento; o estudo de sua alma têm procurado fazer todos os que escreveram sobre o triste successo do dia de Natal.

Mas como tudo quanto tenho lido está longe de dar uma pequena idéa da complexidade extraordinaria daquelle espirito vibratil e sensivel, daquelle caracter immaculado e austero, daquella alma generosa e pura...

RODRIGO OCTAVIO

RIMANCE DO TRISTE PAGEM

I

Nam se me esvai da memoria,
Nem facil fôra olvidar,
Tempo que tem uma historia,
Historia bem de lembrar.

Quando ha flores no canteiro,
E' perfumado o pomar;
E a costa é só nevoeiro
Quando é de espumas o mar.

Assi, alma que foi minha,
— Antes d'Ella m'a levar—
Em se Ella ausentando asinha,
Levou-m'a comsigo a par.

E eu, triste em nam te seguindo,
— Sem nunca mais te deixar—
Eis-me só... alto carpindo,
Qual pombo que busca o par.

Nam se me esvai da memoria,
Nem facil fôra olvidar,
Tempo que tem uma historia,
Historia bem de lembrar.

II

Na torre do teu castello
D'essas terras d'além-mar,
Teu vulto formoso e bello
Vi... que vivia—a matar!

E eu, mais audaz que os guerreiros
Que vinham de pelejar,
Fui mais alto que os primeiros
Per mais de cerca te olhar !

Fiquei nas azas suspenso
Do teu sorrir singular...
Tanto penei, que inda penso
Tam lentas penas penar !

Nam se me esvai da memoria,
Nem facil fôra olvidar,
Tempo que tem uma historia,
Historia bem de lembrar.

III

Dos Infanções mais galhardos,
(Em antes de me eu armar)
Simples Donzel, já seus dardos
Parava-os per t'os levar.

Depois, armei-me, e fui Pagem
Da Castellã de Ultra-mar:
Prestei-lhe culto e menagem,
Em prova de muito amar.

Nos torneios e nas justas,
E em côrtes de fascinar,
Fui o das Armas Adustas !
E Menestrel no trovar !

Nam se me esvai da memoria,
Nem facil fôra olvidar,
Tempo que tem uma historia,
Historia bem de lembrar.

IV

Flor, te eu achava tam bella
Que não quiz te embaciar,
Eras a unica estrella
Que eu via nos Céus brilhar.

Ai Dona Branca d'est'alma !
Ai Santa do meu Altar !
Tu eras a flor da palma
Que embalsamava o meu ar.

No teu camarim, aonde
Cantei—a te acalentar—
(E as barbas longas do Conde,
Brancas de neve, a espumar)...

Nam se me esvai da memoria,
Nem facil fôra olvidar,
Tempo que tem uma historia,
Historia bem de lembrar.

V

O teu Amor de Donzella
Ouzaram malbaratar...
Ai ! com prata, em fina tela,
Nem todos sabem bordar !...

Em leito d'oiro dormias,
Tam pura e branca, ao luar,
Que ai! Dona Branca! par'cias
Nunca jamais despertar!

Era um dormir de criança,
Somno de fundo sonhar ;
Custodiava-te a Esp'rança,
E o teu espirito a voar!

Nam se me esvai da memoria,
Nem facil fôra olvidar,
Tempo que tem uma historia.
Historia bem de lembrar.

VI

Ai antes sempre dormisses
Nesse dormir, a sonhar ;
Pois que assim do Conde Ulysses
Podias te libertar.

No teu camarim doirado
Podesse eu só pernoitar:
Em longa capa embuçado;
Gondola á espera, no mar...

Pé ante pé, com cautela,
P'ras Damas nam despertar,
Ai! Dona Branca! ai Donzella
Que eu sube considerar!...

Nam se me esvai da memoria,
Nem facil fôra olvidar,
Tempo que tem uma historia,
Historia bem de lembrar.

VII

Era um dia... de longada
Pisara o Conde o solar;
Téla já quasi bordada
Nam teve mais que bordar.

Os esponsaes se annunciam,
Todo o condado é folgar;
De longes terras se enviam
Prezéas d'alto preçar.

... E no crystal de teu seio
Duro punhal a sangrar...
E o triste Amor de permeio...
O mais... nam no sei narrar.

Nam se me esvai da memoria,
Nem facil fôra olvidar,
Tempo que tem uma historia,
Historia bem de lembrar!

MUCIO TEIXEIRA

A INDUSTRIA NACIONAL[1]

TERCEIRO ARTIGO

c) *Subordinação ao capital.*

Depois de haver assignalado as causas que contribuiram para que, por muito tempo, fosse a agricultura a industria que quasi exclusivamente monopolizava o emprego do capital entre nós; tendo descripto em traços rapidos as circumstancias que precederam a abolição do elemento servil e a adopção da fórma republicana federativa no Brazil; cumpre-nos agora ver que influencia exerceram estes factores sobre o regimen do capital, considerado como agente impulsivo ou moderador no jogo das actividades industriaes em nossa patria.

A primeira e inevitavel consequencia da abolição foi: não, como pretendem alguns, o aniquilamento absoluto, porém o deslocamento do capital representado pelo escravo, que deixou de pertencer a outrem para reivindicar a posse de si mesmo. D'ahi como corollario, seguiu-se o facto naturalissimo que o lavrador que, além das terras, dos edificios, das culturas, não tinha reservas de facil realização, instou immediatamente pela maior expansão do credito, ou por meio da hypotheca de bens immoveis ou pelo penhor do fruto pendente, para poder fazer face ao salario, elemento novo a computar no manejo da sua industria.

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de outubro e 15 de dezembro de 1895.

A segunda consequencia não podia igualmente deixar de manifestar-se; uma população, que por bastante tempo foi exclusivamente sedentaria, em virtude do regimen do trabalho forçado, passou de prompto a condições de muito maior mobilização, adquirindo bem depressa habitos de mais consideravel dispendio para satisfazer á necessidades de certa ordem, que só o eram em proporções muito menores, como se verificou á proposito da alimentação, do vestuario, dos meios de locomoção e até mesmo do regimen e organização da familia.

A necessidade do alargamento do credito, afim do lavrador attender ao salario, a expansão da actividade commercial, determinada por muito maior procura de generos; a emigração em escala mais ou menos consideravel de grandes massas de libertos para os centros populosos; a incerteza e o receio de que, em certos pontos, pudesse haver o abandono de culturas, desde que cessava um regimen coercitivo ; a superexcitação da actividade das vias ferreas, demonstrada pelo augmento do transporte de mercadorias e de passageiros ; a carestia dos preços dos generos importados do estrangeiro desde que houvesse differença do cambio; foram outras tantas manifestações que vieram dispertar a attenção dos poderes publicos e bem assim aguçar o espirito de emprehendimento dos particulares para outras industrias que não unicamente a agricola.

Consideraveis economias que até então jaziam directamente administradas pelos seus proprios possuidores, levadas pelo impulso de um brotamento de confiança no espirito de associação, passaram a ser encaminhadas para um systema de cooperação, promissor ao mesmo tempo de mais larga remuneração e menor trabalho para o capitalista, trazendo comsigo a vantagem de contribuir em maior escala para a prosperidade geral do paiz, por satisfazer á aspiração justa e patriotica da implantação de muitas industrias que seria razoavel acclimar e desenvolver,para não ficarmos eternamente adstrictos ás vicissitudes e contingencias do custeio quasi que exclusivo de uma unica, sendo aliás tão favorecido o Brazil pelas suas condições naturaes.

Foi sem duvida obedecendo a cogitações desta natureza que já em 1888, de par com a demonstração da insufficiencia do meio circulante brazileiro, que as opiniões mais competentes e respeitadas de então julgavam que poderia sem perigo elevar-se a

600.000:000$ (seis centos mil contos), promulgou-se a lei n. 3043 de 24 de novembro de 1888, autorizando emissões bancarias sob a base de apolices ou de ouro, de que se originou a creação do Banco Nacional, tendo para lastro esta ultima especie e sendo encarregado pelo contracto de 2 de outubro de 1889 do resgate do papel-moeda do Estado. Concomitantemente com esta medida o governo realizou um emprestimo de 100.000:000$ (cem mil contos) destinado a dal-o sem juros a bancos que deveriam completal-os com outro tanto, emprestando-os, a seu turno, á lavoura a juro baixo e a prazo longo.

Estas providencias economicas determinaram o começo de uma superactividade, que desde logo se tornou sensivel pela pompta organização de emprezas bancarias, pelo agio que principiou a manifestar-se no mercado de titulos, quando exactamente proclamou-se a Republica com o estabelecimento parallelo da federação, que, acarretando tendencias de franca autonomia das differentes praças commerciaes do paiz, trazia além disso comsigo um complexo de circumstancias que desviavam naturalmente do meio politico muitas actividades notaveis por sua intelligencia e preparo e as lançavam de preferencia no campo da industria e do commercio; tudo isto impulsionado pela idéa corrente de que uma transformação radical na politica devia tambem originar uma identica revolução nos nossos habitos economicos. Aliás sem exceder os limites dados como razoaveis já em 1888, obedecendo a principios affagados desde os tempos da monarchia por vultos da maior notoriedade como Mauá, Zacharias, Saraiva, Laffayete e Affonso Celso, funda-se o Banco da Republica, depois que a queda do cambio demonstrou ser impossivel o regimen da conversibilidade desde que o lastro metallico e a emissão conservavam entre si a proporção de 1 para 3; frustando-se assim, ainda uma vez, a tentativa de 1889, do mesmo modo que as de 1833 e 1853.

A corrente que brotara antes da Republica tomou incremento e, graças a causas diversas, que seria muito longo enumerar, mas de que uma das mais importantes foi seguramente a confiança exagerada e sem distincção naquelles que se puzeram á frente da maioria das emprezas, começou uma verdadeira febre de emprehendimentos industriaes de toda ordem. Não houve mais mãos a medir na organização de bancos e companhias. Ao mais leve aceno das potestades da praça brotavam similhantes producções com maior

facilidade do que surgiriam da terra as legiões de Pompeu. Dir-se-ia que se tratava de outras tantas gerações espontaneas, derrocando os principios economicos até então conhecidos e aceitos e creando uma nova heterogenia. Todos queriam enriquecer sem trabalho. Fundaram-se bancos que se propunham a realizar toda sorte de operações de credito, destinados a servir as mais diversas classes sociaes, devendo estender a sua acção sobre os mais longinquos estados do Brazil ou pretendendo mesmo ampliar o raio de suas transacções até os mais diversos paizes estrangeiros, com os quaes ainda ha pouco tempo quasi que unicamente negociavamos por intermedio de bancos tambem estrangeiros.

As denominações mais varias indicavam mais ou menos explicita ou implicitamente a feição dominante de cada um desses differentes estabelecimentos. Alguns se annunciavam como meramente commerciaes e mercantis; outros como francamente ruraes; estes tomavam para base de suas operações a hypotheca, ao passo que aquelles preferiam as cauções e os descontos; ao lado do credito moral figurava tambem o credito real; uns se propunham a mobilizar e outros a impulsionar, e assim por diante. S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Alagoas, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia, Mato-Grosso, em summa, quasi todos os estados, deviam ser aquinhoados por estabelecimentos, que por estas circumscripções manifestavam a sua predilecção; ao mesmo tempo que, pelas suas denominações, outros se recommendavam como voltando de preferencia suas vistas para a Inglaterra, a França, Hespanha, Portugal e os Estados Unidos. A' porfia teriam os seus bancos especiaes a que recorrer, todas as entidades sociaes ou genericamente consideradas ou mesmo determinadamente especificadas nos prospectos e titulos, como fossem: o commercio, a bolsa, os proletarios, as classes laboriosas, os funccionarios publicos e até os carroceiros!

Pode-se afiançar que excederam-se as raias das classificações naturaes e legitimas, que presidem ás organizações bancarias e que regulam a boa orientação do capital quando obedece ao principio da divisão do trabalho; e do esquecimento desses preceitos salutares resultou organizarem-se bancos destinados extemporanea e meticulosamente a cultivar especialidades de especialidades, como por exemplo os que se propunham a encarregar-se de incrementar a colonização, as estradas de ferro, o sport e até a superintender a

fiscalização da renda directa de emprezas destinadas a fins diversos!

Longe iria este trabalho si pretendessemos enumerar e estudar, um por um, todos os bancos que se organizaram durante o periodo de 1890—1891, bastando-nos dizer que paciente observador chegou á conclusão de que, só nas praças do Rio de Janeiro e de S. Paulo, existiam em 1891 cento e vinte e tres bancos (123); e tomando os respectivos balanços apenas de 68 destes estabelecimentos, conseguiu avaliar as suas forças do seguinte modo: capital, 1.261.939:999$000 do qual 674.631:393$000 eram dados como realizados, faltando realizar 587.328:606$000; computando-se os devedores de varias origens em 1.023.017:796$000 e os credores de differentes ordens em 789.755:145$000, representados por garantias no valor de 776.888:658$000; os fundos de reserva e os lucros suspensos em 107.600:443$000; os saldos em caixa em 109.528:027$000 e os dividendos do semestre em 34.322:257$000!

Calculava este mesmo pesquisador o capital annunciado dos differentes bancos nos diversos estados da União na cifra elevadissima de 4.000.000:000$000 (quatro milhões de contos)!

No que diz respeito á organização das companhias, foi então um verdadeiro diluvio: fundaram-se emprezas por assim dizer para tudo. O prurido da organização de companhias nos annos de 1890 e 1891 é uma coisa verdadeiramente assombrosa e em tudo similhante a identicas manifestações epidemicas de outros paizes, que por taes crises têm tambem passado. Rompiam a marcha as companhias de melhoramentos, com um capital annunciado de cerca de 500.000:000$000 destinados a emprehendimentos nesta capital, nos seus suburbios, nas capitaes e outras cidades de diversos estados, abrangendo as mais varias construcções civis como fossem predios para aluguel, aterros, docas, etc., com as competentes serrarias a vapor, olarias, caieiras, fabricas de cimentos, de grez, de ladrilhos, de pedra plastica, de dynamite; e tudo isto accrescido das respectivas artes decorativas da construcção. Seguiam-se as emprezas de transporte de todo genero, comprehendendo a viação ferrea á vapor ou por *tramways*, e bem assim a navegação maritima e fluvial; representando um capital de cerca de 400.000:000$000.

Fundaram-se sociedades agricolas em grande escala, propondo-se ao desenvolvimento desta importantissima industria, não só

para o beneficiamento da terra pelo aperfeiçoamento das culturas existentes e introducção de novas, como tambem para enfrentar os problemas correlatos da colonização, do parcellamento do sólo, dos registros Torrens, da viação ferrea economica, da estrumação, das construcções ruraes etc., não esquecendo o ramo pastoril em seus productos mais variados e de maior applicação; tudo isto abrangendo um raio de acção, que ia desde a pequena lavoura dos suburbios do Rio de Janeiro até ás culturas magnas e dominantes nos Estados, como o café em S. Paulo, Minas e Rio; a canna principalmente nos estados do norte e em alguns do sul; o cacau na Bahia, e a industria extractiva florestal de madeiras e de matte em Santa Catharina, Paraná e Mato-Grosso. Para todos estes emprehendimentos destinara-se o enorme capital de 350.000:000$000 (trezentos e cincoenta mil contos).

Vieram tambem as companhias que tinham por objectivo o supprimento de substancias alimenticias, taes eram as que visavam o fornecimento das carnes conservadas e transportadas em frigoriferos, as de massas, as de conservas, as de pesca, as de moagens de grãos, etc., seguidas immediatamente dos hoteis, dos restaurantes, das padarias, dos sanatorios e até dos theatros, prefazendo a quasi fabulosa somma de 100.000:000$000 para capital de subscripção.

A' importantissima industria do ferro destinou-se capital superior a cincoenta mil contos de réis (50.000:000$000), comprehendendo na sua parte metallurgica, constructora e mercantil, as forjas, os estaleiros, as fundições, a serralheria e o commercio propriamente de ferragens, abrangendo esta ultima divisão toda a variedade de productos do grande metal industrial por excellencia. O não menos notavel ramo da industria dos tecidos, que era talvez o que até então manifestava maior desenvolvimento relativo entre nós, tambem se ostentou nas novas organizações com uma cifra superior a trinta mil contos de reis (30.000:000$000); representados em fabricas de tecidos de algodão de toda a ordem, como fossem os lisos e riscados, os morins, as chitas, os tecidos de meia e bem assim as fabricas para manipular a lan, a seda, a ramie, o canhamo; tudo isto acompanhado dos competentes passamanes, bordados, rendas, tinturarias, lavanderias, fabricas de vestimentas communs e da moda, etc.

Com a industria dos tecidos tambem se annunciou a organização, em grande escala, das emprezas para a exploração dos productos do

couro, e, para um capital igualmente de trinta mil contos mais ou menos (30.000:000$000), tivemos as companhias de cortumes pelo processo commum da *tannagem* e pela electricidade, completados com as fabricas de couros envernizados, oleados, sellins, arreios de toda a ordem, fabricas de calçados para homens, senhoras e crianças, além das emprezas que cuidavam exclusivamente da parte mercantil deste ultimo genero de negocio.

Afóra as companhias de agricultura attinentes ao café, pelo seu immenso grau de importancia merecendo cuidados especiaes este nosso principal producto, teve tambem as suas sociedades destinadas a um credito bancario só para elle, aos engenhos centraes, ás moagens, aos ensaques, ás commissões, devendo todas estas actividades consumir um capital subscripto de vinte mil contos de reis (20.000:000$000).

Parallelamente ao café o assucar tambem mereceu que a elle se consagrasse identica cifra de vinte mil contos de reis (20.000:000$000), fundando-se companhias para o seu fabrico pelo processo ordinario de moendas e pela diffusão, para as refinações pelos systemas communs ou especiaes, seguidas das emprezas destinadas á fabricação de bebidas alcoolicas fermentadas e distilladas, como a aguardente, os vinhos, as cervejas, os vinagres, as aguas gazosas e mais alguns appendices proximos como as perfumarias e as tanoarias.

Compareceram nas novas incorporações a industria do papel e todas as outras que a ella se prendem mais ou menos directamente; assim é que se organizaram companhias para fabrico de papel de impressão, de escripta, de embrulhar balas, doces e confeitos, de forração de paredes, estas reunindo igualmente a parte mercantil da venda do papel e dos objectos de escriptorio; algumas cuidando da parte impressora pela typographia e por outros systemas e outras destinando-se a custear jornaes diarios, revistas, illustrações, photographias, publicações de musicas; figurando nos prospectos e registros officiaes ainda a somma de vinte mil contos (20.000:000$000), para este ramo altamente civilizador.

As industrias extractivas do reino mineral foram tambem aquinhoadas e surgiram então novas companhias para a mineração do ferro, do carvão de pedra, do ouro, dos ocres, do sal de cozinha, dos kaolins e dos barros diversos para os productos ceramicos,

annunciando-se para esse fim um capital de cerca de quinze mil contos (15.000:000$000).

As emprezas para o aproveitamento das substancias graxas naturaes tambem tiveram o seu lugar, fundando-se companhias para a exploração dos oleos mineraes, como o petroleo e o oleo de *schisto*; dos oleos vegetaes, como o das sementes, mamono, do algodão e do gergélim; e das gorduras animaes, como o sebo, a banha e a manteiga; ora se as destinando á alimentação, ora á producção de sabãos ou de lubrificantes, ora finalmente para a illuminação, problema este que tambem passou a ser objecto de companhias que se propunham ou a melhorar a qualidade e a reduzir o consumo do gaz corrente por meio da incandescencia, ou a empregar a electricidade para consecução do effeito luminoso, a todas ellas cabendo para capital a cifra de treze mil contos (13.000:000$000).

O capital destinado á organização das companhias cooperativas elevou-se a dez mil contos (10.000:000$000), para fornecimentos de substancias alimenticias, bebidas e outros artigos, principalmente a lenha e o carvão vegetal, esses dois combustiveis empregados tão amplamente nos nossos misteres domesticos.

Além do ferro, os trabalhos sobre outros metaes mereceram especial attenção e vieram então as emprezas destinadas a manipular o ouro, a prata, o chumbo, o cobre, diversas ligas e seus artefactos, como os trabalhos sobre bronzes, latões, folhas de Flandres, arames, etc.; cabendo a estes tentamens um capital social subscripto de cinco mil contos (5.000:000$000) proximamente.

Não podiam ficar esquecidas as chapelarias, e, de facto, appareceram as companhias referentes a esta actividade industrial, absorvendo um capital de quatro mil contos (4.000:000$000), distribuidos por fabricas que se dispunham a preparação dos artigos desta especialidade para homens, senhoras e crianças.

A manipulação dos productos chimicos e medicinaes tambem occupou a attenção dos incorporadores quando lançavam emprezas para custear pharmacias, drogarias e laboratorios especiaes para o estudo e aproveitamento das riquezas da nossa flora, sendo de tres mil contos (3.000:000$000) o capital annunciado para esse fim.

Industrias mais ou menos artisticas igualmente se organizaram, avultando entre ellas as marcenarias para fabricação de moveis communs e curvados e, com este destino e mais para as respectivas

serrarias, destinou-se um capital tambem de tres mil contos (3.000:000$000).

A producção da força mecanica por meio da electricidade e do ar comprimido offereceu ensejo á organização de emprezas que correspondiam a um fundo social de tres mil contos (3.000:000$000).

Tambem appareceram companhias para satisfação das necessidades do sport e ainda aqui a cifra manteve-se no algarismo anterior de tres mil contos (3.000:000$000).

Para a producção de cigarros e charutos organizaram-se as companhias manufactoras de fumos, com o capital social de dois mil contos (2.000:000$000).

Seguiram-se as emprezas fabricadoras de objectos de vidros e crystaes e neste caso a importancia do capital subscripto attingiu a somma de perto de dois mil contos (2.000:000$000).

Finalmente innumeras outras organizações pullularam, destinadas á parte fabril e mercantil de um sem numero de differentes artigos industriaes, não havendo exageração em computar em mais de cento e cincoenta mil contos (150.000:000$000) o capital a distribuir pelo restante destas companhias que englobadamente deixamos para o fim desta resenha.

Em resumo : segundo dados segurissimos colligidos pelo *Jornal do Commercio,* 294 emprezas (bancos e companhias) registraram no anno de 1890 os seus estatutos na Junta Commercial da Capital Federal, consignando um capital de um milhão trezentos e trinta e dois mil trezentos e seis contos e seiscentos mil réis (1.332.306:600$000), e em 1891 o numero das emprezas subiu a 306, elevando-se a cifra do capital a um milhão oito centos e trinta e sete mil sete centos e seis contos e nove centos mil réis (1.837.706:900$000), o que tudo prefaz para os dois annos 600 bancos e companhias, representando um capital de tres milhões cento e setenta mil treze contos e quinhentos mil réis (3.170.013:500$000).

Estas emprezas, lançadas no periodo da febre das organizações reunidas a outras já preexistentes, faziam com que o quadro quinzenal dos bancos e companhias da praça do Rio de Janeiro accusassem no anno de 1891, segundo um calculo da mesma fonte de informações, o fabuloso algarismo de tres milhões novecentos e um mil e duzentos e trinta e cinco contos e trezentos mil réis

(3.901.235:300$000) ou digamos em numero redondo, quasi quatro milhões de contos (4.000.000:000$000!)

Não visassem apenas um caracter puramente synthetico estas despretenciosas considerações relativamente a influencia do capital sobre a nossa industria, e muito curiosa e instructiva seria uma organização completa de quadros analyticos, discriminando empreza por empreza, seu capital subscripto e realizado, as respectivas quotas de incorporação, os emprestimos por debentures ou de outra natureza, os dividendos distribuidos, o agio e a desvalorização de suas acções, a sobrevivencia das que conseguiram manter-se e a liquidação ou consequente desorganização das que não lograram este *desideratum*, e muitos outros dados altamente interessantes.

O que se seguiu a esta verdadeira vertigem de organizações industriaes não é necessario que seja aqui recordado por miudo, pois está ainda inteiramente na mente de todos os que acompanharam a assombrosa crise porque passou a nossa praça, como consequencia dos exageros commettidos em materia de excesso de confiança e de abuso de credito!

Como corollario fatal, as reacções naturaes não se fizeram esperar por muito tempo. A' simples expedição do decreto de 14 de fevereiro de 1891 relativamente á sociedades anonymas, instituindo novos direitos sobre vendas de acções, dividendos e bonus distribuidos, manifestou-se immediatamente um phenomeno de panico seguido da queda rapida do valor dos titulos de toda a ordem.

O proeminente Sr. Ruy Barbosa, em 1891, justificando no Senado, com o seu raro talento e inexcedivel preparo, as medidas financeiras devidas a sua iniciativa na qualidade de titular da pasta da fazenda no tempo do Governo Provisorio, qualificou de um *ataque de estupor na praça* o citado decreto de fevereiro de 1891 e comparou o ministro que o referendou, com o intento de cohibir as especulações, ao medico que para curar um doido começasse por cortar-lhe a cabeça. D'ahi por diante as crises industrial e financeira continuaram sempre pararellas por motivos politicos e ecomicos, que seria muito longo aqui commemorar, e que ainda até hoje constituem objecto de constantes discussões no parlamento e na imprensa. Para obvia-los, postos de lado differentes alvitres propostos, foi expedido o decreto de 17 de dezembro, mais tarde

transfundido na lei n. 136 C de 23 de setembro de 1893, que regulou a fusão dos Bancos do Brazil e dos Estados Unidos do Brazil, pela unificação da emissão e uniformização dos lastros que foram todos reduzidos a apolices de 4 °/₀ ouro, cujos juros accumulados cobririam o excesso da emissão bancaria existente, computada esta em trezentos e quarenta mil setecentos e quatorze contos trezentos e setenta mil reis (340.714.370$000), sobre os lastros effectivamente depositados no Thesouro em ouro ou em apolices convertiveis segundo os preceitos da mesma lei.

Em virtude desta reforma foi instituida uma commissão especial de auxilios ás industrias, representada por titulos denominados bonus, participando de qualidades taes que constituem um meio termo entre o papel-moeda e a letra hypothecaria, tendo do primeiro o caracteristico do curso forçado nas repartições publicas e da segunda o requisito de vencer juros. Esta emissão, que póde attingir até á somma de cem mil contos, chegou ao algarismo de oitenta mil contos.

A revolução de 6 de setembro, com todas as suas consequencias sobre a vida politica, financeira e economica do paiz, determinou novas emissões de papel-moeda do Estado, o qual, segundo se vê do parecer da commissão de finanças do senado, está elevado á cifra de trezentos e trinta e sete mil trezentos e cincoenta e oito contos seiscentos e cincoenta e dois mil reis (337.358:652$000), e que, reunidos ás emissões bancarias, hoje a cargo do Banco da Republica e que, como já vimos, ascendem a 340.714:370$000, perfazem a somma de seiscentos e setenta e oito mil setenta e tres contos e vinte e dois mil reis (678.073:022$000).

Quasi 700.000:000$000 constituem pois o algarismo do papel-moeda do Estado e bancario, que existe actualmente em circulação no Brazil. Não ha duvida, porém, que, a quem tiver de estudar a acção preponderante do capital sobre a industria, não bastará considerar os algarismos ha pouco citados tendo em consideração exclusivamente as cifras brutas que representam o seu valor absoluto, porém tambem terá de attender á sua valorização relativa, segundo um certo typo ou padrão monetario, do mesmo modo que o chimico inquire do grau de concentração do reagente quando estuda a sua acção sobre uma substancia determinada.

Muito embora, pois, seja innegavel a correlação immediata entre o enfraquecimento do valor da moeda e a sua dynamica sobre

as industrias, não entra no plano destes artigos estudar a evolução do cambio entre nós, prescrutando as causas que tem determinado as baixas tão consideraveis observadas, principalmente de certo tempo para cá. Este estudo já tem sido feito por autoridades de differentes matizes e para as connexações que tal assumpto com o problema que estamos discutindo basta-nos apenas assignalar tres factos principaes: 1º) que raras vezes entre nós o cambio tem se mantido ao par ou proximo delle; 2º) que a partir de 1889, salvo pequenas intermittencias, a queda do cambio tem marchado em escala progressiva; 3º) que o momento actual representa exactamente a época da maior depressão cambial observada em nossa patria.

Eis aqui um bom numero de dados que nos permittem tirar certas conclusões geraes relativamente á acção impulsiva ou moderadora do capital sobre a industria no Brazil; porém como a simples enumeração de taes conclusões alongaria por demais este artigo é preferivel deixar para outro as considerações complementares que ainda nos restam fazer sobre esta parte do assumpto que ora tratamos.

GETULIO DAS NEVES

(*Continúa.*)

BIBLIOGRAPHIA

60.—**Estudos sobre o Amazonas. Limites do Estado**, por Torquato Tapajós, Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1895, in-16, 93 pags. e 4 mappas.

Nenhuma animosidade é preciso contra o Imperio, para affirmar e reconhecer que elle esqueceu ou descurou questões que teve aliás bastante tempo e vagar para resolver. As questões de limites são dessas; não só limites internacionaes com a França e a Inglaterra, nas Guyanas, com o Equador, com a Bolivia, com a Argentina, como limites inter-provinciaes, entre Pará e Amazonas, Pará e Mato-Grosso, Amazonas e Mato-Grosso, Minas e S. Paulo, Santa Catharina e Paraná e outros, que são ainda hoje motivo de litigios e fonte de desavenças e malquerenças entre os estados interessados, que a federação tornou naturalmente mais ciosos do seu proprio territorio, dos seus direitos e prerogativas. O anno passado surgiu a questão de limites entre os dois enormes estados do Amazonas e Mato-Grosso, a proposito do estabelecimento de um posto fiscal em ponto que o primeiro sempre considerara seu, como era o de S. Antonio, onde Mato-Grosso pretendia cobrar direitos e ter destacamentos policiaes. O Sr. T. T., a quem o estado do Amazonas já deve trabalhos de bastante valor, sobre a sua geographia, historia, climatologia e economia, escreveu sobre a questão um estudo simples, conciso, claro, no qual mediante documentos historicos e monumentos geographicos prova de modo, parece-nos, a não deixar duvida « que os limites do estado do Amazonas com o de Mato-Grosso, são fixados pela linha que depois de vir do Uruguatás a um ramo de origem do Giparaná, no parallelo 9° deste ponto, seguindo este parallelo, vai á cachoeira de S. Antonio, subindo d'ahi pelo meio do Madeira até o limite com a Bolivia.»

Este sendo, a questão com Mato-Grosso, o principal objecto do trabalho do Sr. T.T. lhe deu elle naturalmente maior desenvolvimento, acompanhando a sua demonstração com a reproducção de quatro mappas de 1802, 1798, 1789 e 1781. Entretanto os differentes limites do estado o occuparam tambem, delles tratou em exposição succinta e methodica, promettendo em novo estudo occupar-se dos de léste, com o Pará, igualmente duvidosos.—J. V.

A POLITICA

Com o encerramento dos trabalhos parlamentares amorteceu naturalmente a vida politica, pelo menos essa vida politica ruidosa, que ricocheteia do parlamento para a opinião, e desta para aquelle, pois que uma e outra nem sempre vivem em doce e santa harmonia. E como tambem se não póde dizer que de bom accôrdo vivem o poder legislativo e o executivo, dois actos recentes deste não deram lugar á celeuma, que provavelmente se levantaria si ainda estivesse funccionando o Congresso. Referimo-nos ao litigio com a Inglaterra por causa da ilha da Trindade e á demissão do general Innocencio Galvão de Queiroz do cargo de commandante do 6º districto militar.

E' verdade que em relação á ilha da Trindade, a opinião do Congresso quasi unanime era conhecidamente pela rejeição do arbitramento proposto pelo governo inglez, mas tendo apparecido noticias de promessas embora vagas de concessões futuras, não é improvavel que o Congresso ainda uma vez puzesse embaraços ás boas normas diplomaticas pedindo explicações publicas ao ministro em materia por sua natureza reservada. Estamos convencidos de que, quando o Congresso se reunir de novo em maio proximo, esta questão estará resolvida com inteira satisfação do nosso direito, e sem a menor quebra da dignidade nacional.

Não é só porque nos assiste a razão, mas porque é da conveniencia da Inglaterra não atropellar tão abertamente os bons principios, em um momento historico tão delicado, e quando não lhe faltam para criar-lhe embaraços conflictos muito mais graves. Apezar

de todos os protestos de paz, toda gente sente que uma guerra pavorosa ameaça conflagrar a Europa e o mundo, e bem atilado será aquelle que disser quem é que vai atear a primeira faisca, e como se constituirão as allianças de um lado e do outro. Ha um tal numero de interesses em jogo, interesses de presente e de futuro, que não é dado prever quaes os que mais pesarão na balança dos juizos dos homens que têm nas suas mãos os destinos das nações. Factos recentes demonstram a vacillação que vai pelos espiritos, e como de um momento para outro as probabilidades se modificam.

Quando o presidente Cleveland, em sua ultima mensagem ao Congresso norte-americano relembrou, applicando-a ao conflicto anglo-venezuelano, a doutrina de Monroe, a Europa quasi toda, que procura na expansão colonial o remedio para a catastrophe com que a ameaça a desigual distribuição de riquezas, protestou contra a politica do novo mundo, e isso principalmente por que até aqui não contava com a probabilidade de um novo elemento de força, partido deste lado do Atlantico, para concorrer com os que lá estão accumulados para jogar a grande partida, de que talvez saia alguma nação esmagada, e outras profundamente abaladas por muito tempo.

Percebeu-se, porém, que a Russia não entrava nesse coro. Tendo os seus sonhos de expansão voltados para a Asia, onde a sua unica rival séria é a Inglaterra, a Russia veria com prazer esta nação a braços com uma luta com a America do Norte, luta que não podia deixar de ser formidavel, e que lhe deixaria o braço livre para agir no sentido das regiões cubiçadas, das quaes se tem ido aproximando pouco a pouco, utilizando as suas tropas na construcção de collossaes estradas de ferro. Si no conflicto anglo-americano, a Russia assumisse esse papel, a sua intervenção acarretaria provavelmente a da França, e a entrada desta determinaria a da triplice alliança, a quem não póde convir o enfraquecimento da Inglaterra, que é para bem dizer a fiadora do equilibrio europeu, constantemente ameaçado pela preponderancia que póde tomar essa alliança da Allemanha com a Austria e a Italia, ou a da Russia com a França. Um conflicto desta ordem seria uma calamidade universal, e não é para admirar que se tenham feito tantos esforços para evital-o.

Pouco depois dá-se a questão do Transvaal, mesmo antes de se saber si já de todo se dissipara a nuvem que surgira entre a Inglaterra e os Estados Unidos, e o irrequieto imperador Guilherme, ou por

obedecer a designios da alta politica, de que elle pretende constituir-se o arbitro supremo, ou por simples impulso do seu espirito cavalheiresco, que o levou a ver na resistencia dos boers á arrogancia britannica uma façanha digna de applausos, fez ouvir a sua palavra, e eis que se fala na mais inesperada alliança, a da Allemanha com a Russia e a França para oppôr-se ao desembaraço com que a Inglaterra segue obstinadamente a rota ha tantos seculos traçada de ir estendendo a rede do seu dominio pelas cinco partes do mundo.

Essa politica ingleza deu este resultado: a Inglaterra não tem um alliado, e só terá aquelles que o interesse de momento puzer de seu lado, em virtude da causa occasional que fizer irromper o conflicto. Em compensação, tem um adversario certo, a Russia, e esse respeitavel porque é forte, e porque as suas ambições alvejam o coração da rainha dos mares, as riquissimas regiões das Indias.

Não é maguar a Inglaterra dizer que esta situação delicadissima influirá no animo do seu governo para decidir em favor do nosso direito a questão da ilha da Trindade. O povo inglez é bastante pratico para se não deixar levar por influxos de sentimentalismo, e para confessar que os interesses superiores da sua incontestavel grandeza valem mais do que susceptibilidades cavalheirescas.

O incidente das moções do Congresso brazileiro ao presidente Cleveland, com que a representação nacional avolumou as inconveniencias que praticara exigindo no principio do conflicto a publicação dos documentos officiaes, seria de ordem a perturbar as negociações, si o conflicto se debatesse com o imperador da Allemanha; mas para o espirito calmo dos Inglezes, elle só pesaria si não fosse preferivel leval-o a conta de reacção natural de quem recebeu um aggravo que não póde repellir com vantagem em todos os terrenos.

A nota do nosso governo, rejeitando a proposta de arbitramento, e demonstrando que não é caso para tal recurso, já foi entregue ao representante inglez. O seu governo, que aceita o arbitramento em sua questão de limites com a Venezuela, quanto á parte do territorio que ambos consideram contestada, mas que o não quer aceitar em relação a outra parte em que a sua occupação e exploração tem sido bastante prolongadas para constituir dominio, não póde deixar de reconhecer a legitimidade da recusa do governo brazileiro á sua proposta. E' que o arbitramento não é uma panacéa empirica applicavel ás cégas a todos os casos; tem as suas hypotheses definidas, si não

em lei escripta, pelo menos no consenso geral das nações civilizadas, e positivamente o caso da ilha da Trindade, occupada ficticiamente para servir interesses economicos de uma empreza particular, não cabe naquellas hypotheses, porque a violação do direito é clamorosa.

Accresce que, não por fraqueza, porque não cedeu, mas pela consciencia da perfeita razão que lhe assiste, o nosso governo tem encaminhado a questão de um modo correctissimo, e até o povo, cuja opinião aliás é intransigente em relação ao conflicto, tem procedido de modo bem diverso do povo inglez, que, na capital da grande nação insular, tem praticado reprovaveis violencias contra os subditos allemães, não porque o imperador da Allemanha tenha offendido direitos britannicos, mas só porque applaudiu a resistencia que os boers oppuzeram a alguns aventureiros inglezes que attentaram contra a sua soberania.

Já nos escasseia o espaço de que dispomos para tratar da outra questão da quinzena, a demissão do general Innocencio Galvão de Queiroz. Desde que elle foi nomeado para o commando do 6º districto militar, o partido contrario á pacificação surgiu em guerra contra elle. Quando se firmou a paz em agosto de 1894, esse partido não escondeu a sua má vontade contra o pacificador. Cada dia que se seguiu foi assignalado pelo caminhar lento mas pertinaz dos que queriam desalojal-o. O Sr. Presidente da Republica, honrando a sua palavra, manteve sempre a confiança que depositara no homem que prestara ao paiz tão revelante serviço, mas, o proprio general Galvão sentiu a fadiga da luta prolongada e retirou-se.

Noticias do sul, onde evidentemente a pacificação não extinguiu os odios gerados pela guerra civil, fariam recear o reapparecimento de hostilidades, si o governo tivesse de fazer substituir o general Galvão por um outro, ou adepto de um dos partidos em luta, ou capaz de se deixar dominar por qualquer delles. Felizmente o governo não commetteu esse erro, e a politica do Sr. Presidente da Republica, que comprehende que da paz depende o futuro do paiz e a estabilidade das instituições, vai ter quem a faça respeitar e cumprir, na pessoa do Sr. general Cantuaria, em boa hora nomeado para succeder ao pacificador.

Estas linhas estavam escriptas, quando appareceu o manifesto monarchista. O documento tem alta importancia, pelos nomes que

o firmam, e porque nelle se appella para todos os amigos do antigo regimen, para que se constituam em centros de propaganda, que versará principalmente sobre o confronto do que foi a vida nacional em todos os seus respeitos no tempo do imperio, e o que é hoje. Embora, de tal confronto, podesse, sair victorioso o regimen extincto, é difficil que os propagandistas, apezar de todo o seu merito, consigam convencer o paiz de que será possivel fazer a restauração, e principalmente de que será possivel mantel-a. O assumpto, porém, é muito importante para ser tratado em algumas linhas, e reservamol-o para o proximo numero.

FERREIRA DE ARAUJO

A QUINZENA

Janeiro **2.**— Morte de H. J. Frère Orban (1812—1895) estadista e chefe do partido liberal belga—Reabertura das côrtes portuguezas; a mensagem real congratula-se por ver novamente reatadas as relações entre Portugal e o Brazil.—**5.** Morte do principe Alexandre da Prussia. —**6.** Decretos: autorizando a reforma da Escola Polytechnica, e sobre a rubrica de livros commerciaes.—**7.** E' publicado e sujeito a apreciação publica, nos termos constitucionaes, o projecto de lei de responsabilidade do presidente do estado do Rio Grande do Sul.—**8.** Começam os trabalhos da immersão do cabo sub-fluvial entre Belém (Pará) e Manáos (Amazonas). — Entrega ao ministro inglez da nota em que o governo brazileiro declara que não aceita a proposta de arbitramento para a solução da questão da Trindade, suscitada pela occupação ingleza. Em additamento ás que já indicou, no inicio das reclamações brazileiras, o Sr. Ministro das Relações Exteriores apresenta ao Sr. Phipps provas inconcussas do nosso direito, e combate os argumentos em que se fundou a Inglaterra para formular a proposta de arbitramento, esperando que o governo de S. M. Britannica reconsidere o seu acto.—**9.** Fallecimento em Paris do poeta francez Paul Verlaine, nascido em Metz em 1844, o mais eminente da escola decadista.—**11.** Fallecimento em Lisboa do grande poeta lyrico portuguez João de Deus, nascido em Messines em 1830.— Abertura do Congresso pedagogico em S. Paulo.— **12.** Eleição senatorial em Minas Geraes.

Na quinzena: Invasão da republica sul africana do Transvaal pelo Dr. Jameson á frente de 700 homens da Companhia Sul Africana, e sua derrota. — Telegramma de congratulação do imperador da Allemanha ao presidente daquella republica. Excitação contra a Allemanha e os Allemães na Inglaterra. — Hostilidade geral da imprensa européa contra o

procedimento dos Inglezes, defendidos pela imprensa norte americana. — A 9 annuncia-se finda a crise do Transvaal que aliás ainda perdura, embora menos intensa. — Continuação da guerra dos Italianos contra os Abyssinios. — Continuação da revolução cubana; os Cubanos parece tentarem o ataque de Havana, capital da ilha, para o que concentram as suas forças. — Melhoram as relações entre a Inglaterra e os Estados-Unidos, estremecidas pela mensagem do presidente Cleveland pedindo ao Congresso a nomeação de uma commissão americana para examinar a questão de limites entre a Guyana ingleza e a Venezuela. — Augmenta a insurreição na ilha Formosa, obrigando o Japão a enviar novas tropas para debellal-a. — Tremores de terra na provincia de Azerbeidjan, na Persia, causando a morte de cerca de 2 mil pessoas.—Novos conflictos entre Armenios e Turcos na Turquia d'Asia. — Perseguições aos federalistas amnistiados no Rio Grande do Sul. São degolados alguns. — A lei do orçamento para o presente anno provoca ataques da imprensa, especialmente do *Jornal do Commercio* e representações ao governo dos corretores e dos bancos e negociantes estrangeiros.—E' mandado louvar em ordem do dia do exercito o general Galvão de Queiroz, pelos serviços prestados como commandante do 6º districto militar, encarregado de realizar a pacificação do Rio Grande do Sul, e depois reprehender pela entrevista concedida a um redactor do *Jornal do Brazil*, na qual referiu-se inconvenientemente aos seus superiores.

O CREDITO[1]

COMEDIA EM CINCO ACTOS EM PROSA

A scena é no Rio de Janeiro e de actualidade

ACTO QUINTO

Sala de visitas na casa de Pacheco em S. Clemente. E' meio-dia.

SCENA I

HIPOLYTO E JULIETA

(O pardinho abre a porta da entrada á direita; Hipolyto apparece)

Hipolyto

Toma; dá este dinheiro ao cocheiro e traz os livros que estão no tilbury (*o pardinho sai*).

Julieta (*entrando*)

Chegaste da cidade?

Hipolyto

Agora mesmo.

Julieta

Tiveste noticias de S. Domingos?

Hipolyto

Não; não encontrei o Borges.

---

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de dezembro e 1 e 15 de janeiro.

Julieta

Elle veiu cá hontem falar com meu pai. Eu escrevi á Christina.

Hipolyto

E ella te respondeu?

Julieta

Ainda não. Pedi-lhe que viesse passar um dia commigo: ha mais de doi s mezes que não nos vemos (*senta-se*).

Hipolyto

Depois de nos vermos todos os dias... (*o pardinho entra com um maço de livros*). Deita lá no quarto.

Julieta

Quanto livro!

Hipolyto

Não é nem metade dos que comprei.

Julieta

E pretendes lêl-os todos?

Hipolyto (*com gravidade*)

Quero estudar, Julieta (*senta-se*)

Julieta (*sorrindo*)

Agora, depois de formado.

Hipolyto

Sim; não sei nada de medicina, perdi o meu tempo mas hei de aproveital-o melhor. Rodrigo tem razão; o homem que não se distingue sinão pelo dinheiro é um animal bem ridiculo. Vou trabalhar para que um dia se esqueçam que o pai é rico e se lembrem que o filho é um medico.

Julieta

Fazes muito bem, Hipolyto!

Hipolyto

Então talvez consiga crear um nome para offerecer a Christina. Si ella aceitar, serei feliz; sinão fico celibatario, vou morar comtigo, e passarei a minha vida a estudar e a ensinar teus filhos que me chamarão titio e me pedirão de vez em quando dinheiro para comprar balas!

Julieta

Tens visto o Rodrigo?

Hipolyto

Ainda hontem.

Julieta

Elle não é teu amigo.

Hipolyto

Por que?

Julieta

Nunca vem te ver!

Hipolyto

E' verdade! Não sabes o motivo?

Julieta

Não: tu sabes?

Hipolyto

Desconfio...

Julieta

Qual é?

Hipolyto

Elle tem medo de ti.

Julieta

De mim! (*ergue-se*)

Hipolyto (*sorrindo*)

Tem medo de apaixonar-se por ti.

Julieta (*confusa*)

Que lembrança!

Hipolyto

O caso é que elle nos estima a todos, e especialmente a ti; interessa-se pela tua felicidade, e entretanto foge de nossa casa.

Julieta

Interessa-se pela minha felicidade!

Hipolyto

Sim; ainda hontem perguntou-me si já tinhas casado, si estavas satisfeita...

Julieta

E tu que lhe respondeste?...

Hipolyto

Que o teu casamento é peior do que um projecto de reforma; que antes de entrar em discussão é adiado. Nem sei mesmo quando se deve fazer. Já decidiram?

Julieta (*triste*)

Este sabbado...

Hipolyto

D'aqui a quatro dias?

Julieta

Sim; mas creio que ainda não será.

Hipolyto

Por que? O Oliveira terá alguma nova razão para demorar?

Julieta

Não sei! O coração me diz... Mas tu pensas então que Rodrigo não vem á nossa casa...?

Hipolyto

Porque te respeita: sabe que tu estás para casar, e não quer offender-te mostrando gostar de ti... Não te lembras que a ultima vez que aqui esteve foi quando o Oliveira fixou o dia?

Julieta

Porém é impossivel o que tu dizes! Já te esqueceste que Christina o ama, e elle...

Hipolyto

Não repitas isto, Julieta, eu te peço! Fazes que duvide de um amigo! E é triste! (*ergue-se*).

Julieta

Desculpa! Não és tu só que soffres!

Hipolyto

Bem sei! Mas cada vez que falas nisto, sem querer, me causas um desgosto... Não está em mim! (*vai sair*).

Julieta

Vem cá, ouve!

(Hipolyto sai; Julieta vai até a porta do fundo seguindo-o, volta e sai á esquerda).

SCENA II

PACHECO E RODRIGO

(A scena fica um momento deserta; ouve-se bater palmas. O pardinho abre a porta; Rodrigo apparece).

Rodrigo

O Sr. Pacheco. *(O pardinho vai á primeira porta a esquerda: Rodrigo deita o chapéu numa cadeira e senta-se).*

Pacheco (*apparecendo*)

Estimo muito a sua visita. Andava mesmo com desejo de falar-lhe; mas o senhor já não apparece...

Rodrigo

Encontramo-nos quasi sempre na Praça.

Pacheco

De passagem... E ha dias nem isto; porque não fui á cidade: ando adoentado.

Rodrigo

Assim me disseram no seu escriptorio onde o procurei esta manhan; não o encontrando resolvi-me chegar até aqui.

Pacheco

Vejamos; de que se trata?

Rodrigo

Hontem venceu-se o primeiro pagamento do Borges; e ha de estar lembrado que eu garanti a divida.

Pacheco

Mas eu não aceitei a sua palavra, meu amigo; não era necessaria.

Rodrigo

Comtudo não quero que soffra um prejuizo por minha causa. Si o Borges não cumpriu a sua promessa, eu cumprirei o meu dever.

Pacheco

Fique descançado por esse lado. Hontem mesmo o Borges levou ao escriptorio metade do seu ordenado; por signal que o Guimarães, o seu recommendado, que não sabia desse negocio particular, veiu ter commigo para lhe explicar como devia fazer entrada desse dinheiro em caixa.

Rodrigo

Estimo muito; por elle, pelo senhor e por mim. Estou tranquillo a respeito do passo que lhe fiz dar.

Pacheco

E do qual não me arrependo. O Borges achava-se realmente numa posição tristissima. Dividas de duzentos mil réis já estavam em um conto e mais por causa dos juros capitalizados.

Rodrigo

Agora, graças ao beneficio que lhe fez, poderá pagal-as dentro de pouco tempo. Quanto ao Guimarães; como vai elle?

Pacheco

Bem: tem habilidade e gosta do trabalho. As vezes ainda se lembra da vida antiga; mas passa-lhe logo.

Rodrigo

E' natural: não se perdem de repente habitos adquiridos durante alguns annos. Esse moço tinha uma vida inteiramente ociosa; vivia pelos hoteis e pelas lojas a palestrar e a endividar-se; já é uma grande victoria tel-o acostumado ao trabalho.

Pacheco

De certo: e creio que ha de vir a ser um homem de bem.

Rodrigo

E um homem util ao seu paiz. Mas o senhor tambem deseja falar-me ?...

Pacheco

E' verdade. Queria consultal-o sobre uma negociação. O senhor neste objecto de credito é entendido.

Rodrigo

Ah ! é uma negociação de credito ?

Pacheco

Admira-se ?

Rodrigo

Não: um homem como o senhor não podia deixar mais cedo ou mais tarde, de reconhecer as vantagens dessa instituição.

Pacheco

Com effeito reconheço, e a prova é que vou pol-a em pratica. Venha ; quero explicar-lhe o meu plano. Entre. *(Dirige-se a porta do gabinete).*

(Pacheco entra no gabinete; Rodrigo vai acompanhal-o, quando Julieta apparece no fundo; comprimentam-se : Rodrigo entra).

SCENA III

JULIETA E D. ANTONIA

(Julieta fica um momento perturbada por ter visto Rodrigo ; depois dirige-se ao piano e o abre. D. Antonia entra).

D. Antonia (*entrando*)

Um bilhete de Christina.

Julieta (*erguendo-se*)

Quem trouxe?

D. Antonia

O preto que veiu da cidade : deixaram no escriptorio.

Julieta (*acabando de ler*)

Ah! ella vem hoje passar o dia comnosco.

D. Antonia

Que milagre!

Julieta

E' meio dia; não póde tardar.

D. Antonia

Quem sabe se virão?

Julieta

Ella diz que vem na barca das dez horas e meia. Veja! (*dá a carta a D. Antonia*) Depois que foram para S. Domingos, não têm saido; estão sempre em casa...

D. Antonia

Quem diria! D. Olympia que antes não perdia bailes, nem theatros; que só queria divertir-se; morar agora fóra da côrte! Não posso comprehender!

Julieta

Esta vida tambem aborrece, minha mãi; mais vale viver tranquilla no seu canto.

D. Antonia

Eu não a censuro; ao contrario, acho que fez muito bem. Devia gastar muito para sustentar aquelle luxo (*ouve-se rumor de um carro*).

Julieta (*correndo á janella*)

Um carro!... Não! E' o omnibus (*olha um momento*). Serão ellas?

D. Antonia

Não é possivel! D. Olympia que zombava de quem andava de omnibus!

Julieta (*correndo á porta*)

São ellas mesmas! (*Julieta abre a porta: entram Christina e Olympia. As duas meninas abraçam-se; as duas senhoras apertam as mãos. Borges entra com uma pequena caixa*).

SCENA IV

AS MESMAS, CHRISTINA, OLYMPIA, BORGES

Julieta (*abraçando Christina*)

Cuidei que não me querias mais ver.

Olympia

Ainda não se esqueceram de mim?

Borges

D. Antonia, como está?

D. Antonia

Boa, obrigada. *(a Olympia)*. Bem vontade tive de ir vel-a ; mas Pacheco tem andado doente ; e depois é tão longe!...

Olympia

Não era preciso tomar este incommodo, D. Antonia. Não é isto que prova a amizade ; já lhe devemos tanto...

D. Antonia

A mim nada. Mas diga-me uma coisa : como é que se muda assim de repente? Ninguem dirá que a senhora é a D. Olympia de outr'ora !

Olympia

Que quer, D. Antonia ? E' sempre tempo de corrigir uma falta. Eu não sabia que era pobre !

D. Antonia

Ah ! desculpe ! Não julgava que era esse o motivo ; sinão... não er a capaz...

Olympia

Não lhe confessei quando fui para S Domingos?

D. Antonia

Julguei que era um pretexto...

Borges

Mas seu marido não lhe disse ainda...

D. Antonia

Não me disse nada.

Olympia

O Sr. Pacheco foi delicado.

D. Antonia

Mas em que?

Olympia

Eu lhe contarei tudo.

D. Antonia

Venham cá para dentro.

Julieta

Nós já vamos, minha mãi.

D. Antonia *(a Borges)*

Pacheco está ahi no gabinete *(aponta para a primeira porta a esquerda)*. Si quer vá ter com elle, Sr. Borges *(sai com Olympia)*.

Borges

Sim, minha senhora (*a Christina*) Christina, a caixa está aqui sobre esta cadeira.

Christina

Já vi, papai (*Borges entra no gabinete*).

SCENA V

JULIETA E CHRISTINA

Julieta

O que é que trazes ahi?

Christina

A minha costura e a de mamãi.

Julieta

Pois até num dia que vens passar commigo queres trabalhar? Tu que não coses nunca?

Christina

Quando estava aqui em S. Clemente; mas agora em S. Domingos é o nosso entretenimento. Que pensas? Não pagamos mais modistas, nós mesmas, eu e mamãi, é que cortamos e fazemos os nossos vestidos. E ainda nos resta tempo para...

Julieta

Para que? Para te divertires?

Christina

Para trabalhar!

Julieta

Que dizes, Christina?

Christina

Não tenho vergonha de te confessar. Meu pai tinha-se endividado por nossa causa; minha mãi me disse que era preciso que nós o ajudassemos a pagar aquillo que tinha gasto comnosco. Desde então não perdemos mais o nosso tempo. Mamãi sobretudo... Não reparaste como ella está simples? Seu vestido de cassa...

Julieta

Não: bem sabes que eu não reparo nestas coisas.

Christina

Porque és boa, Julieta; e não gostas de humilhar a pobreza de ninguem.

Julieta

Si dizes isto por minha mãi...

Christina

Não; tua mãi ignorava. Era apenas admiração. Mas as outras que nos conheceram quando iam á nossa casa... Ora! Não importa. Tu és a mesma, não é assim?

Julieta (*com expressão*)

Sempre a mesma!

Christina (*vai a Julieta que fica pensativa*)

Com que ar dizes isto! Ainda estás mal commigo?

Julieta

Por que? Nunca estive mal comtigo.

Christina

Nem quando te occultei o que o Rodrigo me disse?

Julieta

Tinhas razão para isso.

Christina

E muita; mas depois arrependi-me!

Juleta

Depois que me deixaste?

Christina

Sim; porque lembrei-me que tu ficavas soffrendo por minha causa.

Julieta

Soffrendo!... Não.

Christina

Soffrendo sim, Julieta; porque tu gostas delle. Eu percebi no primeiro dia...

Julieta

Christina! Eu te peço!...

Christina

Queres esconder-me ainda? Então não és minha amiga?

Julieta

Não sou tua amiga!... Eu que não desejo nem mesmo que tu penses que posso ser tua rival!...

Christina

Ah! Ainda estás com esta idéa?... Não me conheces, Julieta!... Meu coração não muda.

Julieta

Como queres que te acredite? Por que ia elle todos os dias á tua casa; por que passava as noites a conversar comtigo? Faz-se isto pelos indifferentes?

Christina

Faz-se por aquelles que nos comprehendem, e que nos falam dos objectos que estimamos. E' tão doce uma confidencia!...

Julieta

Ah! conversavas com elle a respeito...

Christina

Tu me promettes não contar a ninguem? Nem a tua mãi?

Julieta

Prometto!

Christina

Pois eu te juro, Julieta! Nessas conversas não falavamos sinão de ti...

Julieta

De mim?...

Christina (*levando o dedo á boca*)

Psio!... Quando elle falava era só de ti! Quando chegava a minha vez... Sabes de quem era. (*Rodrigo apparece na porta do gabinete e pára*)

Julieta (*sem vêl-o*)

Tu não me enganas, Christina?

Christina (*abraçando-a*)

Não, Julieta; não. O Rodrigo te ama.

Julieta (*vendo Rodrigo*)

Ah!

SCENA VI

AS MESMAS E RODRIGO

Christina (*admirada*)

Estava aqui?... (*erguendo-se*) Pois bem, responda: não é verdade?

Rodrigo

Não sei; mas fez mal em dizel-o.

Julieta (*timidamente*)

Por que?

Christina

E' orgulho: ha homens que querem ser superiores ás paixões.

Rodrigo

Para dominal-as e não offender as pessoas que respeitamos. Tinha eu direito de perturbar o socego de uma moça que fez uma escolha; e que espera a felicidade da união que seus pais desejam e que ella aceitou?

Julieta (*a Christina*)

Como elle se engana! Cuida que eu espero a felicidade desse casamento!

Rodrigo

Consente nelle livre e espontaneamente.

Christina

Que importa?... Nós somos fracas.

Rodrigo

A mulher só é fraca quando não tem um sentimento bastante forte que a proteja.

Julieta

Ou quando a duvida lhe faz perder a coragem. (*a Christina*) Tu não sabes por que não tenho forças para desfazer este casamento, Christina?... tu não sabes!... E' porque me disseram um dia que nós devemos guardar com o nosso primeiro amor, a virgindade de nossa alma! E eu, que suppuz ser amor esse primeiro desejo de menina de preoccupar o pensamento de um homem, quando o senti no coração, quando amei, conheci que tinha sacrificado a minha felicidade. Não podia dar a minha primeira affeição; a outra elle não aceitaria, embora essa fôsse a verdadeira, embora essa fôsse, eu te juro, Christina, o meu unico, o meu primeiro amor! (*esconde o rosto no seio de Christina*).

Rodrigo

Desculpe-me, D. Julieta. Eu não podia saber o que se passava em sua alma, e repito, não tinha o direito de interrogal-a. Si adivinhasse a luta silenciosa de uma duvida que eu proprio havia lançado em seu espirito, não deixaria que o acaso e uma indiscripção de Christina, revelasse o que eu occultava de mim mesmo; porém não acreditava, e temia roubar-lhe uma felicidade que talvez não pudesse dar-lhe.

Christina

E agora?

Rodrigo (*tomando a mão de Julieta*)

Acredito!

Christina

Esperem! Esperem! (*corre ao piano*).

Julieta

Que vais fazer?

Ghristina

Tocar o ducto de Julieta e Romeo.

Julieta

Travessa! Sempre brincando!

Rodrigo

E sempre boa! (*Christina toca.— Entra Olympia*).

SCENA VII

OS MESMOS E OLYMPIA

Olympia (*a Rodrigo*)

Não sabia que estava aqui!

Rodrigo (*apertando-lhe a mão*)

Quando veiu de S. Domingos?

Olympia

Cheguei ha pouco. Christina estava com saudades de Julieta, e tanto me pediu que me obrigou a sair do meu retiro.

Christina (*do piano*)

E elle deve agradecer-lhe, mamãi.

Olympia

Por que?

Christina

Pergunte a Julieta.

Julieta

Christina!... (*chega-se para o piano*).

Christina

O caso é, mamãi, que depois que cheguei já fiz duas pessoas felizes.

Julieta

Pois eu hei-de vingar-me do mesmo modo. (*Olympia tira a costura da caixa e senta-se no sofá*).

Christina (*séria*)

Lembra-te do que me prometteste.

Rodrigo

E lembre-se tambem que eu estou desobrigado de minha palavra.

Christina

E' verdade! Eu fui a culpada; mas seja meu amigo, e não use de represalia.

Rodrigo

Não: um sacrificio de dous mezes para um coração de dezesete annos, é bastante!

Julieta

Um sacrificio?...

Rodrigo

Ella me entende. (*Vai sentar-se junto de Olympia. Julieta e Christina conversam no piano; ás vezes folheando as musicas; outras roçando os dedos pelo teclado, ligeiramente de modo que não abafa o dialogo*).

Olympia (*com vivacidade*)

Não é Christina que o senhor ama?

Rodrigo

Não, D. Olympia.

Olympia

Mas não me disse?...

Rodrigo

Perdoe-me; fui talvez mais severo do que devia. A sua desconfiança inspirou-me essa idéa. Quiz fazer-lhe sentir pelo coração que uma esposa não deve esquecer os seus deveres, porque seu amante pode um dia vingar seu marido. Quiz mostrar-lhe que tormento é o da mãi que vê em sua filha uma rival feliz; e uma rival que ella não póde odiar. Confesso que fui severo de mais.

Olympia

Não faz idéa do que soffri! As vezes era preciso um esforço para não lançar-me aos pés de minha filha e pedir-lhe perdão de joelhos!...

Rodrigo

Com effeito, era tempo de acabar com esse martyrio.

Olympia

Para começar novo.

Rodrigo

Por que?

Olympia

Não ama a outra... a Julieta?

Rodrigo

E' verdade, amo-a desde o primeiro dia que a vi. Achei nella o que eu procurava neste mundo: uma alma pura onde eu pudesse repousar a intelligencia nos momentos de desanimo, um coração onde visse reflectirem-se sorrindo os meus pensamentos. Calei este amor por muito tempo: falou hoje pela primeira vez.

Olympia (*com uma tristeza profunda*)

E é feliz?

Rodrigo

Sou; confesso.

Olympia

E' o que eu desejo.

Rodrigo

Sou feliz, e quero que aquelles que estimo tambem o sejam.

Olympia

E é possivel?

Rodrigo

A felicidade não é prazer; é a tranquillidade da consciencia, e as affeições calmas e doces que sentimos em torno de nós. Ha de ser feliz, D. Olympia.

Olympia

Da felicidade dos outros!

Rodrigo

E que mais bella felicidade? Sentir o orgulho de ter feito a ventura de sua filha, de ter salvado a honra de seu marido, de merecer a estima de seus amigos. Diga-me: essa lembrança não a consola?

Olympia

A's vezes; mas não é o que me deu forças para transformar a minha vida da maneira por que o fiz. Não sabe em que occupo os meus dias?

Rodrigo

Não tenho visto quando a vou visitar em S. Domingos? Não vejo agora mesmo em que parece não querer esperdiçar nem um momento que conversa com um amigo?

Olympia (*largando a costura*)

Não repare; é o habito. Ha dias pensei que emquanto meu marido trabalhava para pagar as suas dividas eu não devia ficar ociosa. E' tão facil

achar costuras!... E não julgo que seja feio uma senhora trabalhar para ganhar a decencia de sua familia. Que diz?... (*Pacheco e Borges apparecem na porta do gabinete conversando baixo*).

Rodrigo

Fez muito bem; eu não me animava a pedir-lhe tanto porque conheço o prejuizo da nossa sociedade, mas já que teve a coragem de arrostal-o, continue. Seus amigos a approvarão; eu admiro-a (*entra D. Antonia*).

Olympia

Por uma coisa tão insignificante?

(*Conclúe*)

José de Alencar

UM ESTADISTA DO IMPERIO[1]

J. Th. NABUCO DE ARAUJO

A luta da Praia

Em maio de 1844 Nabuco volta ao Rio de Janeiro, mas para assistir nesse mesmo mez á dissolução da Camara. No intervallo das sessões tinha se dado o grande choque entre o Imperador e Honorio, e os liberaes haviam feito com Aureliano o mesmo pacto que este fizera em 1841 com os conservadores. Alves Branco caracterizara o programma do novo ministerio de um modo que não consentia duvida: «*Parcere subjectis et debellare superbos.*» A deputação conservadora de Pernambuco não podia deixar de acompanhar o seu partido. A indecisão de Almeida Torres (Macahé) durara pouco; a logica dos acontecimentos, a nomeação de Aureliano para a presidencia do Rio, imprimia ao pacto de 2 de fevereiro, qualquer que fosse a intenção dos seus collaboradores naquella data, o caracter de uma reacção contra a situação anterior. A principio se quiz talvez fugir a uma inversão completa, que necessitava mais uma dissolução, mas a luta estava travada entre o elemento palaciano, representado por Aureliano e a reacção conservadora, fortemente organizada desde 1837 por Vasconcellos e Honorio. Em taes condições só restava a Macahé completar o gabinete com liberaes; foi o que elle fez, tomando em maio, depois de reunidas as Camaras, a Hollanda Cavalcanti e Manoel A. Galvão.

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de agosto, 15 de setembro e 15 de novembro de 1895.

A situação tinha mudado completamente para os conservadores de Pernambuco. Pela primeira vez elles iam entrar em uma longa opposição. Sebastião do Rego convidado para ministro recusava para acompanhar seus amigos na adversidade. A intenção de Hollanda era fundar um partido em Pernambuco equidistante dos Praieiros e dos Guabirús, como ali eram chamados os dois lados. Similhante tentativa era absolutamente improficua; não havia lugar no meio das facções agitadas da provincia para esse *tertius gaude*, moderado. Com a dissolução a deputação voltou para Pernambuco a tratar das eleições convocadas. A presença de Hollanda no ministerio era até certo ponto uma garantia; elle estava interessado em que a sua familia não fosse de todo esmagada na provincia; a influencia de seu irmão Pedro Cavalcanti, que mais tarde devia ser considerado o chefe politico do norte, estava sobrepujando, ou já tinha sobrepujado no partido da Ordem o prestigio decadente de Bôa-Vista. Para dar alguma possivel garantia ao lado proscripto, Hollanda conseguiu que fosse nomeado para Pernambuco um presidente de caracter moderado e imparcial, Marcellino de Brito.

A posição deste era em extremo difficil; elle tinha que combater uma opposição arregimentada, poderosa, disposta a atravessar unida o periodo chamado do *ostracismo*, sem todavia confiar na deputação que ia eleger, sem sympathizar com o partido ao qual Hollanda Cavalcanti se via forçado a entregar a provincia, não podendo improvizar outro. Apezar dos meios empregados pelos agentes eleitoraes a opposição fez triumphar alguns nomes entre os quaes o de Nabuco, que não se poupou á viagem ao Rio. Sua eleição, como se esperava, não foi approvada pela Camara. Os dois deputados conservadores reconhecidos, Bôa-Vista e Camaragibe, não tomaram assento.

E' assim exclusivamente em Pernambuco que o partido da Ordem vai combater de 1844 até 1848, apoiado apenas, na côrte, pelos chefes do Senado. Estabelece-se então uma alliança estreita entre elle e o partido conservador do Rio, chamado Saquarema (por ter Rodrigues Torres uma fazenda em Saquarema), e, como contraste, identica alliança se dá entre os Praieiros e a gente de Aureliano.

Apezar de lhe ter dado a victoria eleitoral, que as depurações completaram, a presidencia de Marcellino de Brito não agradou á Praia; o caracter do homem era por demais judicial para satisfazer

a politicos que só queriam represalias. Hollanda teve por isso que o sacrificar á deputação pernambucana, assim como sacrificou logo depois o novo presidente, outro personagem ao seu molde, por isso mesmo improprio para o que a Praia queria delle, o conselheiro Thomaz Xavier. Nesse tempo o ministerio de 25 de fevereiro tinha-se tornado outro (em 26 de maio de 1845), apezar de terem ficado Macahé e Hollanda, incompativeis entre si, e Alves Branco.

O Visconde de Albuquerque é uma das figuras originaes de nossa historia politica; dessas que se gravam na lembrança do povo, que se revê nellas, porque a sua originalidade não é outra coisa sinão a espontaneidade dos instinctos e impulsos populares. Delle ficou apenas a tradição de sua rigorosa probidade, de sua franqueza rude, da sua naturalidade excentrica. Algumas das suas frases no Senado ficaram proverbiaes. Elle possuia, porém, em grau notavel o espirito que é o mais raro de todos em politica: o espirito de justiça; era um combatente activo e desinteressado do Direito, onde quer que o reconhecesse, e tinha as mais largas vistas conciliadoras, o que não se allia sempre com o caracter inflexivel, como era o delle. Com tudo isto uma boa fé excessiva, que constituia para o politico um defeito incuravel de ingenuidade. Não era um homem de poderosas faculdades, nem de illustração, mas de uma penetração aguda e grande lucidez de juizo, energico e inteiriço, leal e sincero, honrado e patriota, tudo isto em grau pouco commum, de uma simplicidade rustica e ao mesmo tempo fidalga, em uma palavra a combinação da antiga nobreza territorial de Pernambuco com o espirito republicano, á velha moda romana, de 1831: um Feijó-Cavalcanti, si se póde assim definil-o, nascido e criado nos engenhos do norte.

Apezar da sua resistencia, Hollanda teve afinal que ceder na questão do presidente e dar á Praia um homem como ella queria. Foi este Chichorro, que se vai tornar em Pernambuco durante muitos annos o idolo dos liberaes. Ainda assim ao deixar que o nomeassem, Hollanda acreditava que Chichorro se mostraria moderado e conciliador e conteria os seus alliados na provincia. Era isto o que elle escrevia a seu irmão, Pedro Cavalcanti.

E' a presidencia de Chichorro (1845—1848) que assignala o pleno dominio da Praia. Mesmo dado o devido desconto á indignação dos partidos, quando a violencia parte do adversario, a presidencia

de Chichorro foi em Pernambuco, como a de Aureliano no Rio de Janeiro, a inversão de tudo que existia officialmente. A' primeira vista fala contra elle o facto de que grande parte das tropelias que lhe imputam, elle as fez ou deixou praticar quando tratava de se fazer eleger, duas vezes senador e de outra vez deputado, pela provincia que administrava. Os costumes politicos da época sanccionavam ainda taes eleições; os abusos da administração Chichorro devem ter sido grandes para terem sido elles que acabaram quasi de repente com um systema de candidatura tão enraizado nos costumes.

Provavelmente os methodos empregados eram novos. Criticando-os, escrevia Nabuco:

« A Praia que censurou o Barão da Bôa Vista por ter dado 32 demissões durante sete annos, viu e applaudiu essas demissões em massa dadas pelo Sr. Manoel de Sòuza em numero de mais de 300 durante a sua administração de 36 dias; veiu o Sr. Chichorro, consummou a obra da devastação, e deu tambem cerca de 350 demissões. Nos paizes monarchicos representativos a opinião que sobe ao poder costuma remover as summidades administrativas e politicas, e substituil-as por pessoas habilitadas pela conformidade de principios para desempenhar e desenvolver o pensamento e o programma da nova administração; mas essas demissões em massa, desde o chefe até ao porteiro, desde o coronel até ao cabo, desde o juiz até ao meirinho, essa amovibilidade dos empregados com a qual é impossivel adquirir a experiencia do serviço publico e conservar as suas tradições, com a qual é impossivel que haja homens especiaes e empregados experimentados, essa amovibilidade repugna com a estabilidade, que caracteriza a monarchia. Essa amovibilidade só é propria dessas republicas aonde se disputa o poder de mão armada, aonde ella é uma consequencia das victorias alcançadas de seu turno pelos generaes que olham os empregos como sua presa, como despojos da batalha, como principio de conservação, mas é incompativel, já não dizemos com a monarchia, sinão com qualquer governo regular. »

Nabuco era ainda juiz do civel no Recife e ninguem tomou parte mais activa do que elle na guerra contra Chichorro. Nós veremos mais tarde a confiança que elle inspirava como juiz até aos seus mais intransigentes adversarios. Fóra do tribunal, porém, na

imprensa e nos conselhos do partido era o mais fecundo e o mais infatigavel dos politicos da provincia. Era elle então o principal redactor do *Lidador*, [1] que cruzava os fogos com a *Sentinella da Monarchia*, na côrte. O *Lidador* era a fonte onde a imprensa conservadora do Imperio, tomava as informações de que se servia para denunciar a oppressão dos seus correligionarios no norte.

Foi a voz desse jornal, no tempo em que a deputação pernambucana era unanime, que fez ouvir as queixas da opposição contra o proconsul que a Praia sustentava a todo transe no Recife. A remoção de Nabuco para uma comarca longinqua foi considerada uma providencia indispensavel. A essa necessidade veiu juntar-se uma provocação especial.

Chichorro e o seu companheiro de chapa Ernesto Ferreira França tinham sido eleitos senadores por Pernambuco. As peripecias dessa eleição formam um episodio saliente de nossa historia constitucional. Duas vezes escolhidos, caso unico em nossos annaes, foram elles duas vezes repellidos pelo Senado. A primeira nomeação de Chichorro e França foi attribuida pela opposição conservadora a uma intriga de Aureliano para fazer cair o gabinete de 5 de maio ao qual os Saquaremas favoreciam. Hollanda retirou-se só, mas o resto do gabinete não se pôde reconstruir. Desfez-se assim em pouco tempo a primeira « Conciliação », a de 1846, que Theophilo Ottoni chamou a fusão dos brazileiros que conheciam o governo pessoal, e na qual os inimigos conservadores da « facção aulica », Vasconcellos, Honorio, Torres, Euzebio, Paulino, ligaram-se com os Luzias mineiros de 1842 e com os adversarios dos Praieiros no norte.

A 22 de maio de 1847 Alves Branco, então identificado com a maioria liberal, voltava ao ministerio livre e desembaraçado para reatar e accentuar a politica de 2 de fevereiro de 1844. Era um ministerio de combate. Ao lado de Alves Branco reappareciam Vergueiro, sempre animado do mesmo espirito liberal de 31 e 42 (Paula Souza, que entrou depois, esteve no ministerio apenas o tempo indispensavel para sair), e Saturnino, o irmão de Aureliano, do Chichorro fluminense, inimigo declarado dos Saquaremas, em quem os Praieiros

---

[1] A Blibiotheca Nacional, pelo catalogo da exposição, tem a collecção do *Lidador* de 1845—1848, bem como a da *União* de 1848 a 1851. Faltam nesta os annos posteriores.

encontravam o mais forte antagonismo. Para a Praia era um triumpho incontestavel a organização do novo gabinete; o facto porém, de não ter Alves Branco [1] incluido no ministerio nenhum deputado praieiro, emquanto que Hollanda Cavalcanti havia pertencido aos tres outros gabinetes da situação liberal, devia tel-a advertido de que, si a sua alliança na Camara era valiosa, a sua presença no governo era ainda impraticavel. A questão dos Praieiros era, porém, o governo de Pernambuco, e nada mais. Para governarem a provincia, elles aceitavam todas as combinações na côrte, deixavam-se mesmo pôr de lado pelo seus alliados Luzias.

Não se fez esperar muito a resposta dos Saquaremas. A 1 de junho foi apresentado o parecer annullando as eleições senatoriaes de Pernambuco. A discussão foi renhida; Alves Branco protestou contra a censura que o Senado queria exercer sobre a escolha imperial; B. Pereira de Vasconcellos retorquiu-lhe com a circular do senador Alencar, em que este dizia que Ferreira França fôra aceito por ser *vontade terminante e bem pronunciada do Imperador*, e com os abusos eleitoraes, nunca vistos, empregados por Chichorro para se fazer eleger. Ainda assim o interesse principal da luta não estava na tribuna, estava nos corredores do Senado, no uso que abertamente se fazia do nome do Imperador para conseguir o reconhecimento de Chichorro e França. Que o Imperador devia desejar esse reconhecimento, não parece duvidoso, desde que elle os havia escolhido, forçando a demissão do ministerio, e que um dos escolhidos passava por ser indicação sua. Havia ainda uma razão melhor. A annullação das cartas de senador podia importar em menoscabo á coroa, em principio de olygarchia senatorial. Si o Imperador tivesse sido coagido á escolha de Praieiros, ou por vir a lista sextupla de uma só parcialidade, ou pelo uso das chamadas *cunhas*, o Senado annullando as eleições, iria até em soccorro da liberdade da coroa; a

---

[1] «Para organisar o novo gabinete é chamado o Sr. Alves Branco e o primeiro a quem procura é o Sr. Saturnino de Souza e Oliveira. Quando os seus amigos lhe exprobram essa alliança com um adversario reconhecido, responde que esse candidato lhe *viera do paço*. Aos Srs. Urbano e Coelho, recommendados pelos Praieiros, e ao Sr. Machado de Oliveira, lembrado pelos Vendas-Grandes, faz constar que não lhe fôra possivel conseguir que elles fossem aceitos.» *A dissolução do Gabinete de 5 de Janeiro ou a Facção Aulica.*

escolha, porém, tinha sido livre e proposital, tanto que Chichorro foi conservado para presidir á sua segunda eleição, e novamente escolhido depois de uma intervenção ainda mais ostentosa. A annullação das cartas senatoriaes tornava a escolha imperial dependente do *placet* do Senado, e isto não podia agradar ao Imperador. O prestigio do throno não valeu, entretanto, aos liberaes que o invocavam, mostrando assim, uma vez mais, que entre a democracia e a monarchia no Brazil houve por vezes desintelligencias e rupturas, mas nunca verdadeiro antagonismo.

Entre os senadores, porém, a pressão feita com o abuso do nome do Imperador produzia funda irritação. « Muito tem trabalhado o governo para que não passe o parecer, escrevia o senador Nabuco a seu filho, fazendo até que o Imperador se envolva nesse negocio, o que é bem triste ». Si o Imperador se envolveu pessoalmente,— de que o envolveram, não ha duvida alguma,— fel-o com um ou outro intimo, talvez pensando mais no abalo que ia causar em Pernambuco a votação do Senado do que em sua propria prerogativa. Pela annullação votaram entre outros Vasconcellos, Honorio, Olinda, José Clemente, Torres, Caxias, Monte Alegre, Hollanda, Paula Albuquerque, Araujo Vianna, Nabuco de Araujo, e contra, Aureliano, Alves Branco, Almeida Torres, Alencar, Vergueiro e Lopes Gama.

O effeito da annullação das cartas foi estrondoso, mas não modificou de forma alguma a situação, nem é provavel que tenha concorrido para as medidas que o governo adoptou em seguida contra os adversarios da Praia. Uma destas foi a remoção de Nabuco para o Assú. Esse acto foi attribuido ao voto dado pelo senador Nabuco : o Governo pretendia castigar a independencia do senador no filho magistrado; a verdade, porém, é que Nabuco foi removido por suas proprias culpas com a Praia, e, si fosse preciso alguma razão mais, pela necessidade de abrir mais um lugar de juiz no Recife para um Praieiro combatente. Era este Felix Peixoto.

A remoção de Nabuco provocou em favor delle um movimento de sympathia da parte de toda a sociedade pernambucana, sem distincção de partidos, por ser o magistrado ferido um modelo na administração da justiça. Tambem nenhum juiz nas mesmas circumstancias recebeu maiores testemunhos de apreço publico. A Associação Commercial e o commercio todo do Recife, tanto o nacional como o estrangeiro, os advogados, o proprio Tribunal da

Relação,[1] assignaram protestos respeitosos a bem da permanencia do magistrado, cuja reputação de jurisconsulto já então estava feita e cuja imparcialidade era reconhecida por todos.[2]

Os jornaes conservadores do Imperio protestavam unisonos contra a remoção, seguindo a *Sentinella da Monarchia.* O *Mercantil* da Bahia contrastava os procedimentos havidos com os juizes de direito Praieiros: « Quando o partido praieiro estava na opposição, quando os Srs. Nunes Machado, Urbano Sabino, e Mendes da Cunha na Camara hostilizavam o governo, nunca soffreram, nem ameaças de remoção, porque o governo respeitava nelles a illustração e probidade que os distinguia. E por que não ha de o Governo actual respeitar essas qualidades que em grau mais subido honram o Sr. Nabuco? » O *mais* deve ser levado á conta da linguagem de partido. « Depois do Sr. Barão da Boa Vista é o Sr. Nabuco o membro proeminente do partido da opposição mais conciliador, mais capaz de acalmar os animos e de embaraçar os excessos proprios do estado de desesperação a que tem o poder querido levar a opposição pernambucana. »

Sem meios de vida sinão o seu ordenado de juiz, Nabuco, todavia, não se deixou abater. Era-lhe impossivel sair do Recife naquelle momento, o mais ancioso da luta, exactamente quando se tratava da reeleição de Chichorro. A situação parecia ter peiorado para os conservadores em todo o Imperio. Si a maioria do Senado se mostrava ousada, o Governo, por seu lado, blasonava do apoio ostensivo da coroa. A annullação das cartas senatoriaes era apregoada pelos Praieiros no seu orgão como uma revolta contra

---

[1] *Sentinella da Monarchia* de 25 de agosto e *Diario de Pernambuco* de 21 de agosto de 1847—Os desembargadores da Relação attestavam unanimemente que Nabuco mostrou sempre «em todos os seus actos uma capacidade juridica eminentemente distincta, exemplar diligencia e exacção no cumprimento dos seus deveres, notavel probidade, inteireza, affabilidade e desinteresse, urbanidade e todas as mais qualidades que constituem um magistrado habil e perfeito.»

[2] O *Mercantil* (da Bahia) de 28 de julho de 1847. «Em direito civil, commercial e criminal poucos jurisconsultos no Brazil o podem exceder; em direito administrativo, poucos podem hombrear com elle. Sua eloquencia, energia e incorruptibilidade no espinhoso cargo de promotor publico da comarca do Recife desde abril de 1836 até o fim do anno de 1840 eram proverbiaes em Pernambuco, proverbial sua illustrada imparcialidade nos lugares de juiz de direito do crime de Pau d'Alho e do civel da cidade do Recife.»

ella.[1] Identificados com o grupo ao qual se deu o nome de *Facção aulica*, os Praieiros presumiam contar com a sympathia do Imperador. Com effeito, deixando de escolher quando podia o Barão da Boa Vista, o Imperador mostrara não ter ligações pessoaes com os chefes da Ordem em Pernambuco. Isto causara grande desgosto entre elles, dedicados como eram á monarchia e convencidos de tendencia republicana da Praia, de que ao primeiro desagrado na côrte e primeira occasião, ella chegaria aos extremos de 1831. Contando com o apoio do governo geral, e na crença de que a reeleição dos candidatos rejeitados pela *facção saquarema, acastellada no Senado*, (*Diario Novo*) era o desaggravo da coroa, o partido Praieiro, que tinha incontestavelmente a grande maioria da provincia,podia julgar-se de antemão victorioso. A Praia não visava, porém, somente ao governo; sí ella se contentasse com isso podia dispensar a administração Chichorro, cuja candidatura duas vezes a dividiu. Com os instinctos que as democracias mais custam a conter em si proprias, ella queria a unanimidade, e a unanimidade em politica é sempre uma estrategia fatal. Conjuntamente com a eleição de senadores ia dar-se nesse anno a de deputados, e o partido conservador de Pernambuco preparava-se para um verdadeiro exterminio.

Não podia haver engano a esse respeito. Mais significativa do que a remoção de Nabuco, era a nomeação para vice-presidentes dos quatros candidatos praieiros que se tinham apresentado com Chichorro e França.Mais significativa ainda, talvez, fôra a curta passagem pelo gabinete de Paula Souza com as suas idéas de moderação e a sua formula de *justiça a todos sem selecção de pessoas*, logo supplantada pela circular de Alves Branco, chamada dos *direitos proprios*, impondo a adhesão aos funccionarios publicos como clausula de sua conservação no emprego.[2] O Visconde de Olinda,

---

[1] « Folgaram muito os façanhosos guabirús com o imprudente e acintoso parecer da commissão de poderes do Senado, e como vissem com a annullação caprichosa das eleições, menosprezada a vontade da corôa...» (*Diario Novo* de 25 de agosto 1847).

[2] « Assegurando justiça a todos os partidos e respeitando a liberdade de todas as opiniões, importa ao mesmo tempo que os direitos proprios da administração publica sejam defendidos sem hesitação e com firmeza... Os empregos são instituidos no fim exclusivo do serviço do Estado e esse serviço exige, como condição indeclinavel naquelles que são chamados a prestal-os, uma sincera adhesão ao plano. »

chefe no Senado dos conservadores pernambucanos, sabia que se tratava de aniquilar os seus correligionarios, quando os animava á resistencia legal em linguagem quasi revolucionaria: « Os descendentes daquelles que souberam resistir ao Rei para melhor servirem ao Rei, saberão tambem resistir á oppressão dos ministros para melhor servirem ao Imperador.» Era essa a proclamação que elle lhes dirigia antes da batalha.

Apezar de todos os contratempos, o partido da Ordem, que nunca se mostrou fraco de animo, era incapaz de fugir no momento da acção, e Nabuco entrou no pleito eleitoral com a sua reconhecida actividade. Nesse anno de 1847 fez elle imprimir uma collecção de documentos e artigos que lançavam muita luz sobre a situação da provincia. No anno seguinte publicou outro opusculo, com o titulo *As eleições para Senadores na provincia de Pernambuco em 1847*. Desse opusculo foi que a Commissão do Senado se serviu para profligar a intervenção de Chichorro. Os dois folhetos descrevem quasi imparcialmente o estado social da provincia.

Um dos principaes ataques da Praia era contra o « feudalismo » dos senhores de engenho. Forte na capital, ella sentia difficuldade de avançar no interior, fechado pela grande propriedade, a cuja sombra viviam as pequenas povoações, semeadas em suas cercanias ; d'ahi a guerra que ella movia á grande propriedade, superior á justiça publica. Nesse ponto a invasão Praieira era uma imposição necessaria ; depois viria, ou não, a reconstrucção democratica ; o essencial era desde logo a conquista do interior pela lei. Tanto na *Justa Apreciação* como na tribuna da Camara, em 1843 e em 1853, Nabuco de algum modo o reconhece. Elle não contesta o beneficio dessa campanha, lastima sómente que os actos não correspondam ás palavras e que de uma obra social de vasto alcance se faça uma estreita perseguição partidaria. Em 1843 elle enumerava entre as causas do estado violento e excepcional de Pernambuco e outras provincias do Imperio essas influencias do interior, *que têm por timbre proteger a certo numero de individuos que as cercam e são instrumentos de seus caprichos e vinganças*. « Essas influencias, acrescentava elle, sempre existiram, mas aquiriram força com a fraqueza do poder, fraqueza que resulta das leis que a revolução nos legou.» [1] Em

[1] A revolução de Abril. Discurso de 11 de fevereiro de 1843.

1847, diante dos actos de intervenção energica com que Chichorro assombrou as influencias do interior, o escriptor do partido da Ordem, que os devia mais tarde positivamente elogiar no Parlamento, não ataca a intervenção, mas o modo e o espirito partidario.

« Falais do feudalismo dessa familia e dizeis que os *membros della acastellados em suas propriedades eram inaccessiveis á autoridade publica*, mas esse feudalismo, esse espirito altivo e arrogante que quer sotopôr a autoridade publica, ou dominar, ou desprezal-a, é só proprio e exclusivo a alguns Cavalcantis ? Não, mil vezes não. Esse espirito anti-social, absurdo e perigoso é um vicio radicado entre os proprietarios do interior de Pernambuco, e quiçá do Imperio, é um vicio que nasceu da antiga organização e que as nossas revoluções e civilização, ainda não puderam acabar. Não eram sómente alguns Cavalcantis que nutriam esse espirito, sinão muitos outros, e alguns exemplos vos citaremos de resistencias oppostas á autoridade publica por homens que pertencem á vossa opinião, si assim o quizerdes. Esse espirito anti-social, ou esse feudalismo, como chamais, vós o terieis atacado *radicalmente, rendendo d'est'arte um importante serviço ao paiz*, si dominados pelo patriotismo e por essas idéas generosas que apregoastes, vos tivesseis aproveitado da revolução que causastes na sociedade com o vosso triumpho e dominação, si vos tivesseis aproveitado da vossa popularidade para esse fim... Mas não. Excitastes essas idéas generosas para carear a popularidade e para triumphar, mas ao depois e na pratica tendes respeitado e consolidado esse feudalismo dos vossos, e só combatido o dos adversarios ; tendes dividido a provincia em conquistadores e conquistados ; vossos esforços têm sido para dar aos vossos aquillo que reprovais aos outros ; só tendes irritado, e lançado os elementos de uma reacção funesta ; tendes obrado com o encarniçamento e odiosidade de uma facção, e não com o patriotismo e vistas de um partido politico.» [1]

Approvando a busca dada em diversos engenhos, onde foram apprehendidos criminosos, Nabuco só protestava, no *Lidador*, contra o uso partidario que se queria fazer da acção da autoridade.

« Quem lê os escriptos da Praia, e notavelmente os do anno corrente, quem vê que todos elles se resumem em attribuir ao partido da Ordem o facto criminoso de alguns individuos, certo condemnará

---

[1] *Justa Apreciação*, pag. 10.

como recurso da fraqueza e da perversidade esse proposito firme de tornar um partido generoso, influente, composto da maior parte dos homens grados e ricos da provincia, responsavel pelo crime desses individuos que só pertencem a elle pelo nome que têm, como si o nome qualificasse o homem. Embora protestemos que os principios é que nos caracterizam, e não os individuos; embora protestemos que não nos pertencem os homens criminosos, quaesquer que elles sejam, qualquer que seja seu nome e familia ; embora protestemos que a infamia desses individuos não é transmissivel á sua familia, ou ao nosso partido, quando mesmo elles fossem nossos: não, esses protestos não valem.» [1]

E aqui uma destas adducções imprevistas que elle achava sempre para coagir o adversario á tolerancia :

« A força de quererdes tornar odiosos os nossos adversarios, levados sómente pelo desejo de infamal-os, vós concorreis para embaciar o merito das acções que praticais [2], e para diminuir ou neutralizar até certo ponto a força da sancção moral... Embora o espirito de partido vos guiasse o animo e vos désse actividade para emprehender a perseguição desses criminosos e a extirpação desses crimes abominaveis, não devieis revelar esse espirito de partido, mas ostentar o interesse da sociedade e da justiça ; o vosso procedimento seria então olhado como um serviço feito á sociedade, e não como uma vingança, como um desforço, como um meio de infamar os vossos adversarios ; a sancção moral obraria com toda a sua força, os criminosos não teriam a ousadia de considerar-se martyres da politica.»

Apezar, porém, da exploração politica feita com as buscas e apprehensões nos engenhos-valhacoitos, o primeiro passo para igualar a sociedade no interior, o effeito dessa intervenção recommendava-se ao espirito de juiz e de estadista que já se mostrava em Nabuco. D'ahi a approvação, que os adversarios sempre apresentavam como um attestado insuspeito, dada por elle a essas idéas que chamou *generosas*. Sómente a violencia e a parcialidade dos processos empregados irritava o espirito do jurista, para quem as relações sociaes estabelecidas e consagradas pelo tempo só eram modificaveis

---

[1] *Lidador* de 11 de fevereiro de 1846, cit. na *Justa Apreciação*.

[2] Comp. discurso de 6 de julho de 1853.

com a sancção do direito. A este respeito ha um trecho em um dos opusculos contra a Praia que merece ser citado porque descreve o regimen agricola que Chichorro destruiu á mão armada, sem o pensar nem talvez o querer :

«Foi tal o terror que se incutiu na população que os moradores dos engenhos,—que desde tempos immemoriaes têm considerado aos senhores de taes propriedades como seus sustentaculos e protectores ; que hão sempre tido para com estes um justo respeito reverencial, como para com aquelles que lhes dão terras para lavrar e caça para comer ; que não pagam por isso a menor retribuição pecuniaria, o menor serviço pessoal, a menor prestação em generos, nem fazem o menor beneficio ás terras pela plantação de arvores frutiferas ou de construcção,—que esses homens, dizemos nós, que se uniam aos senhores de engenho pela força do habito, pela influencia dos costumes antigos, pelos laços da gratidão, antes quizeram votar com a policia que os aterrava do que com os seus patronos naturaes que os sustentavam ; e como os senhores de engenho pelo legitimo uso de sua propriedade têm o direito de expellir de suas terras os moradores que lhes não agradam, a policia actual, vivendo sempre de illusões e traficancias, não duvidou propalar por seus agentes que tal direito não existia, e que ella interviria para o fazer cessar e formaria processos aos senhores de engenho que delle lançassem mão para conseguir seus fins e impôr sobre a opinião. A policia destruiu assim a justa relação que existia entre os proprietarios dos engenhos e os seus moradores, alterou os costumes, e só produziu males, porque taes homens não podem mais ficar nos engenhos, que atraiçoaram de certo modo.» [1]

Era assim, com effeito, no antigo systema territorial ; para o morador, deixar de acompanhar o senhor de engenho, dar a victoria ao inimigo delle era, pela natureza dos vinculos que os ligavam e do codigo moral que os garantia na falta de lei, uma verdadeira traição. Data dessa invasão tumultuaria da policia praieira nos engenhos em 1847 a modificação que se foi gradualmente operando do caracter feudal da grande propriedade assucareira.

Os Praieiros venceram as eleições desse anno, elegendo além dos senadores uma deputação unanime, da qual fazia parte

---

[1] *As eleições para senadores*, pag. IX.

Chichorro. A eleição custava, entretanto, a divisão da Praia. Como a imposição de Chichorro para a senatoria fizera o partido perder em Monsenhor Moniz Tavares a sua reliquia de 1817, assim a inclusão de Chichorro na lista de deputados custou-lhe uma perda politica ainda mais sensivel, a de Manoel de Souza Teixeira, depois barão de Capibaribe, o homem que elle puzera na primeira vice-presidencia da provincia, como o seu mais importante personagem.

A deputação pernambucana, animada da confiança que dá a unanimidade, teve que soffrer antes de abrir-se o parlamento um golpe tremendo. Alves Branco tinha-se desavindo com o poderoso Aureliano e o ministerio não podia resistir á perda desse apoio. Depois de uma futil tentativa para viver sem elle, Alves Branco reconheceu que o chefe da facção aulica era a columna da situação de 1844. Formou-se outra administração presidida pelo Visconde de Macahé, na qual se destacava Limpo de Abreu. O escandalo da eleição de presidentes por si mesmos tinha chegado ao ponto que o governo decidiu substituir todos os que se haviam nomeado. Chichorro era o mais celebre dentre elles : o gabinete não recuou diante da affronta feita á Praia, e o demittiu. A deputação praieira veiu para a Camara exasperada. Além da demissão, Chichorro tivera que passar a administração a um dissidente, a Manoel de Souza Teixeira, com o qual o chefe de policia praieiro, dr. Antonio Affonso Ferreira, abriu logo um conflicto sem precedente, intimando ás autoridades que aquelle demittia que se conservassem nos seus postos. O gabinete Macahé não podia resistir ao descontentamento geral do partido, á coalisão dos Praieiros com Aureliano, com os Paulistas, com os Cearenses e os Ottonis, e succumbiu numa votação de confiança logo no voto de graças. Seguiu-se-lhe o gabinete Paula Souza, o ultimo da situação liberal.

Uma vez mais se organizava um ministerio sem se pedir á Praia um ministro. Pesava um interdicto sobre ella. Em Pernambuco mesmo a situação tinha peiorado. O presidente nomeado por José Carlos para substituir a Chichorro, o conselheiro Pires da Motta, incorrera no resentimento dos Praieiros, por não haver reintegrado as autoridades policiaes a quem o chefe de policia ordenara que não se déssem por demittidas. Havia causado em todo o paiz grande sensação o relatorio acrimonioso do vice-presidente

expondo o estado em que Chichorro lhe passara a administração.[1] Logo nos seus primeiros dias, porém, o novo ministerio deu satisfação á Praia, demittindo o Presidente que não a satisfazia e o vice-presidente que a denunciára; ainda assim não conseguiu ella indicar o novo Presidente. Parece que se formara nas altas regiões o proposito de não deixar administrar mais a provincia de Pernambuco a inteiro contento da Praia. Quem quer que fosse o Presidente, tinha que preencher condições de moderação e de independencia. Isto queria dizer que sempre valera alguma coisa a opposição conservadora do Senado, que, apezar de afastada, a monarchia considerava a sua reserva.

O novo Presidente escolhido para Pernambuco, o desembargador Antonio da Costa Pinto, foi quasi tido pelos Praieiros como um adversario. A sua presidencia desgostou-os profundamente pela imparcialidade que elle affectou entre os partidos.

Apezar, porém, de mal satisfeita e de alguns encontros occasionaes com o governo, a Praia foi ministerial no gabinete Paula Souza. Ella presentia a situação no occaso; os chefes liberaes não se entendiam mais entre si e não podiam, divididos, fazer frente á cerrada phalange conservadora do Senado. Paula Souza revelava o seu invencivel desanimo pela celebre imagem em que elle, o liberal mais sincero e mais puro da nossa politica, se figurava como o indio que não podendo mais lutar contra a corrente largava o remo e cruzava os braços. O presidente do conselho não era feito para dominar a situação; a proclamação da republica em França havia agitado o nosso mundo politico em suas profundezas. Desgostoso e doente, Paula Souza entregara a direcção da Camara a Souza Franco, que não tinha ainda o prestigio de um verdadeiro chefe.

A politica complicava-se com um fermento socialista. Os Praieiros reclamavam a nacionalização do commercio a retalho. Era a bandeira do Recife hasteada agora na propria Camara. Ao mesmo tempo, Nunes Machado punha-se á frente do povo nas ruidosas eleições municipaes da côrte e a opposição prevalecia-se da agitação das ruas para fazer crer que iam recomeçar os dias de 1831.

---

[1] Vide relatorio em *Chronica da Rebellião Praieira em 1849* por J. Martiniano Figueira de Mello.

De tropeço em tropeço, sem nada conseguir, não podendo satisfazer os seus amigos, elevando á altura de uma questão constitucional o epigramma de um adversario,[1] o ministerio Paula Souza succumbiu no parlamento quando apresentava o projecto para a repressão do trafico. Em vez de cair sob essa grande bandeira em campo aberto, elle caía desastrosamente numa encruzilhada, insistindo pelo artigo que revogava expressamente a lei de 7 de novembro de 1831. Aos liberaes declarados contra o trafico era impossivel aceitar essa revogação; quanto aos conservadores, o caminho para derribar o governo e o projecto estava indicado. Desse modo o ministerio, que tinha levantado contra si o odio dos poderosos traficantes, morre ás mãos delles, quando propunha a legitimação da sua obra criminosa. Com o gabinete Paula Souza caía a situação liberal, queda attribuida por Theophilo Ottoni, não, como era notorio, ao esphacelamento do partido, á sua falta de cohesão, ás incompatibilidades pessoaes dos seus chefes, mas *ao arrefecimento das boas graças do palacio.* Os denunciantes, não mais da *facção aulica*, porque essa agora se dispersa e desapparece, mas do governo pessoal, passam a ser os liberaes, que negavam a sua existencia quando os Saquaremas explicavam as evoluções de 1844 a 1848 pelos manejos occultos dos reposteiros da Joanna, a residencia do mordomo Paulo Barbosa.

JOAQUIM NABUCO

---

[1] « *Aquillo de que não havia ainda exemplo nas monarchias modernas, a criadagem da casa do rei ultrajar impunemente os depositarios do governo da nação, estava reservado a esta triste época.*» Essa verberação de Timandro, ainda sob a impressão da época, applica-se a uma frase do deputado Jobim, medico do paço: « Apresentei-me no palacio de S. Christovão, abri um reposteiro, encontrei *um grupo*, cumprimentei-o e dirigi-me para diante.» O *grupo* era o ministerio.

[2] *Circular*, pag. 139.

O ESPIRITO AMERICANO

Póde-se, creio eu, com um pouco de tacto e muita serenidade, fazer mesmo hoje algumas observações sobre o espirito americano, sem tratar da doutrina de Monroe, que ha dias está agitando fortemente a opinião publica no mundo inteiro. Ella é uma questão politica, por isso mesmo naturalmente limitada e concreta, e antes pratica do que theorica; em circumstancias normaes, seria facil discutil-a com desinteresse e calma, longe de quaesquer paixões ou animosidades; agora, porém, trazida para o terreno estreito da actualidade e da luta, torna-se uma especie de peixe electrico onde não se póde tocar com a ponta de um dedo, sem receber um choque formidavel. Deixemol-a de parte; é sempre um prazer para o pensador eliminar do seu estudo as intolerancias e os exclusivismos do momento, e transplantar um problema importante para essa região de imparcialidade superior, em que as idéas valem pela sua significação propria, e não pela sua affinidade sympathica ou hostil com os interesses pessoaes ou collectivos. No nosso caso, entre a doutrina de Monroe e o espirito americano— dando a esta ultima expressão o seu sentido racional—ha a mesma differença que, por exemplo, entre o *Corpus Juris* e o espirito Romano, ou entre o *Principe* de Machiavel e o espirito de Renascença.

Aponta-se como um ideal glorioso—e com effeito o é— a solidariedade continental; transitoria, provavelmente? destinada a durar apenas quanto durem as ameaças de um inimigo commum, e a

transformar-se, talvez, em equilibrio de rivalidades, quando a America, já perfeitamente assegurada o seu territorio, só tiver de preoccupar-se com assumptos internos? Não posso prevel-o; mas, seja como fôr, ella tem, por agora ao menos, evidentes utilidades.

Certo, ninguem pretende, salvo nativistas de uma excitabilidade morbida e delirante, aggredir o elemento europeu, mas simplesmente buscar uma garantia efficaz contra aggressões possiveis por parte delle. Não se realizaria nunca o absurdo de sacrificar a uma exaltação passageira e accidental o respeito que os governos mutuamente se devem, e as tradições da hospitalidade com que as correntes immigratorias foram sempre acolhidas no Brazil como nos Estados Unidos, no Uruguay como na Republica Argentina, em todos os paizes a que o colono traz o auxilio do seu trabalho, recebendo em troca a prosperidade e a fortuna. Demais, ha entre o velho e o novo mundo complicados interesses, necessidades constantes, vinculos perennes, que nenhum acto politico lograria supprimir de repente.

Não me parece tambem que a solidariedade continental chegue a constituir-se com duas ou tres manifestações sem continuidade, e talvez sem coherencia, feitas mais para acudir a successos isolados, que para estabelecer principios invariaveis; como todas as tendencias sociaes definitivas, ella precisa, para passar de mera formula a realidade viva, lentos processos de crescimento e maturação, e não lhe basta, como ás flores debeis e rachiticas, a atmosphera de estufa das chancellarias, mas sómente, como ás soberbas arvores de longas raizes e copas frondosas, o ar vasto e o sol fecundo da livre opinião popular.

Não se dirá, entretanto, que exista de facto um ambiente americano, como existe um ambiente europeu. Tem elle, sem duvida, vida subjectiva em algumas almas cultas, de largo e elevado alcance, no estado de desejo vehemente, ou, porventura, de illusão que forceja por acreditar em si mesma; para a média dos entendimentos, é apenas uma frase vasia, um lugar commum repetido machinalmente, como éco de artigos dos jornaes ou de discursos proferidos em *meetings*; e nada absolutamente exprime para o povo, em cujo seio robusto e pujante as grandes aspirações creadas pelo genio encontram o supporte e o impulso que as levam á victoria através dos mais rudes obstaculos.

Não quero, já o disse, entrar em pormenores politicos, notando unicamente de passagem que nem se obteve ainda consagrar a arbitragem como meio de diminuir divergencias entre as nações da America, pairando até hoje em muitos pontos della, surdas ameaças de guerra. Não quero tambem encarar a these sob o aspecto industrial e mercantil, sendo certo que, por circumstancias seguramente alheias á nossa vontade e só modificaveis pelo tempo e pelo progresso, são muito mais frequentes e productivas as relações de cada mercado americano com os mercados europeus, que as de todos os mercados americanos entre si.

Bastar-me-á considerar a actividade intellectual artistica e scientifica — precisamente a que se espalha com mais rapidez, a que conquista terreno com mais segurança, graças ás suas condições de neutralidade, que a fazem transpor todas as fronteiras, e a tornam igualmente sympathica em todos os climas. Seria impossivel, no momento actual, a um grande homem americano — literato, philosopho, jurisconsulto ou estadista doutrinario — exercer sobre o continente inteiro a soberana influencia de um Victor Hugo, de um Gladstone, de um Spencer, ou de um Tolstoï. As mais eminentes personalidades, entre nós, têm a sua esphera de acção circumscripta aos limites da patria; e quantas nella mesmo se acham mal, incomprehendidas, incompativeis com um meio adverso, obrigadas, para viver, a esforços não menores que os de um organismo, que tivesse de tirar de si proprio a sua alimentação! Como Göthe exclamava: — Luz! mais luz! — muitas almas americanas devem exclamar: Espaço! mais espaço! — O condor tem, aberta aos seus largos vôos, toda a amplidão do céu; porque estarão condemnadas as nossas idéas a reproduzir, como os corvos, pouco acima do solo, os mesmos circulos estreitos e fatidicamente immutaveis? — Dir-se-ia que cada um destes paizes está encerrado dentro de uma muralha da China — enorme, espessa, elevadissima; por mais alto que o genio levante a sua lampada radiosa, o esplendor que ella despede não consegue atravessar essas paredes sombrias... Certo, alguns nomes, illustres, e até legendarios, chegam além dos confins da terra natal, e adquirem em dominio estrangeiro repercussão mais ou menos duradoura; mas, si isso satisfaz a vaidade individual, mais facil de seduzir pela sonoridade das palavras que pelo alcance dos factos, não póde contentar a ambição de um espirito superior, para quem

a legitima gloria do homem se funda mais no resultado da sua obra, do que na extensão da sua fama.

Nós não conhecemos uns aos outros, o que é mal; e não procuramos conhecer-nos, o que é peior ainda. A não ser que acontecimentos sensacionaes, como a revolução do Chile ou a campanha de Cuba, nos attraiam, em parte por preoccupação social, em parte, talvez maior, por curiosidade dramatica, nós olhamos para os povos vizinhos e irmãos com uma superficialidade de vistas, que muito se assemelha á indifferença. Ainda não ha muito, o Sr. Joaquim Nabuco, sem contestação um dos pensadores que entre nós mais seriamente se dedicam ao estudo das questões americanas, declarava, em um livro admiravelmente escripto, não se crer preparado para firmar juizo decisivo sobre os factos e as individualidades da patria de Balmaceda. Por que? pela ausencia de dados precisos e completos, pela quasi impossibilidade de obtel-os.

Ora, a grande vantagem para todos nós, estaria justamente em seguir, com perseverante observação, em cada paiz, não as crises isoladas da sua existencia, mas a marcha normal das suas instituições, o movimento dos seus partidos, a solução dos seus problemas e das suas necessidades internas. Só isso nos habilitaria para estabelecer, na collectividade americana, elementos communs a cada nação, que vibrassem em uma, quando outra fosse abalada. Eis o que nos falta; e por isso a nossa fraternidade é ainda platonica e esteril, predominando ahi a figura de rhetorica, formosa mas van, sobre a essencia mesma das coisas.

De onde recebemos nós santo e senha, por exemplo, quanto á direcção mental? Da Europa. Esta nos manda, com figurinos de modas e objectos de toucador, os systemas philosophicos, as escolas literarias, os processos artisticos que vêm depois nutrir os nossos mais selectos entendimentos. Della aceitamos tudo, o bom e o máu, o bello e o disforme, o util e o nocivo, com o mesmo enthusiasmo, sem criterio e sem discussão. E' sufficiente para o exito de uma idéa trazer a marca de Além-Atlantico...

Deveriamos, então, cerrar os nossos portos ao pensamento europeu? Que absurda conclusão! Seria um ridiculo immenso admittil-a siquer. Recordaria o caso contado por Darwin, de Jemmy Bretton, que educado na Inglaterra desde a meninice, voltou á Terra do Fogo, onde nascera, elegantemente vestido, calçado e

enluvado; e, pouco depois de chegar, rejeitou toda essa bagagem estrangeira á sua raça, e tornou a ser selvagem entre os selvagens. [1]

Quem ousaria combater pela sua procedencia uma concepção em si perfeita e sublime? Quem indagaria de onde vem um ideal divino para repellil-o e desprezal-o? Quem cogitaria de dividir em feudos inimigos o que é patrimonio e honra de toda a humanidade? Rebaixou-se acaso algum povo, recebendo da Grecia os primeiros modelos da poesia e da esculptura, de Roma os fundamentos do direito, da Inglaterra os principios liberaes e representativos, da Allemanha o Romantismo, da França as conquistas politicas de 89?

A Europa ha de ter ainda por muito tempo a missão augusta de mestra do universo. A sua superioridade sobre nós não é a do genio, que se revela aqui tão brilhante e vigoroso como do outro lado do Oceano; é a da experiencia, que ainda não adquirimos e que, thesouro lentamente accumulado, só os seculos nos podem dar. Mas, reconhecendo embora tudo isso, não devemos assumir em face della a attitude submissa e contrafeita de pupillos diante do tutor, ou de alumnos de escola primaria, cujas rudimentares faculdades não sabem ainda desenvolver-se sem o jugo inflexivel do *magister dixit*. A nossa posição é a de homens que já attingiram a maioridade, que já sairam das classes universitarias, e, si ouvem com respeito as lições e os conselhos de um velho professor, nem por isso abdicam a autonomia da sua intelligencia, e a completa responsabilidade dos seus actos no conflicto da vida publica.

Nada tão essencial aos individuos e aos estados como a consciencia exacta do seu proprio valor, isenta de orgulho fatuo, e de exagerada modestia. E' optimo importarmos idéas; mas por que não as exportaremos tambem? Por que não faremos tambem periodicamente, com lucidez e solicitude, o inventario dos nossos recursos e adiantamentos? Por que fecharemos os olhos ao que ha forte e bello entre nós, depreciando-o com inexplicavel acinte — e extasiando-nos aliás em beatifica admiração ante verdadeiros *frutos de decadencia*, que procuramos imitar, quando a nossa cultura está na phase da plena juventude?

---

[1] Max Nordau, *Degenerescencia*.

Não é uma prova disso, entre outras—escolhendo ao acaso—a pretenção de resolver pelo divorcio legal o problema do casamento, que é ainda (exceptuando os Estados Unidos) mera ficção exotica nas nossas sociedades, onde a familia se conserva em toda a pureza e harmonia da sua estructura, sem nenhuma das causas perturbadoras, que lhe podem ameaçar a estabilidade? Não demonstra o mesmo a voga, em certos grupos literarios, da estethica denominada impropriamente *symbolista* — pesadelo de cerebros confusos e exhaustos, ou reclamo de artistas desclassificados pelo excesso da concurrencia intellectual — coisa inconcebivel em paizes novos, onde o talento póde abrir-se caminho sem usar de artificios ridiculos, e a mesma natureza parece diffundir a simplicidade do gosto e dos costumes?

Nada nos falta do que é preciso para constituir os nossos grandes centros de actividade, e fazel-os reconhecer pelo mundo todo no seculo XX, já tão proximo. Ninguem negará aos americanos extraordinarias aptidões literarias e artisticas; a poesia entre nós tem um vigor de sentimento, uma intensidade de colorido, uma profunda e commovida inspiração que nem sempre se encontra nos seus mais celebres representantes do ultra-mar; o talento oratorio brilha nas nossas assembléas, deslumbrando as multidões com o seus rasgos de eloquencia, e não raro subjugando as intelligencias mais austeras pela clareza do raciocinio; pela robustez dos conceitos e pela solida illustração em que se apoia; no romance, quando a preoccupação do modelo europeu não supplanta o temperamento original do autor, que admiraveis creações temos já, que scenarios magnificamente descriptos, que caracteres realmente dotados de vida immortal! E o mesmo deve dar-se logicamente no theatro, quando este se formar, quando houver publico capaz de comprehender e animar os dramaturgos nacionaes...

Para as investigações historicas de ha muito se têm revelado notaveis tendencias; ahi existem já monumentos mais duradouros que o bronze, destinados a passar incolumes de geração em geração. E uma vez que essa especie de estudos consiga aceitação mais geral e desperte enthusiasmo nas classes instruidas, sem duvida serão aproveitados por altos engenhos laboriosos, cheios de fé, amantes da verdade, os materiaes copiosissimos, que jazem nos archivos e dormem nas tradicções dos povos americanos.

Nos multiplos ramos da sciencia, o que nos falta é a facilidade da assimilação, a perspicacia e a solicitude na observação dos phenomenos, a capacidade para classifical-os sob leis geraes, applicando-as depois praticamente; si a maioria dos nossos mestres, na medicina e na jurisprudencia, por exemplo, não deixam fixados em livros os resultados da sua luminosa experiencia, é, parece-me, por que, forçados a lutar sem treguas pela propria subsistencia na clinica e no fôro, bem cedo se esterilizam para o trabalho creador.

Na politica não ha ainda equilibrio sufficiente entre os interesses e os principios, mas ha entranhado apego ás maximas da democracia, sincero, embora nem sempre efficaz desejo de conciliar a liberdade com a ordem, os direitos do individuo com a harmonia da sociedade; e, bem que em muitas republicas do continente, como é inevitavel em nações recem-organizadas, as soffregas ambições pessoaes, ainda não refreadas pela disciplina dos partidos, ameaçam de continuo o prestigio da autoridade legitima, não escasseiam exemplos de intemerato civismo, capazes de educar austeramente as gerações novas, e apagarem, em época não remota os ultimos vestigios da anarchia.

E para dar a esses elementos, incompletamente resumidos por mim, a base de uma solida riqueza material, ahi temos a uberdade do nosso territorio, em cujas variadas zonas se accumulam as producções de todos os climas, proporcionando thesouros incalculaveis ao commercio, á industria, a tudo quanto, em summa, chama o capital pela certeza do lucro e pela esperança da multiplicação.

Onde está o mal, pois? O mal está na estreiteza do meio, pelo isolamento das nações; têm-se feito tentativas, mas intermittentes, para aproximal-as; têm-se aberto exposições e reunido congressos; mas exposições e congressos não bastam; convém promover contactos mais frequentes, tecer vinculos de união mais habitual.

Dentro de annos, quando as communicações se tornarem mais faceis, quando o solo da America estiver, como está o da Europa, retalhado por enorme rêde de vias-ferreas e fios telegraphicos, quando as cidades nascerem e prolificarem em paragens ainda hoje cobertas pelo sertão e pelo pampa, então seguramente os povos do mundo poderão juntar-se numa alliança formidavel, e, orgulhosos da sua pujança, nenhum perigo externo lhes causará temor.

Emquanto, porém, não chegamos a essa situação de maravilhosa prosperidade, devemos apressar ao menos a obtenção de algumas das suas vantagens. Nesse sentido, além da influencia que os governos podem e querem exercer pelos tratados de amizade e pela solução pacifica das questões de limites (unicas talvez capazes de perturbar a harmonia continental) cumpre a outras forças activas da sociedade o nobre dever de facilitar a obra commum; e nenhuma entre ellas tem tantos recursos para isso como a imprensa. E' esta pela sua malleabilidade, pelo seu labor constante, pelo seu movimento de concentração e expansão, a que maiores serviços póde prestar-nos em tal propaganda. Do ponto de vista especial a que me refiro, o seu alcance é inestimavel,

Onde circula o jornal, precursor da revista e do livro, circulam as idéas e com as idéas vêm os sentimentos, as sympathias reciprocas, a necessidade de relações cada vez mais intimas, os artigos de commercio, o credito, os interesses que se mesclam e entrelaçam em mil combinações diversas. A palavra de ordem, para os que têm uma penna e um prélo ao seu dispor, deve ser esta: crear e desenvolver a unidade moral da America. Não ha entre nós tão profundas differenças ethnicas nem dissensões diplomaticas tão arraigadas, que resistam a esforços tenazes é habilmente dirigidos para esse fim. Assim, os vultos salientes de cada paiz buscarão concorrer, não só para o progresso delle, mas para o de todo o continente, assim não será uma chimera de visionarios essa Liga dos homens de boa vontade, dos caracteres puros e convictos do novo mundo, que é o sonho de mais de um dos nossos pensadores, para levar avante o triplice programma: aperfeiçoamento intellectual, moralização administrativa e emancipação mercantil.

Vozes de summa autoridade têm já proclamado esse symbolo salvador; com que enthusiasmo eu ergueria a minha para o mesmo appello, si ella tivesse força para fazer-se ouvir! Pudesse eu, pudesse a geração a que pertenço, ver conquistada a autonomia espiritual da America, complemento da autonomia politica, que ninguem ousa disputar-lhe, e prenuncio da autonomia economica, que será o remate e a corôa da sua independencia!

MAGALHÃES DE AZEREDO

O ADULTERIO

E O PROJECTO DO CODIGO PENAL

I

Occupemo-nos com a tão velha e, entretanto, sempre nova questão da infidelidade conjugal.

O autor do *Projecto* resolve a questão, eliminando da categoria dos crimes o adulterio, cuja sancção penal não lhe parece seria nem efficaz, antes afigura-se-lhe perigosa e desmoralizadora.

Mas será possivel não considerar crime uma falta, que desde a mais remota antiguidade tem sido punida com as mais rigorosas penas? Por que razão deixar impune para uns a monstruosa culpa, para outros a minuscula *incartade*, que, aliás, sob o ponto de vista objectivo é a desmoralização da familia, a destruição do lar domestico?

Antes de tudo examinemos de que especie de adulterio se trata, si do adulterio do homem ou da mulher.

A pergunta não vem fóra de proposito, porquanto nesta questão a parcialidade tem ido ao ponto do homem commetter a falta e attribuir a culpa á mulher. E' o que em sua fórma tão brilhante de dizer dá a entender Alphonse Karr: « Quando a moça consegue apanhar na armadilha o passaro raro, um marido, ella crê ser tudo, e, entretanto, engana-se. Soube armar o laço, mas ninguem ensinou-lhe a fazer uma gaiola, onde o passaro possa viver, acostumar-se

e comprazer-se. Falai-me de gaiolas bem feitas, bem sortidas daquillo, de que o passaro possa gostar.»

Os juristas definem o adulterio—a violação da fé conjugal, o crime que offende a ordem da familia em geral, e em particular o direito do conjuge ter relações sexuaes com o outro conjuge, com exclusão de qualquer outra pessoa.[1] Entretanto, que vemos? Não sómente juristas, mas philosophos e moralistas cheios de indulgencia para o adulterio do marido e ao mesmo tempo indignados contra a infidelidade da mulher. Ha até quem esteja convencido de que o homem casado não ter amantes é dar mostra de pobreza physica, ao passo que o menor desvio feminino é uma repugnante perversidade, uma abominavel depravação, que na familia póde dar lugar á encarnação da ignominia do marido. Alexandre Dumas, que fez do adulterio o estofo dos seus melhores dramas e romances, e discutiu a respeito as mais ousadas theses, si aconselha á mulher indignada das faltas do marido a resignação christan,[2] incita o homem a matar a esposa infiel.[3] Por seu lado Hartmann, sendo bastante philosopho para não fulminar as faltas femininas com a intolerancia e severidade dos moralistas, nem por isso deixa de accentuar a profunda differença, que vai entre a infidelidade do homem e a da mulher. « Si o homem, escreve o autor da *Philosophia do Inconsciente*, tem tanta difficuldade em dominar suas inclinações adulteras, isto não póde resultar sinão de seu instincto polygamico. Si uma mulher, que tem em seu marido um homem completo, sente desejos adulteros, é o effeito de uma completa depravação ou de um amor levado á paixão. A differença dos instinctos, que sobre este ponto predominam no homem e na mulher, se explica facilmente. E' preciso não esquecer que um homem no espaço de um anno póde facilmente com um sufficiente numero de mulheres procrear mais de cem filhos; com um numero igual de homens uma mulher não póde dar á luz no mesmo prazo sinão um filho. O homem favorecido pela fortuna póde nutrir muitas mulheres e seus filhos. A mulher não póde habitar sinão a casa de um só homem; sua situação e a de seus filhos seriam minguadas

---

[1] Impallomeni, *Il Codicé Penale Italiano*, vol. III, pag. 108.
[2] *Princesse Georges*, acto I, scena II.
[3] Carta a Cuvillier Fleury.

pela introducção de um rival. Emfim só o homem, não a mulher, corre o risco, por effeito do adulterio, de tomar filhos estranhos por seus, e de ver o amor para com seus proprios filhos desenraizado de seu coração pelas suspeitas, que lhe inspiraria a fidelidade de sua esposa ». Assim, conclue Hartmann, «por toda parte, em que o homem é senhor absoluto, a polygamia domina de direito; aonde o progresso dos costumes trouxe á mulher uma situação mais digna, a monogamia tornou-se a unica fórma legal da união dos sexos, posto que, do lado dos homens, não seja na realidade,rigorosamente respeitada em parte alguma do mundo.»[1]

E' costume nesta questão recorrer-se ás fórmulas absolutas dos philosophos e moralistas, ou appellar-se para o convencionalismo teimoso da opinião corrente; mas, seguindo um outro rumo, limitar-nos-emos a pedir informações aos dados da ethnographia e da historia, e deste modo, parece-nos, evitaremos soluções tanto mais paradoxaes quanto mais absolutas.

O estudo dos factos ethnographicos e dos documentos historicos mostra-nos desde a mais remota antiguidade, e entre as raças mais diversas, o adulterio punido com as mais severas penas, sendo que entre os barbaros e selvagens a severidade toca a crueldade. Como explicar o facto? Dar-se-á que aquelles povos tenham o senso da moralidade mais desenvolvido do que as nações civilizadas, em que a repressão do crime é menos rigorosa?

O que nos ensina a lição dos factos é que antes de chegar a um estado superior da civilização, a sociedade humana passou por uma phase, em que a mulher tem um valor exclusivamente economico, e então o adulterio vem a ser considerado um roubo á propriedade conjugal. E' o que se nota entre os aborigenes da India, entre os negros da Africa, entre os selvagens da America, entre os barbaros da antiga Europa. Em Sumatra aquelle que perdôa o amante da mulher, póde exigir-lhe cincoenta piastras. O mesmo se dava no antigo Sião, onde o marido tinha o direito de matar os adulteros ou cobrar-lhes uma indemnisação. Os habitantes do Boutan têm por costume matar os accusados de adulterio ou impor-lhes uma multa. Na Africa, onde o castigo vai á atrocidade, é geral a

---

[1] Eduardo de Hartmann, *Philosophia do Inconsciente*, traducção Nolen, vol. 1, pag 219.

pratica de compensar o marido lesado. Nas costas da Africa occidental o marido traido póde pedir de indemnisação um certo numero de escravas, e no interior, segundo o testimunho de Levingstone, tem o direito de vender a mulher. Os Bambaras confiscam os bens do seductor, quando este pertence á classe dos nobres. Entre os Mexicanos as relações illicitas com uma escrava davam lugar a uma acção de perdas e damnos.

Quem ignora que os antigos Germanos impunham ao adulterio, além de outras penas, a de compensação? Pelos estatutos de S. Luiz o vassallo adultero com a mulher do suzerano perdia o feudo, e o suzerano cumplice de adulterio com a mulher do vassallo a suzerania. As ordenações de Philippe de Valois, de Philippe o Bello, de João o Bom, de Carlos V e de Carlos VI fulminavam o adulterio com uma multa, que devia ser paga ao rei.[1]

A prova de que o adulterio entre os barbaros e selvagens não tem sido punido sinão a titulo de roubo á propriedade, está em que são justamente os povos que menos prezam o sentimento da honra, os que mais atrozmente se vingam contra o ultraje da infidelidade conjugal. Em a Nova Zelandia os maridos, ao mesmo tempo que matam os culpados de adulterio, não hesitam em alugar e emprestar as mulheres. « Que o castigo visa o roubo, escreve Tito Livio de Castro,[2] e não um crime correspondente ao creado pela moral moderna, provam-no esses mesmos povos, não prezando de modo algum a honra (á moderna), não tendo mesmo noção do que ella seja. O mesmo povo, que pune de morte o adulterio, aluga ou vende a mulher, offerece-a aos estrangeiros, não cogita da vida livre dessa mulher antes de ser a escrava de um homem. Em quasi toda a Africa a mulher adultera é punida com a morte; em quasi toda a Africa os maridos alugam, emprestam e vendem as mulheres. O castigo do adulterio em alguns paizes é ser o homem criminoso obrigado a pagar grandes quantias ou dar valiosos presentes ao marido queixoso. »

Um facto muito curioso e instructivo é que ha povos em que o adulterio é severamente punido, e, entretanto, os maridos têm

---

[1] Letourneau, *A evolução juridica nas diversas raças humanas*, pag. 477.

[2] *A Mulher e a Sociogenia*, pag. 60.

por dever civico ou religioso ceder as mulheres aos parentes, aos hospedes, aos amigos e aos chefes espirituaes.

O Pelle-Vermelha, que mata a adultera depois de arrancar-lhe o nariz e as orelhas, julga dever de hospitalidade fornecer a mulher ao estrangeiro. « Nada seria mais facil, affirma Letourneau, de que enumerar um grande numero de factos do mesmo genero, observados na Australia, na Africa, na Polynesia, na Mongolia, um pouco por toda parte.[1] Em Roma vemos o rigido Catão de Utica ceder a mulher a Quintius Hortensius por motivo de civismo.

« E' tão honesto quanto util á Republica, allegava Quintus Hortensius, que uma mulher bella, na flor da idade, não fique inutil, deixando passar a idade de ter filhos. Liberalizando assim as mulheres ao cidadão honesto, a virtude se multiplicaria e se tornaria commum nas familias; por estas allianças a sociedade se fundiria, por assim dizer, em uma só familia. Si Bibulus quer conservar absolutamente sua mulher, eu lh'a restituirei desde que ella se torne mãi.»

Neste ponto Roma não afastava-se uma linha da antiga Grecia. « Não era reprovavel, attesta Plutarcho, a um homem já de idade, casado com uma moça, levar para casa um joven agradavel e de natureza gentil, afim de dormir com sua mulher e fecundal-a com boa semente, adoptando depois o fruto, que nascia, como si tivesse sido engendrado por elle mesmo. Tambem era licito a um homem honesto, que estimava a mulher de outro por vel-a discreta, pudica e tendo filhos bellos, obter do marido consentimento para dormir com ella afim de semear, como em terra fecunda e fertil, bellas e boas crianças, que por este modo vinham a ter relações de sangue e de parentesco com pessoas de bem e de honra [2] Athenas segue as pegadas de Sparta, e Solon não impõe ás leis de Lycurgo outra restricção sinão a mulher escolher o amante entre os parentes mais proximos do marido. [3]

Refere ainda Plutarcho, que os costumes indo além das leis, Simon emprestou sua mulher a Callias, e Socrates fez a mesma liberalidade a Alcibiades.

---

[1] Letourneau. *A evolução do casamento e da familia,* pag. 65.
[2] Plutarcho, *Lycurgo,* XXIX.
[3] Plutarcho, *Solon,* XXXVI.

Por dever religioso as mulheres de Babylonia deviam entregar-se, pelo menos uma vez na vida, aos estrangeiros, em homenagem á deusa Mylitta, e segundo Strabão, o mesmo culto era prestado entre os Armenios á deusa Anaites. [1]

Emquanto a mulher não passa de instrumento economico, é claro, o adulterio não póde ser punido sinão como um roubo á propriedade conjugal; mas com a instituição do dote uma profunda transformação se opéra na familia.

Deixando de ser comprada para comprar, se póde dizer, um marido, a mulher se eleva da condição inferior de animal domestico ou de escrava á situação oppressora em que os homens gemem, como Menandro ou se indignam como Marcial. Aqui se nota a acção directa das funcções mais simples e geraes da vida collectiva sobre as mais complexas e especiaes, ou, mais particularmente, a influencia decisiva do phenomeno economico sobre os outros phenomenos sociaes.

Greef,[2] occupando-se da dynamica social forma entre outras as seguintes regras:

« As acções ou reacções sociaes estão em relação com o grau de simplicidade e de generalidade dos phenomenos e das funcções, a que se applicam. Assim, as acções e reacções economicas são mais simples e mais geraes do que as acções e reacções moraes, juridicas e politicas. Os phenomenos e as funcções mais simples e mais geraes agem de uma maneira mais simples e mais geral sobre as funcções e os phenomenos mais complexos e mais especiaes. Os phenomenos e as funcções immediatamente antecedentes agem mais immediata e directamente sobre os phenomenos e as funcções immediatamente sequentes.

« A propriedade, a mais simples das funcções sociaes, age directamente sobre a familia, que a segue immediatamente em generalidade decrescente. Não é, pois, para admirar que a sorte da familia esteja tão intimamente ligada ao destino da propriedade. Por isso nada mais natural do que ver a mulher, como os utensilios de trabalho ou os instrumentos de guerra, queimada ou enterrada com o cadaver do marido. A pratica geral e quasi constante entre certos

---

[1] Strabão, t. XI, 11.

[2] Guilherme de Greef, *O transformismo social*, (1895), pag. 312.

povos, principalmente da India, de queimar as mulheres sobre a fogueira funeraria dos maridos não tem outra explicação.

« E' possivel que, em virtude da interdependencia dos phenomenos sociaes, vistas philosophicas e religiosas tenham influido sobre o desenvolvimento do *suttee*, terrivel costume, que tanto impressionou os inglezes em Bengala; mas a causa directa e immediata não póde ser outra sinão o direito de propriedade do marido sobre a mulher. A viuva era queimada ou enterrada com o cadaver do marido, como o eram as armas e mais objectos incorporados á pessoa do possuidor.

« A propriedade é o inicio de toda a civilização. Locke dizia que onde não ha propriedade, não póde haver injustiça, e Linguet não fez simplesmente espirito, pelo contrario, avançou uma profunda proposição, quando qualificou de espirito da propriedade o *Espirito das Leis*, de Montesquieu. Emquanto o selvagem não tem a idéa de posse, a sua individualidade se confunde com a natureza exterior, que sobrepuja a sua intelligencia. Todo o mal tem consistido em querer elevar a categoria de leis casos especiaes, e em pretender attribuir a marcha das civilizações exclusivamente a particularidades, taes como a attitude, a longitude e a latitude da terra. « Uma cidade alta, dizia Aristoteles, convem á olygarchia e á monarchia; a democracia prefere a planicie. »

Os factos não se prestam a esta generalização. Não é raro vêr o cimo das montanhas servindo de ninho á existencia de verdadeiras democracias, e grandes monarchias e aristocracias florescendo em planicies. Sirvam de exemplo para o primeiro caso a moderna Suissa e para o segundo o antigo Egypto. Em geral os povos não procuram as montanhas sinão para abrigarem-se contra as inundações e as invasões. E' o que nos ensinam os historiadores antigos e modernos. Referindo-se ás raças européas, diz Augustin Thierry: « Neste movimento de invasões successivas, as raças mais antigas, reduzidas a um pequeno numero de familias, abandonaram as planicies e fugiram para as montanhas, onde se mantiveram pobres, porém independentes. » [1]

Pela doutrina das longitudes a civilização caminha do oriente para o occidente. « Dá-se com o sol da consciencia, escreve Hegel,

---

[1] Augustin Thierry, *Histoire de la conquête de l'Angleterre.*

o que se dá com o sol physico, que todos os dias percorre o céu de léste para oéste ». Esta generalização não tem por si a historia da India, do Egypto, da China, do Mexico, de todas as grandes civilizações antigas. A trajectoria de léste para oéste não se verifica sinão dentro dos limites da Europa occidental. A latitude tambem tem tido os seus theoricos. Assim, Montesquieu sustenta que a liberdade pertence aos climas frios, no que é secundado por Buckle, para quem a igualdade não consegue medrar nas zonas torridas. Mas tanto a um como a outro se póde perguntar com Volney: « Porque, sob um mesmo céu, a classe dos tyrannos terá mais energia para opprimir do que a do povo para defender-se? »

A questão não é, pois, de montanhas, de parallelos ou de meridianos, nem tambem de idéas ou de sentimentos, conforme entendem A. Comte e H. Spencer. As funcções sociaes não são simples; ellas se decompõem em elementos physicos, intellectuaes e emocionaes. A idéa ou o sentimento por si só não exprime tudo em relação aos phenomenos ou funcções sociaes, que em sua constituição envolvem outros elementos constitutivos além da intellectualidade ou emocionalidade dos individuos.

Collocando-nos, portanto, no ponto de vista, mais amplo e verdadeiro, do todo das condições, que constituem a funcção economica, e das acções e reacções dos phenomenos sociaes em relação uns aos outros, faremos ver como a organização da propriedade influe directamente sobre a instituição da familia.

Referindo-se ao Taiti e á Australia, observa Thulié que « na vida selvagem, como na vida civilizada, a influencia da riqueza é desastrosa. Na ilha rica a mulher é um elemento de goso, e matam-se-lhe os filhos, novas bocas, que podem diminuir o bem estar. No paiz pobre, a mulher é um instrumento de trabalho, é verdade; mas póde produzir filhos, e os filhos são uma riqueza, forças novas para a luta contra a avareza da terra.»

A historia comparada de Roma e da Grecia mostra claramente a influencia da propriedade sobre as outras funcções sociaes, e especialmente sobre a familia. A natureza não era madrasta para o Grego. O ar e o sólo da Helade tinham a doçura das caricias e dos afagos maternos. « Nada é enorme, gigantesco naquelle paiz; as coisas exteriores não têm dimensões desproporcionadas, oppressoras. Ali não se vê coisa alguma similhante a esses labyrinthos

infinitos de vegetação pullulante, a esses enormes rios, que os poetas indianos descrevem; coisa alguma de similhante ás florestas interminaveis, ás planicies illimitadas, ao oceano sem limites e selvagem da Europa do Norte. O olhar apanha sem difficuldade as formas dos objectos e recolhe-lhes uma imagem precisa. Tudo é mediano, proporcionado, facil e nitidamente perceptivel pelos sentidos. As montanhas de Corintho, da Attica, da Beocia, do Peloponeso têm tres ou quatro mil pés de altura; sómente algumas vão até seis mil; é preciso ir ao extremo da Grecia, completamente ao norte para encontrar um cimo similhante aos dos Pyrineos e dos Alpes; é o Olympo onde foi feita a morada dos deuses. Os maiores rios, o Peneo e o Achelous têm no maximo trinta ou quarenta leguas de curso; os outros não são ordinariamente sinão regatos e levadas. O proprio mar, tão terrivel e ameaçador no norte, é aqui uma especie de lago ».[1]

Não tendo sinão que abrir os olhos para admirar apotheoses de luz e de brilho de pedras preciosas, os compatriotas de Anacreonte amavam os seus bosques, as suas fontes, as suas montanhas com sentimento de ternura filial.

Tão sobrio quanto curioso, tão sereno quanto inventivo, o engenhoso filho da Grecia preoccupava-se mais com os gozos do espirito do que com as necessidades da vida.

Assim, não é para admirar que, adorando mais o bello do que o util, mais embriagado de eloquencia do que de fortuna, o grego abandonasse a riqueza pela arte, pela politica e pelo amor, esquecesse o gyneceu pelo theatro, pelo gymnasio e pela praça publica. D'ahi o Estado intervindo, justamente como aconselham os modernos socialistas, nas relações de familia para regular a capacidade e elevar a dignidade feminina. « Seja solteira, esposa ou viuva, diz Thulié,[2] o Estado a protege contra seu pai, contra seu marido, contra seu tutor. Todos os cidadãos são seus defensores perante a lei; é ainda muito fraca para sustentar por si mesma seus direitos e accusar aquelle que lhe causa algum damno; mas tem por apoio todo o mundo; o primeiro cidadão, que apparece, póde ser seu campeão. Quando o pai, o marido ou o tutor administra mal os seus

---

[1] Taine, *Philosophia da arte*, tomo II, pags. 121 e 122.
[2] Thulié, *La femme, essai de sociologie physiologique*, pag. 39.

bens, quando por elles é maltratada, todo cidadão póde tomar a si sua defesa, citar o culpado perante os tribunaes e fazer condemnal-o ou tornal-o interdicto.» O romano, porém ainda mais oppressor e tyranno do que ocioso e superficial, não faz senão implantar na familia a sua idéa predominante de que a base de toda a ordem, quer no mundo physico, quer no social, é a força. Exercer omnipotencia sobre os seres animados e inanimados, sobre as pessoas e as coisas, tal é a preoccupação desse povo, que não deixou de dominar pelas armas sinão para opprimir consciencias.

Neste ponto o direito romano é de uma transparencia cristalina, deixando vêr nitidamente que não ha differença entre o poder marital e o direito de propriedade. « Para a mulher, como para as coisas, a posse ou o uso continuo durante um anno faz adquirir o direito de propriedade. Applicada ás coisas, esta posse continua chama-se usucapião ; applicada á mulher, chama-se *usus* ».[1]

A historia do casamento romano, sob as tres formas do *usus*, da *coemptio* e da *confarreatio*, conferindo todas ellas ao marido a *manus*, é a historia mesma da força e da violencia na familia. Mas si o *pater-familias* é omnipotente, emquanto a mulher e os filhos são equiparados ás coisas em geral, a sua terrivel autoridade se desmorona completamente no dia em que permitte que elles possuam e possam dispor de seus bens. « O pai, ensina-nos Thulié,[2] em redor do qual tudo gravitava, perde seus direitos tyrannicos; o filho é o unico proprietario do que soube ganhar; póde gozar exclusivamente de sua fortuna, usar della á sua vontade, póde mesmo dal-a depois de sua morte. Não sómente o pai deve um dote á filha, mas até não póde oppor-se ao seu casamento, ou então o tribunal o condemna. E' uma revolução completa, que teria parecido monstruosa a um antigo romano».

Em relação á influencia da propriedade sobre a organização da familia que de mais exacto e engenhoso se poderia dizer que o que escreveu E. Legouvé na *Historia moral das mulheres*? «A primeira questão, que se nos apresenta, lê-se no delicado escriptor, é a questão dos bens. Este unico ponto, com effeito, resume por um lado

---

[1] Letourneau, *L'évolution du mariage*, pag. 150.
[2] *Obr. cit.*, pag. 50.

todos os outros; porque nada assignala tão vivamente a subordinação moral quanto a dependencia pecuniaria. Como pune a lei o prodigo? Tirando-lhe a administração dos seus bens. Como encadeia a lei o incapaz? Tirando-lhe a administração dos seus bens. Como domina a lei o menor? Tirando-lhe a administração dos seus bens. Não poder possuir é ser assimilado ao morto civil e moralmente: porque possuir é usar, é dar, é soccorrer, é agir, é viver. As questões de delicadeza e dignidade acham-se, portanto, estreitamente ligadas ás questões de dinheiro, e entregar ao marido a fortuna da mulher é condemnal-a a uma eterna minoridade, e tornal-o senhor absoluto das acções e quasi da alma de sua companheira.»[1]

O homem primitivo, não tendo consciencia de sua individualidade, vive escravizado ao grupo, de que faz parte, e ai! daquelle que delle se afasta, porque então não será mais admittido á horda. « O selvagem, escreve o autor da *Origem e evolução da propriedade*, é assaltado por tantos perigos reaes e atormentado por tantos receios imaginarios, que não póde existir no estado isolado, não póde mesmo conceber tal idéa. Expulsal-o da sua *gens*, da sua horda, equivale a condemnal-o á pena de morte: entre os Gregos e os Semitas prehistoricos, assim como entre todos os barbaros, o assassinato commettido contra um dos membros da tribu não era punido sinão com o exilio.

Orestes, depois do assassinato de sua mãi, e Caim, depois do de seu irmão, foram simplesmente obrigados a deixar o paiz. Em civilizações muito avançadas, como as da Grecia e da Italia historica, o exilio continúa a ser a pena mais temida. O exilado, diz o poeta grego Theognis, não tem amigos nem companheiros fieis: é o que ha de mais duro no exilio. Ser separado dos seus, levar uma existencia solitaria, aterra o homem primitivo, habituado a viver em bando.[2]

E' o mesmo que se dá entre certos animaes: o elephante criminoso, por exemplo, uma vez expulso do bando, não póde mais entrar para elle. O mais interessante é que o isolamento, a que é condemnado, torna o animal mau, furioso. Assim, o *Rogue*,

---

[1] *Histoire morale des femmes*, pag. 147.

[2] Lafargue, *Origem e evolução da propriedade*, cap. II, § 2.

conforme observa Lacassagne, está sempre disposto a atacar o homem.[1]

Completamente identificado com a horda, de que faz parte, o homem primitivo não tem idéa da propriedade. O Fuegiano, que encontra uma baleia, ainda que esteja morrendo de fome, não a devora, vai chamar a *gens*. E' rara a tribu selvagem em que a caça e a pesca não se façam em commum, e quando este costume desapparece, o communismo primitivo surge sob a forma do commensalismo.

Só muito tarde é que o selvagem consegue objectivar sua individualidade nos objectos exteriores, e deste modo ter a idéa de propriedade. Ainda assim, a propriedade se limita aos objectos, por assim dizer, incorporados á pessoa, taes como os ornamentos dos labios e das orelhas, e mais tarde aos instrumentos de caça e de pesca. O uso dos banquetes publicos na Grecia e em Roma, de que dão testimunho Xenophonte, Heraclito, Aristoteles e Deniz de Halicarnaso, é uma *sobrevivencia* dos tempos primitivos: *syssitia* dos Gregos, e o cópo dos romanos, circulando pelos convivas, não passam de restos do commensalismo selvagem.

Deste modo comprehende-se como entre os selvagens do periodo communista a hospitalidade não seja uma virtude muito rara. Não conhecendo o *meu* e o *teu*, que razão haveria para que não exercessem a hospitalidade em larga escala?

ARTHUR ORLANDO

(*Continúa*)

---

[1] Lacassagne, *De la criminalité chez les animaux, Revue scientifique*, 1882.

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

— Em uma das ultimas sessões da Sociedade Real Asiatica Ingleza o Dr. Gaster leu um trabalho descrevendo um manuscripto novamente descoberto e intitulado « A Espada de Moysés ». A primeira menção deste livro é do decimo seculo por Haya Gaon. Desapparecera completamente, mas foi ha pouco descoberto no Yemen, misturado com uma porção de papeis meio dilacerados. Este texto parece ser uma encyclopedia magica completa, cheia de formulas e receitas. E' escripto em hebraico e aramaico, por mão syriaca do 13º seculo e vem preencher a lacuna entre a literatura gnostica magica antiga e a cabala medieval. O boletim daquella sociedade traz uma traducção e um fac simile do curioso texto.

— Editada por Fischer Unwin, de Londres, e dirigida pelo Sr. Fernand Ortmans appareceu em 1 de Janeiro simultaneamente naquella cidade e em Nova York, Pariz, Berlim e Vienna, a revista internacional e polyglotta, *Cosmopolis*, escripta em inglez, francez e allemão, e trazendo tambem artigos em hespanhol e italiano.

— A Academia das Sciencias de Pariz concedeu o premio Lecomte, de 50 mil francos, ao professor Ramsay e a Lord Rayleyg, pela sua descoberta commum do argonio, o novo gaz constituinte da atmosphera, do qual occupou-se nesta *Revista* (fasc. de 15 de agosto de 1895) o nosso sciente collaborador Dr. Alvaro Joaquim de Oliveira.

— Segundo nos communica, o Sr. Valentim Magalhães contratou com os editores Cunha & Irmão a edição de um romance. E' o seu primeiro romance e se chamará *Flor de Sangue*. Sem filiar-se a nenhuma escola, terá por base a observação da verdade, no circulo dos costumes da nossa sociedade, fazendo um estudo de psychologia. O A. já o começou e espera concluil-o em breve.

— O archeologo russo Goshkevitch fez ha pouco importantes descobertas nas margens do Dineper, antigo Borysthenes, e do Bug, antigo Hypanis. Em frente á aldeia Kisliakovka estão as ruinas da cidade de Olbia, descripta por Herodoto como cercada de muralhas com muitas torres e notavel pelo seu commercio e civilização. Os muros e fortes interiores acham-se bem conservados. Acham-se ali frequentemente figuras de terra cozida de assumptos domesticos, e vasilhame. São em numero de 15 as antigas situações descobertas pelo Sr. Goshkevitch. Cada uma está situada na escarpa da margem do rio, que forma uma defesa natural contra os ataques por surpresa, e os outros tres lados são cercados de muros em bom estado de conservação, com as ruinas das habitações dentro das muralhas. Encontraram-se tambem muitos vasos gregos antigos, como moedas do tempo do imperador Gregorio Grande, que reinou no fim do quarto seculo. Na aldeia de Kisliakovka

acharam-se traços de um evidente estabelecimento grego antigo e pedaços de estatuas, e um tumulo perto da antiga necropole do Borysthenes encontrou-se uma camara abobadada, forrada de pranchas de carvalho com o chão de cimento ou cal e nelle, sobre uma lage, um esqueleto tendo no pulso um bracelete de ouro puro, no pescoço quatro collares de ambar e ouro finamente lavrados e no osso do quadril uma especie de facão ou espada. Trinta frechas de osso estavam em uma aljava, assim como corytos ou estojos de arcos estavam juntos do craneo. O carcaz, porém reduziu-se a pó ao contacto do ar, e o mesmo aconteceu ao esqueleto ao tocarem-no. O Sr. Goshhkevitch julga-o pertencente ao periodo scythico.

Em uma ravina do valle de Dnieper foram tambem descobertos em numero consideravel ossos de mamouth.

— Na Bibliotheca Nacional de Paris descobriram-se agora poémas e outras obras de Margarida de Navarra, a autora do Heptameron. Comprehendem 12 mil versos e foram escriptos nos quatro ou cinco ultimos annos de sua vida, e alguns sob a impressão de afficções mentaes. Ha dois dramas, dez cartas, dialogos, canções, e duas obras extensas intituladas «*Le Navire*» e «*Les Prisons*», sendo a ultima de confissões pessoaes.

— O Sr. Henry Harrisse, o eminente americanista, acaba de publicar completamente refundido, constituindo verdadeiramente um livro novo, o seu trabalho sobre João Caboto (*John Cabot, the discoverer of North America and Sebastian his son, a chapter of the maritime history of England under the Tudors*, 1496—1557, Stevens, Londres). Além de um summario de noventa e quatro documentos, dos quaes muitos ineditos, contém a obra talvez a primeira historia exacta da expedição de 1526 ao rio da Prata, e um exame apertado da obra scientifica de Sebastião Caboto, isto é, de sua cartographia, de suas pretensas descobertas da declinação e das variações magneticas, de seu methodo para determinar a longitude no mar, da sua hydrographia e instrucções nauticas. Para o Sr. Harrisse, S. Caboto era apenas um charlatão, que nada descobriu ou inventou.

— O *Boletim* (n. 3) da Commissão Geographica e Geologica do estado de Minas-Geraes traz uma descripção minuciosa da bacia do rio das Mortes, pelo engenheiro-chefe da commissão, o Sr. Augusto de Abreu Lacerda, além de uma nota do geologo da commissão, o Sr. Alvaro da Silveira, sobre alguns calcareos e outros traços geraes da mesma bacia.

A bacia do Rio das Mortes, de 6,630 kilometros quadrados, comprehende parte dos municipios importantes de Barbacena, Prados, Tiradentes, S. João d'El-Rei e Bom Successo, formando parte do planalto da Mantiqueira com a altura média de mil metros. O Sr. Abreu Lacerda estuda minuciosamente as principaes alturas, as origens e o regimen das aguas do complicado systema da bacia e a sua geologia. A temperatura attinge a 33° na parte baixa da bacia e 30° na alta, durante o verão. A geada nunca alcança a parte elevada dos morros. Em Barbacena a temperatura média é 17°.25, e os extremos são 2°,6 e 29°.6, e a média de toda a bacia é 18°.5. Em tal clima prosperam todas as plantas européas. A quantidade média da chuva observada annualmente em Barbarcena é de 1.309^{mm}; junto ás serras de S. João d'El-Rei é mais elevada a média. O sólo pertence ao metamorphismo de Hartt e Derby, tambem chamado laurentino, com terrenos de alluvião em toda a parte. Encontra-se facilmente o ouro e sobre esta mineração já a commissão geographica do estado publicou importante relatorio do engenheiro L. Lombard, em 1864. A vegetação, a agricultura, a industria, os meios actuaes de transporte,— tudo merece detido estudo do engenheiro, a quem não podemos acompanhar nesta ligeira noticia do seu trabalho, cuja importancia é completada pelos estudos, que o acompanham, do Sr. Alvaro Silveira sobre os calcareos e sobre os traços geraes da vegetação da mesma bacia.

—Acaba de ser publicado em Londres pelo Sr. Stanford um mappa com o titulo: *Guyana and Venezuela, showing the territorial claims of Britain and Venezuela France and Brazil,* na escala de 83, 25 milhas por pollegada. Contém toda a Venezuela e as Guyanas Ingleza, Hollandeza e Franceza, e parte do Brazil e da Colombia. As reclamações da Inglaterra além da area da occupação actual, como as da França na nossa fronteira são claramente indicadas.

—Luiz Guimarães Junior, o notabilissimo poeta nacional desde algum tempo gravemente doente em Portugal, está melhor e parece volta, com alegria de todos que o estimam e admiram, ao trabalho de sua arte. Promette publicar em breve um volume sob o titulo de *Lyra final.* A essa collecção, que esperamos não será definitivamente a ultima, pertencerão estes dois bellos sonetos publicados pelo Sr. Olavo Bilac numa das suas ultimas chronicas da *Gazeta de Noticias:*

BEIJO DE AMOR

Beijo de amor! delicia esmagadora!
Vibras nas almas, de paixões ardentes,
Como os divinos fremitos ridentes
Da terra, em flores, quando rompe a Aurora!

Beijo de amor! beijo mortal, embora!
E' deste mundo o mais feliz dos entes
Quem te colhe nos languidos, trementes
E rubros labios da mulher que adora...

Supremo enleio, communhão bemdita,
Que abraza o sangue, o pensamento agita,
E num minuto um seculo resume:

Tu és da Vida o triumphal quebranto...
E ao mesmo tempo tens,—ó raro encanto!—
O odor de um fruto e o gosto de um perfume...

O PERDÃO

Quando essa imagem, bella e fementida
Varri, emfim, do coração demente,
—Erguendo aos céus a resoluta frente
Por tantos falsos beijos illudida,

Jurei vingar a minha fé traida,
Ver a meus pés,—altivo e indifferente,—
A traidora cair, magra, indigente,
Rota e faminta, maldizendo a vida...

Mas nesse instante de tremenda calma,
Duas vozes ouvi dentro em minh'alma;
—Dupla sentença aos meus ouvidos sôa:

A voz do Orgulho, rispida e vibrante,
«Despreza!» disse... Meiga, supplicante,
A voz do Coração disse: «Perdôa!»...

—O Sr. Oscar Pereira da Silva, de volta da Europa onde esteve alguns annos pensionado pelo Estado como alumno premiado da Escola de Bellas Artes, expoz num dos salões desta escola 33 quadros, originaes uns, copias outros. A obra do Sr. Pereira da Silva não revela por ora nenhuma qualidade notavel, sendo principalmente desigual e incaracteristica. Da sua exposição os dois melhores quadros, e de muito superiores a todos os mais, são *O cantor ambulante*, de uma grande harmonia, um grande relevo e uma bella e forte execução e o *Petit Rentier*, bem observado, bem representado, bom em summa, mas ainda assim inferior aquelle que é quasi, e relativamente ao resto, uma obra prima.

—O Sr. Henrique Bernardelli contratou a pintura da cupola da sala de concertos do Instituto Nacional de Musica e a está executando, auxiliado pelo Sr. Brocos. A cupola mede mais de 40 metros de circumferencia, de forma espheroide-abobadada e nella se desenvolverão cinco assumptos representando differentes feições da arte musical. Estes motivos estão distribuidos de modo que o espectador collocado no centro do salão tem diante de si, e em cima do grande orgão, a representação de canto religioso, a sua direita Orphêo captivando com suas melodias os animaes e sereias que o escutam á beira mar; a sua esquerda a musica campestre; um pastor na hora do descanço sentado sobre feixes de trigo faz ouvir a uma rapariga os sons maviosos de uma flauta, ao longe pastores com seus rebanhos e a esquerda raparigas dansando; ainda á esquerda desenvolve-se a composição representando a entrada triumphal de um Imperador romano, e entre este e o Orphêo acha-se a representação de um concurso de bardos que cantam as heroicidades dos seus antepassados.

O conjunto da composição, que é toda de H. Bernardelli, visto no esboço, parece bastante harmonico e movimentado e bem concebido.

— A *Revista critica de historia y literatura españolas*, que, conforme aqui noticiámos, começou a publicar-se o anno passado em Madrid, estendendo a sua esphera de acção, tomou de 1 de Janeiro deste anno o titulo de *Revista critica de historia y literatura españolas, portuguesas e hispano-americanas.*

— Os nossos editores tem a imprimir os seguintes livros:

Laemmert & Cª. *Pratica de estradas de ferro* por Saint Clair de Miranda, *Codigo Commercial annotado* por Didimo Agapito da Veiga, *Codigo penal* commentado pelo Dr. Autran, 2ª edição.—Cunha & Irmão *Direito patrio* e *Historia natural* por Felisbello Freire; *Historia da Revolta de 6 de Setembro* e *Vinte e um mezes ao redor do planeta* pelo almirante Custodio José de Mello.

BIBLIOGRAPHIA

61.—**Il Brasile e il secondo congresso geographico italiano,** dal professor Arrigo de Zettiry, Roma, 1895, in-8º, 98 pags.

Nò segundo congresso geographico italiano reunido em Roma de 22 a 27 de setembro do anno passado o professor Scalabrini apresentou um relatorio sobre a immigração na America do Sul, pouco agradavel para o Brazil. Este relatorio na parte que respeita o nosso paiz provocou a resposta generosa e esclarecida do Sr. professor Arrigo de Zettiry, conhecido no Brazil pelos excellentes estudos que sobre a emigração italiana em S. Paulo publicou no *Jornal do Commercio* em 1891. Essa resposta consta do folheto com aquelle titulo em que o Sr. A. Z. rebateu sem difficuldade, com grande copia de conhecimentos e dados do nosso paiz, não só as affirmativas menos lisongeiras do professor Scalabrini, mas outras asserções, por igual pouco agradaveis do padre Colbacchini, do commendador Bodio e de outros. Conhecendo perfeitamente a situação dos colonos italianos na lavoura brazileira, o Sr. A. Z., deixa evidente como longe de ser precario e merecedor das queixas daquelles adversarios da emigração italiana para cá, é antes lisongeiro e satisfactorio o estado delles. O Sr. A. Z. acompanha a sua resposta de noticias succintas, mas exactas e praticas, sobre o Brazil em geral e os estados do Pará, Piauhy, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, Minas-Geraes, S. Paulo, Paraná, Santa-Catharina e Rio Grande do Sul, visando todas a questão da emigração.—J. V.

A POLITICA

O manifesto dos monarchistas de S. Paulo, sobre ser redigido de modo a não acarretar grande numero de sympathias para a causa, teve o inconveniente de ser assignado por cidadãos aliás muito estimaveis, mas cujas responsabilidades politicas são minimas em relação aos homens que figuraram na primeira plana durante o imperio decaido.

Houve quem suppozesse que estes pretendiam manter-se no proposito, que tinham annunciado ha tempos, de não mais se occuparem com a vida publica, como houve tambem quem pensasse que aquelles eram apenas os batedores, a guarda avançada, que vinha sondar por esse lado os descontentamentos, por entre o espirito de tolerancia do partido dominante. Ao que parece, a sondagem deu bons resultados neste segundo terreno, e a 12 de janeiro appareceu nesta capital novo manifesto, assignado desta vez pelos chefes, tres liberaes e dois conservadores.

Não se póde bem fazer idéa do que está nas intenções dos homens politicos que se arregimentam no campo contrario ás instituições actuaes, porque esse manifesto diz que os seus signatarios julgam preciso iniciar «a sua participação no esforço geral que a causa publica necessita» e no emtanto logo no dia seguinte um

delles declarou que, durante a Republica, não quer ser nem eleitor, nem jurado. E ao mesmo tempo, appareceu publicada uma carta congratulatoria dirigida aos promotores do movimento monarchista de S. Paulo, em que alguns dos signatarios do manifesto se dizem resolvidos a acção mais efficaz, e de mais luta, que a tal simples participação no esforço geral que a causa publica necessita.

Ha um ponto, porém, em que tanto o manifesto dos chefes como o dos paulistas se acham de accordo, é o que se refere á antiga religião do Estado.

Comprehende-se que propagandistas se preoccupem com as massas que não vêem as coisas muito de perto, que as vêem mais com o sentimento que com a razão, e querem angariar-lhes as sympathias dando por perseguida a religião catholica, apostolica, romana, que foi a religião do Imperio, e é a da maioria da população, porque na nova bandeira figura o lemma da philosophia comtista.

Parece-nos que o golpe é dado em falso, porque a verdade fala mais alto que as declamações, e o povo ahi está assistindo todos os dias ao espectaculo da plena liberdade que lhe assiste para as cerimonias do culto catholico, não só dentro dos respectivos templos, como no dominio da monarchia, mas até em plena rua, o que o Imperio tinha prohibido, exercendo como exercia sobre a igreja direitos soberanos.

Para fazer confronto do que é a situação da igreja no Brazil, a partir de 15 de novembro de 1889, com o que era até essa época, basta-nos percorrer as paginas de um folheto que publicou em Roma o anno passado, o Sr. Dr. F. Badaró, ministro do Brazil junto á Santa Sé. S. Ex. não é só o representante do governo da Republica perante o Santo Padre, é tambem um crente, um catholico convencido como os que mais o são, e o seu folheto é a mais eloquente prova de quanto melhorou a situação da igreja, depois que as instituições livres que o nosso paiz adoptou a libertaram do padroado com que o imperio a dominava, humilhando-a.

E S. Ex. não argumenta só *a ratione*, cita palavras de Leão XIII e dos bispos brazileiros, que naturalmente são mais competentes para dizer sobre o caso que os signatarios de manifesto, entre os quaes figura o Sr. João Alfredo, que mandou processar e encarcerar dois bispos, porque estes pretendiam que o Papa tinha mais

autoridade que o governo para decidir si a maçonaria era ou não compativel com as doutrinas da Igreja.

Com effeito, em uma carta que Sua Santidade dirigiu ao episcopado brazileiro, ha as seguintes palavras que destoam sensivelmente das do Sr. conselheiro Carlos Affonso sobre a funcção eleitoral do cidadão : « Convém que todos os catholicos se lembrem do interesse que tem a Igreja na escolha dos homens eleitos á assembléa dos legisladores. Assim é necessario que todos, observando as leis do Estado, se esforcem para designar pelo suffragio commum representantes que reunam ao cuidado pelos negocios publicos o zelo provado pela religião. Este resultado será felizmente obtido, si cada um se submetter á autoridade suprema do Estado, e si todos fizerem constantemente o que temos ensinado. »

Mas, ainda mais claro. O Summo Pontifice, nessa mesma carta, diz aos bispos brazileiros : « Convém aproveitar a liberdade de que goza a Igreja sobre o regimen republicano. »

Ora, a estas palavras devem-se oppor estas outras, que encontramos no mesmo folheto do nosso ministro em Roma, e que foram escriptas por um homem, que não póde ser suspeito aos signatarios do manifesto, á excepção talvez do Sr. conselheiro João Alfredo, por ter sido um dos advogados dos bispos do Pará e do Recife, o fallecido senador Candido Mendes :

« Si a nossa Igreja puder ser livre, nós seremos no futuro uma grande nação, um poderoso e legitimo instrumento de progresso, e a nossa influencia moral alcançará um vasto horizonte. A Igreja livre, derramando a moralidade nas populações por exemplos de solida instrucção, fortificará todas as nossas liberdades, refreando essa poderosa alavanca que se chama a monarchia. Uma Igreja avassalada como é a nossa, torna-se motivo de irrisão para o seculo, instrumento inutil para o bem e por conseguinte para a sociedade.

« O Realismo habituado a reger não affrouxará certamente as cadeias que a opprimem, mas *como todos os despotismos, elle ha de ter o seu dia de provações* quando a *opinião esclarecida do paiz se fizer ouvir*.

« Dirigimos os nossos esforços e as mais esperanças, para a conquista dessa liberdade, e esperamos o favor do céu para render-lhe graças quando a nossa Igreja puder, como a dos Estados Unidos, da Belgica, da Australia, do Canadá, da Inglaterra, da Escossia e da

Irlanda, livre de padroados e de *placets*, respirar o ar da mais pura liberdade.

Parece-nos escusado insistir sobre o que era a Igreja no tempo do Imperio, depois destas palavras do eminente jurisconsulto, que era um catholico fervoroso, e quanto ao que ella é sob a Republica, melhor do que nós e do que os signatarios do manifesto, o dizem os bispos brazileiros na « Instrucção » collectiva que dirigiram aos fieis deste paiz.

« Acabamos de assistir a um espectaculo, que espantou o Universo; a um desses acontecimentos pelos quaes o Altissimo dá quando quer, terriveis lições aos povos e aos reis. Acabamos de ver cair um throno de repente no abysmo que lhe cavaram em poucos annos principios dissolventes, que se desenvolveram á sua sombra!

« Um throno acaba de desapparecer! E o altar? O altar está de pé, protegido pela fé do povo e pelo poder de Deus. O altar está de pé. E a honra desta nação é têl-o sempre mantido assim.

« E' junto deste altar que nós vamos dizer a esta querida nação a verdade que póde e ha de salval-a.

« Que devemos nós pensar da liberdade ecclesiastica garantida por este decreto?

« Si no decreto ha elementos que podem facilmente abrir a porta a odiosas restricções desta liberdade, deve-se comtudo reconhecer que, tal qual está redigido, o decreto assegura á Igreja Catholica do Brazil *uma certa somma de liberdade como ella nunca a tinha gozado no tempo da monarchia.* »

Segue-se o exame religioso da antiga lei que supprimiu o padroado, que deu a liberdade ás communidades religiosas, que aboliu o *placet*, que restituiu ás ordens os seus bens, que deu emfim á Igreja a livre acção que ella desejava e a que tinha direito.

E os bispos terminaram com estas palavras:

« E' necessario affirmar como certo que a Igreja do Brazil *reerguida do seu abatimento*, unida, cheia de zelo, de ardor, e *cumprindo a sua divina missão na plenitude da sua liberdade*, não será jamais um perigo para o Estado, mas será, ao contrario, o seu mais firme apoio?

« A Igreja é indifferente a todas as fórmas de governo. Nós não sabemos o que será este, mas não é licito dizer que esta *resurreição da Igreja no Brazil* no gozo de uma liberdade plena possa suscitar

difficuldades á Republica. Convém que todos saibam que tambem nós os catholicos brazileiros, não separamos em nossos corações estes dois amores originados ambos da mesma fonte que é Deus: o amor da religião e o amor da patria, e que por este duplo laço nos acharemos sempre perfeitamente unidos. »

Si o Santo Padre e os bispos brazileiros assim se manifestam sobre a situação que a Republica fez á Religião catholica, apostolica, romana, em summa de que religião falam os signatarios dos manifestos monarchistas ?

FERREIRA DE ARAUJO

A QUINZENA

Janeiro **18**.—Encerramento do Congresso pedagogico em S. Paulo—Fallecimento em Paris do Sr. Carlos Floquet, advogado e politico francez (1828—1895).—**20**. Morte no alto mar, em viagem para Madeira do principe Henrique de Battenberg (1858—1895).—**23**. Decreto dando novo regulamento á Escola Polytechnica.—**25**. Morte do celebre pintor inglez Frederico Leighton (1831—1895), que fôra creado par pe Inglaterra a 1 de janeiro.

Na quinzena: Melhoram as relações entre a Inglaterra e os Estados-Unidos.—O governo americano pediu a protecção ingleza para os seus cidadãos no Transvaal e enviou posteriormente ao governo inglez os seus agradecimentos por ella.—Manifestações pacificas dos Srs. Cleveland, presidente, Olney, ministro do exterior e Norton, ministro da agricultura dos Estados-Unidos, cujo Senado adiou a discussão do parecer da commissão de negocios estrangeiros sobre a doutrina de Monroe.—A nomeação de um novo governador para Guyana Ingleza, com plenos poderes para tratar da questão com a Venezuela, concorrerá, espera-se, para resolver satisfactoriamente a questão entre esta republica e o imperio britannico.—Da guerra da Italia contra os Abyssinios, o episodio dominante foi a defesa da praça de Makallé occupada pelos italianos sob o commando do tenente-coronel Galliano, que depois de uma tenaz resistencia evacuou a praça saindo della com armas e bagagens.—O Negus, que consentiu nesta retirada, fez aos italianos propostas de paz.—Na Italia, o elemento militar não se mostra favoravel a paz.—Parece renascer a questão com a Turquia, pela desattenção com que foi tratado o embaixador inglez pelo sultão.—Em Cuba a luta continuou sem treguas, mas sem resultados apreciaveis.—Os revolucionarios cubanos embora batidos em varios recontros, continuaram a campanha.—Concedida a demissão do general Martinez Campos foi nomeado para substituil-o o general Weyler, que já seguiu para o seu destino.—A demissão daquelle general

trouxe a do ministro de estrangeiros, duque de Tetuan que foi substituido pelo Sr. Elduayen.—A ilha de Madagascar foi declarada possessão franceza, conservando-se a rainha Ranavalo II e a administração indigena.—A questão de limites das possessões francezas e inglezas na Indo-China foi resolvida, ficando a França com a margem esquerda do Mekong.—A questão do Transvaal entrou em phase de resolução calma. Sir Robinson, Governador da Colonia do Cabo, e o Sr. Kruger, Presidente da Republica do Transvaal, chegaram a um accôrdo, segundo o qual o Dr. Jameson e os officiaes inglezes, feitos prisioneiros, quando, conjuntamente cum um bando de aventureiros, invadiram a Republica Sul-Africana, serão transportados á Inglaterra para ahi serem julgados.—Teve completo exito a expedição ingleza, commandada por Sir Francis Scott, contra os Achantis, cuja capital, Cumassia foi tomada, sem combate.—O imperio allemão solemnizou a 18, com grandes e geraes festas o XXV anniversario da sua fundação.—A Republica Argentina celebrou um tratado de commercio com a Suecia e Noruega. Nessa republica como na vizinha do Chile continuam os armamentos e os boatos de guerra. Annunciou-se que o exercito permanente argentino terá um effectivo de 30 mil homens.—No Brazil os acontecimentos foram de ordem local. Apenas do Rio Grande do Sul continuaram a chegar noticias contradictorias sobre o modo porque ali se está cumprindo a amnistia, que provam pelo menos que ainda não é real a pacificação do estado.—A 25 o ministerio das relações exteriores declarou que não tinha fundamento algum a noticia propalada de estar imminente qualquer modificação nas relações entre o Brazil e a Italia.

CANCIONEIRO

DUVIDA

Deus meu, pois é possivel que não tenha comprehendido ainda? E' possivel que, ao passar por mim, não ouça as pancadas fortes do meu coração ? Emtanto si lhe tomo a mão acho-a sempre impassivel, jamais estremeceu dentro da minha essa pequenina mão que devia dar aos meus labios, já que a bocca recusa, o beijo de misericordia.

Olho-a quando a vejo distraida, olho-a ; mais duma vez seus olhos me tem surprehendido nessa contemplação, sem, todavia, demonstrarem ter percebido o que se passava em minh'alma. Que hei de fazer para que ella saiba do meu amor?

Como dizer-lho ? Si a vejo andar sigo-lhe os passos, as flores de que ella fala são as minhas flôres, o que ella festeja eu amo... Deus meu, pois é possivel que não tenha comprehendido ainda? Sem vêl-a sinto a ausencia de mim mesmo, falta-me tudo e tudo me aborrece... mal a encontro estremeço e soffro, mal a encontro. Penso em evital-a, penso em esquecel-a, mas esquecer a vida é quasi um crime e ella, força é dizel-o, é a minha vida. Tudo tenho tentado: quando ella fala inclino-me para ouvil-a e, si a vejo em silencio, os olhos baixos (oh presumido coração!) chego a cuidar que ella, indifferente e fria, pensa em mim. Deus meu, que hei de fazer para que ella me comprehenda ?

Seu nome não me sai dos labios, não o pronuncio alto, aspiro-o, levo-o á minh'alma, como um canto, para acalental-a e, no meu

coração, como em um berço, minh'alma adormece embalada por esse canto. A's vezes tenho impetos de confessar-lhe tudo, olho-a, mas encontro o seu olhar tão frio que... Deus meu, pois é possivel que não tenha comprehendido ainda? A' noite meu pensamento povôa-se com essa estatua: são os seus olhos, é a sua bocca, são os seus cabellos, é o seu sorriso, é a sua voz, é o seu andar... como ha tantas seducções em uma só mulher e porque não tens força, coração, para resistir aos sortilegios desse formoso e desejado inferno? Vives na Thebaida do peito; faze-te forte, asceta; faze-te bem forte para que te não seduzam mais os seus encantos. Mas não, apenas ouves o seu passo, ficas submisso e humilde e, para que te contenhas, as mais das vezes, forças-me a evital-a. Achou-me pallido e doentio, certa manhan e falou-me. Que lhe disse eu? não sei, já me não lembro. Melhor seria que eu ali mesmo lhe tivesse dito a razão da minha pallidez enferma.

Si eu lhe falasse? Mas... quem sabe?! Quem sabe si ella, como eu, não soffre em silencio? Quem sabe si ella, tambem não me procura n'alma o segredo que eu guardo dolorosamente? Por vezes tenho surprehendido seus olhos negros fitos no meu rosto. Quem sabe si ella tambem, á noite, recolhendo, não terá, muita vez, soluçado fremente:—Deus meu, pois é possivel que não tenha comprehendido ainda?

O CENTENARIO

Era um jequitibá formidavel, o mais velho da selva. Sem galhos, sem folhas, o tronco apenas avultava entre as arvores frondosas como um mastro colossal. Junto á raiz uma broca profunda debruada a musgos, em volta samambaias caprichosas e cipoaes contorsidos onde rôlas e gaturamos penduravam ninhos. O machado dos lenhadores respeitava-o: era o patriarcha venerando da selva, encanecido e minado pelo tempo. Procuravam-no apenas os maribondos que colavam os seus alveolos ao vetusto tronco ou os bemtevís que, empoleirados na grimpa, cantavam ao nascer do sol e ao cair da tarde.

Todas as arvores contemporaneas tombaram, elle sósinho resistia, marcando, como um deus termo, a fronteira selvagem.

Davam-lhe seculos, e, um mateiro disse, certo dia :—Esse é do tempo dos caboclos. Já nem casca tem mais, coitado ! E' poeira que está de pé, sabe Deus como.

Resistia, emtanto, ás soalheiras fortes e ás desabridas borrascas, mas debalde a primavera passava por elle, misero macrobio! as folhas não brotavam mais.

Uma noite—o luar clareava limpidamente a montanha—estavamos na varanda de casa quando ouvimos um baque fragoroso como si uma barreira houvesse aluido cavada pelas enxurradas. As moças tremeram apavoradas, os cães avançaram ladrando e todos os olhos voltaram-se na direcção do fremito. O mato farfalhava como si o agitasse a furia dum vendaval, estalos rispidos vinham da selva copada, fronteira á casa. O pasmo crescia quando um antigo escravo, resoluto e atrevido, offereceu-se para ir á collina. Subiu alumiado pelo luar e já o haviamos perdido de vista quando ouvimos a sua voz retumbando no silencio da noite: —Foi o jequitibá que morreu!

Na manhan seguinte fomos, em romaria, ver o cadaver do gigante. Lá estava com as raizes arrancadas da terra, tombado sobre as outras arvores como Jesus ao collo das mulheres.

O tronco fôra ferido pelo caruncho que é a larva destruidora dos vegetaes, só a casca resistira formando um grande tubo negro através o qual via-se o céu. Vasio, inteiramente vasio, o centenario tombara impellido pela brisa, elle que lutara com os cyclones no tempo verde da sua mocidade viçosa; ou quem sabe si não si deixou cair exhausto de illusões e de forças? Encarquilhado—porque já não possuia a resistencia intima, —tinha apenas a fórma externa de um tronco, a apparencia de uma arvore: por dentro era a triste immensidade do vacuo.

—Assim somos nós, disse um velho que o contemplava. Assim somos nós, disse com desalento. A's vezes um carinho mata-nos porque, vasios como estamos, nem força temos para resistir á alegria.

Esse... foi o luar que o matou, foi o affago que o feriu de morte. Assim somos nós, tristes corações vasios. Sem a força interior, minado pelos desenganos, quem ha que resista aos embates da vida? Bem certo que é melhor morrer.

A RAMILHETEIRA

Vestidinho de cassa, pobre mas gracioso, na cabeça uma coifa de linho entresachada de fitas, passo miudo e trefego d'ave assustadiça, a *corbeille* ao braço, atufadinha de rosas, lá vai ella, a ramilheteira, pelos hoteis, pelos theatros, sempre risonha, offerecendo flores. Terá dezoito annos? Talvez ainda os não tenha; dezeseis, no maximo, terá.

Loura, d'olhos azues, corada, que linda é a ramilheteira franzina! Sempre que a vejo compro-lhe flores, não tanto pelas flores, mas por ella. Com que graça vende! Com que graça, ella mesma, crava o ramo na lapella, tirando para pregal-o um alfinete, que os traz sempre, como uma franja de prata, no corpinho, justamente no ponto em que é mais alto o collo.

Sempre que a vejo compro-lhe flores e, emquanto os seus dedinhos, qne já ganharam a cor das rosas com que lidam, vão arranjando o perfumado adorno na botoeira do meu casaco, falo-lhe, ouço-lhe a voz, vejo-lhe os dentinhos brancos, a luz dos olhos, a cor das faces, as faces que são como as taboletas da ramilheteira— vendo-as percebe-se logo que a dona é vendedora de rosas.

Creio que a chamam Lenita.

Foi num triste domingo, depois de muito passar sem vel-a, que de novo a encontrei na rua. Mal descobriu-me veiu logo, risonha, já um raminho prompto e um alfinete nos dentinhos brancos. Achei-a pallida, tão pallida que não resisti á pergunta:

— Que tens? Perdeste a linda cor do rosto. Estiveste doente?

— Não. E ia ajustando o ramo ao meu casaco.

— Que tens então?

— Nada.

— Nada! Que fizeste das lindas rosas do rosto?

Baixou os olhos e a lapella do meu casaco, por onde andavam marinhando os seus dedinhos, tremeu nervosamente.

— Que tens, Lenita?

— Oh! que curioso! Pois não sou vendedora de flores?... Que fiz das rosas do rosto?!... houve quem as quizesse e, eu... Pois não sou vendedora de flores? Riu, e, só então, fitando-a reparei que já não havia a mesma luz nos seus olhos ingenuos, nem tanta belleza no seu rosto de creança.

O PAROCHO

Tão velhinho! Pobre velho! Vivia ali entre pastores, na alta serra gelada, espalhando bençãos e esperanças.

« Não chores, filha. Deixa que as neves se derretam para que o teu noivo possa transpor o monte. Não desesperes, pastor. Então porque te morre um borrego bradas assim contra teu Deus? Não te lembras de Job? Não tens ainda tanta ovelha fecunda trincando a herva dos outeiros, bebendo a agua das fontes? Porque choras, mulher?

Levanta os olhos para o céu, elle lá está, é anjo entre os anjos do Senhor. Que melhor queres? Aqui seria zagal: tremeria ao frio, fugiria ao lobo e, muita vez, talvez chorasse á mingua vendo o embornal vasio ou tiritasse assentado á beira da cinza morta. Deixa-o lá! » Falava assim á noiva triste, ao pegureiro bravio, á mãi chorosa, o velho parocho serrano.

Tão velhinho! Pobre velho! Nem mais fugiam as pombas quando o viam entrar vagarosamente a velha igreja, iam-lhe á frente as pombas, arrulhando com familiaridade.

A sua missa era longa. Tão velhinho! Já lhe custava pronunciar, e para ler então! baixava a cabecinha branca e tremula sobre as amarellecidas folhas do missal como si as beijasse. A's vezes, porém, ficava extasiado: os olhos longamente postos no crucificado e, quando os descia, estavam rasos d'agua.

Grande santo! E morreu.

Foi um rumor em toda a serra quando souberam do testamento do parocho:— Tudo para a Dionysia: o casal, as velhas pratas, terras no monte e o gado. Tudo para a Dionysia.

Ah! não fosse a Dyonisia uma moçoila nova e promettida esposa dum serrano moço. Ah! não fosse ella tão nova e o parocho tão

velho e muito haviam de rir os que a topassem. Mas não... o parocho vira-a nascer, nascera no presbyterio duma serrana piedosa que, por devoção, cuidava do bom parocho e dos bens da capella; vira-a nascer, creara-a, baptisara-a e tinha-se affeiçoado á pequenita que nunca conhecera o pai e que perdera a mãi, para que não soffresse miserias tudo lhe deixou: o casal, as velhas pratas, terras no monte e o gado. Ah!... não fosse elle tão velho e ella tão moça.

O MEU TUMULO

Quero eu tambem ter o meu tumulo. Vou mandar construil-o de granito e de marmore para que a clava do tempo o não destrua. Quero-o bem alto, tão alto como as pyramides, para que venham pastores com os seus rebanhos repousar á sombra dos seus muros.

Em torno, chorando, as aguas tristes de um rio e salgueiraes, em desalinho pungente, e cyprestes altos, de lucto, firmes como eremitas extaticos, fazendo alas funereas.

O interior resplandecente como uma nave de igreja. Nichos, ao longo das muralhas, guardarão santamente os meus primeiros sonhos, as minhas ultimas esperanças e, num grande altar lapidario, num tabernaculo, o meu Ideal que ninguem jamais poude descobrir, o meu Ideal mysterioso como a face magnifica de Isis que o veu denso ainda esconde.

Arderão em tripodes de ouro, abrazados em chammas de amor insaciado, corações de vinte annos e o teu coração, minha amada, irá para junto do meu corpo como o symbolo da Alma immortal, o escaravelho, que os egypcios deixavam junto das mumias adormecidas.

Uma grande lage, pesada e grossa, fechará a entrada para que não penetre o sol nem os olhares dos homens penetrem desvendando os mysterios da morte.

Levarei commigo todas as minhas canções jocundas e tu, sempre querida, não esqueças na vida os teus sorrisos, tral-os para encher com elles o nosso eterno palacio—serão as aves do amor, as aves da primavera infinita. E não chores a minha morte para que teus olhos não fiquem esmorecidos, porque os quero ver claros, lucidos,

brilhantes, porque havemos de os utilizar como alampadarios nessa tréva silente do sepulcro. Quero bem alto, bem vasto o meu tumulo para que os homens invejosos digam:

—Grande tumulo! Tão alto monumento para dois corações apenas!

E nós, emtanto, iremos brocando as lages para expandir o nosso amor porque, de certo, será pequeno o tumulo para conter os beijos que me prometteste e os beijos que eu te prometti e então, quantas violetas virão á flôr da terra! quantas rosas, amor, e quantos lyrios e os homens dirão, mais tarde:

—Pois não lhes chegou o tumulo para que assim tragam os seus beijos para a luz do sol?

Bem alto e vasto o tumulo que vou mandar construir, isolado; tão alto como as pyramides para que venham pastores, com os seus rebanhos repousar á sombra dos seus muros. E vós, almas piedosas, vós que respeitaes os mortos, quando passardes junto do meu tumulo esquecei orações, esquecei lagrimas: cantai, cantai amores para que nos regosijemos na morte, sabendo que ainda ha vivos no mundo. E não terão pavor os que morarem perto, não terão pavor das nossas almas; as mesmas crianças virão brincar em torno do tumulo como as aves brincam em torno de um altar de igreja e, aos que as intimidarem dirão sorrindo:

—Não saem. São dois corações apaixonados que se não deixam. No dia em que sairem desabará o tumulo de pedra.

E Deus, no fim das éras, quando tudo fôr destruição e silencio, encontrará, como um marco de amor, o tumulo alto que vou mandar construir, tão alto como as pyramides, para que avulte sobre a poeira morta das ruinas universaes.

Coelho Netto

ANTONIO JOSÉ "O JUDEU"[1]

Calorosa homenagem de sympathia reclama-nos Antonio José da Silva (1705—39), fluminense educado na metropole e que ahi espargiu, em mais de uma duzia de composições dramaticas, o sal do seu engenho tão cedo destruido pelas labaredas da Inquisição. Contava o Judeu apenas trinta e quatro annos quando o fanatismo roubou-o ás letras, que o acatavam como um activo cultor do theatro portuguez, cuja tradição, após as felizes apparições de Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcellos, em grande parte se obliterara.

As composições de Antonio José são operas, genero no qual deslizara a tragedia quando nella introduziu-se o elemento lyrico, realçado pelo nosso poeta, que nunca possuiu a suavidade nem a elegancia de um Metastasio, por meio das melodias deliciosas das modinhas patrias. Em Portugal nunca existira aliás na qualidade de genero explorado a tragedia classica, ou por outra, esta, a não ser na peregrina *Castro* do doutor Antonio Ferreira, jamais se havia desligado dos seus generos similares: tragicomedia, comedia heroica, tragedia pastoral, etc. Sómente na segunda metade do seculo XVIII foram as magnificas composições francezas de Corneille e de Racine vulgarizadas pela Arcadia, e, quando seduzida a sociedade pelos

[1] Da parte III (A escola bahiana, o Judeu e o movimento academico) dos *Aspectos de literatura colonial brazileira*.

novos ideaes de renovação, veiu a ser pressurosamente recebida a tragedia philosophica de Voltaire. Enganar-se-ia de resto muito quem na obra do Judeu procurasse o resquicio da nobreza e da vehemencia tragicas.

Les héros surmontant en des efforts suprêmes
L'excès des passions déchaîné dans eux-mêmes.

Baixa comedia chamaram ao genero literario creado por Antonio José (Th. Braga, *Hist. da lit. port.*), e com effeito baixa a devemos chamar si attendermos á ausencia nesse theatro, já não direi de ligado entrecho psychologico, quer numa tragica luta com a fatalidade divina ou interna, quer numa dramatica ou comica peleja da vontade com obstaculos superaveis — mas pelo menos de genuina vibração humana ou de completa polidez de locuções. Shakspeare descurou frequentemente a linguagem, obrigando o *cant* britannico ás edições expurgadas, e Molière offerece não raras lembranças de um comico pouco limpo ; ambos porém foram optimos analystas, possuiram em subido grau a intuição da alma. Na obra do Judeu entretanto o conflicto dos sentimentos, si bem que sempre esboçado em suas transições, é posto em jogo e tornado mesmo interessante por alheios artificios do enredo, apparecendo dest'arte quasi todo superficial. Poucos traços encontramos de legitima evolução affectiva, como nas *Variedades de Proteo* a aproximação da meiga Dorida e do irascivel Nereo, desdenhados os dois, consolando-se mutuamente, e acabando por enamorarem-se sinceramente.

Quanto ao estylo, na parte que o culteranismo não o macúla, cingiu-se o escriptor em extremo ao preceito de Horacio :

Versibus exponi tragicis res comica non vult.

Assim introduziu em suas peças, a par de um formidavel e louvavel desrespeito pelas estafadas tradições mythologicas, que só corre parelhas com o das modernas operas buffas da collaboração Meilhac-Halevy-Offenbach, uma linguagem chula, da qual todavia deriva boa porção da popularidade do autor.

Este, valha a verdade, de antemão defende-se de qualquer increpação dos delicados:

> Nome não busco excellente
> Insigne entre os escriptores
> *Os applausos inferiores*
> Julgo a meu plectro bastantes.

Similhante condescendencia com o gosto grosseiramente adubado do seu publico não significa comtudo que Antonio José nella repousasse exclusivamente o exito das operas que escreveu. As composições do Judeu têm outros merecimentos que as fazem hoje ainda ser lidas sem enfado, antes com prazer; e depois, porque não confessal-o? aquella propria tendencia de alguns personagens para as estimulantes locuções plebeias dá-lhes um sainete particular, mercê da vantajosa contraposição aos guindados *palanfrorios* dos heróes, fartamente recendentes a gongorismo. Os «cenotaphios de meus suspiros» e o «liquido monumento das minhas lagrimas» de que fala Thezeo no *Labyrintho de Creta*; os «conceitos que aos borbotões chovem da bocca» de D. Tiburcio nas *Guerras do Alecrim e da Mangerona*; outras innumeras passagens faziam por um lado as delicias das platéas educadas no séstro rhetorico do seculo XVII. Por outro lado no emtanto desannuviavam tão pomposo horizonte as liberdades de expressão dos typos comicos, cuja representação cabe nas operas—*vaudevilles* lhes chamariamos na terminologia hodierna—de Antonio José aos confidentes da antiga tragedia, agora simplesmente denominados criados e decorados de alcunhas burlescas que sobremodo indicam a sua orientação jovial. São nos *Encantos de Medéa* (1735), Sacatrapo e Arpia; Esfuziote Taramella e Sanguixuga no *Labyrintho de Creta* (1736); Sevadilha Fagundes e Simicupio nas *Guerras do Alecrim e da Mangerona* (1737); Caranguejo e Maresia nas *Variedades de Proteo* (1737); Chichisbeo e Chirinola no *Precipicio de Faetonte* (1738).

Monopolizam estes graciosos todas as desventuras picarescas, põem em relevo todos os ridiculos dos cerimoniaes palacianos e dogmatismos realengos, dos palacios e reis da antiguidade pagan, já se entende; e animam a cada momento a acção, falha de um interesse intimo, com as chufas pesadas que descarregam, e com o grotesco das situações que as tramoias auxiliam. Porque é força

lembrar-nos que nas operas de Antonio José desempenham os machinistas um papel importante. Algumas até são verdadeiras magicas, em que uma nuvem, um alçapão ou um feitiço põem fecho a um lance embaraçoso ou abreviam a chegada de uma scena esperada.

E' evidente que, pelo que diz respeito á contextura dramatica, deparam-se-nos nas producções do Judeu uma architectura pouco complicada e pouco subtil, e um pessoal limitado de typos que se repetem; mas taes faltas acham-se suppridas pela veia comica com que nos apparecem tratados os assumptos. A fluencia e a permanencia do riso são realmente notaveis. A gargalhada resalta amplamente dos ditos dos criados, que encarnam o bom senso popular fustigando as pieguices de sentimento e os exageros de estylo dos personagens classicos. «Monumento de crystal», appellida Thezeo o mar. «Aquillo não é crystal, senhor, são aguas vivas que matam a gente», replica Esfuziote. «Deixai voar a minha esperança», acrescenta aquelle heróe atheniense. «Ficarás então sem ella», observa o magano confidente. «Porque motivo se apagaria aquella luz?» pergunta o Rei vendo extinguir-se a luz do Hymeneo. «Por que se acabou a torcida» retruca Chichisbeo, disfarçado no magico Fiton.

Antonio José escrevia em um periodo de transição literaria, no qual o séstro culteranista entrara a ser apodado de «espirito de mau gosto». Não ousaria o Judeu reagir abertamente e por si contra a disseminada linguagem *discreta*; porém os debiques que lhe occorriam, fêl-os visivelmente transparecer na ironia do vulgacho verberando sem piedade os trocadilhos, as hyperboles, as assonancias, os muitos despauterios rhetoricos do seculo de Antonio Vieira. Por vezes mesmo o abuso das extravagancias gongoricas—de que elle usava em satisfação á corrente ainda dominante e tambem pela educação literaria que recebera — é feito com intentos satyricos, tal como no soneto de D. Tiburcio ás primas D. Nize e D. Cloris:

Primas que na guitarra da constancia
Tão iguaes retinis no contra-ponto,
Que não ha contra-prima nesse ponto
Nem nos pospontos noto dissonancia,

Mesmo si buscarmos no escriptor a influencia contraria do neo-classicismo, sómente a encontraremos na quasi total escolha dos argumentos das operas. Desta relativa independencia de escolas é

que aliás provém para a obra do Judeu uma physionomia diversificada da do commum da literatura portugueza do seculo XVIII.

Ao neo-classicismo faltava então a realidade ambiente da Renascença quinhentista, e com a sua sujeição era peculiarmente incompativel a espontaneidade que o nosso poeta bebera com o leite na terra natal. A poesia popular brazileira, ou antes a adaptação differenciada da portuguez, irrompia facil da activa fusão das raças contribuintes do producto nacional. Si a reversão «ás lendas, ás tradicções, ao sentir, á vida intima do povo» ainda se não tornara possivel, e apenas a tentaria com felicidade o romantismo após sérios esforços philologicos e profundas commoções sociaes; daquella condição especial da mentalidade ultramarina, solicitada em suas artificiaes direcções literarias pela elaboração de uma nova psychologia nacional, devia em todo o caso brotar uma tendencia, inapreciavel a principio e paulatinamente caracterizada, para a singeleza e naturalidade das manifestações espirituaes. Nas producções de Antonio José allia-se por isso de quando em quando ao elemento maravilhoso da fabula antiga, a fantasia anonyma da novellistica popular. Nos *Encantos de Medéa* v. g., si Jason affronta perigos em procura do vellocino, Sacatrapo enthusiasma-se pela realidade do burro c... dinheiro. «Eu já ouvi falar nisso do burro c... dinheiro, que minha mãi o contava, quando eu era pequeno», exclama elle, ou antes o escriptor, com o accento de uma reminiscencia rica das imaginativas com que lhe embalaram os primeiros somnos, numa fertilidade de creações augmentada pela concurrencia de outros factores ethnicos, e pela seducção da terra mysteriosa enxertando-se sobre a inventiva aventura do factor principal, o portuguez.

Denotando o Judeu por esta face do seu talento, mais espontaneo, a origem do seu berço, revela nas outras a influencia da residencia constante na metropole. Recordações concretas, voluntarias, do Brazil, não as offerece, nem na escolha dos typos, nem nas referencias aos costumes, quando raramente allude á colonia, é sempre por motivo das minas, opulencia do reino. « Mina temos? » pergunta Esfuziote num dos costumados jogos de palavras. Grande fortuna nos espera. »

E como documento de fortuna introduz-nos nas *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, D. Lancerote, velho somitico que na

industria do ouro juntara seu cabedal. Ao contrario, é portugueza a qualidade da graça de Antonio José, a natureza da sua ironia: isto é, não possuem geralmente um alcance maior do que o méro valor das locuções e modismos por que se traduzem; não encerram na maior parte qualquer sentido occulto, qualquer chiste menos á superficie, agradando certamente por tal simplicidade ao publico a que eram destinadas. Degenera por vezes a graçola em porcaria, e até na obscenidade. Negocio de pouca monta; razão mesmo de estimação. A platéa saboreava não só as expressões mais sujas e as mais apimentadas, como as lembranças mais despropositadas, comtanto que lhe não atormentassem a imaginação com intrincados problemas moraes, e lhe não desnorteassem a attenção com demasiadas subtilezas de estylo. Só exigia que a opera conservasse bem a sua feição decorativa, pomposa, e a sua mescla de episodios sentimentaes e burlescos. Linguagem culteranista, com gosto a acolhia dentro dos limites difficeis do intelligivel, que aos engenhos em justa literaria era dado ultrapassar á porfia. Os ouvidos aos espectadores andavam afeitos a um seculo de comedias de capa e espada, e ainda recebiam com agrado as imagens em prolongada associação, os calembures, as assonancias, os equivocos, as comparações, as antitheses, todas as baldas rhetoricas do gongorismo que soassem como uma musica cheia e variada, mas perceptivel.

O *Labyrintho de Creta*, uma das operas do Judeu melhor engendradas, de intriga mais desenvolvida e de mais vehemente collisão de affectos, é igualmente das mais inçadas nessas figuras e formulas em uso. Até Esfuziote se mette em algumas scenas a expressar-se nobremente, um pouco por mangação, pois que chega a reputar descortezia o emittir conceitos, mas não o entendendo Taramella, abandona os tropos e mais galas com a seguinte observação: « Já que não entendes de estylos crespos, te falarei em frases estiradas. » *O estylo crespo* parecia sobretudo apropriado aos personagens da tradição classica, e inseparavel dos galans e damas requestadas nas scenas de galanteio: como si para realçar o tom affectivo tornasse mister recorrer á pompa da linguagem. Nas épocas parecidas de plethora de estylo, na decadencia romana e nos assomos do ultra-romantismo, nota-se igual persistencia das formas rebuscadas ou empolladas, encobrindo com

flores literarias a ausencia de um sentimento verdadeiro, de uma franca manifestação de amor. Por isso, da sua ingenuidade intencional, Caranguejo muito chanmente retruca ás frases bombasticas de Proteo: «Eu cá no meu amor sigo outra philosophia mais natural; a formosura cá para mim ha de ser clara, palpavel que todos a entendam como as pastoras do tempo antigo.»

Si as demasias rhetoricas maculam-lhe os dialogos de maior effeito, a preciosidade, ostentando-se aliás nos sonetos, não affecta muitas das arias na obra dramatica de Antonio José. Perante tal qualidade, o Sr. Sylvio Roméro considera sobretudo a memoria literaria do escriptor sob o ponto de vista lyrico, que entretanto me não parece ser o mais solido esteio della. O Judeu possue muito mais habilidade scenica, a saber, facilidade de alimentar e conduzir por meio de engenhosas invenções os enredos esboçados do que profundo sentimento poetico. Todavia nos seus versos a affectação é limitadissima si a compararmos com a generalidade das tediosas producções contemporaneas em Portugal; e pelo menos a espontaneidade, posto que em algumas composições recitadas deixe-se vencer pelo amaneirado, despe ordinariamente das roupagens complicadas do culteranismo a parte lyrica das operas, que a musica colonial devia sobrelevar com a doçura dos seus compassos. A inspiração não é larga, nem afoita a expressão. A naturalidade, acostumada ás pesadas vestimentas do seculo, resistia a expor-se sob mais ligeira tunica. Denuncia-se porém a transformação do gosto pessoal pela acção de agentes alheios á exclusiva tradição da metropole, na conseguida singeleza, em harmonia com a musica encantadora. A simplicidade e a sinceridade, primeiras condições do sentimento, revelam-se já em varios accentos, ou de franca ternura como os de Tebandro, *no Labyrintho de Creta*:

O navegante,
Que combatido
De uma tormenta
Logo experimenta
Quieto o vento
Tranquillo o mar.
Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo,
Que vai crescendo

Minha ventura,
E vai cessando
De meu gemido
O suspirar.

ou de ciume, como os de Lidoro na mesma opera:

Qual leôa embravecida,
Que se vê destituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos,
Rompe a terra, e fere o ar:
Assim em meus gemidos
Bramo, peno, sinto, e choro,
Vendo (oh Deus!) o que eu adoro
Noutros braços descançar,

ou de amor, como os de Faetonte:

Deixa que eu morra
Desta ferida,
Que é melhor vida
Morrer por ti,
Si me desejas
Da morte isento,
Não te retires;
Pois só me alento
Com ver-te aqui.

ou ainda de melancolia, como os de Ismene no *Precipicio de Faetonte*:

Ditosa pastorinha,
Que alegre em verde prado,
Só cuida no seu gado
Ao som da melodia,
Que inspira a rude frauta
Do amante seu Pastor.
Politicas não usa,
Nem maximas inventa,
Ufana se contenta
Das flores, que tributa
A' fé de um casto amor.

ou finalmente de duvida e desconfiança, como os de Dorida nas *Variedades de Proteo*:

Não tenhas por delirios
Meus temores,
Que em amores
Em duvida é melhor
Temer, que confiar.
Oh credula não sejas.
De amor no cégo engano,
Que em tal damno
Dos males o peior
Devemos esperar.

Si as modinhas brazileiras podiam preencher com a sensualidade das suas melodias o que porventura escasseava ao Judeu em suavidade lyrica, não logravam ao envés encobrir a falta de intenção moral das comedias do fluminense. A falta explica-se comtudo, tanto mais quanto os moralistas ainda constituiam no seculo de Antonio José uma classe literaria á parte. Apenas por uma demorada evolução chegariam o romance e o theatro a englobar aquella *sciencia da vida*, que deixou de occupar especialmente um La Rochefoucauld, um La Bruyère ou mesmo entre nós um marquez de Maricá, para ser igual apanagio de um romancista como Balzac, de um poeta como Victor Hugo ou de um dramaturgo como Dumas filho. O peior, porém, é que na obra do Judeu a ausencia de intenção moral repercute-se na fraqueza do desenvolvimento psychologico dos personagens, cerceando a este desenvolvimento o seu campo de actividade e precipitando por vezes bruscamente a intriga. As situações nem sempre acham-se bem preparadas quando são apresentadas. Si Ariadna, lembrada talvez da rabugisse do pai Minos, resiste dengosamente ás preces de Thezeo; si Cyrene só não accede de prompto aos rogos de Proteo por temer desarranjar a ambiciosa e desleal combinação do seu progenitor Polipio, o qual fazendo dos mais beocios, a faz passar pela princeza da Beocia: si finalmente Maresia, para não enamorar-se de Caranguejo, invoca meio arrependida o casto juramento feito a Diana — não guiando-se qualquer dellas pelo formoso sentimento subjectivo do pudor, pois que a primeira até appellida de *dura* a lei objectiva do decóro —: Ismene muda de deriço a medida que

crê ser ou não Faetonte o filho de Apollo, e Medéa despacha a Jason uma declaração de amor imprevista. « Quem sente, explica ella, é força que se queixe, que para amar, basta ter alma. » Faz-lhe symetria em outra opera o incendido Proteo ao perguntar « qual é o amor que não tem por azas o atrevimento ? »

O leitor, porém, surpreso com aquella aggressão, por mais que queira render-se ás razões da paixão e procure transportar o seu juizo critico para a atmosphera literaria do Portugal de 1735, involuntariamente applaude o commentario laconico e expressivo de Sacatrapo á frase de Medéa: « Ah bom arrocho ! » A observação apparece-nos de resto inteiramente cabida quando, no final, vemos que a impetuosa heroina, longe de proceder com violencia analoga á do começo, vale-se serenamente dos proprios feitiços e « vai vagar pela região do ar » para não assistir ás infidelidades do amante.

As numerosas saidas comicas, como a de Sacatrapo, compensam para o valor do theatro de Antonio José, o que no terreno da evolução dos caracteres nos não é dado encontrar de muito interessante, além de alguns felizes contrastes no desenho como o ardor de Fedra e a languidez de Ariadna, ou o orgulho de Nereo, antepondo na mulher a nobreza á belleza, e a expansão arrebatada de Proteo, deixando-se abrazar nas chammas de quaesquer lindos olhos. Perdoam-se ao autor os seus eventuaes exageros burlescos porque elles ajudam a manter-nos em quasi constante hilaridade. E o riso não só é de todos os tempos, como é das manifestações da sensibilidade a mais radicalmente humana. Os animaes nas torturas do sentimento choram, escreveu algures a illustre hespanhola Pardo Bazan ; ninguem porém os viu jamais rir nos delirios da alegria : ao homem só coube este privilegio.

As paginas joviaes de Antonio José são as que ligam de certa fórma as suas operas aos autos graciosissimos de Gil Vicente e lhes asseguram a estima dos que buscam nas producções espirituaes o pulsar vigoroso da alma popular com suas franquezas, crendices e espertezas, mais do que a fria exposição das convenções classicas. Shakspeare não é só grande pelo seu maravilhoso conhecimento do coração humano, pelo seu ideal levantado de nobreza de caracter, pela immensa variedade da sua objectividade, sinão tambem pelo interesse que as suas peças recebem da identificação com o espirito nacional. O poderoso dramaturgo inglez amava com enthusiasmo a sua patria ; sentia as paizagens que na meninice o tinham cercado ;

participava das aspirações dos seus concidadãos; gosava como estes, e usava literariamente como qualquer romantico, das allegorias, das abusões, de todas as creações fantasiosas da imaginativa popular. (Karl Frenzel, *Die Persönlichkeit Shakespeare's*).

Ao contacto do elemento plebeu Antonio José não só ensaia nos trechos affectivos falar desassombradamente a linguagem do bom senso, como aventa mais abertamente as suas observações da vida, as suas analyses de typos, as suas satyras de costumes contemporaneos, adquirindo até uma independencia de expressão desusada na sua época e no seu meio. Recordemo-nos como exemplo desta liberdade de elocução, da excellente scena I da parte II do *Labyrintho de Creta*, em que Sanguixuga adverte a sobrinha que se adestre bem para princeza, alliando a severidade e o carinho, por quanto « temperar a aspereza com affagos é a verdadeira maxima de reinar, » e recebe de Taramella a soberba resposta de que « se não cansará com isso; porque sendo Princeza, quer seja azeda, quer doce, assim a hão de tragar ». Por seu lado Faetonte exclama com emphase que « muitas vezes a tyrannia é o primeiro degrau para subir ao throno. » E como estas, outras frases se nos deparam vibrantes de ironia, infelizmente muito menos frequentes do que as graçolas grosseiras ou ruidosas, que tanto lisonjeavam a bonhomia intellectual dos frequentadores dos theatros portuguezes.

Tenhamos não obstante sempre em vista, ao apontarmos tal senão, que além do gosto do publico e de outras condições dominantes, o Judeu, quasi constantemente perseguido pelo Santo Officio — o qual não admittia como a Egeria do *Precipicio de Faetonte* que « o privilegio da Razão é de poder entrar no mais iniquo Tribunal » — e afinal victimado em plena mocidade, não achou tranquillidade, nem occasião, nem tempo para afinar a sua grande veia comica, manifesta mesmo nos seus versos picarescos, e dar-lhe uma mais elevada applicação. Das vantagens que essa veia alcançaria num campo de mais directo exame social que o da antiguidade mythologica, fornece-nos garantia o mais reputado trabalho do escriptor — *As guerras do Alecrim e da Mangerona* —, no qual, lidando exclusivamente com personagens burguezes e plebeus, o engenho de Antonio José sente-se á vontade; augmenta a sua perspicacia de commentador; cresce o interesse do entrecho dramatico, commummente vivaz; e humanizam-se em uma mais subida escala as lutas de affectos e as emoções da alma.

Funda-se a citada farça nas rivalidades que separavam em arraiaes emulos os partidarios das duas profusas e aromaticas plantas, tradicionalmente cuidadas em Portugal com zeloso carinho: antagonismos de que conservamos uma lembrança nas contendas de *cordões* dos nossos presepios.

Por ti desprezo, só por te querer
Jacintho, gyrasol, rosa e jasmim

—declaravam simultaneamente, para angariarem as boas graças das duas sacerdotisas do alecrim e da mangerona, os seus namorados, peralvilhos « fartos de palavras já que no mais são famintos, não morrendo de fome por não terem onde cair mortos » delineados com felicidade pelo autor.

Aos traços de contribuição original, Antonio José juntou nesta intitulada opera joco-séria algumas reminiscencias das suas leituras de famosos escriptores de theatro estrangeiros; facto que sem empallidecer a sua fecundidade creadora, abona a sua cultura intellectual. Seria curioso, embora enfadonho talvez, e seguramente moroso e difficil, respigar na obra completa do Judeu as passagens denotadoras, de alheia influencia. De duas lembro-me entretanto que são imitações palpaveis, posto que empregadas muito a proposito: as transformações de Simicupio, analogas ás do Crispim do *Legataire universel* de Regnard, e os discursos de sciencia burlesca proferidos pelo mesmo personagem, a exemplo do Sganarello do *Médecin malgré lui*.

As recordações francezas e quaesquer outras, não diminuindo, tampouco acrescentam o valor literario de Antonio José. Independente dellas cabe-lhe entre a pequena pleiade de nossos escriptores coloniaes um dos mais distinctos lugares, já pela sua sciencia profissional, que faz do Judeu um predecessor de Scribe, o mais inventivo dos dramaturgos do seculo XIX, já pelos accentos espontaneos do seu lyrismo.

Como autor dramatico, vimos que o Judeu effectivamente salienta-se pela habilidade com que sabe carregar a desbotada urdidura de uma peça, não permittindo que fraqueje nunca o interesse; sacudindo, um tanto empiricamente é certo, mas com tino e discrição, uns contra outros os sentimentos humanos, os vis mais que os bellos, como que denunciando a vida do escriptor amargurada pela delação, pela inveja e pela crueldade; manejando emfim com

pericia as occasiões de commover a platéa, e despendendo a mãos largas os meios de provocar-lhe a hilaridade. Sem ser um sagaz observador de costumes, nem um destro dissector de corações, ha nelle alguma coisa mais do que a enganadora facilidade de um rabiscador fertil. Espalhadas na sua obra existem verdadeiras intuições de caracteres, transparentes criticas á sociedade ambiente, claras intenções de audaz pensamento, vigorosos encontros de paixões, peccando quiçá por convencionaes, porém de que derivam situações attraentes e impressivas, as quaes attingem quasi o drama. Domina sobretudo toda aquella obra uma real, uma forte imaginação.

Como poeta, verificamos que encontrou o Judeu na ardencia do seu sangue, hereditariamente estimulado por um longo *habitat* tropical, notas singelas e tocantes, que annunciam, bem que de longe, um renascimento literario. A naturalidade da sua emoção, irman da naturalidade do seu chiste, é qualidade que se não encontra na literatura portugueza do seculo XVIII, excepto quando d'além mar a bafeja a briza saudavel do Brazil. O amor perde immediatamente nos seus personagens a insipidez, a fatuidade luzitana, para assumir uma garrula juvenilidade : « Amor que foi, sempre é, pondera Albano no *Precipicio de Faetonte*, pois não tem mais que um tempo, e por isso se pinta menino. »

A sanguinolenta beatice da metropole não consentiu todavia que por longo tempo chilreasse o expansivo genio do colono, sem que o devorassem as fogueiras do Santo Officio. Perseguiu, brutalizou, e ao cabo da malvadez consumiu o misero, sem mesmo um olhar de compaixão para a sua mocidade, para o seu talento, para a sua mansidão. O tribunal mostrou-se ferozmente surdo á prece delicada que pelos labios carminados de Ismene e de Cyrene murmurara a victima :

Fortuna que inconstante
Te ostentas rigorosa,
Quando serei ditosa ?
Quando serei feliz ?
Suspende por um pouco
Teu moto acelerado,
Não seja sempre o fado
Cruel a uma infeliz.

OLIVEIRA LIMA

O CREDITO[1]

COMEDIA EM CINCO ACTOS EM PROSA

A scena é no Rio de Janeiro e de actualidade

ACTO QUINTO

Sala de visitas na casa de Pacheco em S. Clemente. E' meio-dia

SCENA VIII

OS MESMOS, PACHECO, BORGES E D. ANTONIA

Rodrigo

Não é tão insignificante como pensa! (*erguendo-se*) Que diz, Sr. Pacheco?

Pacheco (*adiantando-se*)

A que respeito?

Rodrigo

O senhor não admira uma senhora que estando habituada a viver na melhor sociedade, que tendo seu marido empregado publico, não se envergonha de trabalhar para sustentar sua familia, e pagar as dividas que pesam sobre o nome que ella aceitou?

Pacheco

De certo! E essa senhora merece para mim tanto respeito e tanta consideração como as primeiras da sociedade.

Rodrigo

Ella tem a unica nobreza que eu reconheço: a nobreza da virtude e do trabalho.

---

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de dezembro, 1 e 15 de janeiro e 1 de fevereiro.

D. Antonia

Entretanto ha muita gente que não pensa assim, e julga que uma senhora que trabalha desmerece...

Rodrigo

E' verdade. No Brazil ha esse prejuizo e por isso a primeira impressão que soffre o estrangeiro observando os nossos costumes, é essa ociosidade completa em que vive a mulher. Nem uma sociedade da Europa apresenta este phenomeno; porque ali a civilização já fez comprehender que a mulher não é nem uma senhora, nem uma escrava, nem um traste; que o seu mais bello titulo é o de companheira do homem; companheira no trabalho, na honra, no amor, na vida emfim. No Brazil ao contrario...

Pacheco

Sim; cá em nossa terra a mulher tem o privilegio da preguiça; mas isto não se entende com a Sra. D. Antonia.

Rodrigo

No Brazil ha um principio falso, todos querem parecer iguaes na fortuna, o que é absurdo. A mulher de um empregado publico, que apenas ganha cem mil réis de ordenado, a filha de um homem, que nada possue, vive da mesma maneira, tem os mesmos habitos que a senhora da alta classe; passa os dias na janella, ou a ler romances; vai ao baile que frequenta a marqueza e a mulher do ministro; quer camarote no theatro lyrico e vestido de alto preço. E' nessa confusão que está o mal. Quem é rico divirta-se; quem é pobre trabalhe. Que quer dizer quando se entra em uma das nossas casas, mesmo de mesquinha apparencia, ver-se tres ou quatro moças que não fazem sinão pentear-se, vestir-se, cantar modinhas, e falar em casamento; e isto quando o pai se mata para ganhar um mesquinho ordenado?

Julieta

Estamos livres que digam isto de nós, Christina.

Rodrigo

Sim; porque a senhora que é rica e não precisa, D. Julieta, dá o exemplo trabalhando para os pobres; e Christina comprehende que uma filha deve a seu pai a vida que recebeu delle, que suas mãos depois de terem trabalhado não são nem menos bella, nem menos delicadas.

Olympia

Obrigada, meu amigo. Si ainda me restasse alguma duvida, as suas palavras me dariam o orgulho de uma lembrança tão simples.

Borges

E's tu, Olympia!... de quem elle falava?... E não me disseste nada!

Rodrigo

O marido é sempre o ultimo a quem se dizem estas coisas.

(Vai sentar-se no sofá—Entra Guimarães apressadamente com uma penna atraz da orelha, vestido como um guarda-livros nas horas do trabalho).

SCENA IX

OS MESMOS E GUIMARÃES

(Guimarães faz um comprimento geral).

Pacheco

O que é isto. Temos alguma novidade, Sr. Guimarães?

Guimarães

E muito grande. Vim a toda pressa participar a V. S., tal qual estava no escriptorio, por isso desculpe...

Pacheco *(caminhando para o sofá á direita)*

Vê-se logo que o senhor nem tempo teve de fechar a carteira: ainda está com a penna na orelha.

Guimarães

E' verdade! *(confuso tira a penna e guarda no bolso).*

Pacheco

Mas, vamos! O que houve?

Guimarães

Agora mesmo appareceu-me lá um cobrador de uma casa ingleza, do Plowes & C., que desejava falar com V. S.

Pacheco

Sobre que?

Guimarães

O gerente da casa, sabendo que o Sr. Oliveira deve brevemente pertencer á familia de V. S., por consideração mandou apresentar duas letras vencidas, no valor de trinta contos, que vai mandar protestar.

Pacheco

Duas letras vencidas! Do Oliveira?

Guimarães

Sim, senhor. Parece que elle se acha em más circumstancias: talvez hoje mesmo se declare a quebra!

Pacheco

Não é possivel!

Guimarães

Em todo caso vim avisar a V. S., porque deve se lembrar que endossou *(tirando a carteira do bolso)* em 10 de outubro sete letras de dez contos cada uma; e sem duvida teremos de pagal-as.

Pacheco

Mas elle tem fortuna! O Macedo affirmou...

Guimarães

Nunca a teve: tinha credito, mas não soube aproveital-o.

Pacheco

E' preciso que eu saiba como é isto! Terá me illudido?... Vou já á cidade! Mas espere... Quero escrever ao Oliveira para que vá ter commigo ao escriptorio *(entra no gabinete)*.

SCENA X

D. ANTONIA, OLYMPIA, RODRIGO, GUIMARÃES, JULIETA E CHRISTINA

Julieta

Então, minha mãi? Os meus presentimentos!

D. Antonia

Não julgues sem conhecer! Tu sabes as causas?

Julieta

Não; mas adivinho: queria ser rico sem se importar dos meios.

Guimarães (*a Rodrigo*)

Não o tinha visto, Sr. Rodrigo!

Rodrigo

Como vai no seu emprego?

Guimarães

Muito bem! é ao senhor que o devo, e a unica maneira que tenho de agradecer-lhe, é fazendo que não se arrependa da recommendação que me deu.

Rodrigo

Está enganado; deve-o a si unicamente. A minha carta foi apenas uma occasião: todo o homem que deseja sériamente occupar-se, acha um emprego.

Guimarães

E o Oliveira? Ouviu...

Rodrigo

Sabia ha dias.

Julieta

E não me disse?...

Rodrigo

E devia dizel-o? Eu?...

Julieta

Não; não devia. *(Macedo entra com uma fruta na mão: comprimenta D. Antonia alegremente; e Olympia com desdem).*

SCENA XI

OS MESMOS E MACEDO

Macedo

Então, já sabem?... O Oliveira...

D, Antonia

O Sr. Guimarães agora mesmo acabou de dizer-nos; mas é certo?

Macedo

Posso afiançar-lhe; está falido. Eu suspeitei que elle não ia bem, desde que começou a afastar-se de mim, e a occultar-me os seus negocios.

D. Antonia

Pobre moço! E não ha remedio?...

Macedo

Quer agora valer-se de mim e do Pacheco; não sei o que seu marido pretende fazer: foi isso o que me trouxe cá.

D. Antonia

Vá falar-lhe: está escrevendo.

Macedo

Sim *(chega-se a Julieta).* Aqui tem uma manga que lhe trouxe, D. Julieta.

Julieta

Obrigada.

Rodrigo

Comprou esta fruta ou deram-lh'a, Sr. Macedo?

Macedo

Comprei, meu senhor; e paguei: é o meu costume *(dirige-se ao gabinete).*

Rodrigo (*a Julieta*)

Alguem chora então o dinheiro que ella custou.

Macedo

O senhor está sempre gracejando! *(entra no gabinete: Julieta deita a fruta sobre um aparador).*

SCENA XII

OS MESMOS E HIPOLYTO

(Hipolyto entra emquanto se trocam as ultimas palavras, comprimenta Christina e Olympia e dirige-se a Rodrigo)

Hipolyto

Rodrigo!

Rodrigo

Adeus, Hipolyto!

Julieta (*a Hipolyto*)

Ah! sinto que não estivesses aqui ha pouco para ouvir o que elle dizia.

Hipolyto

A que respeito?

Julieta

A respeito de Christina.

Rodrigo

Para elle basta uma palavra.

Hipolyto

Então dize-a.

Christina (*supplicante e do lugar onde está*)

Julieta, eu te pedi!...

Julieta

Não sou eu.

Rodrigo (*sorrindo a Christina*)

E' a nossa vingança.

Julieta

E' verdade.

Hipolyto (*a Rodrigo*)

Fala !

Christina (*aproximando-se e supplicante de Julieta*)

Olha mamãi !... (*entra Oliveira pallido e fóra de si.*)

SCENA XIII

OS MESMOS, OLIVEIRA, PACHECO E MACEDO

D. Antonia

Que é isto, Sr. Oliveira ?

Oliveira

Uma desgraça, D. Antonia !

Pacheco (*apparecendo no gabinete com uma carta na mão*)

Não é uma desgraça, Sr. Oliveira, é a deshonra !...

Oliveira

Sr. Pacheco !

Pacheco

Quem abusa da boa fé e da estima de um homem, não tem o direito de offender-se quando elle o accusa. O senhor comprometteu uma parte da minha fortuna, e o que mais é abusou da confiança !...

D. Antonia

Meu marido !

Oliveira

Póde dizer tudo ! E' justo !

Pacheco

Illudiu os seus credores inculcando uma fortuna que não tinha !

Macedo

Si tivesse seguido os meus conselhos !...

Oliveira

Os seus conselhos, Sr. Macedo ?

Macedo

Mas ainda ha um meio de restabelecer a sua fortuna.

Oliveira

Qual?

Macedo

O credito.

Pacheco

O credito?... O credito?... Eis os seus effeitos!... *(aponta para Oliveira).*

Rodrigo

Sim, Sr. Pacheco, eis os seus effeitos! Eis os effeitos do abuso que se faz de uma idéa que não se comprehende, de um elemento que não se conhece. Tambem a polvora, o vapor, o gaz e a electricidade, todos esses elementos que produzem resultados maravilhosos, desde que não são dominados pela intelligencia, e pela razão, revoltam-se contra o homem, e o fulminam. São os ignorantes e os loucos que não sabem usar do poder que Deus collocou em suas mãos, os que brincam com elle e acabam por ser victimas.

Macedo

Como o Sr. Oliveira.

Rodrigo (*com ironia*)

E outros *(a Pacheco)*. Não condemne pois uma idéa que já aceitou, Sr. Pacheco, e si quer ver os verdadeiros effeitos do credito não precisa ir muito longe. Aqui tem um homem que lhe deve a sua honra, que o senhor salvou; aqui tem uma esposa e mãi que lhe deve a felicidade de sua familia, e uma filha que o respeita e o ama como uma providencia de sua casa. Todos lhe agradecem sem corar, porque o senhor não lhes deu uma esmola; mas prestou-lhes um serviço. Eu mesmo que lhe falo, cheguei pobre ao meu paiz sem outro bem além da minha profissão, sem outro recurso além do meu trabalho; hoje, si não tenho uma grande fortuna, não invejo a de ninguem.

Macedo

E eu não sou um exemplo vivo? Pacheco sabe que comecei sem um real.

Oliveira

O senhor?... Oh! é muito!... Sr. Pacheco, eu mereço o que o senhor acaba de me dizer, procedi mal, commetti um acto deshonroso, mas fui arrastado!

Macedo

E' sempre a desculpa.

Oliveira

Este homem, o Sr. Macedo, foi quem me seduziu! Fez-me sonhar lucros fabulosos, envolveu-me em especulações que eu mesmo não comprehendia! A principio a ambição de riqueza me cegou; mas depois pareceu-me que seguia um mau caminho...

Macedo

Ora, meu caro; não se trata agora disso: o que nos convém saber é o que decide seu sogro.

Pacheco

Seu sogro!... Tem razão! Essa palavra me faz lembrar que antes de tudo está a reputação de minha filha. Que diriam aquelles que vivem de assassinar a honra alheia?...

Macedo

Sobretudo quando este casamento já está espalhado por toda a parte; e muitos até o julgam já realizado.

Pacheco

E' bem triste receber no seio de sua familia um homem que perdeu a nossa estima: não é verdade, Sr. Rodrigo? Aconselhe-me; diga-me como amigo o que devo fazer!

Rodrigo

E' uma questão delicada, Sr. Pacheco; e que só póde ser resolvida por aquella que faz o sacrificio. Si ella tem bastante affeição ao homem que decaíu, e bastante força para querer salval-o, eu seu pai lhe diria: « Cumpre o teu destino, minha filha! »

Julieta

Diz bem, Sr. Rodrigo; é a mim que cabe decidir: trata-se da minha felicidade! *(a Oliveira)*. Si o dote que o senhor ambicionava me pertencesse, eu o daria de bom grado para salvar o nome que podia ter sido o meu. Quanto á minha mão, eu a conservo livre para apertar a mão de um homem de honra, que eu respeito, e estimo... *(estende a mão a Rodrigo)*.

Hipolyto *(a meia voz)*

E que tu amas.

Julieta *(corando)*

Hipolyto!...

Rodrigo

Julieta!...

Pacheco

Muito bem, minha filha.

Olympia

Ah!...

Christina

O que tem, mamãi?

Olympia

Nada, Christina!

(Quando Julieta acaba de falar, Macedo senta-se no sofá, tira uma carteira de couro da Russia, lapis e papel e começa a fazer uma conta: o dialogo continúa vivo e sem ser interrompido).

D. Antonia (*a Oliveira*)

Não soube conservar a affeição que lhe tinham.

Oliveira

Tornei-me indigno della, D. Antonia.

Christina (*a Olympia*)

Como ella é feliz!

Julieta

E tu tambem o serás; não é verdade, Hipolyto?

Rodrigo

Ella te ama.

Hipoylto

E me foge?

Julieta

Não comprehendes a razão?

Rodrigo

Não vês que foi Julieta que estendeu a mão?

Hipolyto

Oh! comprehendo! Christina!

Christina (*confusa*)

Era o meu segredo

Hipolyto

Será o nosso.

Macedo

Quatro... vezes cinco... vinte... (*fazendo a conta*)

Borges

Que faz elle?

Guimarães

Pensa naturalmente que está na Praça.

Hypolito (*chamando*)

Sr. Borges !... (*chegando-se*) Eu amo sua filha !

Olympia (*chegando-se*)

E ella o ama, Hipolyto ; mas não deve aceitar sua mão sinão quando seu pai tiver pago a divida do Sr. Pacheco.

Borges

Achas bom assim ?

Hipolyto

Mas, D. Olympia...

Olympia

Que lhe custa esperar ?

Macedo (*a Oliveira*)

Então decididamente o seu casamento está desfeito ?

Oliveira

Sim, senhor ; eu mesmo seria o primeiro a desfazel-o si não devesse sujeitar-me aquillo que o Sr. Pacheco e sua filha resolvessem.

Macedo

Neste caso aqui tem a minha conta.

Oliveira

A sua conta ?...

Macedo

Previno-lhe tambem, Sr. Pacheco, que as letras sacadas pelo Sr. Oliveira, e endossadas por V. S., no valor de setenta contos, estão em meu poder.

Oliveira

Como é possivel ?...

Macedo (*sorrindo*)

Descontei-as na Praça, no mesmo dia em que o senhor as negociou ; tinham uma boa firma.

Oliveira

E essa conta ?

Macedo (*sorrindo*)

Ah!... Vinte contos quatrocentos e trinta e dois mil e quinhentos; resto daquelles dividendos... E' um dinheiro perdido, mas emfim, dos males o menor.

Oliveira

Esses dividendos !... Não foi o senhor que me fez vendel-os por conta da nossa sociedade ?

Macedo

Da nossa sociedade !... O codigo não reconhece sociedade sem titulo e registro no Tribunal.

Oliveira

E a sua palavra ?

Pacheco (*a Macedo*)

Que quer dizer isto ?

Macedo

Ignoro.

Rodrigo

Quer dizer que o Sr. Macedo jogava com o Sr. Oliveira na Praça do Commercio, uma partida de *ecarté* vendo as cartas do parceiro.

Pacheco

Não entendo !

Rodrigo

O Sr. Macedo sabia que o dividendo de um banco era de dez mil réis, supponhamos ; fazia seu parceiro vendel-os a doze, e os comprava elle mesmo por intermedio de um agente.

Macedo

Si um não perdesse para o outro ganhar, Sr. Rodrigo, não haveria negocio.

Pacheco (*alto*)

Sr. Guimarães !

Guimarães

Prompto !

Pacheco

Corra ao escriptorio, e diga ao caixa que hoje mesmo vá resgatar as minhas letras ; não quero a minha firma nas mãos desse homem (*Guimarães sae*). E' um prejuizo de setenta contos !

Oliveira

Que eu pagarei, Sr. Pacheco, apezar de estar pobre e miseravel.

Rodrigo

Quando se tem a mocidade, a intelligencia e a saude, não se é pobre, Sr. Oliveira. Trabalhe !

Pacheco

Sim, trabalhe; nós lhe acharemos um emprego (*sai Oliveira*)

Pacheco (*a Macedo*)

Quanto ao senhor, não o conheço. Um homem que pratica similhante immoralidade não deve entrar em minha casa.

Macedo

Como quizer!... Nunca estudei moral, Sr. Pacheco, e por isso não entendo essas distincções philosophicas. Sou um homem pratico, um homem de negocio; trato da minha vida sem me occupar com a dos outros. Podem dizer que sou agiota, especulador, que vivo de jogar na Praça. Pouco me importa! Estou convencido que só ha na sociedade dois poderes reaes: a lei e o dinheiro. Respeito uma, e ganho o outro. Tudo que dá a riqueza é bom; e tudo que a lei não pune, para mim é justo e honesto. Eis os meus principios. Estou os comprimentando, meus senhores!

Rodrigo

A lei não pune, é verdade, essa especulação immoral; mas não sabe a razão?

Macedo

Saberei.

Rodrigo

E' porque a lei despreza o agiota; e deixa que a sua punição lhe seja dada pelo proprio dinheiro que o desmoralizou. O seu castigo é o supplicio de Tantalo dessa riqueza mal adquirida. Com o ouro elle compra tudo, menos aquillo que mais deseja, aquillo que ambiciona; que inveja do pobre; e que todos os seus milhões não lhe poderão dar...

Macedo

O que?

Rodrigo

A honra e a estima dos homens de bem.

Macedo (*comprimentando*)

Poesia!...Meus senhores!... (*sai*).

Pacheco (*sentando-se*)

E' incorrigivel!

Rodrigo (*idem*)

Assim deve ser para servir de exemplo.

(Logo que Macedo sai, as pessoas que se acham presentes começam a sentar-se: Christina e Julieta ao piano, Hipolyto junto de Rodrigo, D. Antonia junto de Olympia. Christina ás vezes tira uns preludios).

Julieta

D. Olympia, a senhora deixa Christina passar estes oito dias commigo?

Olympia

Si ella quizer!

Hipolyto (*a Borges*)

O que está lendo, Sr. Borges?

Borges

Uma correspondencia sobre o augmento dos ordenados.

Hipolyto

Veja nos annuncios si ha alguma casa a alugar por aqui perto.

Borges

Para o senhor?...

Hipolyto

Para mim e minha mulher!

D. Antonia

Não vais mais á cidade, Pacheco?

Pacheco

Não, já é tarde!

José de Alencar

FIM

O PADRE JOSÉ MAURICIO[1]

IV

Si Porto Alegre, na patriotica exuberancia dos seus arrebatamentos, se extasia ante o chafariz tão massudo e desgracioso de Valentim da Fonseca e Silva, outros escriptores da *Revista* por tal modo exaltam aquelle artista, que não duvidam qualifical-o até de *Murillo brazileiro.* [2]

Fôra, de certo, um nunca acabar querermos, pela transcripção de trechos inteiros ou periodos retumbantes, dar idéa da feitura alambicada e do estylo barôco, [3] que muitos dos socios modernos do Instituto empregaram e ainda empregam em seus trabalhos, embora nelles se revelem, de envolta, não pequenos esforços e real dedicação ao estudo e á elucidação de muitos pontos mal conhecidos dos nossos annaes patrios.

Faltam-nos, porém, qualificativos bastante energicos para aqui profligarmos a orthographia—no seu sentido lato—mais caprichosa, do que mesmo sujeita ás simples regras sonicas, que singulariza e afeia muitos e muitos volumes da *Revista do Instituto Historico.*

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de novembro, 15 de dezembro e 15 de janeiro.

[2] Tomo XXXIV, pag. 132.

[3] Por exemplo: *Corramos os dedos pelo teclado da historia* ou então: «*Quem não adivinha que a mão do Omnipotente escreveu na base do Pão de Assucar — Tu és a planta de um gigante?* » etc., etc.

Nem siquer foram poupados os manuscriptos velhos e originaes, resultando d'ahi a mais deploravel confusão acerca do modo de escrever, de pontuar e até de assignar, que os respectivos autores e chronistas empregaram.

Nada se concebe menos scientifico, nem mais deturpador da tradição e da historia. Quando nas collecções estrangeiras se conservam com o mais meticuloso rigorismo todas as peculiaridades no modo graphico dos documentos dados á impressão, a nossa principal *Revista* tomou o empenho altamente estranhavel e credor das maiores censuras de tudo uniformar por uma pauta absurda e de caracter méramente pessoal.

A'quelle numeroso repositorio, que no balanço das nossas fontes documentarias e de consulta tem o maximo valor, prestar-se-ia, pois, assignalado serviço, mandando-se reimprimir todos esses volumes, restabelecendo-se nelles orthographia despretenciosa e mixta, isto é, entre a consagrada pelo uso commum e a etymologica, muito embora a despeza dessa reproducção suba não pouco e agora obrigue a trabalhos retrospectivos bastante penosos.

Sabemos, aliás, que esse modo uniforme e abstruso de revisão das provas, por vezes, suscitou taes protestos e resistencias por parte dos membros do Instituto, que já se attenuou, em parte, a applicação de tão vicioso systema cacographico.

V

Para o perfunctorio estudo que encetámos buscaremos informações nos quatro mais abundantes mananciaes que, até á presente data, temos sobre o padre José Mauricio.

1.º O *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Innocencio da Silva, muito defficiente nesse ponto;

2.º O livro do Sr. Joaquim de Vasconcellos *Os musicos portuguezes* (Porto, 1870).

3.º A *Iconographia Brazileira* de Manoel de Araujo Porto Alegre, de todos, sem contestação, mais importante e copioso.

4.º Padre *José Mauricio Nunes Garcia* pelo Dr. Moreira de Azevedo—*Revista do Instituto*, Tomo XXXIV, 2ª parte, de pag. 293 a 304.

Servir-nos-a tambem de auxiliar a obra de Balbi *Ensaio estatistico,* do qual tirou o Sr. Vasconcellos algumas indicações, que aproveitou mal e erradamente.

Com effeito, sem ir mais longe, tratando aquelle autor do adi an tamento moral e material de Portugal e suas colonias até ao anno de 1822[1] incluiu, como devia incluir, o nome do padre José Mauricio e outros filhos do Brazil, distinctos naquella época, entre as notabilidades portuguezas que mais honravam o paiz.

O Sr. Joaquim de Vasconcellos, porém, nas consultas que fez ao livro, não attendeu para a data em que fôra impresso e conservou a qualidade de portuguez a um musico nascido, é certo, debaixo do dominio colonial, mas cuja nacionalidade ficou, pela emancipação da sua terra de nascimento, educação e ininterrompida residencia, naquelle mesmo anno de 1822, perfeitamente assentada e fóra de questão.

Este equivoco, aliás, não tem o alcance de outro em que labora o mesmo Sr. Vasconcellos, quando com insistencia affirma uma particularidade sinão totalmente erronea, pelo menos muito contestavel. Referimo-nos ao *Conservatorio dos negros do Rio de Janeiro,* de que nos fala por vezes no correr do seu extenso e curioso trabalho e do qual fez sair o padre José Mauricio, apontando-o como um dos discipulos mais notaveis daquella util instituição fundada e regida pelos jesuitas.

Em parte alguma achámos confirmação da existencia de similhante estabelecimento de educação musical.

Não ha duvida, que entrava no systema geral de instrucção iniciado pelos padres da Companhia, a bem sobretudo da catechese, o cultivo da musica, cuja acção particular sobre a imaginação humana e os costumes conheciam e aproveitavam. Diz-se, que o Paraguay foi conquistado ao som de flautas, rabecas e fagótes. Em toda a parte em que estabeleceram collegios cuidavam principalmente desse poderoso meio de suavisar a indole e os instinctos dos seus educandos. No Brazil um padre chamado Aspicuelta ganhou

---

[1] Essai statistique sur le royaume de Portugal et Algarves comparé aux autres états de l'Europe et suivi d'un coup d'œil sur l'etat actuel des sciences. des lettres et des beaux arts parmi les portugais des deux hémisphères—2 vols, —1822.

renome pelo modo porque se servia da musica na sua tarefa de missionario e nos seus trabalhos de catechese e ensino.

Assim pois na fazenda de Santa Cruz, que era um grande centro de producção agricola, uma verdadeira feitoria, é natural e mais que isto, é certo e positivo, que muitos negros e mulatos escravos aprendiam a arte musical com bastante desenvolvimento, a ponto de constituirem bandas marciaes e orchestras dignas de applausos dos entendidos; mas d'ahi á organização completa e systematica de uma instituição regular ha grande differença.

Foi em Balbi, que o Sr. Vasconcellos colheu aquella noção. Entretanto o mesmo Balbi estava no caso de melhor inspirar a quem o consultava.

Diz, com effeito, á pag. 108 do volume 2º do seu *Ensaio*;

«*Nous croirions n'avoir atteint qu'imparfaitement notre but, si nous ne disions ici en passant un mot sur une espèce de conservatoire de musique et qui est destiné uniquement à former des nègres dans la musique. Cette institution est due aux Jésuites, ainsi que toutes celles établies au Brésil avant l'arrivée du roi, qui se rattachent à la civilisation et à l'instruction du peuple.*»

Vê-se bem que Balbi se refere a uma *especie* de conservatorio, talvez uma simples aula estabelecida sob as vistas dos padres em Santa Cruz e não no Rio de Janeiro, onde havia outras frequentadas com regularidade, mas totalmente fóra da alçada clerical.

Não é só na breve biographia de José Mauricio, que o Sr. Vasconcellos se preoccupa com esse *Conservatorio dos negros do Rio de Janeiro*; no valioso estudo que consagra a Marcos Portugal ainda volta a essa preoccupação e então aggrava o seu equivoco com erros bem reparaveis em quem costuma escrever com cautela e criterio.

Conta-nos, de facto, que, ao chegar D. João VI ao Brazil «o conservatorio estava na capital em plena actividade debaixo da direcção dos Jesuitas, senhores absolutos *daquellas terras.* [1]»

Acrescenta:

«D. João VI, para apresentar uma idéa nova, lembrou-se de reformar o conservatorio africano e estabeleceu no seu palacio

---

[1] Vol II, pag. 61.

(*maison de plaisance*) uma escola de composição musical, de canto e varios instrumentos, subtraindo assim o antigo estabelecimento á tutella dos jesuitas.»

Ora, jesuitas no Brazil em 1808? E ainda mais senhores absolutos daquellas terras? Onde ficavam as leis do terrivel marquez de Pombal, que os haviam inexoravelmente expulsado de Portugal e suas dependencias? Onde a celebre Carta regia de 19 de janeiro de 1759 e a Ordenança de 3 de setembro do mesmo anno?

Foi ainda Balbi culpado desses enganos, que poderiam ter sido dispensados com leitura mais attenta do que elle quiz dizer.

Eis as suas palavras:

«*Cette ordre puissant qui était le plus riche proprietaire de cette vaste contrée possédait une plantation de près de 20 lieues, nommée Santa Cruz. A' l'époque de la suppression des jésuites, cette propriété fut réunie avec les autres biens immeubles, aux domaines de la coursonne.*»

Está claro que Balbi trata do que possuiam os jesuitas antes de 1759, o que bem se evidencia no seguimento da citação.

A censura feita ao Rei é de todo o ponto improcedente e injusta. D. João VI não desorganizou coisa alguma; pelo contrario, soube aproveitar elementos dispersos e buscou continuar tradições de ensino, que, em tempo proprio, produzira bons frutos.

«*Les nègres des deux sexes*, diz ainda Balbi, *s'étaient perfectionnés dans la musique instrumentale et vocale, d'apès la méthode introduite par les anciens propriétaires de ce domaine et qui heureusement s'y était conservée. Sa Majestée, qui aime beaucoup la musique, voulant tirer parti de cette circonstance établit des écoles de primières lettres, de composition musicale, de chant et de plusieurs instruments dans sa maison de plaisance etc.*»

Por *maison de plaisance* não póde ser entendida a Quinta de S. Christovão que era e foi até 1889 a morada permanente dos monarchas no Brazil, porém sim o palacete ou casa de recreio da fazenda de Santa Cruz.

Nos mappas finaes da sua obra, em que o Sr. Vasconcellos resume os periodos musicaes de Portugal, em frase ainda mais aspera, joga elle sobre D. João VI a responsabilidade da desastrada modificação desse *conservatorio africano* na seguinte referencia.

«*Idiotice* do rei; as suas idéas *reformadoras* no Conservatorio do Rio de Janeiro.»

Sempre esse vezo, essa insistencia em atirar sobre aquelle soberano, cuja historia imparcial ainda não foi escripta, a chacota e o descredito.

Que Portugal tenha delle razões de queixa, vá lá; mas o Brazil não póde, sem ingratidão nem injustiça, acquiescer de boa mente a essa propaganda de desconsideração e menospreço.

D. João VI teve, não ha negar, alguns lados que se prestavam ao ridiculo e serios defeitos oriundos da sua educação deficientissima e do meio em que viveu; mas quem conhece seriamente a historia do Brazil delle forma opinião e conceito muito differentes dos que geralmente circulam entre levianos motejadores e futeis ignorantes.

Foi, antes do mais, o maior, mais espontaneo e desinteressado bemfeitor desta terra. Pode-se affirmar, que a nossa independencia tem a sua origem nesta eloquente frase do *Manifesto ás nações estrangeiras* datado de 1 de Maio de 1808—«*qu'il élevait la voix du sein du nouvel Empire, qu'il était venu créer.*»

Pertence-lhe, pois, a concepção do Brazil Imperio, e a elevação á categoria do Reino Unido, por decreto de 16 de dezembro de 1815, é a realização da primeira parte desse grandio so programma que elle completou, reconhecendo o Brazil imperio independente em 1825.

Logo ao chegar á Bahia, D. João VI, inspirado pelo sabio José da Silva Lisboa, depois visconde de Cayrú, abriu, por decreto de 28 de janeiro de 1808, os principaes portos do Brazil ás nações amigas, terminando assim o atroz monopolio colonial.

Os beneficios produzidos por tão liberal e ampla resolução foram incalculaveis. Antes, eram todos os generos europeus importados por via de Lisboa, e as guerras napoleonicas no principio do seculo tornavam em extremo difficeis as diminutas relações entre Portugal e Brazil em navios de véla. A penuria era tal, que só nas capitaes maritimas é que se usava de pão de trigo. Os objectos de metal custavam preços exorbitantes, e o proprio ferro era carissimo, apontando-se como um palacio qualquer casa de sobrado com modesto gradil de ferro fundido.

Cumpre tambem lembrar, que a tarifa das alfandegas decretada por D. João VI é talvez a mais liberal que ha tido o Brazil.

Os preambulos dos decretos de abertura dos portos e dos que se lhe seguiram, dando aos brazileiros liberdade de trabalho, liberdade

de industria e de commercio e abolindo todas as iniquas e oppressoras excepções do regimen colonial são dignos de Turgot pelos alevantados principios de justiça, equidade e philanthropia, em que se firmam.

Preparando D. João VI o Brazil para imperio doou-o com imprensa, tribunaes, escolas de medicina, engenharia, marinha, bellas artes, musica sacra, opera italiana até o *Moysés* de Rossini.

Para nós, fundadores da *Sociedade Central de Immigração* que tanto batalhámos pelas grandes leis sociaes, que haviamos de conquistar por ardente e incessante propaganda em vez de serem impostas ao paiz pela violencia e pelas armas, D. João VI tem a immorredoura gloria de haver, em 1820, fundado a colonia de Nova Friburgo no auspicioso e fecundo regimen do immigrante-proprietario —base unica da estupenda e tão admirada opulencia, força e grandeza dos Estados Unidos da America do Norte.

Incontestavelmente tinha esse monarcha a mais elevada intuição e generosissimos impulsos.

A respeito de tão mal apreciada personalidade historica, conversando eu por carta com o meu querido e eminente amigo André Rebouças, terminou elle esse apanhado, que acima reproduzimos quasi textualmente, com umas palavras gratissimas ao meu coração.

Duvidei em lhes dar publicidade; mas, vencendo quaesquer razões de retraimento, aqui as deixo tambem transcriptas como homenagem aos meus avós, tios e amado progenitor.

« Para crear a Academia das Bellas Artes, disse o pundonoroso e coherente exilado voluntario do Funchal, D. João VI mandou vir uma pleiade dos mais illustres artistas de Pariz. A' frente dellés brilhava Nicoláo Antonio Taunay, membro do Instituto de França, rodeado da sua varonil e esperançosa familia.[1]

---

[1] Compunha-se de cinco filhos, e todos, no correr da existencia, alcançaram nome, Carlos Augusto, mais velho, Hippolyto, Felix Emilio meu pai, Theodoro Maria e Amado Adriano. Esses tres falleceram no Brazil; os dois primeiros em França.

Além da colonia de artistas, D. João VI mandou contractar mestres de officinas de marcenaria cortume, serralharia, carpintaria e fundição, industriaes, que todos deixaram familia no Brazil—João Baptista Level, Braconnot, Francisco Ovide, Nicoláu Enout, Pilite, Fabre, Luiz José Roy e seu filho Hippolyto, Salingre, etc.—Vide *Estrangeiros illustres e prestimosos no Brazil*. (1896).

« Quantos beneficios só em dotar o Brazil com os Taunay!

« Quem poderia dizel-o de modo completo fôra unicamente o magnanimo imperador D. Pedro II, extremoso discipulo do pai de Você, barão de Taunay, de quem sempre falava, nas horas de melancolicas recordações, com tamanho estremecimento, e tão funda admiração. »

Meu pai! Que longa vida de trabalhos! Quanta idéa nobre e fecunda por elle agitada no correr da espaçada existencia! Quanta aspiração mallograda, tudo com um desinteresse enorme, uma dedicação sem par, um ardor de verdadeiro artista até aos ultimos dias, só com os olhos postos no bem de outrem, no amor da humanidade e na confraternidade geral!

Chegado ao Brazil a 26 de Fevereiro de 1816 em companhia do illustre pai Nicoláo Antonio, o tio e quatro irmãos, tinha então 21 annos, nascido em Montmorency, perto de Pariz, a 1 de março de 1795 e do Brazil nunca mais saiu, fallecendo no Rio de Janeiro a 10 de abril de 1881.

Professor de pintura historica e paizagem na Academia de Bellas Artes, viu-se, em 1825, eleito unanimemente pela congregação director daquella nascente e promissora escola e mereceu ser conservado pelo governo nesse cargo até 1851, quando pediu jubilação por não julgar da sua dignidade aceitar a naturalização de cidadão brazileiro com as restricções que as leis de então estatuiam.

Mestre do Sr. D. Pedro II de desenho, grego e literatura, poeta, traductor das odes de Pindaro e das satiras de Persio foi incansavel propugnador da grande naturalização, já em 1822, e das mais indispensaveis medidas hygienicas e estheticas do Rio de Janeiro—prolongamento da rua larga de S. Joaquim até ao mar, abertura da rua D. Leopoldina e da avenida da Quinta da Boa-Vista (S. Christovão) ao Aterrado, esgotamento dos pantanos e canalização das aguas, arborização systematica da cidade, alargamento successivo, pelo recúo das casas, e rectificação das ruas, cujos cantos deviam ser cortados, supprimindo-se as esquinas, formação de *squares*, construcção de cáes e erecção de palacios—o que tudo consta de muitas memorias e projectos impressos e manuscriptos; um dos bemfeitores da Tijuca, onde traçou a estrada nova da Cascatinha para a Floresta Nacional e construiu, em 1862 com o seu amigo architecto Job Justino de Alcantara, a ponte monumental sobre o rio Maracanã.

Em 1865, viajando eu para Mato-Grosso, ou antes já em Mato Grosso, no districto de Miranda, escrevia-me elle com bastante amargura: «Quarenta annos, meu filho, de dedicação por este Brazil sem um só dia de intervallo! Na esphera formada pelas circumstancias em torno de mim fiz e tenho feito quanto pude. O que me consola é a religião do Bello, a adoração de Deus e a glorificação da intelligencia humana pelas artes, as letras, as sciencias, a admiração dos grandes rasgos da virtude e das obras primas de creação divina, culto de que tornei participante o Imperador.

Pelo menos não tirarão esta gloria a um estrangeiro!... Parece destino, em uma vida já longa como a minha, ser tido como um ente que nunca existiu, nada fez nem tinha elementos para ser util em nenhum ramo de actividade! E, entretanto, só Deus sabe quanto me dóe a minima injustiça feita a qualquer creatura. Por isto é que me punge o desgosto de ver tanto trabalho meu perdido, tanta idéa conveniente e grandiosa posta de lado e repellida até com ar de mofa e pouco caso.»

Meu pai viveu mais 15 annos depois de escripta essa carta, pois falleceu como dissemos, em 1881, tendo de idade mais de 86 annos. Foram suas ultimas palavras: «*Adieu, belle nature du Brésil*!»

Compuzera para si o seguinte epitaphio, que está gravado na pedra marmore do seu tumulo em S. João Baptista (Berquó):

«*Philologue, à demi-poète*
Spectateur éternel du Beau,
Je perdis mon temps à sa quête...
Un doux regard sur mon tombeau!»

Na galeria da Escola das Bellas Artes existem 5 importantes telas de meu pai, propriedade hoje do Estado, *Morte de Turenne*, excellente quadro de grande sobriedade de linhas e optimo colorido; parece do pincel de Wouvermans — *Derrubada das matas*, composição magistral, em que infelizmente as tintas tem soffrido modificação na sua tonalidade — *Retrato de D. Pedro II aos cinco annos*, muito notavel, de todo e qualquer ponto de vista que se o considere, luz, fundo, parecença, delicadeza de toque, accessorios, etc. — *Caçador e a onça* e *Descobrimento das caldas*, em Minas Geraes.

Em 1891, conversando o Imperador em Cannes com varias pessoas a respeito dos mestres que tivera e insistindo alguem acerca da influencia decisiva que na sua educação exercêra o bispo de Chrysopolis, atalhou o inclyto exilado:—Sim, era bom mathematico; mas tudo devo ao velho Taunay [1]. Versado em quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos, foi o verdadeiro mestre do meu espirito.»

VISCONDE DE TAUNAY

(*Continúa*).

---

[1] Carta que me dirigiu o Sr. Dr. Pires Brandão. «Tomei nota, escreveu-me elle, dessas palavras, pouco depois de havel-as ouvido proferir por Sua Magestade.»

ESTHETICA DE POË[1]

ESCHYLO.—A TRAGEDIA GREGA.—O MUNDO SHAKESPEAREANO.—O SENTIMENTO TRAGICO NO SECULO XIX.—IBSEN.—BJORNSON.—MAETERLINCK.

V

Nunca autor de genio, depois de Eschylo, teve a felicidade de ser lançado como Shakespeare em um meio tão apropriado para a producção do sentimento tragico. A época em que elle viveu, digno prolongamento das agitações que haviam constituido anteriormente a historia da Inglaterra, foi uma época candente.

«O XVI seculo, diz George James, assignalou-se pela violencia e pelas transformações. A Europa dividia-se em campos hostis, de onde os homens lançavam-se furiosos em defesa do seu credo; as nações extremavam-se; a sociedade entrava em estado de fermentação. Na Hespanha as forças de um governo popular eram dissolvidas na batalha de Villalar, e a Inquisição anniquilava a nação accendendo as suas fogueiras. Na França as contendas fratricidas culminavam-se no terrivel successo do S. Bartholomeu. As populações cultas da Italia, lavradas por divisões intestinas, eram victimadas pelas rudes e bellicosas nações cisalpinas; e sobre essas cummunidades altamente civilizadas desabava o triplice flagello da carnificina da fome e do terror. Por outro lado a tomada de Constantinopla proporcionara os incrementos do saber, e os espiritos deixavam-se penetrar de novas luzes. As descobertas e proposições de Gallileu tinham-o levado ao carcere em Roma. As opiniões de Descartes ao mesmo tempo serviam de pretexto para que este philosopho fosse conduzido perante os tribunaes protestantes da Hollanda, e as de

1 Veja a *Revista* de 15 de fevereiro, 15 de março e 15 de abril de 1895.

Giordano Bruno occasionavam a sua morte. O fanatismo intolerante entrava na ordem do dia; e a sua influencia manifestava-se como si os demonios da guerra e da intriga, da perfidia e da iniquidade houvessem sido lançados sobre os povos. »[1]

A casuistica tinha por fim diante de si um poderoso inimigo. Bacon fundava a philosophia experimental; e no meio dessa conflagração surgia uma luz diametralmente opposta a dos doutores subtis, na qual os grandes espiritos dessa época se embebiam vendo coisas nunca vistas. O reinado de Isabel é tambem o do *Novum Organum*. Shakespeare, si não recebeu as suas obras de Bacon, como pretende Ignatius Donnelly, foi pelo menos o seu Sosias; cresceu na atmosphera baconiana, e della tirou toda essa força philosophica, que deveria transformal-o no primeiro poeta do mundo. Accresce que a grande sensibilidade imaginativa desse portentoso poeta teve para estimulal-a factos tragicos, que só por si bastariam para elevar uma mediocridade no theatro. Durante o primeiro periodo de sua actividade literaria, não esqueçamos, deram-se as execuções de Babington e de seus companheiros e a decapitação de Maria Stuart. No anno seguinte (1588) era destruida a grande armada.[2] Shakespeare escrevia *Tito Andronico*. *Henrique VI*, *Ricardo II* e *Ricardo III*, posteriormente expunha no theatro essa esplendida trilogia de *Henrique IV* e *Henrique V*.

Em 1601 explodia a rebellião do duque de Essex de que resultou o degolamento deste grande personagem e o cruel encarceramento do infeliz Southampton. Em 1603 effectuava-se a conspiração e seguiam-se as mortes de Watson e de Clarke e a prisão de Raleigh, amigo do poeta. O autor daquelles preciosos reflectores da politica nacional, que andava muito immiscuido nas intrigas da côrte de Isabel, e que já fôra accusado de ter no *Ricardo II* procurado alludir á rainha e que no *Ricardo III* pintara o caracter do nefando Lord Cecil, deslocou a sua imaginação da historia ingleza; e o seu genio profundamente politico transportando-se para o periodo da historia romana, em que os caracteres mais se aproximavam psychologicamente

---

[1] *Francis Bacon the author of Shakespeare*, pag. 1 e 2.

[2] Estes acontecimentos abalaram por tal forma as imaginações que, segundo refere Gervinus, o theatro foi invadido por uma infinidade de tragedias no genero Marlowe. Pertencem aos annos subsequentes a *Tragedia Hespanhola* de Kyd, a *Batalha de Alcazar* de Peele, o *Alphonso* e o *Orlando Furioso* de Greene, o *Mario e Sylla* de Lodge, e muitas outras.

pelo orgulho, astucia, intensidade das paixões e explendor vital dos que até aquelle momento lhe serviam de modelo vivo á obra d'arte, passou prudentemente a exhibir o *Julio Cesar*, *Antonio e Cleopatra*, *Coriolano* e outras tragedias historicas, nas quaes o vigor do philosopho não cede aos fulgidos cambiantes de creações da mesma época, como o *Hamlet*, *Othelo*, a *Tempestade* e *Cymbeline*. O *Henrique VIII* foi produzido posteriormente á morte de Isabel.

Tudo, portanto, concorria na vida exterior do mundo britannico para alevantar essa imaginação plutonica e imprimir-lhe direcção igual a que notei no grande Eschylo. As tempestades do seculo penetraram na alma do mysterioso Will, e revolvendo todos os segredos de seu espirito fascinador, fizeram emergir de um verdadeiro oceano psychico essas figuras sempiternas, que todos admiramos. E não podia ser de outro modo, pois que a alma do poeta, *myriaded mind*, tinha sido fundida nas forjas de Vulcano, sob o patrocinio de Apollo, Jupiter e Minerva.

A critica moderna é unanime em reconhecer a universalidade do genio de Shakespeare; e os actores, que o têm interpretado, os mais competentes para descobrir as fraquezas de uma composição dramatica, não se cançam de tributar-lhe os encomios sagrados que só obtem a perfeição.—Unico! E' a linguagem de todos elles. Os caracteres dos seus personagens supportam confronto unicamente com os de Homero. Os mais insignificantes dos seus typos contrapostos aos de outros poetas parecem fortes de mais. Antonio diante do Clavijo, do Weislingen de Gœthe, de effeminado que é transforma-se num heroe. As creações floridas de Schiller, existencias de mera fantasia, desmaiam ao contacto dos ideaes realisticos, dos caracteres verdadeiros, irreductiveis como expressão do facto, que formam a galeria shakespeareana.[1]

A construcção dos dramas de Shakespeare, disse Carlyle, manifesta uma intelligencia igual a que denuncia a superioridade do *Novum Organum* de Bacon. Nessa mesma opinião admirativa coincidem as apreciações de Landor, Coleridge, Emerson e de uma infinidade de escriptores, tanto inglezes, como de outros paizes. Swinburne denomina-o *the wisest and mightiest mind that ever was informed with spirit or genius of creative poetry.*[2]

---

[1] Gervinus. *Shakespeare commentaries*, pag. 864.
[2] *Apud* I. Donnelly. *The great cryptogram*, I, 149.

Apezar de ter vivido numa época, que, segundo observa o autor dos *Representative men*, não acha rival sinão na de Pericles, época na qual se encontram os nomes de Theodoro de Beza, Casaubon, Sidney, Essex, Raleigh, Henry Vane, Walton, Cowley, Pym, Hales, Kepler, Paulo Sarpi, Spencer, Jonson, Beaumont, Massinger, Marlowe e Chapman, Shakespeare excede a todos em intuição philosophica, e só admitte como igual, no rigor da palavra, a Bacon.

Os monologos e os dialogos de grande parte de suas tragedias, coordenados systematicamente, rivalizariam com os de Platão. Nelles o leitor acharia a medulla substancial da philosophia, que irradiava, e estremeceria de modo mais conscientemente diante dessas sentenças, das quaes Emerson dizia que eram sentenças— aerolithos, como se houvessem caido do céu. O que, porém, mais surprehende nesse genio é o realismo, a concepção moderna que elle teve das coisas e da psychologia do homem.

Ignatius Donnelly que andou, com uma paciencia verdadeiramente benedictina, a decantar nas obras do poeta tudo quanto podia identifical-o com as concepções baconianas, cita uma frase de Dowden que dispensa maiores commentarios sobre o stigma philosophico do poeta. «O nobre e elevado positivismo de Shakespeare... Energia, dedicação ao facto, *self government*, tolerancia... indifferença para o que é externo comparativamente a um interesse extraordinario pelo que entende com a parte invisivel da vida, e uma inabalavel resolução em julgar tudo do exclusivo ponto de vista humano.»

Dotado de um poder extraordinario de observação; armado de um completo apparelho scientifico, possuido de largos intuitos e dispondo de uma singular emotividade para todos os aspectos da vida, o autor do *Hamlet*, vibrando sua alma de artista, não devia crear sinão o mundo que creou. O seu cerebro concentrico ao universo, na frase de Bacon, reflectiu tudo quanto era susceptivel de expressão poetica. Nelle, como em nenhum outro, manifestou-se o triumpho da arte, que consiste justamente em tirar á natureza a opacidade que torna as coisas inintelligiveis ou insensiveis. Tudo em regra, para a visão vulgar, é chato. O artista, porém, que não vê a maneira de vulgar observador, destaca, personaliza, dissipa o *nevoeiro slavo*, que de ordinario encobre o sentido da verdade, e faz surgir ao clarão da luz de imaginação, o que ha de profundo no mysterio da

vida e na organização das coisas. E' esse poder magico que se descortina nas obras de Shakespeare.

Na *Tempestade*, que se suppõe ter sido a ultima composição do poeta ha um personagem, Prospero, um magico, que faz um monstro falar. Caliban consegue, graças ao prestigio, articular frases e aprende o segredo da linguagem humana. Shakespeare foi o Prospero dessa segunda linguagem chamada ARTE.

No seu tempo o theatro tinha attingido um grande desenvolvimento. Marlowe e seus contemporaneos haviam cooperado poderosamente para aproximal-o das fórmas que a época comportava. Shakespeare, porém, espirito antes de tudo pratico, concebendo a tragedia como uma machina, que se devia adaptar a certos effeitos, e tendo como certo que esses effeitos não se produzem sinão estabelecendo uma justa correlação entre o autor, o actor e publico, de modo a transferir ao espectador os estados de consciencia do compositor, cuidou menos de obedecer ás suggestões dos mestres, do que de estudar no palco com Burbage o *modus faciendi*. O resto pertencia-lhe.

Do que havia em materia de dramas representados elle aproveitou o util. Não se esqueceu, todavia, nem dos *mysterios* e *moralidades* da idade anterior, nem dos *entremezes comicos*, nem das tradições medievaes. Como bem pondera Gervinus «os mysterios forneceram-lhe o necessario para a amplitude epica dos assumptos, as moralidades suggeriram-lhe os pensamentos ideaes e ethicos, as forças deram-lhe os caracteres da verdade realista na natureza, a idade média indicou-lhe a farta messe romantica da literatura historica e epico-poetica. »[1] Quanto ao presente não faltavam as tremendas paixões de um povo excitado pela politica e de uma sociedade atiçada até as suas profundezas pelos movimentos religiosos, scientificos e industriaes daquella idade.

Os principaes effeitos da Renascença na Inglaterra foram o abandono das fórmas grosseiras anteriores, a cultura do espirito indigena e o vôo largo da poesia em demanda do futuro.

Esse feliz accidente permittiu que Shakespeare, longe de se escravizar á imitação servil da antiguidade, ao contrario disso antecipasse o canon literario do seculo XIX. Augusto Comte attribue esse phenomeno da historia, tão diverso do que se operava em

[1] Gervinus. *Shakespeare commentaries*, 83.

França, á constituição politica daquelle paiz. « A dictadura monarchica devia naturalmente, em França, alimentar grande repugnancia pelas recordações da idade média, durante a qual a realeza fôra tão fraca e a aristocracia tão poderosa; sendo aliás as impressões populares espontaneamente conformes a taes disposições, é claro que o conjunto das influencias sociaes concorria para fortificar a tendencia natural do systema esthetico na reproducção exclusiva das scenas da antiguidade. E' assim que Corneille escolhendo com perfeita sagacidade o que o mundo antigo podia offerecer de mais conhecido e fortemente caracterizado, consagra seu genio admiravel á immortal idealização das phases principaes da sociedade romana, desde sua origem até o seu declinio. Na Inglaterra, ao contrario, onde, pelo triumpho da aristocracia o regimen feudal tinha sido realmente muito menos alterado, as sympathias communs da classe preponderante e de uma nação por muito tempo feliz sob seu patronato, deviam tender á conservação das ultimas recordações da idade média, unicas susceptiveis de verdadeira popularidade.»[1]

Shakespeare, obedecendo á evolução historica de sua patria, copiou, todavia, de Eschylo os altos intuitos sociologicos. O sentimento tragico recrudesceu na alma do poeta inglez, a sua imaginação varonil identificou-se com o proprio movimento politico da patria, e a historia vasou-se em seu espirito e depois nos seus dramas com aquella intuição admiravel que só se encontra nos estadistas de raça e nos philosophos de primeira mão.

O autor de *Ricardo III* não era um membro da aristocracia, mas seu espirito, como o demonstram as suas obras a cada instante, era o de um lord, mas de um lord ou de um patricio, que si de um lado desprezava a vil populaça, a *Mob*, não se escravizava, de outro, aos preconceitos do *lordship*. Igual na independencia do pensamento a Bacon, teria sido no seculo XVIII um outro Bolingbroke.

Foi com essa tempera que elle penetrou no theatro e se propoz mostrar a sociedade ingleza em excepcional fermentação historica, e os homens em sua culminancia como caracteres.

ARARIPE JUNIOR

(*Continúa*)

---

[1] Augusto Comte. *Cours de philosophie positive*, VI, 181.

PAULO FERRAND

Embora tarde, vamos hoje cumprir piedoso dever para com a memoria dum dos nossos collaboradores.

Entre os nossos scientistas occupou o Dr. Paulo Ferrand honroso lugar e ainda ha pouco tempo, teve a *Revista* de externar seu juizo sobre seus curiosos livros relativos ao ouro em Minas Geraes.[1] Quem quer que tenha conhecimento dos trabalhos do eminente professor da Escola de minas de Ouro Preto terá notado a escrupulosa exactidão dos dados, a escolha conscienciosa das autoridades citadas, a minuciosa e constante preoccupação do detalhe, a observação sagaz e a fidelidade de suas descripções; esse conjunto de qualidades attribue a algumas de suas publicações lugar conspicuo em nossa literatura scientifica.

Coisa rara em nosso meio, nenhuma conclusão tirada pelo Dr. Paulo Ferrand se baseou em generalizações feitas ás pressas e cada um de seus assertos repousava sobre os alicerces inabalaveis duma longa observação; certamente esta podia levar a interpretações susceptiveis de serem discutidas, as illações tiradas nem sempre, talvez, pudessem ser aceitas, porém nunca foi externada uma idéa do nosso eminente collaborador, que não fosse robustecida por uma longa serie de factos conscienciosamente observados. Esta feição caracteristica de todos os trabalhos do Dr. Paulo Ferrand emprestava-lhe singular autoridade em todos os assumptos de sua especialidade, pois era sabido no nosso meio scientifico que ninguem mais do que elle, sabia levar ao extremo o respeito aos dictames da probidade scientifica.

---

[1] Vide *Revista* de 1 de maio de 1895.

Tendo chegado ao Brazil em 1882 para occupar a cadeira de mecanica da Escola de minas de Ouro Preto, occupou-se immediatamente em estudar diversas questões e publicar observações relativas á materia de que era professor. Em 1887 passou a reger a cadeira de metallurgia e de lavras de minas do mesmo estabelecimento; o que foram as suas prelecções — meticulosas, severas e rigorosamente honestas — podem attestar os engenheiros saidos daquella Escola.

Foram numerosas as publicações feitas pelo Dr. Paulo Ferrand; si o seu valor é desigual pode-se, entretanto, desde já affirmar que *L'or à Minas Geraes* é o trabalho mais completo que existe sobre esse assumpto e merece ser considerado como autoridade na materia. Os seus estudos sobre os processos directos de preparo do ferro representam tambem valiosa contribuição ao estudo da siderurgia no Brazil; elle foi o primeiro que descreveu esses methodos dum modo completo e systematico; as memorias publicadas sobre esse assumpto nos *Annaes* da Escola de minas são modelos de descrição scientifica e de clareza de exposição.

O vacuo aberto pelo fallecimento do Dr. Paulo Ferrand não será facilmente preenchido não só pelo lugar particularissimo que elle occupava em diversas provincias dos conhecimentos humanos, como pela competencia magistral que revelou em todos os estudos por elle emprehendidos e pela actividade extraordinaria de seu cerebro. Espirito constructor por excellencia, ainda ultimamente prestava ao Estado de Minas revelantissimo serviço organizando as curiosissimas collecções que figuraram na Exposição Mineira e Metallurgica do Chile em 1894. Para dar idéa do valor dessas collecções, basta dizer que excederam em belleza e organização systematica ás que figuraram na Exposição Universal de Pariz, em 1889, e que tanto chamaram a attenção dos especialistas.

Foram galardoados os meritos scientificos do Dr. Paulo Ferrand com as seguintes distincções honorificas: em 7 de maio de 1884 foi eleito membro da « Société des ingénieurs civils de France »: em 31 de julho de 1891 foi nomeado pelo governo francez « Officier d'académie »; em 2 de maio de 1894 foi eleito membro da « Alliance Française » e a 17 de abril de 1895 membro da « Société de Geographie Commerciale de Paris ».

Os trabalhos publicados no Brazil pelo nosso mallogrado collaborador são os seguintes:

1. INDUSTRIA DO FERRO NO BRAZIL (estudo do methodo dos cadinhos) *Revista de Engenharia* 14 de setembro 1883, n. 75 e *Annaes da Escola de minas de Ouro Preto*, n. 4, 1885.
2. ILLUMINAÇÃO ELECTRICA DA CAPITAL DA PROVINCIA DE MINAS; *Revista de Engenharia*, 14 de novembro de 1883 n. 77.
3. INDUSTRIE DU FER AU BRÉSIL (Étude de la méthode des cadines) *Génie civil*, 22 novembro de 1883, Tomo IV n. 4.
4. ECLAIRAGE ÉLECTRIQUE DE LA CAPITALE DE LA PROVINCE DE MINAS; *Journal Officiel du Brésil*, 2 janvier 1884 n. 18.
5. PONTE SOBRE O RIO S. GONÇALO, PERTO DE PELOTAS; *Revista de Engenharia* de 14 de setembro de 1884 n. 97.
6. INDUSTRIE DU FER AU BRÉSIL (Étude de la méthode italienne); *Génie civil* de 18 de outubro de 1884, Tomo V n. 25.
7. INDUSTRIA DO FERRO NA PROVINCIA DE MINAS GERAES (methodo italiano); *Revista de Engenharia* de 28 de fevereiro de 1885 n. 108 e *Annaes da Escola de minas de Ouro Preto*, n. 4, 1885.
8. BOIS DE CONSTRUCTION DU BRÉSIL, *Génie cívil*, 4 juillet 1885, Tome VII n. 10.
9. REDUCÇÃO DE VÃO DE UMA PONTE RECTA EM TRELIÇA; *Revista de Engenharia* 14 de agosto de 1885, n. 119.
10. LÉGISLATION DE CHEMINS DE FER AU BRÉSIL; *Génie civil*, 31 juillet 1886, Tome IX n. 14.
11. L'INDUSTRIE DU FER DANS LA PROVINCE DE MINAS GERAES, AU BRÉSIL; *Bulletin de l'association amicale des élèves de l'Ecole des mines de Paris*; n. 7, juillet 1886.
12. OURO PRETO E AS MINAS DE OURO; *Revista de Engenharia* ns. 174, 177, 183, 267, 268, 269 e 270.
13. TRATADO DE MECANICA APPLICADA Á RESISTENCIA DOS MATERIAES, Paris 1888, Guillard, Aillaud & C., editores.
14. RECRÉATIONS SCIENTIFIQUES; *La Nature*, 19 janvier 1889.
15. LES CHEMINS DE FER AU BRÉSIL (*Chemin de fer D. Pedro II*) *Génie Civil*, Tome XIV ns. 17, 18, 19, 23 e 21, e *Revista das estradas de ferro*, 31 de julho de 1889.
16. LES TRANSPORTS À MINAS GERAES AU BRÉSIL, *La Nature* ns. 864 e 870.
17. OURO PRETO ET LES MINES D'OR (Brésil) (Première Partie) *Génie Civil*, Tome XVI ns. 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 21; Tome XVI ns. 1 et 2; (Deuxième Partie) Tome XIX ns. 14 e 15, Tome XX n. 26; Tome XXIII ns. 21 e 22; Tome XXV ns. 6, 8, 9, 11 e 13.
18. INDUSTRIA DO FERRO; SEU ESTADO ACTUAL NO BRAZIL; *Jornal do Commercio* 5 de fevereiro de 1893 e *Revista Industrial* de Minas Geraes, n. 5.

19. EXPLOITATIONS AURIFÈRES DE MINAS GERAES; *Revista Industrial* de Minas Geraes, n. 1 e *Revue Universelle des mines et de la metallurgie*, novembre 1894.

20. NOTE SUR L'ÉTAT ACTUEL DE L'INDUSTRIE DU FER AU BRÉSIL; *Revue Universelle des mines et de la metallurgie*, septembre 1893.

21. FONTE E FERRO FUNDIDO; *Revista Industrial* de Minas Geraes, n. 3 e *Diario Official*, 22 de fevereiro de 1894, n. 52 anno XXXIII.

22. USINA UNIÃO; *Revista Industrial* n. 6.

23. USINA MONLEVADE ; *Revista Industrial* n. 7.

24. APERÇU GÉNÉRAL SUR L'«AMERICAN BLOOMARY PROCESS» SON APPLICATION À MINAS GERAES; *Revista Industrial* n. 8.

25. L'OR À MINAS GERAES (BRÉSIL) Imprensa official do Estado de Minas Geraes Ouro Preto; Volume I juillet 1894 Volume II premier fascicule septembre 1894.

26. PONTES DE AÇO PORTATEIS; *Revista Brazileira* n. 6 de 15 de março de 1894.

O Dr. Paulo Ferrand nasceu em França, a 15 de agosto de 1855, chegou ao Brazil a 10 de setembro de 1882 e morreu em Ouro Preto a 18 de julho de 1895.

A REDACÇÃO.

BIBLIOGRAPHIA

162.— **Patria,** por Guerra Junqueiro — 1896, in-8°

Fazer a hypothese mais simples e mais sympathica, é um preceito de Aug. Comte, que merecera ser desse mestre incomparavel de liberalismo intelligente, de tolerancia larga e generosa que foi Renan. Tem antes o seu cunho que o do autoritario e como quer que seja duro e intransigente fundador do Positivismo. A' critica tambem aproveitaria essa maxima, tão profunda quanto moral. Um dos mestres da critica contemporanea, o mallogrado Guyau, fez da sympathia um dos elementos indispensaveis á critica, e o maior seguramente dos criticos francezes deste ultimo quarto do seculo, o Sr. Brunetière, julga como elle.

Lembrei-me do conceito comtista e das opiniões dos dois criticos citados —as quaes poderia ajuntar outras—quando tendo lido a *Patria* do Sr. G. J. tive de escrever o que ingenuamente penso deste livro, recebido dos Srs. Laemmert & C., porque nunca livro me pareceu precisar de ser julgado, sinão com bemquerença, com sympathia, de modo a diminuir na gente a impressão de desagrado e de tristeza que deixa a leitura deste. Para essa impressão tudo concorre nelle, até o subterfugio villão de não trazer, como os livros obscenos annunciados com a epigraphe devassa de *leitura para homens,* nem o lugar da impressão, nem o nome do editor ou indicação da imprensa de que saíu. A alguem ouvi suggerir que seria para evitar a lei, si não fosse para, attraindo os seus rigores, disso fazer reclamo. Póde ser, mas não creio que haja tão imbecil governo que persiga este livro. Tal qual é, é anodino.

Philosophicamente, este livro é de um atrazado, literariamente de um decadista e de um decadente. A philosophia politica do Sr. G. J., quanto

logrei percebel-a do seu poema, ou que melhor nome tenha e das annotações de que o segue, é uma misturada de scepticismo voltaireano, de romantismo sentimental, de jacobinismo patriotico, uma reedição ruim da *Voz do Propheta* e quejandas diatribes romanticas. Nellas aliás se ankilozou o Sr. G. J. desde a *Morte de D. João.* Por um feitio especial do seu espirito elle permaneceu, com a mesma philosophia e o mesmo vocabulario, o mesmo e como quer que seja enfadonho e atrazado romantico a berrar como um propheta desattendido as suas maldições. Todo o seu livro *Velhice do Padre Eterno,* sem exceptuar a unica parte boa que tem *O Melro,* é um exemplo singular de um poeta moderno que em philosophia ficou no voltaireanismo e em literatura no romantismo. Neste, a *Patria,* mistura-lhes um jacobinismo que apenas florece e viça...no Rio de Janeiro.—Literariamente o Sr. G. J. é desde *Os Simples,* e intencionalmente, um decadista e, por sua desgraça e da poesia portugueza, um decadente. Não sei si—atrazado e esgotado— não seria a formula applicavel ao Sr. G. J. e si o seu livro *Patria* a não confirmaria plenamente. Não ha nelle, apezar da pretenção do falso symbolismo de que o revestiu, nenhuma distincção de idéa, nenhuma excellencia de forma. Pode-se sem sair da estricta verdade dizer que são as accusações com que em todos os tempos e em todos os paizes os adversarios do governo estabelecido o invectivam, postas em verso, a proposito de um facto vulgar da politica corriqueira. No fundo é a repetição desta coisa trivialissima nos romances e dramalhões de capa espada: uma raça nobre que se estraga e malbarata o patrimonio paterno de nobreza e fazenda, e a quem um antepassado heroico vem exprobrar o infame procedimento, amaldiçoando os seus ultimos descendentes. Si isto nos fosse contado em uma lingua verdadeiramente bella; com uma arte perfeita, a que a paixão emprestasse verdade e força, nós ou lhe não descobririamos a banalidade ou a aceitariamos como nova, graças a forma que o A. lhe deu. Seria nesse caso original, porque em arte não ha outra originalidade sinão a da forma. Mas, ao contrario disso, não há em *Patria* sinão uma novidade: a incorrecção e trivialidade, quero crer que propositaes, dos metros consagrados e o emprego da poetica decadista. Tire-se isto, e o que fica é a mesma cega-rega da *Morte de D. João* e da *Velhice do Padre Eterno,* em que parou o Sr. G. J., quando pretende se elevar a alturas para as quaes são demasiado curtas as suas azas. *Patria* é, em summa, um pamphleto politico em verso, sem nada aliás que se compare remotamente siquer aos *Châtiments,* que ficarão na poesia franceza como um dos seus menos contestaveis monumentos.

Fôra pueril falar do verso neste poema, por isso que intencionalmente, parece, o Sr. G. J. fel-o errado e ruim, mesmo quando emprega o alexandrino em que foi mestre eximio. Por isso, e por não alongar esta

noticia, deixarei de citar, o que aliás me levaria a quasi transcrever o livro inteiro. Darei apenas dois exemplos, de um alexandrino:

«O oiro, que é mau, venceu-o a elle, tornando-o escravo.»

e desta preciosa rima:

«Mas cá dentro, no foro interno, a sós comigo
«Eu, o particular e o philosopho, digo-o.»

Portugal, decadente, symbolizado no Doido, fala, como convinha, em versos decadistas. E' talvez o unico achado, na ordem das idéas, que se póde descobrir no livro, e não sei si uma fina ironia á joven escola nephelibata portugueza para a qual aliás entrou o Sr. G. J.

Não tenho, sinceramente digo, nenhuma prevenção de escola ou mesmo de temperamento contra as novas tendencias da poesia contemporanea, que dos pequenos cenaculos do *quartier latin*, passou para as beiradas do Mondego e do Tejo, e d'ahi chegou, em onda muito enfraquecida, ás margens da Guanabara. Penso que esse movimento é uma feição natural da evolução do lyrismo e que, qualquer que seja a sua sorte, o seu effeito será sensivel e util. A fórma, como o ideal poetico, ganhará com elle e não é muito dizer que a poesia d'amanhan lhe deverá a vida que o parnasianismo cançado estava a pique de lhe fazer perder. O mal é que até agora o symbolismo—reunindo sob este nome toda a nova poetica—ainda não produziu um verdadeiro mestre, ainda não achou como o romantismo o seu Hugo ou o seu Lamartine ou como o parnasianismo o seu Leconte de Lisle, o seu Prudomme ou o seu Coppée. Verlaine, morto ha pouco, foi talvez o mais illustre dos seus poetas, mas a sua influencia não foi bastante grande para assentar a nova esthetica. Demais, poeta muito subjectivo, era de certo modo a negação de um dos criterios della, acrescendo que no fundo era principalmente um parnasiano. Esta digressão, de que peço desculpa ao leitor, vem para dizer que comprehendo o novo movimento poetico e que o aceito como uma tentativa legitima e logica de, si posso dizer assim, remodelação poetica. Não tenho, portanto, a oppor-lhe sinão restricções ao modo porque a tentam fazer alguns dos seus sequazes que esquecidos que ella tinha por fim reintegrar a idéa na poesia, sob a cobertura do symbolo, dispensam-se dessa tarefa, para a qual aliás se requer talento, amontoando talvez symbolos, mas dispensando-se de ter idéas. *Patria* é um poema symbolista, sobrecarregado mesmo de symbolos, mas quanto a idéas, além das banalidades notadas, não ha nenhuma que seja do A. Entretanto, mais de uma vez, a versificação da nova escola toma nelle feições de verdadeira belleza e graça e força, fazendo

prever que novas fórmas metricas virão renovar a poesia, e portanto, o pensamento poetico. O que eu citasse não daria prova disto, si não fosse completa a citação, prefiro remetter o leitor ao livro e recommendar-lhe todo o longo monologo da scena XXIV do Doido, da qual são estes versos :

E tu, ó alma triste, alma exilada,
Branca, da alvura mesta dos sudarios,
De que prisões, de que galés, de que calvarios,
Vens a rastos assim crucificada ! !
Quem te cobriu de lagrimas e sangue ?
Quem trespassou teu coração exangue
De tanta dor e tanta punhalada ? !
Regressas ao teu lar, alma divina,
Para morrer aqui;
E no teu lar contemplas uma ruina,
E elle uma sombra em ti !...
. . . . . .
Entra no lar... entra no tumulo, descança,
Alma pobre, varada de amarguras,
Alma sem fé e sem espr'ança !
Entra no lar abandonado... entra as escuras...
Deita-te a um canto somnolentamente,
E extincta e muda, vulto vago, informe,
Nunca mais abras teu olhar silente,
Dorme ! repousa eternamente... dorme !

O livro do Sr. G. J. porém, não é só uma obra d'arte, ao meu parecer gorada, mas emfim uma obra d'arte em que por vezes, como nos tercetos de Nun'alvares e na scena citada, relampeja ainda o talento do autor da *Morte de D. João* e da *Musa em ferias*, acaso a melhor coisa de toda a sua obra. E' mais um symptoma social. Portugal é, talvez, na historia um caso de esgotamento nervoso. A heroica nação, disperdiçada toda a energia na obra maravilhosa dos seculos XV e XVI, como que hypnotizou-se na recordação das grandezas passadas, de que parece não soube fazer estimulos effectivos, e na idéa messianica, consubstanciada no sebastianismo. Os seus grandes escriptores, os seus grandes poetas neste seculo, são descrentes e são, no fundo, sebastianistas, isto é, todos têm no mais intimo d'alma a preoccupação idealista e sentimental de um Messias que restitua á velha Patria sinão as glorias de outr'ora, que já não são hoje possiveis, a

força moral, a felicidade, a riqueza, o brilho nacional que lhes parece faltar-lhe. Foram assim Herculano e Garrett, Oliveira Martins (com cujas idéas, diga-se de passagem, é feito todo este livro, *Patria*, no que ha nelle de idéas), Anthero do Quental, e são assim Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, Theophilo Braga e os republicanos, e os «novos», os symbolistas, os nephelibatas, os decadistas. O poema *Patria*, do Sr. G. J. é mais um producto, mau no fundo e na fórma, desse messianismo, desse sebastianismo caracteristico da sua raça. O D. Sebastião agora chama-se Republica, não como uma resultante da evolução historica, uma necessidade social, mas como um remedio magico, uma formula mystica. — J. V.

A POLITICA

A quinzena correu sem um facto qne lhe interrompesse a monotonia. Encerrados os trabalhos do Congresso, tendo partido para os seus estados os representantes da Nação, o governo entregou-se ás fainas administrativas, livre relativamente dos embaraços que lhe oppõe a politica. E desta vez o que o Congresso deixou feito, ou antes, mal feito, é para dar serios cuidados, principalmente ao Sr. Ministro da Fazenda, que tem de regular materia nova, qual a que foi votada em relação á classe de corretores de fundos, e com o fim de pôr obstaculos á desenfreada especulação sobre cambio, que encontrava facilidades que convém remover, e tem de procurar um pouco de luz na floresta emmaranhada das novas tarifas e formalidades aduaneiras, por não se ver o que quiz o Congresso, que á ultima hora votou muita coisa em contrario do vencido.

Tendo por isso descançado a politica, aconteceu o que é de uso acontecer: reviveu o boato. E o thema não é novo, trata-se sempre de conspirações. Afigura-se-nos, porém, que os que espalham esses boatos, si não obedecem a um interesse individual inconfessavel, mostram pelo menos desconhecer os individuos cujos nomes envolvem em suas fantasias. Dizer, por exemplo, que o general Francisco Glycerio conspira contra o actual presidente da Republica, é não conhecer absolutamente o chefe campineiro.

De uma vez ouvimos-lhe uma profissão de fé de conservatismo, que elle apoiava com este exemplo: não entrou em conspiração contra o golpe de Estado do marechal Deodoro em novembro de 1891, não assignou o protesto do Congresso dissolvido, porque, apezar de

reconhecer a gravidade excepcional do acto praticado pelo primeiro presidente da Republica, apezar de saber que a dissolução do Congresso compromettia as instituições republicanas, tinha tal horror á idéa revolucionaria, estava tão intimamente convencido de que a revolução faz tão insanaveis males aos creditos do paiz, que nem n'aquelle caso gravissimo a admittia, e era sua opinião que os deputados dissolvidos deviam só lutar contra o marechal na imprensa e nas urnas. O seu esforço consiste sempre em empregar todos os meios legaes e regulares, para chegar aos fins.

E' verdade que depois disso já o general Francisco Glycerio conspirou, e conspirou conscientemente contra o marechal Floriano, mas nem por isso se arredou do seu systema, e das suas idéas, pois que conspirava pelos meios legaes, e justamente para evitar uma situação inconstitucional, contra a qual seria mais difficil lutar, e contra a qual outros, não elle, pensariam certamente em empregar o meio revolucionario.

Referimo-nos á campanha que elle iniciou e levou a cabo para que se realizasse a 1 de março de 1894 a eleição presidencial. Não tivesse elle cuidado disso ainda antes da revolta, não tivesse elle organizado o partido republicano federal, e convocado a convenção para a eleição prévia dos candidatos á presidencia e vice-presidencia, não tivesse elle combinado com os delegados dos estados que se faria a eleição no dia designado por lei ainda que o governo não expedisse instrucções para que ella se fizesse em todo o Brazil, não tivesse elle trabalhado com os ministros civis do marechal vice-presidente para que estes insistissem junto do chefe do Estado, fazendo-lhe ver o que poderia acontecer si a eleição se não realizasse, e esta não teria tido lugar, e hoje não teriamos o governo legal que temos.

Os revoltosos de setembro dizem que é a elles que o Sr. Dr. Prudente de Moraes deve a posição que occupa, que é a elles que o Brazil deve o ter hoje governo civil. Não é esta a occasião para se discutir a parte que teve a revolta nesses successos; mas o que é indiscutivel é a parte que teve nelles o Sr. general Glycerio, que era abertamente adverso á revolta, adepto portanto do governo legal do marechal Floriano, mas lutava contra este pelos meios regulares quando suppunha capaz de assumir a dictadura a pretexto ainda da revolta de setembro e da revolução do Rio Grande.

Si o Sr. general Glycerio penssasse em conspirar contra o actual governo, não teria cedido como cedeu, na questão da pacificação do Rio Grande do Sul, a que era adverso, a tal ponto que não quiz conversar com o enviado dos federalistas, e entendia que a preliminar obrigatoria da pacificação era a. submissão dos rebeldes. Mas o seu amigo, chefe do Estado, entendeu de outro modo, encaminhou as negociações, chegou ao resultado que desejava, e por sua vez o Sr. general Glycerio submetteu-se, e lá foi ao Itamaraty á frente da commissão da camara felicitar o Sr. presidente da Republica por ter pacificado o Rio Grande, contra o modo de ver do partido republicano federal que o elegeu.

Mais tarde, e como consequencia desse acto do governo, fez-se a amnistia. Com o seu conservatismo levado ás ultimas consequencias, o Sr. general Glycerio era necessariamente o adversario declarado e inconciliavel dos revoltosos. Para S. Ex. os homens de setembro, os federalistas do Rio Grande do Sul, e todos quantos não eram intransigentes e intolerantes como elle, eram inimigos a quem se não devia dar quartel; mas, o senado iniciou a questão, collocou-a desde logo em um terreno que fechava a porta ás discussões, aos desabafos partidarios, e foi forçoso transigir, e o primeiro a transigir foi justamente o Sr. general Glycerio, que aliás podia ser considerado o chefe dos intransigentes.

E em nenhuma dessas occasiões o Sr. general Glycerio tentou agitar a opinião, tentou os meios irregulares para desviar o senado, parte da camara dos deputados e o governo, do caminho de conciliação em que se tinham empenhado.

Com estes precedentes, como suppor que conspire um homem que sempre tem dado provas de ter por norma que o melhor dos remedios contra os maiores dos males é ainda a luta pelos meios legaes? E demais, conspirar para que, contra quem, e porque?

O Sr. Dr. Prudente de Moraes, si não tem sido o agente cégo do partido republicano federal, si não tem sido docil instrumento das ordens dos chefes que o elegeram, tem sempre mantido uma linha de conducta que não justifique razões de queixas fundadas da parte de qualquer dos grupos em que se divide a opinião.

Não tem sido nem o continuador servil da obra do seu antecessor, e essa foi accentuadamente partidaria, principalmente depois da revolta, nem se erigiu em reaccionario contra ella. Si attendeu

não já a reclamos da opinião, mas a necessidades e interesses nacionaes, fazendo a pacificação do Rio Grande do Sul, e depois mostrou-se propenso á amnistia que era a consequencia daquelle primeiro grande acto do seu governo, nunca se manifestou contrario ao partido mais exaltado, e do seio deste tem saido cidadãos para postos de immediata confiança do governo, e muitos têm sido conservados nas posições que occuparam, e entre esses alguns contra quem se tem formulado accusações de certa gravidade.

A administração tão difficil pela desordem em que ficou, pela mudança de pessoal, as finanças tão compromettidas pelas exigencias de duas guerras, além dos erros anteriores accumulados, tem merecido os cuidados do Sr. presidente da Republica, e bem puro será aquelle que considerar-se habilitado a atirar-lhe a primeira pedra.

Não ha, pois, contra os males que infelizmente nos affligem, um só que possa ser attribuido á influencia directa ou indirecta do governo do Sr. Dr. Prudente de Moraes, e a conspiração que se propuzesse a combatel-o seria a mais impopular e a mais anti-patriotica de quantas se tem feito neste paiz.

Por isso estamos absolutamente certos de que não passa de boatos inteiramente no ar o que se tem dito ultimamente, porque não ha motivo para que se conspire, e porque si alguem podesse pensar em tal coisa, não seria de certo o chefe campineiro, politico bastante habil para comprehender que a sorte da Republica depende essencialmente da estabilidade do governo actual.

FERREIRA DE ARAUJO

A QUINZENA

Fevereiro. — **1**. Decreto dando novo regulamento ás faculdades de direito.— **7**. Houve um violento temporal nas costas americanas do Atlantico norte. O mesmo phenomeno deu-se nas costas da America do Sul no Pacifico (Iquique). — **9**. Chegou a Manáos o telegrapho sub-fluvial que foi inaugurado officialmente a **10**, completando a ligação das capitaes do Brazil. —Estoirou sobre Madrid (Hespanha) um bolide, damnificando edificios, fazendo desabar predios, ferindo muita gente. — **12**. Falleceu em Pariz o celebre compositor francez Ambrosio Thomaz (Metz 1811, Pariz 1896). — Na Abyssinia a situação esteve indecisa. Na Italia as opiniões dividiram-se sobre a continuação da campanha. A esquerda da Camara votou unanimemente uma ordem do dia condemnando-a. Os jornaes officiosos incitam o governo a continual-a. Este, guardando o maior segredo sobre as operações ali, estabeleceu a censura do telegrapho. Novos reforços foram embarcados para Massouah. — Em Cuba, apezar dos insuccessos dos revolucionarios, os hespanhóes não conseguiram dominar ainda a revolução. Martinez Campos, que voltou á Hespanha, parece convencido da necessidade de cessar as hostilidades tratando com aquelles. Não se realizou ainda o reconhecimento delles como belligerantes pelos Estados Unidos. — Baptizou-se na religião orthodoxa russa o principe Boris, filho do principe Fernando da Bulgaria. Isto deu lugar ao reatamento das relações da Russia com a Bulgaria e talvez d'ahi resulte o reconhecimento pelas potencias deste principe como soberano daquelle paiz — A questão anglo-venezuelana tomou nova face, tudo parecendo annunciar uma solução pacifica. Lord Salisbury declarou approvar a doutrina de Monróe, qual a definiu este estadista, julgando-a sensata e previdente para os Estados Unidos. O governo desta nação insistiu com o venezuelano para aceitar as condições do *ultimatum* inglez em relação ao incidente Uruan. O presidente do Brazil foi convidado pela Venezuela e aceito pela Inglaterra a servir de mediador no restabelecimento das relações diplomaticas entre os dois paizes, não tendo ainda respondido ao convite. — O Ministro do Exterior do Equador convidou por circular os Estados americanos a se reunirem em congresso para a definição da doutrina de Monróe, que o governo boliviano declarou desapprovar. — No Brazil nenhum acontecimento notavel. Sobre a questão da Trindade um deputado inglez, o Sr. Bowles, interpellou o seu governo que, pelo ministro de estrangeiros, declarou que aquella ilha fôra occupada por estar abandonada por um seculo, que fôra proposto o arbitramento e finalmente a questão posta de lado.—Chuvas copiosissimas nos tres estados do Rio, Minas e São Paulo, inundações do Parahyba no seu curso inferior, derrocamento de barreiras e obras d'arte em algumas linhas ferreas determinando suspensões do trafego. — No Rio a quinzena distinguiu-se especialmente por uma série extraordinaria de crimes.

O "FAROL,, MARANHENSE

Tens razão, divino grego. Transmigra-se a alma. Na corrente das gerações transfunde-se ella, mystica expressão da vida, pelo rio de humano sangue, e leva este em borbotões, inflammado como rubida labareda. Intangivel e mysterioso pollen vai se depositando em novos e successivos rebentos, a todos dando a feição da primitiva origem, constituindo-lhes o mesmo fundo de turvas lembranças e de vagas saudades! E d'ahi esta singular attracção da poesia do passado, forte, evocadora, que nos arrebata, como voluptuosa voragem de abysmo, e nos mergulha em delicioso e perplexo sonho. Despertam-se, maravilhosamente completas, as sensações antigas da raça, e as particulas da postera alma só nestas longiquas melodias de éras profundas vão encontrar emfim a sua inicial unidade! E como de outro modo explicar a absorpção do nosso ser nesta confusa e indefinida poesia, por nós não vivida, que não doirou as nossas scismas e nem exaltou os nossos sentidos? Por que, então, essa preferencia insoffrida, inquietante, pelo ha muito transmudada? A idealização do remoto não mistura o sentimento do que já foi com o que ha de vir? E para a imaginação alada, o futuro, espelhando a paradisiaca miragem, não confina com o aureo passado, como os pontos extremos de uma circumferencia? A nostalgia torturante de uma recordação indecisa, nebulosa, não é a repercussão de um goso, de uma dor dos primitivos geradores de nossa alma? Certo dia uma vivissima impressão fecundou o espirito deste antepassado, fel-o florir

como um rosal em primavera. Seculos após, um atomo, uma scentelha desta eterna e immorredoira sensação não vem até nós, incomprehensivel, indecifravel, convulsionar-nos as entranhas, incendiar-nos em fogo sagrado ou envolver-nos em vaporosa, fluida e magnetica volupia?... A tua palavra luminosa, oh! Platão! foi falada pela bocca de um deus. Nós somos um pouco a alma vivida por nossos pais.

E meditando neste verbo revelador, comprehendo agora o mysterio de ainda ha pouco, quando todo o meu ser vibrava a uma estranha impressão, e eu inclinava-me para aquella persistente figurá, envolta em tenues nevoas de uma recordação de tempo, em que não existia, e que não veiu até a mim pela caudal das tradições sómente, mas pela repercussão mysteriosa, successiva, transmigrada. Era na linha ultima do meu horisonte espiritual. Agitava-se ahi a meiga e terrivel physionomia desse Homen-farol, que os meus avós amaram em extase, o unico que na terra maranhense, por entre uma raça mansa de lavradores, escribas e traficantes, teve a transfiguração hyper-humana.

Imaginai-o aos vinte annos. No seu rosto de equatorial dois olhos pardos chispavam; janellas abertas por onde se escapava luz abazadora de outras almas. De sua bocca fina borbulhava limpida e cantante voz. Coroando a flexivel e mean figura uma cabellereira ebanea, ondulada, emmoldurava-lhe o aspecto. Dir-se-ia um descuidado para quem a existencia é um sonho vagabundo, povoado de visões femininas, pelo demonio da sensualidade docemente envenenada em sua fonte; um afortunado vivendo a lubrica preguiça daquelle sol, languidamente tangendo o magico bandolim da luxuria. E no entanto como o corpo mentia assim á forte castidade de sua alma!

Ao certo em S. Luiz, não sabiam donde viera o estranho personagem. Mas ao verem-no, lembravam-se os velhos da cidade daquelles mesmos olhos em uma criança sepultada nos fundos escuros de uma loja, em fins do tempo colonial. Que um tal brilho e um tal fulgor não eram de esquecer. Um dia esses olhos emigraram. Mares tenebrosos, peregrinas terras devisaram; por algum tempo com as rumorosas aguas do saudoso Mondego, lagrimas tambem misturaram. E fugindo á esta merencoria região foram para mais além, em busca da paragem luminosa, onde, ferindo-os, a viva impressão da triste chimera, que é a liberdade, trasvasou-lhe pela alma a dentro o seu perfido e capitoso perfume. Embriagaram-se os olhos,

e voltaram da França transfigurados. A recebel-os na terra que já era uma patria abriu-se de par em par a velha loja da infancia, ciosa de enclausural-os de novo. Mas o dono dos olhos sorriu-se desdenhoso ao vil carcereiro. Emplumara-se a aguia. Surgira no Maranhão um revoltado.

Foi assim que os rapazes do tempo conheceram a José Candido de Moraes e Silva. Sobre elle desde logo desceu o véo transparente da legenda. A historia sem ella é a vida sem poesia, o amor sem peccado. Na secca verdade de suas odiosas analyses tem algum coisa de repugnante e de vasio, e por isso a humanidade a detesta, como despreza instinctivamente a realidade. Não se vive, de certo, sinão através do sonho fallaz e enganador, que torna a existencia amiga, através desta miragem, cuja synthese na memoria é a lenda, alma da historia que só ella ama e odeia, diviniza e excommunga, engrandece e amesquinha. E a legenda patriotica, magnifica expressão da mentira, faz de homens heróes, e de heróes torna-os santos. José Candido para os maranhenses de então apparece tambem na aureola mystificadora desta hypertrophia. Em vida foi um semi-deus, morto aos vinte e seis annos um martyr sagrado.

*
* *

Havia-se declarado a independencia politica da colonia, mas ainda naturalmente as tenazes do passado mantinham firme o territorio á cultura portugueza, e esta dominava completamente na absorpção dos cargos publicos e do exercito, na partilha da propriedade. O brazileiro era então um inconsciente, um espectro de mascara humana, vagando pelas ruas e pelos campos. E quando José Candido chegara, lá na orla estreita de mato que circumda o porto da cidade, viu agitando-se no forte de S. Marcos o signo da nova patria, e ali, sobre as aguas confusas do Bacanga e do Anil, a esposou no coração Como regio presente de nupcias deu-lhe um grande apaixonado choro, que de seus magicos olhos rebentou em nervrotica commoção.

Entrou em mystico noivado. Nos refolhos de sua alma juvenil escondeu, cioso, a auto-suggestão em que passara a viver. Fantasiava a sós doces scismas, monologando, ruminando a ventura de

vêr a amada feliz e donairosa, imaginando-se enrijado para a louca empreza de libertal-a. E punha-se a castellar mentiras. Acordava, porém, as vezes do seu sonho, e então como o esmagava dolorosamente a realidade de sua fraqueza! Para não assistir ao completo sacrificio da amada foi-lhe preferivel fugir para as margens escalvadas, barrentas do funebre Itapicurú, mas, longe do esquecimento, da illusão procurada, ahi encontrou a thebaida que lhe dilatou o coração e lhe armou o espirito. De saber as amarguras da phantastica esposa, de como mãos profanas do antigo senhor lhe polluiam ainda o corpo, sentia-se offego, oppresso, morto em vida e amaldiçoava a sua attitude criminosa de contemplativo. Que fazia elle ali na mata, na escura e verdejante floresta, umbroso recanto da patria, cujo symbolo de independencia era; livre, descuidosa selva, manifestando pantheisticamente a eterna renovação da vida, a sua força, o seu magico encanto no prolifico consorcio do raio do sol com um punhado de terra, na expansão das arvores gigantescas, no impetuoso curso dos rios, no ciciar dos favonios, nas parasitas que grimpam e na dourada e cambiante coloração das aves? Não; que não era esta patria feliz, a que elle amava. Era a outra, a patria das cidades, a escrava de pulsos algemados, a triste e misera engalphinhada pelos abutres. Que fazia, pois, ali nos braços luxuriantes e capitosos da floresta? Andava como um phantasma pelas estradas; surdas imprecações, insoffridas maldições, tudo lançava aos ventos, que esfuziavam indifferentes á tamanho louco. Quando os camponios o viam assim, malucando o seu desespero, miravam-n'o apavorados, deixando-o caminhar solitario, lugubre como estremunhado somnambulo. E a crise crescendo degenerava em nevrose. Transcendentalizando-se-lhe o espirito, na allucinação da hysteria, cada vez mais imperiosa lhe parecia a vocação do destino. Neste estado da alma abandonou o seu retiro e penetrou na cidade. Desapparecera a meiga physionomia do trovador; da solidão descera uma dura e sombria figura de apostolo.

E foi então que naquelle mundo cahotico de sombras vagas e fugaces, começou a desenhar-se o perfil singular e varonil de José Candido. O combate estava traçado nas circumstancias da época, era pelo nacionalismo radical, pela real e pratica transformação da independencia. O lutador surgira, trazendo como armadura a hypnose da crença. Ainda o doce veneno da duvida não percorrera o seu

sangue e nem lhe dera a voluptuosa embriaguez da ideal e absorvente anarchia. Não era sua alma a alma de Hamleto, esta, moderna por excellencia, feita de desillusões, de pessimismo, de vacillações, de incertezas. Interiça como a fé, talhada de um só bloco, era uma alma antiga; e quando a illuminava a mentira patriotica, agigantava-se, dando a imagem duma cathedral gothica setteando os céus. Dentro bandos de cherubins enchiam a vasta nave, ruflando mysticamente as diaphanas azas da esperança...

E esse antigo, esse solitario, esse crente, com que arma combateu? Com aquella que é mais moderna, a mais leve, porém a mais terrivel, a penna do jornalista.

Trasveste-se a sociedade. Os seus interpretes, os seus dominadores mudam de trajes como comediantes, apresentando aspectos de personagens differentes. Vêde. Lá na Bactrianna antiga, e na India Oriental, onde o placido Eufrates e o Ganges errante correm por entre uma multidão de tumulos sagrados, um povo cobria a face da terra, resumindo a civilização. Os seus chefes eram esses magos, esses brahamanes que interrogavam nos livros santos o mysterio profundo, e governavam os outros homens praticando o rito terrivel. Era o dominio da religião e já passou. Ali, mais proximo deslisa uma corrente de aguas azues, margeiada por sumptuosas ruinas. E' o Rheno com os seus castellos. Daquella grande molle, de torres, de amêas, de ogivas e setteiras, campeando erma na limpida campina, e por cujas fendas se coou o tempo, um vulto saía outr'ora sobre um ginete espumando. Era um donzel sob o peso de uma armadura, indo ao torneio por seu Deus e por sua dama com a lança, que não separava os homens, antes o ligava quando vibrada pelo cavalheiro imperador. Foi o dominio da espada e já passou. Agora não é mais o Ganges, nem o Rheno, porém ainda um rio, é o Sena. Singular destino desses tres cursos d'agua que symbolizam a civilização humana! A' margem do ultimo se assenta a grande *urbs*, a cidade moderna que vive nas officinas, governada pelo voto collectivo convertido em lei; cosmopolis derradeira cujo laço é a palavra escripta, que se transfunde em todos os espiritos. Quebrou-se assim todo este mysterio com que o papyrus sagrado recolhia o estro dos velhos poetas; cessou o encanto das letras illuminadas dos livros divinos. O pensamento humano agora é guardado e transportado pela imprensa, que é a ultima expressão do dominio. O heroismo não

se encarna mais na figura do homem-deus, do padre, do rei ; a sua nova forma, a das idades ultimas, é a clamyde do escriptor. José Candido a revestiu e com ella entrou a batalhar pela sua miragem, com a mesma forte convicção, com o mesmo animo sacerdotal e casto com que outr'ora o brahamane sacrificava aos deuses, e o cavalleiro pugnava na cruzada. A fé illuminava o pamphletario apostolo, e esse *Farol Maranhense* que, como um clarim, cantava ás manhans as notas do novo credo, era a luminosa projecção do seu espirito. Chamava á postos os homens, pregava-lhes a boa nova, evangelizava-os, e as suas frases flammejantes eram uma alvorada rubra e alegre; iam a toda parte, zurziam como chicote a face dos resistentes, queimavam como uma labareda os corações brazileiros. Um grande incendio consumia os espiritos da cidade; dir-se-ia que das portas de todas as casas saiam intermittentes, vivas e vermelhas linguas de fogo, que não eram sinão as palavras do *Farol*, voltando mais accesas daquellas pyras por elle proprio abrazadas.

Em pouco tempo jornal e escriptor se confundiam na mente dos outros; creador e creatura identificavam-se completamente. E emquanto começou de esmaecer o nome de José Candido, o do *Farol* com a intensidade de vida, que lhe era transmittida, ia-se personalizando e com o seu epitheto perpetuando na memoria dos homens o jornalista. Recebendo esse novo baptismo, José Candido deu em holocausto as agonias das perseguições, as provações daquelles dias de vida militar forçada, as torturas de foragido. E deu tudo isto com o doloroso e aspero sacrificio de sua vida em flor, rijamente empenhado em combater pela visão, em que se expressava o seu caracter humano, com a consciencia presentida de celere e irresistivel anniquilamento.

*
* *

Exactamente nessa noite de 13 de setembro de 1831 (em que mais o vejo nas singulares recordações de minha alma antiga) ascendeu elle ao estado sublime da inconsciente transfiguração de todo o ser. Desde pela manhan a cidade estremecia nervosamente. Palavras tremendas, loucas do *Farol* faziam sobresaltar os animos imbelles. Ameaçava a borrasca, e cada qual procurava se atêr firme ao solo, emquanto o cyclone passasse. Anoitecera nesta vaga inquietação. A's primeiras trevas alguns vultos se reuniram no Campo de

Ourique, e a hypertrophia da semi-luz do crepusculo agigantava as suas sombras dando a impressão exagerada de uma conjuração de titans. Eram José Candido e alguns dos seus. E quando a noticia, dita ás surdas, de que o *Farol* era ali, correu pela cidade, viam-se sair das casas mal illuminadas espectros armados; na rua, profundo e apavorado silencio, e o vulto de algum transviado da nova doutrina lá se ia ao Campo, soffrego, inquieto. Outras sombras ahi chegavam e pouco a pouco formava-se sinistramente a multidão. E toda aquella gente cercava o mestre, o chefe, o profeta, prestava-lhe a vassalagem dos subordinados, dando-lhe confiança de vencer afinal aquelle transe, para que ha muito se preparara e vinha se extinguindo em esforços.

Organizava-se o improvisado motim depois de passar por todos os momentos que vão da cobardia ao heroismo, por todas as phases de pavor, de susto, de confiança, de audacia, de loucura. Pelas horas a dentro a excitação tornou-se geral, e quando um retardatario apparecia no Campo com uma arma de sua propria invenção ahi estava para recebel-o, não a anciosa alegria dos primeiros instantes, mas a gargalhada febril e exaltada das multidões, a gargalhada precursora da tragedia. Projectos de vingança, de assasinatos, sonhos de dominio, maldições aos portuguezes que ainda eram os pais, tudo era o pensamento daquelles sediciosos brazileiros. Não tinham trinta annos esses meninos, valentes e destemidos, que só elles eram naquelle momento a nova patria. Compunham a turba, cuja alma ingenua e simples, imbecil e terrivel a um tempo, é a alma irresponsavel das collectividades na ausencia de toda a razão, instinctivamente má e damninha. Mas em frente um do outro ali estavam os dois symbolos eternos, os factores inseparaveis da civilização — o espirito limpido, definido, claro, dominador do homem, e a alma vaga, inconsciente, escrava da turba. Bipartidos, aquelle é a vontade isolada, silenciosa, porém incompleta; a outra é a nebulosa cahotica, indefinida. Mas quando compellidos pelo instincto social se reunem, o homem absorve em si a sociedade, e parece que um mesmo systema nervoso, se irradiando do cerebro delle, percorrendo a extensa peripheria da massa, abrange todos os fragmentos vivos e forma a indispensavel e indestructivel unidade.

Naquella noite, á hora do mingoante, a meia lua vindo das ribas do Anil envolvia em frouxa luz o Campo, onde se apresentava um

quadro singular de se ver. Em cima de uma columna, velho pelourinho fincado na vasta praça, arengava José Candido; em derredor mil physionomias o escutavam, traduzindo diversamente as suas palavras. E aquelle conjunto formava um corpo; dir-se-ia pela projecção da sombra um grande monstro, uma arvore de troncos humanos, saindo um dos outros; boccas escancaradas umas, caras fechadas outras, tragicas algumas, serenas, ingenuas aquellas; braços agitando armas, outros abertos de par em par, estaticos. No alto uma figura dominando, distincta, superior, transcendente. Era como a imagem de um verdadeiro farol, sobre um mar revolto, illuminando informes, bravios e rudes penhascos.

Despontara o novo sol. E naquella translucida manhan de setembro uma douda ventania percorreu a cidade, como um turbilhão levando alegre, em revoadas, as folhas seccas das arvores. e levantando o pó das ruas em columnas que marchavam. Estava tudo envolto nesta poeirada até que no Campo de Ourique a tromba se foi desfazer de encontro á multidão. Desannuviaram-se os olhos, e viram todos que ainda ali persistia a rapaziada do *Farol* nas mesmas impetuosas resoluções de independencia. Então foram-se chegando tambem os velhos maranhenses, desarmando a incredulidade ante aquelle espectaculo, fascinados pela energica voz de José Candido, que attingira a uma estupenda vibratilidade. E todos vinham, todos que tinham sido tocados por uma scentelha daquelle magnetico ideal, todos os ultrajados, os miseros espectros, os filhos espoliados da terra infeliz para quem tão tarde surgira o Vingador.

Em palacio simulava-se a resistencia, e nada mais. O presidente, preso ao passado portuguez e homem do partido reaccionario, sentira desde logo a inanidade da repulsa; e ás incitações de seus partidarios sorria-se desdenhosamente, pois conhecia-lhes a cobardia e adivinhava nelles os perfidos que d'ahi a pouco, na primeira refrega, se escapariam. Pensava nas tropas, nos tres batalhões da guarnição, mas chegara a noticia de estarem os mesmos se passando para o campo do *Farol*, apenas deixando nos quarteis fiel ao governo o mercenario elemento forasteiro. Precisava ainda assim de lutar e de manter o combate, a acção, até reunir mais reforços. E deste modo cogitava, para logo desaminar, e ceder no seu espirito, reflectindo no contraste entre os meninos, os rôtos do *Farol*, promptos a marchar sobre o palacio, e os partidarios deste, os velhos

traficantes portuguezes medrosos, fechados dentro das habitações. E na verdade, o quadro era este: emquanto o pai estrangeiro no fundo da loja amaldiçoava a erupção das ruas, o filho tinha abandonado o lar e estava na sedição; e na mesma casa, em cima, lá numa camara alcatifada, nervosa e timida, a filha prisioneira orava á doce Virgem de suas crenças, e pedia na sinceridade de todo o ser, a victoria para o inimigo de seus antepassados. José Candido amado pelos homens, endoidecidos por si, ainda o era mais, santa e castamente, pelas mulheres. No sublime esforço daquella jornada elle tambem tinha o pensamento voltado para ellas, fonte da futura raça, e de cujos seios fecundados havia de brotar a flôr regada pelo sangue e pelas lagrimas dos heroicos companheiros. E quando em meio da crise, absorto, mystico, transfigurado, punha-se a sonhar, parecia-lhe que de todas as casas rompendo os tectos, vozes cristalinas entoavam o hymno de triumpho enchendo a amplidão sonora. « Vence, amado meu! victoria ao esposo de minha alma! » Frases que voavam pelo ar.

Partiram do campo os emissarios do *Farol*. Vinham significar ao presidente as requisições dos amotinados. Ao chegarem proximo ao palacio a guarda quiz suster-lhes o passo, mas elles desarmados e firmes caminhavam sempre. Quando os soldados iam fazer fogo, um gesto do presidente á janella permittiu-lhes a passagem. Traziam a tunica dos parlamentarios; eram sagrados. Em frente ao chefe da provincia disseram rude e sinceramente as condições das tregoas, as primeiras bases da transformação nativista, exigiram-lhe a expulsão dos postos militares de todos os estrangeiros, a suspensão dos magistrados reaccionarios, a nacionalização dos empregos publicos e a deportação dos chefes da colonia. E voltaram. O presidente viu clara a situação. Abandonado de todas as verdadeiras almas, cercado apenas de cadaveres, que taes eram os seus partidarios, não podendo formar a resistencia, o triumpho do *Farol* era inadiavel. O pamphleto vencia a autoridade. A Cidade Moderna na expansão de sua força eliminava a Cidade Antiga. O velho passado portuguez feito gloriosamente pela espada santa de Nun' Alvares, pelas victoriosas quinas do Gama, e pelas estrophes sonoras de Camões sossobrava mais uma vez num canto do mundo. A filha espuria, gerada nos flancos morenos da mulher selvagem, expulsava agora do lar o velho progenitor, cujo peccado fôra o de tel-a despertado da braveza de

féra para chamal-a á luz macia da civilização. O presidente compungia-se deste humano, mas tão indisivel espectaculo. E então elle, grato descendente desta cultura do passado, vendo-o tombar, não lhe quiz dar lugubres funeraes de sangue, não quiz num lance de vau, mas heroica resistencia, afundal-o no tumulo em meio de uma nuvem de polvora e fumo. Preferiu carinhosamente amortalhar a cidade antiga, a velha tradição portugueza, que ali morria, nas dobras do branco e virginal lençol da transacção. E a proclamação que lançou na alvura do papel, maculado apenas de caracteres de tinta negra, immune da torturante nodoa vermelha, foi o symbolo funerario daquella incruenta derrota.

Um arauto levara ao campo a capitulação do governo. Era a victoria, a primeira da causa do nativismo em terra do Maranhão. Mas emquanto os brazileiros a receberam explosivamente, alguem se recolhia á sua morada apprehensivo. Era José Candido, o *Farol*, o vencedor unico, o heróe, o profeta, o chefe de vinte e cinco annos. Presentia de certo que, d'ahi a muito pouco, a morte buscando-o no homisio, o sagraria martyr.

Transmontava o sol. Um bando de guarás, voando, tingia de vermelho a dourada coloração do espaço. O eterno Apollo ia celere ás suas vespertinas nupcias, e Thetis, a nivea e mythologica Thetis, lá o esperava, nas sonantes praias do Mearim!

GRAÇA ARANHA

O ADULTERIO[1]

E O PROJECTO DO CODIGO PENAL

II

Notando que entre muitos povos antigos imperava o parentesco pelo lado materno, procurava Bachofen explicar o phenomeno pela supremacia das mulheres sobre os homens na antiguidade. Mais tarde, Mc Lenan, constatando o mesmo facto, considerava-o uma resultante da incerteza paterna, ou melhor, da promiscuidade primitiva. « A relação entre essas duas coisas — a paternidade incerta e o parentesco sómente pelas mulheres — parece tão necessaria e ser de tal sorte uma relação de causa e effeito, que podemos com toda confiança suppôr uma onde achamos a outra.»

Mas, si por um lado depois da critica profunda de Westermarck seria impossivel attribuir a metrocracia á incerteza da paternidade, por outro lado seria mostrar-se pouco exigente satisfazer-se com a explicação de Sumner Maine, isto é, que a paternidade é uma questão de inducção em relação á maternidade, que é uma questão de observação. A razão da metrocracia entre varios povos primitivos ou selvagens parece-nos não ser outra sinão a influencia da propriedade sobre a organização da familia. Ao principio a mulher nada possue; pelo contrario, ella é que pertence á tribu. Não é sinão quando a horda deixa de errar pelos campos e pelas margens dos

[1] Veja a *Revista* de 1 de fevereiro

rios em busca de caça e de pesca, não é sinão quando a *gens* inicia um periodo de agricultura rudimentar; não é sinão quando se estabelece e se accentúa pela differença de occupações a separação dos instrumentos de guerra para o homem e dos utensilios domesticos para a mulher, que a familia póde surgir sob a fórma matriarchal. Desde que o selvagem, preoccupado com a necessidade da caça e da guerra, deixa á mulher o resto das occupações e a propriedade dos objectos proprios ao seu genero especial de trabalho, se comprehende facilmente que a mãi de familia se torne soberana, *despoina*, como diziam os lacedemonios.

Deste modo, se póde affirmar que foi a divisão do trabalho, a differenciação das occupações, a distincção dos bens incorporados á pessoa do homem ou da mulher, que fraccionou a familia communista, a *gens*, em familias matriarchaes ou patriarchaes. Assim, seria demasiadamente ousado affirmar que por toda parte o parentesco pelas mulheres precedeu o parentesco pelos homens, como seria escurecer a verdade negar que é consideravel o numero dos povos selvagens, quer antigos, quer modernos, entre os quaes a descendencia e a herança não seguem exclusivamente o lado materno.

A razão é que onde predomina a propriedade materna a *gens* se divide em familias matriarchaes; onde impera a propriedade paterna, a *gens* se fracciona em familias patriarchaes. Em relação ao nome, o filho herdava o nome materno, como herdava qualquer objecto. Entre os selvagens o nome é o mais precioso bem. A respeito dos indigenas da Australia Occidental nota George Grey que a obrigação do nome de familia é muito mais forte do que a do sangue. O nome é menos uma questão de parentesco do que de propriedade. Assim se explica que em alguns povos dê-se a herança do nome como dá-se a herança dos objectos, pela influencia, não diremos exclusiva, mas preponderante, da mulher.

Sem attribuirmos a familia matriarchal á incerteza da paternidade resultante da promiscuidade primitiva, como quer Mc Lennan, ou á simples supremacia feminina, segundo entende Bachofen, temos como certo que a metrocracia se explica pela influencia da propriedade sobre a organização da familia. « E' um facto digno de nota, escreve Westermarck, que onde os dois costumes — a mulher recebendo o homem em sua cabana e o homem levando

a mulher para a sua cabana — se produzem lado a lado, no mesmo povo, a linha de descendencia no primeiro caso é feminina, e no segundo masculina.» Entre os Tuaregs, onde impera o « direito materno », onde « o filho segue o sangue da mãi, o filho de um pai escravo ou servo e de uma mãi nobre é nobre », a mulher, principalmente a mulher rica e nobre, é « senhora absoluta de sua fortuna, de seus actos, dos filhos, que lhe pertencem e que trazem seu nome. » [1] Letourneau, por sua vez, lembra que a influencia da dama tuareg é devida á riqueza. Em Rhat, por exemplo, quasi toda a propriedade territorial está nas mãos das mulheres.

Mas assim como a *gens* se divide em familias matriarchaes, ou patriarchaes segundo a propriedade commum se fragmenta em propriedade collectiva, do mesmo modo o matriarchado ou o patriarchado assume a fórma da familia moderna, conforme o collectivismo se fracciona no individualismo burguez, servindo de termo de transição á propriedade feudal. Quando os barbaros invadiram o Imperio Romano, não se limitaram a saquear as cidades, deixando os vencidos viverem segundo as suas leis e tradições, todavia tomaram-lhes as terras e as distribuiram entre as suas hordas. Não o fizeram, porém, arbitrariamente, e sim de accordo com os seus usos e costumes. Cada tribu recebia para si uma ou muitas aldeias, que eram divididas entre as suas gentes. Estas aldeias occupadas pelas gentes de cada tribu formavam uma *centena*, muitas centenas um *condado*, muitos condados um *ducado*. A terra, que não tocava á aldeia, competia a condado, a que não cabia ao condado, pertencia ao ducado. A propriedade territorial era, portanto, commum. De posse das terras conquistadas, as tribus barbaras foram perdendo seus habitos guerreiros e se dedicando á cultura da terra. A proporção, porém, que os vencedores cultivavam o sólo conquistado, novas ondas de barbaros, invadiam os terrenos cultivados, pilhavam, escravizavam, e massacravam. Para defenderem-se contra a irrupção constante dos invasores, os barbaros, então possuidores dos campos, fortificavam suas aldeias e elegiam um chefe encarregado da defesa. A principio esses chefes eleitos, além de executores das deliberações das assembléas populares, eram apenas

---

[1] Duveyvrier, *Tuareg do Norte*, pag. 337.

encarregados da percepção dos impostos e do desempenho do serviço militar, sem direito algum territorial.

« As leis do paiz de Galles, diz Paulo Lafargue, colligidas em 940 por ordem do rei Hoel-Da e publicadas em 1841 por A. Owen, indicam o modo de eleição, as qualidades e as funcções destes chefes, que são as mesmas, pouco mais ou menos, em todas as tribus barbaras. O chefe da *gens* ou do clão era eleito por todos os chefes de familia, que tinham mulheres e filhos legitimos; exercia o seu poder durante a vida; entre outros povos as suas funcções eram temporarias; em todo caso, porém, podia ser destituido. Era preciso que estivesse sempre prompto a « falar em favor de seus parentes e que fosse escutado; que estivesse sempre prompto a se bater por seus parentes e que fosse temido; que estivesse sempre disposto a ser o garantidor de seus parentes e que fosse aceito.» Quando pronunciava sentença, se fazia assistir pelos sete velhos de mais idade; tinha sob as suas ordens um vingador (*avenger* encarregado de executar as vinganças, porque a justiça não era então sinão a lei de talião, sinão a vingança, golpe por golpe, ferida por ferida, damno por damno. Ao primeiro grito de alerta, quando se tinha proferido o clamor,—o *haro* dos Normandos, o *biafor* dos Bascos, — todos os habitantes deviam sair em armas de suas casas e pôr-se sob as suas ordens: era chefe militar e todos lhe deviam obediencia e fidelidade. Aquelle que não correspondia ao appello, era condemnado a multa. Os habitantes eram organizados militarmente; assim em Tarbes eram agrupados por dezenas, tendo a sua frente um *dizainier*, encarregado de velar para que todo o mundo estivesse armado e para que as armas estivessem em bom estado.»[1]

Mas ao lado desses chefes de aldeia eleitos havia chefes militares collocados pelos vencedores nos postos estrategicos. A occupação desses postos, foi a principio temporaria, depois perpetua, e acabou por ser hereditaria. Substituindo os chefes eleitos, os donatarios dos postos militares empregaram todos os seus esforços para converterem os *beneficios* em verdadeiros patrimonios. Si, porém, comprehende-se facilmente o beneficiario militar transformando-se em senhor feudal, o mesmo não succede com o chefe eleito pela

[1] Paul Lafargue, *Origine et évolution de la propriété*, n. II.

communidade. Não reinava entre os membros da communidade o mais vivo sentimento da igualdade? Pelos costumes e tradições esta igualdade não tendia a persistir? Realmente, sob o regimen feudal não se encontram traços desta primitiva igualdade?

Verdade é que, segundo nota Lafargue, o facto de serem escolhidos sempre os chefes da communidade na mesma familia acabou por constituir um privilegio, que se transformou em direito hereditario; mas isto não explica como operou-se a incorporação da propriedade territorial á pessoa do chefe da communidade. A razão afigura-se-nos ser que embora reinasse nas communidades de aldeia o mais intenso sentimento de igualdade, não obstante ellas concediam a seus chefes eleitos nas divisões agrarias uma parte maior do que a que cabia aos demais membros por occasião de conquista sobre as outras communidades. De posse de taes porções de terras, os chefes de communidade, tendo além disto diante dos olhos o exemplo vivo dos beneficiarios nos postos militares, puderam isolal-as do patrimonio commum, e transformal-as em propriedade feudal. Assim, a transformação do collectivismo de aldeia em propriedade feudal obedeceu a uma dupla corrente de influencias. Em primeiro lugar foi o ardor quereloso das proprias communidades, dando em resultado o chefe da communidade vencedora apropriar-se de uma grande parte das terras annexadas ao patrimonio commum; em segundo lugar foi a força suggestiva dos beneficios militares, em que os chefes impunham ás communidades vencidas o systema individualista do Direito Romano.

Assistindo á genese da propriedade feudal, vê-se que haveria grande erro em confundil-a com a propriedade romana, quer movel, quer immovel. Assim, o escravo da idade média não é empregado no serviço domestico. Este pertence á dona da casa. O escravo é simples cultivador do sólo conquistado. « As leis barbaras, affirma Laurent, [1] mostram os escravos em sua maior parte empregados no trabalho da terra; esses escravos vendem-se e compram-se com a propriedade que cultivam, são parte integrante della. »

Para mostrar a grande differença, que vai entre o escravo romano e o da idade média, basta lembrar que entre os Lombardos era permittido que o escravo, surprehendendo sua mulher em

---

[1] Laurent, *Etudes sur l'histoire de l'humanité*, pag. 30.

adulterio, matasse os culpados, ao passo que os Romanos não comprehendiam o casamento dos escravos, inventando para elles uma palavra ignobil. Depois da invasão dos barbaros a grande propriedade territorial sob a influencia das concessões beneficiarias, das conquistas e das usurpações, ainda mais se alargou e se estendeu; mas sem perder os seus caracteres especiaes, que não deixam confundil-a com a propriedade romana.

A propriedade feudal estava sujeita a uma organização hierarchica, que de nenhuma sorte se concilia com a *plena in re potestas,* com o direito de usar e abusar dos Romanos. «A terra, assevera Lafargue, não se compra nem se vende, é gravada de servidões, e se transmitte segundo costumes e leis, que o proprietario não póde infringir; o proprietario é obrigado a cumprir deveres para com seus superiores e inferiores hierarchicos. O feudalismo em sua essencia é um contracto de serviços reciprocos: o barão não possue uma terra e direitos sobre o trabalho e colheita de seus servos e vassallos sinão sob condição de prestar serviços a seu superior e inferiores. O senhor feudal recebendo «a fidelidade e a homenagem» de seu vassallo, «se obrigava a protegel-o para com todos e contra todos, e a soccorrel-o, em todas as circumstancias»: — o vassallo, para assegurar a si esta protecção devia acompanhar na guerra seu senhor e pagar-lhe certas prestações em serviços pessoaes e em dizimos sobre as suas searas e animaes domesticos. O barão para achar, em caso de necessidade, auxilio e apoio, se ligava a um senhor mais poderoso, que, por sua vez, é o vassallo de um dos grandes feudatarios do rei ou do imperador.»

Mais tarde, o individualismo burguez despedaçou esta vasta organização reciproca de direitos e deveres territoriaes; mas não em beneficio dos proletarios, como fazem acreditar certos apologistas da revolução franceza. A revolução de 1789, nem arrancou o sólo das mãos dos grandes proprietarios, nem melhorou a condição dos camponezes; pelo contrario, não serviu sinão para que os burguezes augmentassem seus dominios á custa dos bens dos emigrados e do clero, e para que a grande classe dos engeitados da fortuna fosse privada dos seus direitos sobre as terras dos nobres.

Precisamos, porém, antes de passar adiante, tornar bem accentuada a distincção entre a propriedade antiga e a propriedade

moderna, das quaes serviu de termo de transição a propriedade feudal..

O que caracteriza a civilização romana, sob o ponto de vista economico, é que ella desconheceu a riqueza movel. « O solo, descreve Fustel de Coulanges [1] conservou-se sempre nesta sociedade a fonte principal e, sobretudo, a medida unica da fortuna. Não é que não houvesse commercio, industria, profissões ao mesmo tempo honrosas e lucrativas; porém nunca saíu de tudo isto uma classe poderosa como a que se vê nos Estados modernos. O commerciante, o banqueiro, o industrial, podiam ter individualmente uma existencia opulenta; não constituiam como em nossos dias uma força social; não formavam um grupo de interesses e um feixe de valores, com o qual o Estado devesse contar, e que podesse exercer alguma acção sobre a natureza do governo. E' por este motivo que os povos submettidos ao imperio romano tiveram outras necessidades que não as nossas, e nunca reclamaram as instituições, que se tornaram necessarias ás nações modernas. »

A importancia do sólo era decisiva, pois delle vinha não sómente riqueza, mas ainda consideração. Quem não possuia terra, valia pouco. Aos proprietarios do solo competiam as principaes funcções publicas, a magistratura, o sacerdocio, emfim tudo que, no dizer de Fustel de Coulanges, dava dignidade ou brilho á vida. Os senadores, a mais privilegiada classe do Imperio, não eram escolhidos sinão entre os proprietarios. De tal sorte a riqueza do solo influia sobre a alta dignidade de senador que esta se perdia, quando aquella desapparecia. Era a terra que constituia a móla principal, o *pivot* sobre que girava todo o machinismo do mundo romano. «Esta ausencia quasi completa do que chamamos hoje os capitaes ou os valores moveis, e esta importancia unica do solo, este apagamento da população industrial e urbana e esta supremacia incontestada da classe dos proprietarios, são os factos, que dominam e regem o estado social daquelle tempo.»

Bem differente é a forma principal da propriedade moderna. A classe média fabricou, commerciou, e, não satisfeita com o producto

---

[1] Fustel de Coulanges, *Revue des Deux mondes*, tomo 105, pag. 439.

do seu trabalho, procurou emprego para a sua fortuna, interesse para a sua riqueza, e fêl-o apoderando-se dos instrumentos de trabalho. Deste modo começou a preponderancia da propriedade capitalista, a exploração do operario pelo patrão. Desde que são abolidos, os privilegios ligados á terra e os utensilios passam das mãos do artifice para as do capitalista, este torna-se o supremo arbitro da condição do proletariado, a ponto de Carlos Max poder dizer com razão « que a accumulação da riqueza em um dos pólos da sociedade marcha com o mesmo passo que a accumulação, no outro pólo, da miseria, da sujeição e da degradação moral da classe, que, com o seu producto, faz nascer o capital. »

Com a invasão do imperio romano pelos barbaros, deu-se uma verdadeira fusão de costumes e instituições. O que então se realizou, não foi simplesmente um amalgama de legislações, foi uma profunda penetração de tradições e conceitos economicos, artisticos, moraes e politicos. O mais curioso é que do choque das relações entre vencedores e vencidos resultou uma sorte de retrogradação do presente, uma especie de resurreição do passado.

Com o *mundium* dos Germanos e especialmente dos Lombardos não volta a mulher á sua antiga condição de escrava? Absorvida por uma ferrenha e constante tabella, não deixa de ser senhora de sua pessoa e bens? Não é o tutor que desfruta e herda os bens da pupilla? Não é elle quem estipula o dote, e annulla o casamento, quando não recebe a quantia convencionada? A absorpção feminina não vai ao ponto de ser o homem o responsavel pelas faltas e crimes da mulher?

Não vem fóra de proposito notar que perante os Germanos e os Scandinavos o dote passava como condição essencial para a validade do casamento. Primitivamente, tanto os gregos como os romanos consideravam toda união contraida sem dote antes um concubinato do que um verdadeiro casamento. Em alguns paizes da Africa é nullo o casamento em que a familia da noiva não recebe o preço desta. Entre os Karocks são tidos na conta de bastardos os filhos da mulher casada, cujo marido não paga a importancia porque a compra. No seio do convulsionamento, que marca uma nova éra na historia da civilização, a mulher cai de novo sob o poder brutal e cruel do homem, e então resurgem as mais odiosas e abominaveis penas contra o adulterio. Como si não bastasse a tortura, juntou-se

a ignominia. Antes de ser suppliciada, a adultera era conduzida núa pelas ruas da cidade, tendo muitas vezes o nariz, as orelhas e os labios arrancados. Tambem não era raro que a atirassem aos circos para lutar com os touros bravios. Além de tudo isto, havia a pratica infamante de encerral-a em um cubiculo, e assim expol-a indefesa á volupia dos transeuntes.

Que fazia o christianismo conquistando as consciencias, emquanto que os barbaros conquistavam o solo? E' bem conhecida a linguagem malsoante dos padres da igreja contra a mulher. Para elles, a mulher é uma natureza impura e diabolica. S. Paulo, Origenes, Tertuliano, Santo Agostinho, todos elles aconselham o celibato. Além das apostrophes pungentes de S. Jeronymo, Santo Anastacio, S. João Chrysostomo, Santo Ignacio e S. Boaventura, contra a influencia perniciosa da mulher, não vemos o proprio Christo dizer a Maria, o typo ideal de virtude: «Mulher, que ha de commum entre nós?» Entretanto, não se póde negar que o christianismo tivesse concorrido para a dignificação da mulher; mas fel-o indirectamente por suas vistas e aspirações socialistas, pregando a glorificação dos pobres e dos humildes.

Para S. Basilio o rico é um ladrão. S. João Chrysostomo entende que todos os bens devem ser communs. S. Jeronymo sustenta que a opulencia é sempre producto de um roubo. Santo Ambrosio affirma que foi a usurpação e não a natureza, que estabeleceu a propriedade particular. S. Clemente reproduz quasi textualmente o pensamento de Santo Ambrosio. Jesus, o redemptor dos engeitados da fortuna, não collocou o seu reinado fóra deste mundo sinão como um protesto contra a apropriação da terra.

A invasão dos barbaros trouxe o retrogradamento social, mas o regresso não tocou á dissolução. A sociedade não recuará, sinão para marchar depois com mais firmeza e segurança. A involução tornar-se-á o ponto de partida de transformações e desenvolvimentos, que a antiguidade não conheceu. Dado o desmembramento politico, o Imperio se transformará em nações, e o despedaçamento da unidade romana influirá sobre a organização da propriedade e da familia; mas voltando a fórmas relativamente rudimentares, as duas instituições não ficarão estacionarias, revestirão modalidades, que não se confundirão com os typos gregos e romanos.

Por uma feliz transformação o *mundium*, o *morgengabe* e o *osculum* se converterão em *donaire*, e mais tarde em regimen da communhão, principalmente na Dinamarca, na Allemanha, na Suissa, na Hollanda e em Portugal. Carlos Magno, concentrando em suas mãos todos os poderes publicos e absorvendo todos os direitos privados, sujeitará a mulher á tutella do Estado; mas em compensação as communas se levantando contra os senhores feudaes, garantirão tanto ás filhas da nobreza como ás do povo o goso dos seus bens.

Liberta da tutella eterna, herdando igualmente com os seus irmãos, participando dos bens adquiridos na constancia do matrimonio, podendo na qualidade de herdeira de um feudo presidir os juizos civis e criminaes, cunhar moeda, levantar tropas, outorgar cartas, a mulher se torna soberana, e a galanteria, a suprema razão do Estado.Não impera sómente pelas suas graças e encantos, domina pelos privilegios ligados á propriedade territorial. Era impossivel que a mulher unindo á força da belleza o dominio da terra, não se constituisse senhora absoluta dos seus feudatarios, vassallos e clientes.E' preciso não esquecer que os clientes embora não fossem escravos, todavia dependiam em todas as coisas da vontade daquelle, cujas terras occupava. Sendo assim, é bem de presumir que esta subordinação entrasse em grande dóse para a formação do sentimento cavalheiresco que faz da fidelidade uma questão de honra e da cortezia um objecto de culto.

A supremacia feminina é devida a outras causas que não exclusivamente a influencias ethnographicas. Em mais de um povo o homem tem sido escravo da mulher. Na Grecia vemos na lenda Hercules fazer garbo de não falar sinão de joelhos aos pés de Omphalia. «Em Roma, escreve Thulié,[1] a mulher recebeu a liberdade, usou della até a licença mais abominavel, se lançou de olhos fechados nas intrigas, nas aventuras; não sómente se chafurdou em todas as devassidões, mas teve todas as ambições e se entregou a todos os crimes para satisfazel-as. As mulheres conseguiram um poder sem limites, destruiram thronos, fizeram e desfizeram imperadores, misturaram o amor com a politica, transformaram em senhores e em ministros seus amantes, quem quer que

[1] Thulié, *La femme, essai de sociologie physiologique*, pag. 53.

elles fossem, os mais vulgares, os mais immundos. Homens do nada, histriões, dançarinos, libertos, escravos, são elevados as mais altas posições do Estado pelo capricho de suas poderosas amantes; é o reinado da paixão bestial, é a dominação da mais baixa sensualidade, e se é grande homem sómente porque se é solidamente organizado.»

A mulher do imperio romano póde ser mais voluptuosa e corrupta; porém, a mulher da cavallaria. dos tribunaes do amor, da fronda, é mais ousada e aventurosa. Nesses bellos tempos a dominação feminina não conhece termos; o sexo fraco é de uma energia e de uma audacia sem limites. E' a paixão romanesca que inspira as mais illustres emprezas, os mais ousados commettimentos. No salão a suprema direcção pertence á mulher. Ahi ella se insurge contra o rei, contra a igreja, contra o proprio Aristoteles. A conversação tem um tom picante, nada discreto e reservado. Mme. de Sevigné, censurada por ter posto a maior parte da sua fortuna sobre a cabeça do marido, responde desabusadamente: «uma vez que não lhe ponho sobre a cabeça sinão isto, paciencia.»

Quando a galanteria se constitue a norma de conducta, o movel principal, a razão suprema de todas as acções, surge uma devoção desregrada e tortuosa, uma moral desabusada e licenciosa, uma politica, que é um embroglio de rivalidades e ambições, de astucias e dissimulações. Arnauld d'Andilly, o grande convertedor de damas, leva o seu zelo religioso a ponto de beijar na bocca cada extraviada durante um bom quarto de hora. O abbade Fouquet ameaça de retomar a Mme. de Chatillon todos os vestidos, moveis, joias, que lhe havia dado. Mlle. de Coligny recebe todas as tardes o seu namorado disfarçado em padre. Mme. de Rohan cria e educa ás escondidas do marido, um seu filho adulterino, e mais tarde pretende reconhecel-o como herdeiro de seu nome e bens. Referindo-se a Mme. de Montbason, escreve Retz que nunca viu uma pessoa que no vicio conservasse tão pouco respeito á virtude, e em relação a Mme. de Chevreuse diz que ella não reconhecia sinão um dever — o de agradar o amante.

São costumes que fazem lembrar os famosos tempos da Grecia, em que as Laïs, as Phrynéas e as Aspasias dirigem artistas, philosophos e estadistas. Na propria guerra é a dama que guia o cavalheiro, despertando-lhe coragem, clemencia e generosidade. M. de Chatillon

não vai ao combate sinão levando no braço a jarreteira de sua amante. O duque de Loraine concede a vida e a liberdade a dous cavalheiros francezes sob a condição de irem beijar as fimbrias do vestido de Mlle. de Hautefort.

A mulher, porém, não se contenta com inspirar aventuras, ella quer representar o primeiro papel na scena da guerra. Presos seus dois irmãos e seu marido, Mme. de Longueville se faz porta-bandeira da revolta. Ameaçada de ser detida no castello da cidade, depois de ter tentado levantar Dieppe, foge á noite, tomando um barco, mas uma grande tempestade atira-a sobre o mar, do qual não consegue salvar-se sinão com grandes difficuldades. Ganhando a margem, erra durante o resto da noite em busca de um asylo. Conseguindo embarcar em um navio, em que passa por um cavalheiro, que havia se batido em duello e procurava refugiar-se em Inglaterra, salta na Hollanda, e se installa em Stenay, onde aguarda o momento opportuno para atravessar a França, alcançar Bordeaux, e ali conseguir ser quasi rainha. Afinal derrotada, não se dá por vencida, e continúa a guerra. Mme. de Condé, preso o marido, segue para Bordeaux, coberta de lucto, conduzindo o filho nos braços. Uma vez na cidade, levanta homens e mulheres, e repelle o exercito real, que tinha vindo pôr cerco a Bordeaux. Mlle. de Montpensier não se mostra menos ousada e intrepida. Em Orleans encontrando as portas fechadas, mas avistando uma poterna mal guarnecida, aproxima-se, sóbe por uma escada meio quebrada, e eil-a dentro da cidade. «E' conduzida em triumpho, nota George Renard, chamam-lhe uma nova Joanna d'Arc; cantam-se por toda a parte estrophes, consagrando sua gloria, e mais tarde quando ella apparece perante o seu exercito, é recebida com todas as honras militares, comprimenta-se a sua chegada ao som de trombetas e de canhões, bebe-se de joelhos á sua saude, fazem-se-lhe passar tropas em revista, segue-se a sua opinião sobre as manobras; ella é do officio.»

Da pratica as mulheres elevam-se á theoria. Modesta de Pazzo de Zorzi escreve uma calorosa apologia do seu sexo, e mais tarde Lucrecia Morinella publica o seu livro intitulado a *Nobreza e a excellencia das mulheres com as faltas e as imperfeições dos homens*, assumpto de que tambem se occupou Margarida de Navarra, primeira mulher de Henrique IV. Em 1665 a pretenção feminina se ostenta faustosamente no livro, que traz o pomposo titulo de *Damas illustres, onde*

por boas e fortes razões se prova que as mulheres sobrepassam os homens.

Mas estes escriptos, maneiras e costumes não eram os mais proprios para refrearem o comportamento das *immodestas*. Ninon de Lenclos torna-se então o typo da moda dando o tom á sociedade e servindo de modelo áquella que depois devia chamar-se Mme de Maintenon.

A intervenção das favoritas nos negocios do Estado é manifesta e sua influencia decisiva nos destinos do paiz. A partir de Carlos VI as favoritas fazem parte integrante da côrte. Carlos VI tem junto a si Odette de Champdivers, a filha de um mercador de cavallos, para a qual inventa uma arvore genealogica que a eleva do seu baixo nascimento á altura da protecção, que lhe é dispensada. Carlos VII vive no seio de um verdadeiro serralho, entre Agnès Sorel, Antonietta de Meignelai, Gerarde Cassignol. Luiz XI distingue-se, além do numero, pela variedade de escolha: entre as suas favoritas figuram Margarida de Sassenaye, Huguette de Jacquelin, representantes da nobreza, e Phélisa Renard, a Gigonne e a Passefilon, filhas do povo. Francisco I, o rei galante, que dizia que uma côrte sem damas é um anno sem primavera ou uma primavera sem rosas, não póde dispensar as graças e encantos de Cureon, Étampes, Chateaubriant, Féronnière, Anna de Boleyn e Diana de Poitier. Henrique II tem por amantes Philippa Duc, Flovin de Leviston, Nícole de Savigny; Henrique III Renée de Rieux, Maria de Clèves. Henrique IV não se mostra menos exigente do que Luiz XI e Francisco I, nem em numero nem em variedade. Cercam-no cheias de exigencias e fantasias Ayelle, Gabriella, Tignonville, Martine, Luc, Armandina, Montaigu, Fleurette, Glandée, Boinville, Maria de Beauvilliers. Luiz XIV, aos quinze annos já disfruta Mme. de Beauvais, e mais tarde Lamotte d'Agencourt, La Vallière, Fontanges, Montespan, a marqueza de Soubise e uma infinidade de filhas de lacaios. Luiz XV mostra-se digno successor das galanterias capetianas, deixando-se conduzir ao theatro da guerra pela duqueza de Châteauroux, e aviltar pela dominação perniciosa de Mme. de Pompadour.

Mais que tudo, porém, soffrem as finanças do Estado com os excessos polygamicos da côrte. Muito caro custam ao thesouro publico as liberalidades femininas. Para não falar sinão de Luiz XIV e Luiz XV, basta lembrar que Fontanges recebe o titulo de pensão

100,000 escudos por mez, além de sumptuosos moveis, luxuosos vestidos, tecidos com fios de ouro e perolas no valor de 150,000 libras, e Mme. de Pompadour figura no orçamento com 36,727,000 francos, afóra os presentes e abonos que recebia dos rendeiros geraes para conceder favores sobre o preço dos arrendamentos e assegurar a impunidade das exacções.[1]

Felizmente nem todos os homens se deixavam arrastar por esta febre de immoralidade e corrupção: havia espiritos, que reflectiam e raciocinavam, sem estarem dispostos a sacrificar tudo á embriaguez da galanteria.

ARTHUR ORLANDO

(*Continúa*)

[1] Charles Louandre, *Du rôle des femmes dans l'histoire de France.*

JOÃO DE DEUS

A 11 de janeiro ultimo, o homem que teve no mundo o nome laureado de João de Deus

ia os degraus do tumulo descendo,

e, si não teve para guial-o aquella luz

que se foi pouco a pouco amortecendo,

pôde alumiar-se desde a ante-camara da morte a um intenso clarão com que nunca sonhara: o resplendor perfulgente da gloria.

Da mão inanida caiam-lhe as credenciaes com que terá de comparecer perante a posteridade : *Campo de Flores* e *Cartilha Maternal*. Na primeira está encerrada toda a sua alma de poeta, a segunda é a realização do seu ideal de redemptor. *Campo de Flores*, abrangendo debaixo desta denominação toda a lyrica de João de Deus, só nos ultimos annos da vida do autor teve a consagração da popularidade, que fez da obra uma biblia de amor e do poeta o idolo gigante da colossal romaria realizada a 8 de março do anno passado. A *Cartilha Maternal* diffundindo-se por toda a parte, até onde se fala a lingua portugueza, levou o nome de João de Deus mais longe do que os seus versos o teriam levado, contribuindo por esta maneira com a melhor parte para a gloria desse nome.

Que homem foi esse e que obra foi a sua que tardaram tanto a ser conhecidos do mundo, quando havia nesse homem um poeta lyrico de raça capaz de competir com os maiores e naquella obra a consubstanciação da alma portugueza na mais encantadora das suas manifestações : o sentimento ?

E' o que vamos vêr.

João de Deus nasceu em Messines a 8 de março de 1830. Era, portanto, algarvio. E' proverbial a loquacidade dos homens do Algarve, loquacidade a que deve corresponder physiologicamente uma extrema vibratilidade dos centros nervosos. Por outro lado, é no sul de Portugal que mais profundamente se fez sentir a influencia dos Arabes, como a propria linguagem o está inculcando. Ora, o Arabe, se não possuia a vivacidade dos povos da Iberia, trazia em compensação a nostalgia do Oriente, que punha uma ternura nova na sentimentalidade peninsular. Não admira, pois, que João de Deus, producto ethnico de taes factores, se sentisse abalar profundamente na sua natureza, ao ter de abandonar o lar para ir cursar os estudos em Coimbra, longe dos seus, distante da terra que era sua, em que se creara, e que esse abalo accendesse nelle o engenho poetico. E' assim que matriculado em direito no anno lectivo de 1849—1850 tanto apertou com elle a saudade que no anno seguinte interrompeu o curso, não comparecendo a matricular-se, e em épocas subsequentes, ora perdia o anno por faltas, ora preteria a matricula, do que se occasionou vir a formar-se sómente em 1859. E essa saudade era tão viva, que o fazia escrever á mãi:

Patria! berço de amor que a alma embala
Emquanto a luz vital nos illumina,
E onde só descansado se reclina
Quem longe d'ella dôr continua rala.

Se n'essa essencia, mãe, que a flôr exhala
Na essencia de uma flor d'essa collina
Vês lagrimas de amor que dentro a mina
Com saudades de quem do céu lhe falla,

Se, quando o céu buscando, o fumo ondeia,
Quando esse valle o sol deixa indeciso
Vês como fumo e flor aspira e anceia

Um pae, um Deus, um céu, um paraizo,
Ah! tendo eu tudo, tudo, em minha aldeia,
Vê tu se labio meu desfolha um riso.

Já se vê, pois, que Coimbra não era para elle a patria, e todavia, foi em Coimbra que amou e soffreu. Quem não ha de amar e soffrer aos vinte annos naquella terra, onde os olivedos que se debruçam

pelas encostas dão á paizagem uns ares de Gethsmani muito asado a taes martyrios. Foi em Coimbra que elle experimentou a angustiosissima dôr que se traduz nas estrophes de uma sublimidade incomparavel daquella poesia extraordinaria que começa pelo celebre soneto:

Foi-se-me, pouco a pouco, amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degráos do tumulo descendo.

Em se ella annuviando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo annuviava,
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minh'alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha ingenua e pura
Como os anjos do céu, se o não sonharam,
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

O caracter dominante em João de Deus é a extrema sensibilidade. Tudo o que os outros homens dispendem de fluido vital na actividade da razão e no incitamento da vontade punha-o elle na affectividade do coração e nas impulsões do sentimento. Nem elle reconhece no poeta outra razão:

Oh! ha tres vistas com que as coisas vemos,
Ha tres razões que as coisas determinam,
Uma a dos olhos; outra a que escondemos
N'isso ante que os alamos se inclinam;
Outra a que dentro no coração temos,
Que os limites do espaço só terminam;
Coube a primeira em sorte á borboleta,
A outra ao homem, a terceira ao poeta.

Reparem bem no ultimo verso:

A outra ao homem, a terceira ao poeta.

O poeta, segundo elle, não tem absolutamente que pensar como os outros homens, tem apenas que sentir. E' esta susceptibilidade que o faz commover-se de um modo irresistivel, ao contemplar

a dôr alheia e que lhe provoca a sentidissima elegia *Rachel* offerecida a D. Candida Nazareth.

Esta senhora tinha visto morrerem-lhe dentro de poucos dias irman e mãi, deixando-a no mundo sozinha. Tão incomportavel infortunio inspira a João de Deus a commovidissima nenia que se inicia por estes dois eloquentes versos:

Despe o lucto da tua soledade
E vem junto de mim,lyrio esquecido
Do orvalho do céu;
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E, se és, mulher, irmã dos que hão soffrido,
Mulher, sou irmão teu.

Consolos não te dou, que não existe
Quem de lagrimas suas nunca enxuto
Possa as de outro enxugar.
Não póde allivios dar quem vive triste,
Mas é-me doce a mim chorar, se escuto
Alguem tambem chorar.

Como era um crente, sabia por igual levar o conforto ás dôres dos outros, incutindo-lhes a fé, e ungir-se a si mesmo de resignação para supportar as proprias atribulações. Por isso, dirigindo-se áquella mesma senhora, busca alental-a com este dizer:

Mulher, mulher, quando eu n'um cemiterio
Levanto o pó dos tumulos sósinho,
Eis, digo, eis o que eu sou;
Mas, quando penso bem n'esse mysterio
Da virtude infeliz...vai teu caminho,
Dois mundos Deus creou.

E no *Ultimo Adeus* enviado em uma hora de desalento a pessoa muito amada a si mesmo reconforta:

Ha depois d'esta vida inda outra vida,
Não se reduz a nada um grão de areia
E havia de a nossa alma, a nossa idéa
Nas ruinas do pó ficar perdida?

Onde, não sei eu bem, mas sei que existe
Deus remunerador. Depois de mortos,
Hemos de ver-nos e um no outro absortos
Fartar de glorias este amor tam triste.

A's vezes, a dôr que lhe causava a inepcia ou a tolice dos homens diluia-se-lhe numa satyra tolentiniana.

E' assim que, tendo um seu companheiro levado um *R* em theologia por se ter esquecido de rapar o bigode, envia ao lente uma serie de quadras com o titulo *Pires de marmellada*. João de Deus procura convencer o cabeçudo exegeta :

Já no tempo dos Tetrarchas
Dos Jesués, dos Elias,
No tempo das tres Marias,
Se usava bigode e pera.

Era só na primavera
E em occasiões de eclipse,
Conforme o Apocalypse,
Que os judeus se barbeavam.

Nota Bene: Não rapavam.
A não ser algum somitico,
Como se vê do Levitico,
Senão debaixo do queixo,

Mas taes argumentos deixo.
Porque em materia sagrada
Fallar a um Marmellada
E' malhar em ferro frio.

Direi só que quando o tio
Dos filhos de Zebedeu,
Um dia á tarde appar'ceu
De barba feita a Moysés,

A não serem dois ou tres
Dos mais valentes prophetas,
Ficava á força de settas
Alli mesmo roto e nú !

Lê o propheta Abacuc
E lá verás, na linguagem
D'esse grande personagem
Se isto assim foi...

Continuo.

A corrupção dos costumes inspira-lhe a conhecida satyra ao theatro em Lisboa, emquanto a prosapia fidalga de um tal Gaspar lhe

arranca aquelle bello soneto bocageano, admiravel todo elle pelo artistico da trama:

Ora, se não sei eu quem foi teu pai,
Fidalgo sei perfeitamente bem,
O que eu não sei, Gaspar, é o que vem
Nesta vida fazer quem já la vai.

Eu bem sei que é aos pais que a gente sai.
Tal pai, tal filho, sim, duvida alguem
Que um pai, se é como o teu, homem de bem,
Tu és homem de bem como teu pai?

Disso não ha quem possa duvidar;
Mas queres um conselho que eu te dou:
Não mexas nisso, calla-te Gaspar;

Que eu, cá por mim, bem sabes como eu sou,
Mas é que outro talvez mande tirar
Certidão de baptismo a teu avô.

Como resultante de tudo isto, uma suprema bondade. Nunca invejou, nunca odiou, nunca procurou fazer sombra a quem quer que se estivesse aquecendo ao sol da popularidade, nunca ambicionou posições, nem honras, nem dignidades de qualquer especie. Não sei quem foi que disse que o renome literario que João de Deus alcançou nos ultimos annos da sua vida a ninguem causava mais espanto que a elle proprio. Quem quer que tenha conhecido pessoalmente João de Deus não deixará de confirmar aquelle asserto.

Quero contar-lhes um facto que revela a simplicidade primitiva daquella alma e o melindre do seu bom coração. João de Deus costumava durante um certo tempo apparecer pelo Martinho a ler os jornaes, ao meio dia, hora em que os cafés em Lisboa disputam concurrencia com o deserto. Um dia o fomos encontrar Cesario Verde e eu todo entregue á leitura do que quer que era que o devia estar deliciando sobremaneira, a avaliar pelo riso franco que se lhe desenhava no rosto. A um nosso olhar interrogador, João de Deus satisfez-nos: Estou-me a rir desta parodia á *Morte de D. João*; tem muita graça; ora ouçam:

Elle anda magro, hediondo, exotico, descalso,
Tem risos de intrujão, lembra um pataco falso.

— Isso não é parodia, observamos-lhe nós, é a *Morte de D. João*.

João de Deus esboçou um gesto de duvida, mas caindo logo em si e, receioso de que tomassemos por um epigramma hostil o que não passava de um de seus muitos alheamentos, começou logo a desculpar-se :—que já tinha lido a obra de Junqueiro, que a admirava muitissimo, simplesmente não esperava encontral-a ali, naquelle jornal; por isso vendo no alto do folhetim *A Morte de D. João,* suppuzera que era uma parodia; que tambem elle não lêra sinão aquelles dois versos; agora pela continuação já estava reconhecendo o poema.

E fazia-nos elle proprio sentir as bellezas do retrato; mas percebia-se bem que a commoção com que lia era menos produzida pelo enthusiasmo que a leitura lhe causava do que pelo desejo de varrer dos nossos espiritos qualquer impressão de menosprezo pela obra do notavel contemporaneo. Levamos o caso de brincadeira, mas percebemos que João de Deus ficou triste e não lhe arrancamos mais palavra. Tal é o homem; vejamos a obra :

O que para logo avulta nas poesias de João de Deus é o contraste da simplicidade biblica da expressão com o recamo das imagens de um orientalismo deslumbrante, ao envez do que succedia com a maior parte dos seus contemporaneos que suppriam com a emphase da locução o que lhes escasseiava no vigor do colorido. Si não, vejam-se estes versos daquella poesia innominada a que se convencionou chamar *A Vida.* Em seguida ao memoravel soneto acima citado, exclama João de Deus:

Ah! quando no seu collo reclinado,
Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flôr do rosmaninho,
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz dos seus olhos... (que era vel-os
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)
Lia na sua bocca a Biblia Santa
Escripta em lettra côr dos seus cabellos;

Quando a sua mãosinha pondo um dedo
Em seus labios de rosa pouco aberta,
Como timida pomba sempre alerta,
Me impunha ora silencio, ora segredo;

Quando, como a alveola delicada,
E linda como a flôr que haja mais linda,
Passava como o cysne ou como ainda
Antes do sol raiar nuvem doirada;

Quando em balsamo d'alma piedosa
Ungia as mãos da supplice indigencia,
Como a nuvem nas mãos da Providencia
Uma lagrima estilla em flôr sequiosa;

Quando a cruz do collar de seu pescoço
Estendendo-me os braços como estende
O symbolo d'amor que as almas prende,
Me dizia... o que as mais dizer não ouço;

Quando, se negra nuvem me espalhava
Por sobre o coração algum desgosto,
Conchegando-me ao seu candido rosto,
No perfume de um riso a dissipava;

Quando o oiro da trança aos ventos dando,
E a neve de seu collo e seu vestido,
— Pomba que do seu par se h'ia perdido
Já de longe lhe ouvia o peito arfando;

Tinha o céo da minh'alma as sete côres,
Valia-me este mundo um paraizo,
Distillava-me a alma um doce riso
Debaixo de meus pés nasciam flôres.

Como vêem é uma catadupa de imagens que espalhadas por um livro inteiro enriqueceriam a obra de um poeta, pela elevação do sentimento e pela naturalidade da expressão.

A multiplicidade dos metros, muitos delles inspirados nos antigos cancioneiros, dão aos versos de João de Deus uma variedade encantadora, ao mesmo tempo que imprimem na expressão uma ingenuidade primitiva.

— Dá-me esse jasmim de cera,
Minha flôr?
— Mas e depois, se lh'o dera,
Meu senhor?

— Depois? era uma lembrança.
— Mas de que?
— De uma tão linda criança,
Já se vê.

— Oh tão linda ! Mas parece,
Sendo assim,
Que inda quando lhe não desse
Tal jasmim...

— Não me esquecia, de certo.
— Nunca já ?
—Nunca.—Nunca é muito incerto,
Mas... vá lá.

— E a rosa, que bem lhe fica,
Dá-m'a flôr?
— Oh ! a rosa, a rosa pica
Meu senhor !

E logo este :

Não sou eu tão tola
Que caia em casar,
Mulher não é rola,
Que tenha um só par.
Eu tenho um moreno,
Tenho um de outra côr,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

Que effeitos de arte não tira elle da propria monotonia:

Arida palma
Tem seu licor,
Tem como a alma
Tem seu amor,
Tem como a hera
Tem seu abril,
Tem como a féra
Tem seu covil...

Em que o mesmo som se reproduz a cada volta do verso, como a resposta de um bordão num concerto de violas. Só um poeta de raça seria capaz de encontrar na redundancia daquelle monosyllabo verbal uma graça artistica de tão delicado valor. Si, acrescentarmos que os versos são escriptos num portuguez immaculado, temos dito quanto basta para se comprehender como portuguezes devem amar aquelle livro.

Uma particularidade: a maior parte das poesias de João de Deus não têm titulo ou, ao menos, não o tinham quando sairam da sua

mão, circumstancia que a muitos parecerá indifferente, mas que é altamente significativa; porquanto revela de um modo eloquente a sinceridade e a espontaneidade do poeta. O rouxinol e o sabiá, que cantam á lei da natureza, não dão nome ás suas trovas, só o poeta de sangue frio, emquanto o sentimento lhe não desperta no coração ou a idéa lhe não acorda na mente, se entretem a ensaiar no alto da folha epigraphes de condão evocativo.

E' ainda prova irrecusavel daquelle dom a circumstancia de que, uma vez insufflada a poesia ao bafejo do seu genio, deixava-a ir mundo em fóra e não volvia mais a vel-a nem a occupar-se della.

D'ahi procede não haver poesia sua de que se não encontrem variadas versões consoante a noticia que de ouvido em ouvido ia chegando a cada colleccionador. Mais tarde, quando se tratava de as reunir para serem dadas á publicidade, acontecia irem de mistura outras de outros autores, como succedeu com a *Melopea de Dorothea*, de cujo autor me não recordo e que se encontra nas *Folhas soltas* e *Que não... que sim...* de João de Lemos, colleccionada num folheto que Trindade Coelho publicou.

Não deixa de surprehender que, tendo sido João de Deus quasi exclusivamente um poeta do amor, não caisse sobre elle o ridiculo a que o utilitarismo do nosso seculo condemnou um sentimento que é incapaz de comprehender. Explica-se isto em primeiro lugar pela elevação a que este sentimento paira sempre na sua obra:

Amor é a palavra o brado eterno
Solto por Deus, ao vêr já feito o mundo,
Que fez tremer os carceres do inferno,
E o sol ficar da côr de um moribundo:
A primavera, estio, outomno, inverno,
Terra, ceu, alma pura, bicho immundo,
Tudo ahi cabe á larga de tal modo,
Que nessa concha Deus se fécha todo.

Amor enrola a nuvem da montanha
E espalma a onda em praia que não sente,
Ata ao raio de sol o fio d'aranha
E humilha ao conductor o raio ardente.
Quanto na rede immensa a vista apanha,
Tudo que jaz e cresce, e vive, e sente,
De Deus brotou n'um sopro de bondade
E póde amar-se em espirito e verdade.

Demais, quem se atreveria a escarnecer da dôr ingente de uma alma que desafoga neste impeto:

E tu és piedoso,
Senhor, és Deus e Pai,
E ao filho desditoso
Não ouves um só ai!
Estrellas deste aos ares,
Dás perolas aos mares,
Ao campo dás a flôr,
Frescura dás ás fontes,
O lyrio dás aos montes,
E tiras-m'a, Senhor?!...

Dissemos que a *Cartilha Maternal* representa a melhor parte da gloria de João de Deus. Pois que, perguntar-nos-ão, um simples methodo para aprender a ler, cuja originalidade não deixou nunca de ser contestada, vale acaso uma só das suas estrophes, em que elle punha toda a sua mente de sonhador e toda a sua alma de poeta? De certo que não; mas, quando dizemos que a *Cartilha Maternal* constitue a melhor parte da gloria de João de Deus, pretendemos significar que, si elle não tivesse ensinado a uma geração inteira a soletrar o seu nome na capa da *Cartilha*, nunca se teria realizado a procissão imponente que o consagrou para a immortalidade.

Como poeta, João de Deus começou por passar despercebido á geração com que se creou. A não ser a pequena roda dos seus amigos da Universidade, que recolhiam avidamente as suas palavras como quem recolhe perolas, ninguem mais o conheceu. Isto, que em nada diminue o seu merecimento, póde explicar-se facilmente. Naquella época a publicidade não estava tão disseminada como hoje em dia; alem de que João de Deus não consentiu por muito tempo que os seus versos vissem a luz; de sorte que, quando começaram a apparecer com mais frequencia no *Atheneu*, no *Instituto*, na *Estreia Litteraria*, terminava elle a formatura e acolhia-se de novo aos penates. E' verdade que no Algarve continuou a poetar, mas os versos que mandava para os jornaes de provincia, encantoados em folhas de limitada circulação, não lhe podiam levar longe a fama.

Quem por aquelles tempos tinha o commando incontestado da poesia lyrica em Portugal era Soares de Passos ao Norte e Bulhão

Pato ao Sul. A geração literaria que se seguiu á de João de Deus, ainda poude escutar os echos da merencoria endecha:

Vai alta a lua; na mansão da morte,
Já meia noite com vagar soou.

ou o estrebuchar erotico do conhecido carme:

Era no outomno, quando a imagem tua
A' luz da lua, seductora vi.

Foi esta geração literaria que surgiu com João Penha, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, Luiz de Andrade, Candido de Figueiredo, Teixeira de Queiroz, a que logo se seguiram Macedo Papança (Monsaraz) Vasco de Mello (Sabugosa) Coelho de Carvalho, Bettencourt Rodrigues, Garcia Redondo, que, desinteressando-se de ouvir narrar o caso triste do namorado de Elisa, arvorou como estandarte de guerra em favor da regeneração da poesia as *Flores do campo* (a mais bella parte do *Campo de Flores*) publicadas em 1868, um livro em que havia versos frouxos, rimas que só eram rimas no Algarve, mas que sobrepujava a todos quantos haviam apparecido até então, na espontaneidade da inspiração, na grandeza dos conceitos, na opulencia das imagens e na verdade do sentimento.

Desde logo foi julgado crime de leso bom gosto recitar ao piano. Um Vargas que compuzera uma toada para acompanhar a *Innocencia*, de João de Deus foi condemnado á execração universal.

A poesia começa:

Encolhe as azas que te abrasas, louca,
O fogo mata a quem o gera, attende;
Foge, e, se a vida te aborrece, estende
Um braço aos anjos que a distancia é pouca.

Imaginem este brado supremo á castidade santissima entoado num compasso de mazurka, que tal é a medida symphonica do nosso decasyllabo. Um horror!

A este tempo João de Deus já estava residindo em Lisboa para onde tinha vindo em 1868 como deputado, a contra gosto e por imposição dos amigos. A' volta delle, a uma mesa do café Martinho costumavam reunir-se alguns literatos e em maior numero os neophytos das letras. Eram outros tantos apostolos que ali vinham escutar a palavra do Mestre e espalhal-a depois pelo

mundo. No entretanto, devo dizer, João de Deus não *pontificava* nunca, deixava aos outros a despeza da conversação e só incidentemente se permittia alguma observação judiciosa ou satyrica, de uma satyra que não melindrava.

De repente, João de Deus desappareceu e não voltou. Soube-se que se havia casado e que inventara a *Cartilha Maternal*. Regosijo indescriptivel dos que o amavam, não tanto por elle haver encontrado a alma irman da sua, como por haver produzido a *Cartilha*.

Este novo methodo de aprender a lêr foi logo discutido de um extremo a outro de Portugal, o nome de João de Deus andava agora em todas as boccas. O nosso querido companheiro Dr. Zeferino Candido, prestes a conquistar uma cadeira de lente na Universidade de Coimbra, cadeira a que lhe davam direito os brilhantes cursos que fizera em sciencias naturaes, abandona a carreira e corre ao Brazil a annunciar a boa nova.

Foi isto ha dezesete annos. A *Cartilha Maternal* ia despertando nas crianças a curiosidade de lerem os versos do seu guia, e ao irem ficando moços, não deixavam nunca de os lêr. E, como esses moços eram já filhos de uma geração para quem João de Deus não fora um desconhecido, e como a essa geração pertencia um escriptor notavel que delle fizera o estudo mais completo, publicando inteira a sua obra, Theophilo Braga, elles puderam conhecel-o bem e proclamal-o com inteira justiça diante de Portugal e diante do mundo um dos primeiros lyricos de todos os tempos.

SILVA RAMOS

HERBERT SPENCER E A SUA OBRA

A *Rewiev of Reviews* publicou no seu numero de 15 de novembro ultimo um interessante perfil de Herbert Spencer. Neste artigo nos limitamos a trasladar, resumindo em partes, traduzindo noutras, a excellente noticia da revista ingleza.

Nenhum pensador contemporaneo tem exercido sobre o pensamento em geral uma influencia mais profunda, si bem que muitas vezes não reconhecida, do que Herbert Spencer. E' provavel que para o historiador do futuro a segunda metade do seculo XIX se apresente á visão mental principalmente como a éra da evolução. Foi durante esse periodo que o conceito evolucionista realizou a conquista do mundo; que os apostolos da theoria do desenvolvimento estabeleceram, por fim, o seu direito de serem ouvidos com respeito em todas as artes, em todas ao sciencias, em todas as provincias da investigação historica ou social. Verdade seja que muitos, sinão a maioria, entroncam esta grande revolução do pensamento mormente no venerando nome de Darwin. Vai nisso grave engano. A esphera de Darwin foi apenas a vida organica: o universo foi a do seu rival. A Herbert Spencer é que devemos a doutrina geral da evolução no seu conjunto; de Darwin procede tão sómente o principio secundario da origem das especies por selecção natural. Isto sem desfazer no grande biologista de Down, poderoso e maravilhoso architecto do pensamento no seu proprio dominio; elle circumscreveu sabiamente a sua attenção quasi que inteiramente ao vasto campo da vida animal e vegetal, ou ás origens humanas

apreciadas do ponto de vista puramente anatomico e physiologico: emquanto que Herbert Spencer tem reconhecido e estudado a acção da evolução nos soes e nos mundos, nas plantas e nos animaes, nos espiritos e nas idéas, nas sociedades dos homens, e em todos e variados productos da humana organização ou da humana actividade. Diversamente prendados como são, cada um destes profundos pensadores é no seu genero, supremo e transcendente.

Duas são as razões que explicam o curioso facto de ser o nome de Darwin mais conhecido que o de Spencer. Em primeiro lugar, a obra de Darwin, versando directamante sobre as origens do homem e da vida em geral, prendeu para logo a attenção publica, provocando violenta opposição religiosa, a qual grandemente contribuiu para lhe dar notoriedade. Em segundo lugar, Darwin teve outrosim a fortuna de ver immediatamente dar o seu nome ás suas idéas particulares; todo o mundo, desde o principio, falava em darwinismo, em darwinistas, na theoria de Darwin.

São poucos, pelo contrario, os que se dão a si proprios como spenceristas, ainda menos os que falam na doutrina de Spencer. São as idéas de Spencer que conquistaram o mundo; as suas frases estão na bocca de todos, não o nome do seu descobridor. Jamais philosopho foi lido e citado tanto em vida, jamais philosopho viu as suas idéas incorporarem-se tão intimamente á humanidade, e todavia nenhum jamais recebeu dos seus compatriotas tão exiguo galardão de nomeada, proporcionalmente aos seus meritos. Ainda hoje é no estrangeiro que elle é conhecido e respeitado, muito mais do que na sua patria. Para quem revocar em duvida esta supremacia de Spencer entre os sabios e philosophos organizadores do nosso tempo, ahi estão as numerosas frases que resumem, porque assim digamos, o pensamento corrente do nosso seculo, e que quasi todas trazem na face o cunho de Spencer. Todos empregam as palavras evolução e evolucionismo. Mas poucos saberão que o uso dellas, no seu moderno sentido, é inteira e exclusivamente devido a Spencer. A propria locução, hoje familiar, sobrevivencia dos mais aptos (*Suvirval of the Fittest*), que passa por ser de Darwin, foi Spencer quem inventou como mais apropriada do que a selecção natural de Darwin. Ainda mais: a trivial expressão *adaptação ao meio* (*adaptation to the environnement*) é inteira e exclusivamente invenção de Spencer. Entretanto bem poucos, ao empregal-a, terão consciencia de que

nada mais fazem do que reproduzir meros conceitos e palavras textuaes do genial philosopho.

O facto é que toda a fraseologia corrente em materia de evolução procede de Spencer, justamente por ser elle um grande philosopho, dotado de singular poder de generalização, que lhe permittiu enfeixar os resultados do processo em uma simples formula nitida e comprehensiva.

A razão, por outra, porque a proeminencia intellectual de Spencer não é tão geralmente reconhecida como devera, é o sermos todos inconscientemente spenceristas. O proprio exito da sua evolução prejudicou-lhe em certa maneira a reputação. Estamos de tal modo penetrados das suas opiniões, que a mór parte as consideram como proprias, ou, pelo menos, como patrimonio commum. Idéas que quando Spencer entrou a escrever eram horripilantes heresias, são hoje em dia tão familiares que só um ou outro estudiante da historia do pensamento pensa em credital-as ao seu verdadeiro autor.

Digamos algo da vida e da obra de um varão que tanto ha influido no curso do pensamento humano em todo o mundo civilizado.

Spencer nasceu em 1820 de antepassados cultos. O pai era mestre-escola e secretario da Sociedade Philosophica de Derby. Desde o começo a educação de Herbert Spencer foi exclusivamente scientifica. Não tinha nenhum gosto para as linguas, e revoltava-se contra o despotismo convencional do grego e do latim.

Daquelle ignora Spencer até as letras do alphabeto. Entretanto nenhum moderno escriptor inglez emprega o seu idioma com maior precisão e exacção logica que Herbert Spencer; nenhum outro cunha novas palavras de origem classica, quando necessarias á expressão das suas idéas, com maior liberdade ou maior efficacia. O lexicon está inçado de neologismos de derivação grega devidos ao homem que se recusou a aprender as linguas classicas, nenhum, que o saibamos, pecca contra as mais estrictas leis da formação de vocabulos hellenicos. Não podendo absolutamente cursar as universidades por falta daquellas linguas, Herbert Spencer estudou engenharia, como ella se estuda na Inglaterra. Com 17 annos de idade foi posto sob direcção de Sir Charles Fox, um dos constructores do Palacio de Crystal, para aprender o trabalho de um engenheiro de estradas de ferro. Foi isto em 1837, na idade heroica das emprezas

de caminho de ferro na Inglaterra, e Spencer foi empregado na estrada de ferro de Glaucester e Birmingham. Elle não dava, porém, para a engenharia, a sua vocação era a sciencia pura.Todo elle é intelligencia generalizadora, e mesmo no dominio da propria intelligencia é uma machina de generalização. De nenhum homem se pode tanto dizer que a historia da sua vida é a historia do seu pensamento. As demais feições do seu caracter, o devotamento heroico, as resoluções reflectidas, a profunda dedicação a um alto e abstracto ideal, prendem-se não directamente ás affeições, como de regra, mas á direcção da sua philosophia. E' a intelligencia que governa e dirige as correntes das suas emoções. Por isso na sua vida o pensamento vem em primeiro lugar; o elevado caracter e as nobres acções são apenas appendices de um explendido e quasi unico orgão de generalização.

Spencer era um evolucionista muito antes da publicação da grande obra de Darwin, *A Origem das Especies*. Muitos imaginam que darwinismo e evolucionismo são uma e a mesma coisa; que Darwin foi o descobridor original e autor da theoria evolucionista, e que Spencer foi depois o seu philosopho e systematizador. Nada mais longe da verdade. Si Darwin não houvesse existido, ainda assim Herbert Spencer ter-nos-ia dado a maior parte do seu portentoso « systema de philosophia syntetica », porque a concepção fundamental que serve de base áquelle systema foi elaborada muito antes de ter Darwin dito uma palavra sobre a sua hypothese organica.

Aliás o evolucionismo vinha de mais longe, balbuciado por Erasmo Darwin, Buffon, Lamarck, Gœthe, Oken. Quando Spencer chegava a virilidade, os pensadores europeus tinham todas as suas attenções voltadas para a origem e desenvolvimento dos seres vivos; e a maioria delles propendiam mais ou menos definitivamente para uma solução vagamente evolucionista do problema.

A analogas conclusões conduziam os pensadores varias outras influencias. A geologia familiarizara o espirito do homem com a idéa de um mundo formado lenta e gradualmente, costra sobre crosta, camada sobre camada, ao envez de ter surgido todo prompto a uma simples palavra por força do *fiat* do Creador. Kant e Laplace com a sua theoria da nebulosa, Malthus com a sua theoria da

população, von Baer com as suas indagações á cerca do desenvolvimento dos embryões, haviam já em parte desbravado o caminho. Por toda a parte iam-se accumulando os materiaes brutos de um evolucionismo embryonario, os quaes demandavam um vasto espirito philosophico e organizador que pudesse reunil-os e systematizal-os.

Desde muito cedo Spencer aceitou esta gigantesca tarefa, que lhe era imposta, para assim dizer, pela propria constituição do seu excepcional intellecto. Em 1842, na idade de 22 annos, publicou elle o seu primeiro escripto, uma serie de cartas ao *Non conformist* intituladas—*Sobre a esphera propria do governo*, cartas que, cêrca de um mais anno tarde sairam republicadas em brochura.

Neste tratado, aliás de um campo tão restricto, acham-se já esboçadas as doutrinas centraes spencerianas, nelle já se revela o incoercivel pendor de um espirito que vê sempre o geral através da confusão do particular, a prevalencia da lei no meio das circumstancias mais apparentemente caprichosas ou casuaes.

A primeira obra importante de Spencer, porém, foi a *Statica Social*, publicada em 1850, quando elle tinha justamente 30 annos. Logo após, entre 1850 e 1860, contribuiu para o *Leader*, o *Westminster* e outros periodicos com varios ensaios, em que se revela a completa independencia da doutrina da evolução organica de Spencer da theoria posterior e mais especializada de Darwin sobre a origem das especies. Assim é que o ensaio sobre a hypothese do desenvolvimento dado a lume em 1852, sete annos antes da obra de Darwin, contém quasi todas as idéas proeminentes que de costume se associam com o nome daquelle naturalista, afóra a addicção caracteristicamente darwiniana da selecção natural. O facto é que, desde Lamarck, a questão da evolução das plantas e animaes estava, como se diz, no ar, e não era provavel que Spencer, sempre propenso a lobrigar o geral no particular não seguisse anciosamente a linha de investigação suggerida por taes considerações.

A década que vai de 1850 a 1860—abraçando o periodo entre os 30 e 40 annos de Spencer—foi uma época de progressos rapidos e formativos. Foi então que a sua philosophia da vida tomou fórma e cristalizou. Ao ensaio a que por ultimo alludimos, que continha o germen dos *Principios de Biologia*, seguiu-se em 1854 outro, igualmente notavel, sobre *Maneiras e Moda*, o qual similhantemente encerrava o

germen das *Instituições Ceremoniaes*, agora incorporadas nos *Principios de Sociologia*. Em 1855 publicou (em um só volume) a primeira fórma dos *Principios de Psychologia*, em que applicava o conceito da evolução á explanação e á genese dos phenomenos mentaes.

Tudo isto antes de Darwin. Em 1857 appareceu o seu magnifico ensaio intitulado *—o Progresso, sua lei e sua causa*—no qual pela primeira vez deu ao mundo, em uma fórma mais ou menos nebulosa, o conceito geral da evolução como um todo, uma lei que pudesse applicar-se a todo aggregado, qualquer que fosse o seu caracter. Foi esta a mais bella generalização que até então levara a cabo, e formou mais tarde a base dos primeiros principios.

Darwin que, emquanto isto se passava, trabalhava varonilmente na sua obra no seu retiro de Kent, accumulando uma immensa massa de factos e illustrações para provar a sua these, só em 1859 deu á estampa a primeira edição da *Origem das Especies* que caiu como uma bomba sobre o mundo attonito.

Spencer, como era de esperar, adoptou com alacridade a idéa darwiniana, e até forneceu-lhe o nome alternativo de «sobrevivencia dos mais aptos» pelo qual é quiçá mais conhecida do que pelo que recebeu do seu creador. Releva ao mesmo tempo ajuntar que Herbert Spencer jámais aceitou a selecção natural com a amplitude que lhe deram Darwin e os seus jovens e mais dogmaticos sectarios.

Em 1860 Spencer metteu seriamente hombros á grande obra da sua vida. Estava agora completo o periodo de crescimento e incubação; ia começar o periodo de producção systematica. Nesse anno, elle publicou o prospecto de uma serie projectada, que deveria chamar-se «Systema de Philosophia», titulo mais tarde alterado (com excellente razão) para «Systema de Philosophia Synthetica.»

Pela primitiva traça, esta obra, a mais vasta talvez que jámais foi dado ao espirito de um homem conceber, devia compor-se de dez volumes e abraçar todo o campo do cognoscivel e do incognoscivel. Começando pelas leis mais geraes da aggregação e dissolução de todos e quaesquer corpos, devia em seguida tratar da evolução da natureza organica, do desenvolvimento e variação das plantas e animaes, da origem e crescimento do espirito e das leis da psychologia. D'ahi devia passar á sciencia ainda não constituida então da sociologia—concepção que devemos quasi integralmente a Spencer—occupando-se gradualmente da organização

politica, ecclesiastica e industrial, bem como desses productos super-organicos, taes como a linguagem, a sciencia e as artes, cuja evolução ainda não fôra estudada de modo completo ou systematico.

Tão extraordinariamente comprehensivo e gigantesco era similhante plano, que o proprio encyclopedico cerebro que o concebeu e desenvolveu, um tanto apavorado, houve por de bom aviso observar de passagem que varios ensaios prévios continham em germen as idéas que intentava elaborar em uma ou outra parte da planeada obra, e por fim, na tocante á sua apparente vastidão, desculpou-se com dizer que não se propunha a esgotar os differentes assumptos, mas simplesmente estabelecer principios com as necessarias illustrações.

Foram pouco menos que heroicos os sacrificios que lhe acarretaram o preparo e producção da gigantesca obra assim annunciada ao mundo. Ninguem viveu jamais uma vida mais ascetica ou abnegada por amor do commettimento que se propuzera a bem da humanidade. Para seu primeiro livro *Statica Social*, em 1850, não poude achar um editor que quizesse correr algum risco; de sorte que se viu forçado a imprimil-o á propria custa e a vendel-o por commissão. A edição constava unicamente de 750 exemplares, e levou não menos de 14 annos a vender-se.

Cinco annos mais tarde, imprimiu a fórma original dos *Principios de Psychologia*. Como da primeira vez, não encontrou editor que quizesse sujeitar-se aos riscos,e teve de publicar elle proprio a obra.Tiraram-se 750 exemplares, cuja venda foi muito demorada.«Dei um numero consideravel», diz Spencer patheticamente; «os restantes venderam-se em 12 annos e meio.» Durante todo esse tempo não só nada ganhou com aquelles dois importantes e valiosos livros como ficou no desembolso do que com elles despendera.

Similhantes experiencias reproduzidas com a collecção dos seus ensaios e com a obra sobre a educação convenceram-n'o em poucos annos de que a publicação philosophica não era uma verdadeira Golconda. «Achei-me perdendo com todos os meus livros», diz elle: de sorte que, quando começou a publicar a *Philosophia Synthetica*, fel-o em fasciculos trimestraes para os assignantes, em volumes quando completos, para o publico em geral. «Antes de concluir o volume inicial, os *Primeiros Principios*», observa elle, «achei-me ainda perdendo. Durante a impressão do segundo volume, os *Principios da Biologia*, eu estava ainda perdendo. No meio do terceiro

volume, perdia tanto que achei que estava a desbaratar toda a minha fortuna. Tornei ás minhas contas, e descobri que no transcurso de 15 annos perdera perto de 1.200 sem contar os juros. Como evidentemente continuava a me arruinar, mandei aos assignantes um aviso de cessação ».

Com desfalcar a tal ponto, a despeito da maxima economia, os seus minguadissimos haveres, não descontinuou no empenho de publicar, fazendo-o, como elle proprio o diz, por accidente. No decorrer daquelles infaustos 15 annos, sem embargo das perdas, poude perseverar graças a legados de dinheiro. Ao envez de dar ao seu dinheiro uma boa collocação, como faria qualquer outra pessoa, Spencer, para quem a vida é pensamento, continuou a affrontar corajosamente os azares da publicação, e já é algum consolo o saber que afinal se achou pago, embora tarde e mal, da sua sincera dedicação. 24 annos depois de começar a publicar, lograra reparar as suas perdas. Verdade é que desde então as obras de Spencer têm-lhe a pouco e pouco, produzido uma renda satisfactoria, mas mesmo assim teve de despender posteriormente com o preparo das suas « Sociological Tables» somma não inferior a 2,958 L, da qual diz que não espera reahavel-a ainda que viva mais de 100 annos.

Para apreciar devidamente a substancia dos ensinamentos de Spencer e as addicções com que opulentou o total dos conhecimentos e das concepções humanas, importa lembrar antes de tudo que quando começou a escrever, não ouviramos siquer o nome de evolução, ao passo que hoje, nos seus dias derradeiros, o evolucionismo está tão triumphante que se nota uma tendencia geral para perder de vista a obra do mestre nos infinitos pormenores da obra dos discipulos.

Compendiemos, o mais succintamente possivel, os resultados capitaes da sua doutrina. Os fundamentos da doutrina spenceriana acham-se no admiravel volume introductorio ao *Systema de Philosophia Synthetica* intitulado *Os Primeiros Principios.*

Este volume appareceu na sua fórma original em 1862, foi porém republicado em um formato alterado e largamente refundido, com grandes melhoramentos no argumento e na exposição, em 1867. Contém o vigamento dos principios philosophicos centraes de Spencer, e serve de base a toda a philosophia synthetica.

A primeira parte, intitulada *O Incognoscivel,* trata brevemente do cosmos e mostra, consoante linhas já em parte lançadas por

Hamilton e Mansel, que todos os phenomenos não são sinão manifestações de um Poder Incognito, o Absoluto, que não só transcende a sciencia humana, mas a propria concepção humana. Neste recohecimento da existencia de uma realidade desconhecida e para sempre incognoscivel, sotoposta aos phenomenos, vê Spencer a unica reconciliação possivel da Religião e da Sciencia. Seria entretanto um grave equivoco considerar o Incognoscivel spenceriano á luz do que commmumentese chama Deus, como mui frequentemente fazem pensadores religiosos desleaes ou incompetentes, desejosos de fazer servir ao seu credo a autoridade do grande philosopho. Como veremos d'aqui a pouco, Herbert Spencer não é por fórma alguma deista; e a sua critica destruidora da idéa de Deus, introduzida como argumento philosophico nos *Principios de Psychologia* mira a ser tão esmagadora em uma direcção, como a sua reconstrucção historica da origem e desenvolvimento da crença em Deuses, introduzida como um episodio do progresso humano nos *Principios de Sociologia* visa a ser esmagadora em outra. O Absoluto de Spencer é, de facto, uma concepção philosophica puramente abstracta, que differe inteiramente da concepção commum de um Deus pessoal e mais ou menos anthropomorphico que póde interferir de fóra no curso dos phenomenos. Si alguem deseja aceitar o Absoluto spenceriano em lugar de uma deidade, deve estar disposto a eliminar da sua concepção da divindade todos e quaesquer attributos positivos—justiça, misericordia, omnisciencia—e aceitar em vez delles a mera idéa de ser incondicionado, divorciado de toda propriedade cognoscivel ou concebivel. Para a maioria dos espiritos religiosos, isto não é um Deus, mas um substratum philosophico para espirito e materia. A segunda parte dos *Primeiros Principios* muito mais interessante, consta da porção da obra que trata do cognoscivel, e estabelece as leis mais amplas e universaes que regem a synthese dos seres concretos. Spencer principia por definir a philosophia o « saber unificado », e depois passa a procurar tal saber nas nossas idéas de espaço, tempo, materia, movimento e força.

Depois de se occupar de certos principios scientificos geralmente reconhecidos taes como a indestructibilidade da materia, a continuidade do movimento e a persistencia da força, prosegue mostrando por meio de um raciocinio arguto, que todas estas são verdades puramente analyticas; e nenhumas verdades analyticas,

nenhuma combinação de verdades analyticas, podem perfazer aquella synthese do pensamento que só deve ser a interpretação da synthese das coisas. Em outras palavras, si temos de unificar os conhecimentos, precisamos conhecer não sómente as leis separadas que regem os phenomenos, mas tambem o modo porque essas leis cooperam na pratica, de maneira a produzir as historias concretas dos aggregados actuaes—o nascimento e crescimento de soes e mundos, de plantas e animaes, de espiritos e sociedades.

Para chegar a estas leis de synthese, Spencer começa por mostrar que todo aggregado passa,no curso da sua historia, por duas phases distinctas e oppostas—uma phase de evolução e uma phase de dissolução. Na primeira, passa do diffuso ou do imperceptivel para o compacto e o perceptivel; na segunda, passa do compacto e do perceptivel para o diffuso e o imperceptivel. Estes dois processos oppostos constituem a historia de toda existencia sob a sua mais simples fórma. Um consiste em uma integração da materia e em uma concomittante dissipação de movimento ; o outro consiste em uma absorpção de movimento e em uma concomittante dissipação de materia. Partindo deste ponto, o mestre architecta lentamente degrau por degrau a sua famosa definição da evolução, que foi o primeiro a formular em termos geraes como um processo cosmico. Addicionando um elemento após outro á sua crescente concepção e sabiamente circumscrevendo a attenção do leitor a uma phase de cada vez, chega afinal á asserção generalizada de que «a evolução é uma integração de materia e concomittante dissipação de movimento, durante a qual a materia passa de uma homogeneidade indefinida e incoherente a uma heterogeneidade definida e coherente ; e durante a qual o movimento retido soffre uma transformação parallela.»

Esta celebre lei, o ultimo florão e o mais alto feito da incomparavel faculdade generalizadora de Spencer, só póde ser plenamente comprehendida seguindo-se no original os varios degraus pelos quaes o espirito do mestre lentamente attinge a ella. Ainda menos possivel é comprehender a applicação de uma formula tão abstracta á natureza concreta sem as copiosas illustrações dadas por Spencer de todas as suas corporificações nos productos inorganicos, organicos e superorganicos.

Da lei mesma, considerada como um principio empiricamente achado, Spencer passa á interpretação da lei pela sua filiação

em certos outros factos e principios fundamentaes da natureza. Destes os principaes são as suas duas grandes generalizações da instabilidade do homogeneo e da multiplicação dos effeitos descobertos só inferiores á lei mesma da evolução como auxilios para a reconstrucção synthetica do cosmo comprehensivel. Estas duas leis, mais a consideração dos principios spencerianos da segregação e da equilibração, encerram a exposição do conjunto da evolução. Um capitulo sobre a dissolução completa a obra. Tal é em breve escorço o teor dos *Primeiros Principios*, livro grandioso porém difficil, cuja significação só póde ser plenamente apprehendida por sabedores de philosophia, sendo que de qualquer tentativa de expôr as suas principaes doutrinas em linguagem popular só poderia resultar um mallogro previsto.

O que entretanto mesmo o leitor mais casual póde comprehender na obra, é a sua pasmosa vastidão e profundeza de perspectiva cosmica. Sentimos ao acercarmo-nos della que nos achamos em presença de um philosopho encyclopedico profundo e em extremo douto, a cujo espirito não escapa nenhum dos multiplices aspectos de qualquer problema, metaphysico, physico, biologico, psychologico, sociologico e ethico. Não ha ponto ou campo que o tratado não inclua no seu dominio, desde os céus estrellados até a mente do homem, desde o desconhecido e o incognoscivel até os hieroglyphicos egypcios e os baixos relevos babylonicos, as azas dos insectos e as flores das plantas. Elle dá-nos o que se propõe nos dar, uma synthese esqueleto do universo; recapitula em uma vasta e comprehensiva lei todas as acções de todas as entidades, desde os atomos até os systemas, desde os soes e os cometas, as nebulosas e os planetas, até os formigueiros e a organização ecclesiastica das communidades dos homens. Isto ainda mais se dá com os subsequentes volumes da serie, os quaes traçam por miudo as infinitas ramificações da doutrina evolucionista através das varias fórmas das sciencias concretas.

Pela origem logica logo após os *Primeiros Principios* deveria ter vindo a applicação da theoria da evolução ao cosmos inorganico, isto é, aos factos da astronomia e da historia geologica. Essa grande divisão, todavia, como se explicou no prospecto, desde o principio se assentara de omittir, parte porque sem ella o plano já era muito vasto, parte porque a interpretação da natureza organica segundo o methodo proposto era então de mais immediata importancia.

Acrescente-se que as principaes linhas da applicabilidade do evolucionismo aos phenomenos cosmicos e terrestres já haviam sido indicadas brevemente nos *Primeiros Principios* e que os progressos dos conhecimentos astronomicos e geologicos, e mais particularmente o incremento da hypothese meteorica, têm desde então largamente preenchido de fóra tal lacuna na exposição original de Spencer.

Dest'arte os dois volumes seguintes da serie foram consagrados aos *Principios de Biologia*. Para o profano, é talvez este o mais fascinador e seductor dos livros de Spencer, por isso que nos dá de modo magistral uma reconstrucção do curso da evolução das plantas e dos animaes. Reconstróe a vida para nós. Como tudo porém que Spencer faz, elle é eminentemente methodico e philosophico no seu arranjo. O autor começa por inquirir em que é que os organismos vivos se differençam essencialmente da massa dos aggregados inorganicos que os rodeiam; e acha a resposta na propriedade que lhes é peculiar de alterar a sua fórma ou arranjo interior de varias maneiras, em harmonia com as alterações da natureza ambiente. Assim dá elle a sua celebrada definição da vida « correspondencia com o meio », ou mais formalmente « a continua adaptação das relações internas ás relações externas. » E, diga-se de passagem, que em nada Spencer se revela mais cabalmente philosopho do que no seu poder de formular similhantes definições, um consideravel numero das quaes têm-se fixado em larga escala na linguagem.

Uma parte importante da *Biologia* trata das varias funcções da vida em abstracto, taes como o crescimento, o desenvolvimento, a adaptação, a individualidade, a genese, a hereditariedade e a variação. O seu modo de tratar do problema da reproducção, em particular, é um raro primor de lucidez scientifica.

Tomando esta funcção, que á maioria das pessoas se afigura um mysterio tão profundo e inexplicavel, elle mostra como ella é essencialmente similhante em principio ao crescimento, e especialmente á reproducção das partes perdidas nos animaes inferiores; e por uma curiosa mestria de pormenores faz-nos sentir afinal que na transmissão hereditaria dos caracteres ou na similhança do pai com o filho, nada de mais notavel occorre do que no facto de duas partes de um só e mesmo todo se conservarem similhantes quando divididas, ou no de uma só e mesma roseira brotar folhas e flores similares em estações successivas. De facto elle supprime para nós o mysterio da

reproducção, e mostra-nos no seu lugar o mysterio do crescimento, a tendencia de uma especie particular de materia organica para renovar as proprias partes sempre na mesma ordem, justamente como um cristal immerso no liquido mãi tende a substituir por outras as suas porções quebradas ou gastas. Ao lêl-o sentimos que até aqui havemos desentendido de todo em todo o problema. E' a vida mesma, não a reproducção, que é a maravilha real.

Estes capitulos ácerca da herança e do processo reproductivo numeram-se entre os mais bellos e mais luminosos que hão saido da penna de Spencer. Elles logram fazer-nos comprehender a verdadeira intimidade de um problema que aos mais dos homens parece não só mysterioso como quasi miraculoso. E a doutrina das unidades physiologicas a que finalmente conduzem, afigura-se á mente como o maior triumpho que o espirito do homem ainda realizou no dominio da biologia. Infelizmente essa doutrina é em demasia abstrusa, quasi diria occulta,para ser espraiada perante não iniciados.

Não menos interessante é a parte subsequente da obra em que Spencer se occupa da evolução da vida em concreto. Aqui elle contrapõe incisivamente a hypothese da evolução á hypothese da creação especial e mostra as razões por esta que deve ser havida por inconcebivel e impossivel, ao passo que aquella se estriba em uma vasta massa de provas, classificativas, embryologicas, morphologicas e geographicas.

Passa depois a considerar os factores da evolução, e a mostrar como o desenvolvimento da vida, tal qual a conhecemos, é o resultado necessario da acção das circumstancias externas sobre os peculiares e muito impressionaveis compostos chimicos que constituem a materia organica. A parte seguinte occupa-se do crescimento e desenvolvimento dos varios membros componentes das plantas e dos animaes—da origem e differenciação das folhas, ramos, flores, do apparecimento das diversas fórmas animaes em sua variedade concreta. Esta é porventura a porção mais popularmente comprehensivel de toda a grande serie; está cheia de vistas luminosas ácerca da origem e significação das innumeraveis peculiaridades das plantas e dos animaes.

Das fórmas e membros passa Spencer com o habitual methodo a tratar das acções e funcções; o seu bosquejo do desenvolvimento morphologico é seguido, por um bosquejo do desenvolvimento

physiologico nas duas grandes divisões da natureza organica. Nesta parte da synthese faz ver como começou a divisão de trabalho entre as varias partes do corpo vegetal e do animal — como surgiram determinados orgãos para comer, digerir ou assimilar o alimento, para o transporte do material, em seiva ou sangue, de lugar a lugar, para a subordinação de cada membro, glandula ou osso ás necessidades e ao bem estar geral do organismo.D'aqui passa ás leis da multiplicação nos homens,animaes e plantas, e dá da questão da população a unica explanação vasta e comprehensiva que jamais se tentou sobre uma base philosophica. As suas conclusões nesta materia são que existe um antagonismo natural e necessario entre o crescimento e a genese, bem como entre o desenvolvimento do individuo e a genese, e similhantemente entre a despeza physiologica e a genese; ao passo que, de outro lado, existe uma coincidencia natural e necessaria entre a nutrição abundante e a actividade reproductora. Em summa, a genese depende do excesso de nutrição sobre a quantidade exigida para o crescimento e o dispendio physiologico. Este modo philosophico de tratar materia tão abstrusa é inteiramente peculiar ao nosso grande pensador cosmico. Em verdade, o que o extrema do biologista ou do economista é esta peculiar faculdade de encarar o seu assumpto sob o seu aspecto mais amplo, profundo e abstracto.

Da vida physica o mestre passa á vida mental, e nos dois volumes dos *Principios de Psychologia* sujeita a abstrusa e illusoria sciencia do espirito ao mesmo vigoroso tratamento evolucionista que já havia applicado á sciencia da fórma e da estructura. Aqui faz lenta e gradualmente surgir a intelligencia humana e a animal dos mais simples e vagos elementos da consciencia, mostrando como o seu desenvolvimento marcha pari passu com o do orgão physico que lhe é correlato, o systema nervoso.

O seu primeiro volume é occupado por esta directa reconstrucção evolucionista das manifestações mentaes e seu modo de origem. O segundo consiste em uma analyse penetrante das operações mentaes apreciadas em si mesmas, a qual talvez seja a obra mais profundamente original de Spencer e a mais ardua de seguir para o commum dos leitores. Encerra, entre outras coisas, a afamada theoria do realismo transfigurado, com cujo auxilio o mestre

busca provar contra os idealistas puros a realidade objectiva de um mundo externo — um mundo de materia fóra do espirito percipiente, e tornar mais precisa a concepção das relações que existem entre este mundo e o espirito que o percebe. Em summa, elle aqui arrosta e diligencia resolver o velho e espinhoso problema philosophico do sujeito e do objecto.

Spencer, póde-se acrescentar, não é por fórma materialista. Posto que a sua attitude possa talvez ser melhormente descripta como a de um monismo definitivo, elle é, no conjunto, antes espiritualista e idealista do que materialista.

Os capitulos finaes da *Psychologia* lançam os alicerces, por assim dizer, á grande obra seguinte, os *Principios de Sociologia* que appareceram vagarosamente nos ultimos annos, em fasciculos espaçados, por isso que a tarefa da sua producção foi continuamente interrompida por enfermidade, ou posta de parte durante um certo tempo para dar lugar á primeira parte dos *Principios de Moral.* A *Sociologia* tenta, pela primeira vez, assentar o esqueleto de uma sciencia do homem, em todas as espheras da actividade social — tratar das suas religiões, dos seus agentes de governo, da sua linguagem, suas artes, sua industria e sua organização segundo principios scientificos. Para tal fim era necessario ter vastas collecções de factos e provas; no intuito de obtel-as, Spencer instituiu a sua grande compilação de taboas sociologicas, para as quaes differentes sabios competentes se empenharam em extractar e classificar factos. Alguns dos resultados a que chegaram foram publicados em fórma tabullar por Spencer, porém as despezas (a que antes se alludiu) foram demasiado avultadas para habilital-o a continuar a publicação das taboas na sua integridade. Sobre similhante base assim fornecida pelas investigações acerca dos habitos e da organização das mais diversas raças, antigas e modernas, em todas as partes do mundo, o philosopho levantou pausadamente a magnifica superstructura dos *Principios de Sociologia,* parte esta da sua obra na qual mais do que em quaquer outra, não teve predecessor, e mui poucos collaboradores.

A mais interessante parte desta divisão para o commum dos leitores é incontestavelmente a secção que trata da origem da religião. Spencer faz remontar a crença em deuses e outros seres sobrenaturaes, em ultima analyse, ao que elle encara como a erronea psychologia do homem primitivo, a qual o induziu a imaginar a existencia

dentro de si mesmo de uma alma ou espirito distincto do corpo, e capaz de uma existencia separada e immaterial. D'aqui veiu a pouco e pouco a crença em almas do outro mundo, a fé em um mundo inferior de espiritos, e em outra vida a seguir-se a esta. A propiciação das almas dos antepassados, com alimentos e bebidas, conduziu gradualmente ás idéas de sacrificio, e ao altar e templo, o ultimo dos quaes era originariamente o tumulo ou casa do chefe. Pouco a pouco certos manes reaes vieram a ser representados como mais importantes e poderosos que outros; estes foram investidos na imaginação em prerogativas sobrenaturaes; taes são, na opinião de Spencer, os primeiros deuses. Os idolos originam-se de mumias e caixões de mumias, ou de outras representações do antepassado morto; talvez em alguns casos de pedras tumulares e de imagens de madeira rudemente esculpidas na cabeceira das sepulturas. Dest'arte, por estagios graduaes, Spencer faz remontar o desenvolvimento da religião, com os seus differentes deuses, com o seu culto da pedra, a sua adoração da arvore e a sua evanescencia final no monotheismo puro, á propiciação das almas dos seus maiores pelo feroz selvagem. Esta theoria espiritista (*ghost theory*) da origem da religião, como de ordinario lhe chamam, provocou naturalmente a mais violenta opposição de muitos pontos; é porém quasi a unica theoria que ainda permanece de posse do campo e que explica a genese das idéas religiosas sem recorrer á existencia do sobrenatural. A sua unica rival a tal respeito é a theoria accentuadamente similhante do animismo primitivo do Dr. Tylor.

Outras partes importantes da «Sociologia» tratam das Instituições Politicas e da origem, progresso e variedades da familia. Este ultimo assumpto é do maximo valor actualmente, e nenhum foi tratado com um tão vasto conhecimento dos factos e em uma synopse tão imparcial. Os *Principios de Ethica* coroam esta grandiosa obra e dão a base evolucionista da acção moral.

Perguntam muitos: «Não podeis compendiar-nos em uma ou duas palavras a nota fundamental do systema de Spencer?» A unica resposta é: «O escopo de Spencer é unificar o saber, e para o saber não ha estrada real». De uma feita Augusto Comte pediu a Hegel que publicasse um livrinho em que expendesse o seu systema «succintamente e em francez». «Senhor», contestou-lhe Hegel, o meu systema não póde ser explanado *ni succintement ni en français*»

E' o caso de Spencer. Elle escreve para os que realmente desejam *comprehender* o mundo, não para os que unicamente desejam percorrel-o confortavelmente; para os poucos eleitos a quem anima um ardente desejo de saber. Para estes, resumiu o curso da evolução em uma exposição relativamente breve de nove ou dez massiços e compactos volumes. Existe, é verdade, um admiravel epitome da *Philosophia Synthetica* da lavra de Howard Collins—epitome approvado pelo proprio Spencer e que se pode confiadamente recommendar como um indice a todos os que séria e conscienciosamente estudam Spencer. Visa,não a substituir o original, mas a auxiliar-lhe a leitura. Si quereis retirar algum bem real desta grande vida com que a humanidade doutou a Inglaterra, deveis ler a *Philosophia Synthetica* não uma ou duas vezes, porém muitas. Estudai-a com afinco e forcejai por penetrar-lhe o intimo significado; Herbert Spencer escreve para os que reputam de importancia vital e superior a tudo o mais que a vida possa offerecer-nos,questões como estas: Que sou eu? D'onde venho? Que é o mundo que me cerca? Escreve para aquelles a quem a construcção de uma philosophia é o primeiro dever religioso do homem, não para quem cuida que o universo póde ser adequadamente relegado para alguns minutos de lazer nos intervallos dos negocios. E elles não lhe levarão a mal o tempo que toma. Antes lhe serão entranhadamente gratos pela luz esparzida no escuro abysmo que circumda os estreitos limites da nossa apoucada consciencia.

Nem espereis, dado que vos decidaes, a arcar com a grande obra de Spencer, que elle mostre uma particular indulgencia para com o vosso credo ou classe, para com os vossos preconceitos favoritos, sociaes, religiosos, politicos ou moraes, muito provavelmente descobrireis consternado que tudo quanto ha para vós de mais sagrado na vida é rudemente posto em questão. A existencia de um Deus, a realidade da creação, a verdade da narrativa biblica, a immortalidade da alma, os fundamentos da moralidade, a origem e significação do casamento e da familia, o direito inherente ás maiorias de cohibir as minorias, a sabedoria absoluta dos agentes do governo, e milhares de outros pontos sobre que haveis até aqui formado opiniões dogmaticas, tudo isto vereis sujeito á analyse e critica mais penetrante e implacavel. Si tendes alguma crença em que não desejais ser inquietado, tomai um conselho— evitai a Spencer.

Achareis todo o vosso mundo social, moral, religioso e politico virado de cima para baixo ante os vossos proprios olhos, e ver-vos-eis compellido a pensar, quer queirais, quer não. Podeis concordar com elle ou delle dissentir, mas o que não podeis, si sois um pensador serio, é ignoral-o.

Existem, tirante a *Philosophia Synthetica*, algumas obras de Spencer, que são especialmente dirigidas ao commum dos leitores. Uma destas é o interessante livrinho intitulado *O Estudo da Sociologia*, que não se deve confundir com os *Principios da Sociologia*, que formam uma porção da grande série synthetica. Tal obrinha é uma sabia e habil introducção ao estudo da politica. Outra ainda de mór valia, é o admiravel tratado da *Educação*, que devera andar nas mãos de todos os pais de familia. A idéa capital de Spencer nesta obra é que seria realmente possivel educar os meninos em vez de meramente impanturral-os com alguns factos ácerca da linguagem, apparelhal-os para a vida, educando-lhes as faculdades e proporcionar-lhes os conhecimentos verdadeiramente mais uteis. Elle mostra por miudo como isto se poderia conseguir, delineia uma traça de educação real superior a todo e qualquer encarecimento para a nação que a adoptar sem reservas.

E' porém no *Systema da Philosophia Synthetica* que a final se ha de procurar o Herbert Spencer real. O seu valor para o nosso seculo e para os vindouros é enorme. Elle ensinou-nos a ver a vida e o cosmos como um todo uno; unificou e systematizou a vasta massa dos phenomenos; deu-nos um ponto de vista d'onde apreciar o universo. Verdade é que aquelles para quem o universo nada é, não lhe agradecerão o serviço; aquelles, porém, para quem a comprehensão da propria significação intima — a realização da relação em que se acham para com as coisas que os circumdam — é o que ha de mais importante na vida, sempre lhe deverão uma homenagem e gratidão que nenhuma idade poderá jámais adequadamente reconhecer.

ALONSO ADJUTO

BIBLIOGRAPHIA

63 – **Revista do Museu Paulista**, publicada por H. von Ihering, Dr. med. et phil. —VII. S. Paulo—Typ. a Vap. de Hennies irmãos—1895.

E' um bonito volume de 251 paginas, formato *in* 8° grande francez, com tres estampas e algumas gravuras, em bom papel, typo claro e novo. Pode-se-o dizer quasi exclusivamente redigido pelo director, Sr. Dr. H. von Ihering, cujo nome é tão citado em assumptos scientificos, sobretudo referentes á America.

Tendo não poucos pontos de relação como o Sr. Dr. Emilio Gœldi, que felizmente se acha, como se sabe, á testa do Museu do Pará, onde já tem prestado excellentes serviços na especialidade, o scientista de S. Paulo, não maneja tão bem o portuguez como aquelle, nem mostra como elle tanta tendencia para apanhar as elegancias e subtilezas da nossa lingua. Assim ainda ha varios empregos errados dos verbos *ser* e *estar* que soam desagradavelmente e, de vez em quando, se notam bem sensiveis claudicações—senões, aliás, de pouca monta, quando o valor dos escriptos é intrinseco em materia exacta e de merito indiscutivel.

O Museu de S. Paulo, transformação, desde fins de 1890, da conhecida e vasta collecção Sertorio, acha-se collocado no magestoso edificio construido sobre a historica collina do Ypiranga e segundo os planos do distincto architecto Thomaz Bezzi, o qual, na realidade, dotou S. Paulo de um verdadeiro monumento, digno de uma grande capital e no caso de impressionar viva e agradavelmente o viajante. Pena é que os materiaes empregados, quasi tudo tijolo, lhe deslustrem o prestigio.

Elisée Reclus, o sabio e tão respeitado geographo, autor de uma obra que é outro esplendido e legitimo monumento, delle disse á pag. 375 da parte consagrada ao Brazil em seu tomo XIX: « *Tôt ou tard la population se dirigera vers le beau palais d'Ypiranga, qu'édifia, sur la croupe d'un côteau, l'architecte italien Bezzi en mémoire du serment d'indépendence que jura l'empereur Pedro I; mais l'édifice important, la plus belle œuvre architecturale du Brésil, reste encore vide, attendant les fresques, les tableaux, les statues, qui en feront un jour le Panthéon brésilien.* » Com effeito, no tempo em que por lá andou Elisée Reclus (1892), não se sabia ainda que destino dar ao grande edificio, o que, por certo, lhe prejudicou, e não pouco, as boas disposições internas, conforme perfeitamente faz notar o Sr. Dr. Ihering.

Entre parenthesis, merece o mais sério reparo e até rispida censura, que o governo brazileiro não tenha ainda mandado traduzir, a bem de larga circulação nos estabelecimentos de instrucção, tudo quanto Elisée Reclus escreveu, na sua *Nova Geographia Universal* (*Terra e homens*), a respeito do nosso paiz e que constitue o longo capitulo II do já citado tomo XIX, de pags. 91 a 495. As apreciações sobre o Brazil physico e chorographico são, para assim dizer, completamente novas e de grande originalidade e justesa de vistas. O sabio francez, no pouco tempo que entre nós esteve, mez e meio, mais ou menos, apprehendeu um sem numero de coisas com o seu olhar aquilino, adextrado e seguro e imprimiu a maior exactidão á enorme cópia de informações anteriormente colhidas no estudo do gabinete, no exame de innumeros relatorios e no cotejo de valiosas fontes documentarias. E' imperdoavel e muito depõe contra o grau do nosso adiantamento moral e civilização o indifferentismo com que tem sido até agora tratado tão importante trecho, que só por si representa volumosa obra.

O mais desenvolvido artigo da *Revista* intitula-se *A civilisação prehistorica do Brazil meridional*, é da lavra do Dr. Ihering e vai da pag. 35 á 159. Compõe-se dos seguintes capitulos: I—*Introducção*—II *Os Coroados*—III *Tradições historicas*—IV *Archeologia rio grandense*—V *Conclusões*—VI *Comparações e relações com os estados limitrophes, especialmente a Republica Argentina e o estado de S. Paulo.* Bem quizeramos acompanhar *pari passu* todos esses capitulos, interessantes e bem deduzidos, embora sem grande novidade; mas isso nos levaria longe demais, ultrapassando as raias de um simples artigo bibliographico, que deve sempre visar á concisão e a resumido apanhado de trabalho analysado, a suscitar considerações que a elle se prendam.

Afigurou-se-nos, que em relação a indios, o Sr. Dr. Ihering deu demasiada importancia ao livro do illustre Dr. Carl. Friedr. Phil. von Martius *Glossaria linguarum brasiliensium*, Erlang, 1863. Os intuitos do eminente sabio, a quem o Brazil deve serviços de excepcional valia, são excellentes — a comparação entre todos os dialectos dos nossos indigenas desde o extremo Norte até Sul, optima idéa, a sua *Advertencia aos philantropos brazileiros* dá noção exacta da elevação dos seus sentimentos e da bondade do seu coração, affirmando uma tentativa sobremaneira louvavel; mas o livro todo, força é confessar, muito pouco se recommenda aos estudiosos, sendo até o seu manuseio e consulta causa de grosseiros erros e ridiculos equivocos. Martius aceitou, sem escrupulo nem reserva, quanto vocabulario foi encontrando nos autores das mais diversas procedencias, de maneira que a orthographia de cada um delles, conforme a nacionalidade, acabou por formar a mais disparatada manta de retalhos.

Assim apparecem os diphtongos francezes sobretudo, *ou, ai*, além dos sons de *en* ao lado do dos *w* allemães valendo *v, v, f, ei, ai*, e assim por diante. Nem falemos na maneira graphica dos inglezes quanto á pronuncia que as lettras buscam representar; é legitima balburdia para nós. Demais, muitos desses vocabularios não merecem a menor confiança. Abundam então os de Castelnau, a confirmarem plenamente a reputação de leviandade de que foi, com tanta razão, accusado, pois de tudo falou com flagrante superficialidade. Que differença, de Augusto de Saint Hilaire, tão rigoroso e probo nas menores affirmações! Compulsando o vocabulario dos *Guanás* dado por Castelnau com o que publiquei em 1868 em aditamento ao meu livro *Scenas de viagem*, Herbert Smith, o viajante americano, verificou, nos lugares de Mato Grosso em que encontrou esses indios, os verdadeiros disparates daquelle explorador sobremodo fantasista. Basta ligeira prova. Diz elle *espada—annahiti;* com dous *n* e *h* no meio, para que? ora *anaiti* é um simples adjectivo que nesse caso tem de qualificar *piritáu* (faca); donde *espada, annaiti piritáu* (grande faca) indicação mais ou

menos exacta do objecto. Affiançava o citado Herbert Smith (e repito o dito com desvanecimento) que elle pudéra entender-se facilmente com os Guanás, Kinikináos, Laianos e Terenas (todos da nação Chané) com o meu vocabulario em punho.

Lembro-me bem da impressão de estranheza e pasmo que me causou a leitura dos dialectos dos Chavantes, Canoeiros e outros indios de Goyaz, postos pelo illustre general Couto de Magalhães como appendices da sua bella e poetica viagem pelo rio Araguaya abaixo que positivamente me deleitou, eu então no Coxim, esbarrado como expedicionario, de Matto Grosso, em fins de 1865, diante dos tremendos pantanaes—nada menos a lagôa de Xarayes—que se interpõem, no tempo das aguas, entre aquelle ponto e a villa de Miranda, em que ainda se aquartellavam os paraguayos. Como Couto de Magalhães não indicava, pelo menos, nessa primeira edição, a fonte onde fôra buscar esses vocabularios, que era Martius, bem natural fôra aquella minha estranheza, vendo todas as palavras inçadas de *w*, que não temos nem os indios tem. A que origem, porém, recorrêra Martius? A Francis de Castelau porém, julgando dever transformar os *v* do francez em *w* e os *f* em *v*; mas ao mesmo tempo deixando os *ou*, que valem o *u* allemão e os *ei* que por aquella adaptação teriam o som de *ai*! Só por ahi se imagine a moxinifada que reina, de principio a fim, na obra de Martius e lhe deturpa todas as bellas intenções.

Tambem, com carradas de razão, poude Beaurepaire Rohan, no Prologo do seu *Diccionario de Vocabulos brazileiros* dizer: « Martius é um sabio digno da justa veneração de todo o universo pelos seus serviços á sciencia e nós lhe devemos particular gratidão pela publicação da *Flora brasiliensis*, esse soberbo monumento da nossa riqueza vegetal; mas como etymologista claudicou de um modo lamentavel. Seu *Glossario*, verdadeiro desserviço feito á linguistica, é infelizmente a norma por que se guiam certos escriptores nossos, que, sem estudos especiaes, se julgam autorisados a interpretar vocabulos de que, nem sequer, conhecem a genuina significação. »

Cuidado, pois, com Martius. Agora mesmo ao acaso, nas etymologias tupicas das povoações brasileiras acabo de encontrar *Jerumenha*, que é nome portuguez, explicado do seguinte modo: *jerumú* abobora, *méeng* dar!

Referindo-se aos *Corôados* de S. Paulo, vejo que o Sr. Dr. Ihering não conhece o meu trabalho sobre os *Caingangs* (indios de Guarapuava e de toda a vertente até ao grande Paraná e territorios de Missões) publicado na *Revista do Instituto* (Tomo LI—supplemento) Ha nelle curiosas indicações e no vocabulario, que encerra mais de 405 palavras, procurei ser quanto possivel fiel na reproducção graphica dos termos que ouvia e fazia muitas vezes repetir.

Esse dialecto dos *Caingangs* na debatida questão das Missões, por nós afinal ganha em fevereiro de 1895, proporcionava um argumento que, em maio de 1886, ao voltar da presidencia do Paraná, transmitti ao illustre barão de Capanema e lhe pareceu não só original, como de certa força. Reproduzo o que disse na acima citada *Memoria* impressa em 1888: «Os *Caynás* do outro lado do rio tinham lingua muito differente. Ahi sim, é o puro guarany. E esta consideração nos parece de algum, sinão elevado valor na secular demanda das Missões, devendo ella contrariar as pretenções argentinas, de que aquelle territorio pertencia de longuissima data ás raças sujeitas ao dominio hespanhol e que habitavam para lá do grande rio. Não; de todo o tempo constituiu essa divisa uma fronteira natural e tão poderosa, que os nomades de uma e outra margem assignalavam a sua presença, cada qual na respectiva zona de vagabundagem, sem transporem nunca aquella linha de separação. Assim todas as denominações de lugares, rios, corregos e campos do lado brazileiro são de origem e feição *caingang*, mais chegadas ao tupy, ao passo que as da outra banda tem o caracter e typo méramente *cayuá*, isto é guarany. Assim *gôyó-en*

(rio cheio, o que não dá váu) *gôyó-chopî* (rio parado) *gôyó-chim* rio pequeno) *gôyó-banc* (rio grande)—*Erê* campo (donde o pleonasmo *campo Erê*, *xanxarê*, corruptella de *xaxá* (som onomatopaico da cobra cascavel) e *êrê* campo, *xapecó* etc. Os nomes de corregos, ribeiros e rios são todos *yg* do lado de lá e *gôyo* do de cá.»

Ha muito que ler e apreciar nos outros artigos do Sr. Dr. Ihering—*Os crustaceos phyllopodos do Brazil*—*O veneno ophidico*—*Os unionidos da Florida*—*Conchas marinhas da formação pampeana do Prata* e *Bibliographia.*

Em relação ao veneno das cobras, reptis que nas Indias matam annualmente para cima de 20.000 pessoas, diz-nos elle que o tão falado permanganato de potassio, premiado entre nós, não tem verdadeira efficacia. Si os ophidios victimam tanta gente, em compensação a mortandade que nellas se faz, apezar dos escrupulos religiosos dos aborigenes, é enorme, 400.000 na provincia de Bombaim, 41.000 na de Bengalla, 26.000 nas regiões de N. O., ao todo por anno 467.000. Já é! Imagine-se a mortalidade humana, antes da guerra declarada a cobras tão perigosas por ordem das autoridades inglezas! O Brazil está cheio desses reptis de grande violencia nos seus effeitos toxicos. Uma vez, em Goyaz, ao acamparmos n'um ponto chamado Tamboril, mataram os nossos camaradas, em pequena área e de pancada, nada menos de 17 cascaveis muito velhas e grossas.

Felizmente, as cobras da fauna brazileira são de indole em extremo mansa; jámais atacam o homem, póde se affirmar. Defendem-se, quando muito, justificando a ironica incriminação do poeta: *Cet animal est si méchant!... Quand on l'attaque, il se défend.* Um companheiro da retirada da Laguna alferes Silva, que haviamos cognominado Estigarribia por haver sido o portador da noticia da rendição de Uruguayana, teve, quasi aos nossos olhos, morte fulminante, dada por uma cascavel, no pouso do Collector. Fôra por desgraça acocorar-se sobre um monte de folhas seccas, por baixo do qual se achava uma cascavel! Mordido cruel e directamente nos testiculos, ergueu-se de um pulo, deu um grito de agonia e caíu hirto, deitando sangue pelos olhos, nariz, bocca, ouças e pontas dos dedos! Dizem que a *surucucú* (Gen. *lachesis*) é venenosissima, toma a iniciativa do ataque e até persegue tenazmente a gente; mas é facto bastante duvidoso. Parece que o unico reagente efficaz para impedir a acção do veneno já na circulação é o chlorureto de ouro.

No interior do Brazil usam de muitos meios para combater e curar mordeduras de cobra, e alguns com grande resultado. Falaram nos muito numa pedra especial, mysteriosa e apezar de compacta em extremo porosa, que applicada sobre a ferida chupa-lhe todo o veneno; quando se desprega das cesuras, o mordido está salvo. Ignoramos o que haja de exacto nisso. Eis ahi assumpto interessantissimo—o estudo e analyse de todos esses meios empiricos—para o espirito tão investigador e lucido do Sr. Dr. Ihering, apoiado no muito que sabe de historia natural—e tão bem nos ensina—Quanto á asseveração, á pag. 233, de que «no Brazil só ha, por emquanto, dous Museus organisados sobre base scientifica e com pessoal competente, os de S. Paulo e do Pará» que causou sério aborrecimento a alguns jornaes do Rio de Janeiro, deixemo-nos de *nativismo* em sciencia—é a verdade: o que aliás, não quer dizer que não tenhamos homens de boa vontade e patricios distinctos, que procuram estudar, observar e concorrer para o progresso geral scientifico—V. de T.

A POLITICA

Causou impressão a noticia de que o discurso com que Sua Magestade a Rainha Victoria abriu a sessão do parlamento inglez não fez referencia ao litigio da ilha da Trindade, tanto mais quanto uma das esperanças de solução amigavel consistia justamente em pensar que o governo inglez procuraria desembaraçar-se da questão submettendo-a ao poder legislativo.

Comprehende-se a decepção produzida por tal silencio, porque estamos tão convencidos da indiscutibilidade do nosso direito, que sempre nos parece que as coisas se vão decidir em nosso favor. E' preciso, porém, contar com a differença de situações. Entre duas nações, igualmente fortes, si um litigio desta ordem chegasse a ser possivel, si uma dellas chegasse a pensar em apossar-se de parte do territorio que sabia pertencer a outra, á primeira reclamação, a usurpadora encolheria as garras, pela prudente cautela de as conservar.

Em relação ao Brazil, a Inglaterra não tem que ter taes receios, e para recuar do primeiro passo mau, seria preciso que em politica os escrupulos de honestidade fossem tão delicados como na vida individual. Basta lembrar a seriedade com que o Sr. ministro Constantino Phipps declarou que o governo inglez consideraria uma offensa ao seu pavilhão a ida de um navio de guerra brazileiro á ilha da Trindade, de que a Inglaterra tomara posse, completamente deslembrado de que essa tomada de posse tinha sido igualmente uma offensa ao nosso pavilhão.

Não tendo que recear consequencias da prolongação deste estado de coisas, de que só podem resultar prejuizos para nós,

tendo provavelmente adquirido a convicção de que nenhuma outra nação interviria, a Inglaterra não se apressa em resolver o conflicto, ganha tempo, durante o qual uma crise em nossa politica interna, ou a depressão cambial, ou a necessidade de recorrer ao credito europeu, póde obrigar-nos a tomar a iniciativa de propor processos conciliatorios.

Sendo assim, não é justo que se reclame do cidadão que dirige a pasta das relações exteriores acção mais prompta que seria facil si fossem outras as nossas circumstancias. Já depois do nosso conflicto, a Inglaterra teve outros dois, que encaminhou de modo bem diverso. A intervenção dos Estados-Unidos da America do Norte deu face nova á sua pendencia com a Venezuela, e essa intervenção teve o tom desagradavel de uma ameaça, que o orgulho inglez adoçou do melhor modo para poder tragal-a. Não menos dura foi a attitude do imperador da Allemanha felicitando espectaculosamente o presidente da Republica do Transvaal, que inflingiu tão severa lição aos subditos de sua augusta avó, e assim o entendeu o povo inglez que rompeu logo em hostilidades contra os allemães domiciliados no Reino-Unido. Isso, porém, não impediu o governo de empregar toda a sua tactica para evitar que d'ahi resultasse um rompimento das boas relações que devem manter as nações que se respeitam porque se temem.

Em relação aos Estados-Unidos e a Allemanha, nessas duas questões, a Inglaterra era a offendida, a provocada, e soube não ser severa; em relação ao Brazil, foi ella quem gratuitamente nos offendeu em nossa soberania, conta com os nossos embaraços, póde esperar.

Sendo esta a situação, o nosso governo deve pautar por ella o seu procedimento. Contemporizar com quem contemporiza, aguardar opportunidade no interior e no exterior para agir com habilidade ou com energia, são os recursos naturaes de quem só tem a força que lhe dá a consciencia do seu direito, mas está decidido a fazer uso della. Ora, a opportunidade no interior só é favoravel quando os dois poderes que naturalmente se apoiam e se completam estão de accôrdo e na plenitude de suas funcções. Si tivermos de chegar á triste eventualidade, a que as delongas do governo inglez podem levar-nos, de pormos de parte as attenções que temos sempre tido com o governo inglez, é preferivel que o caso se dê quando estiver aberto o parlamento, pelo prestigio que ás resoluções do poder executivo póde dar a solidariedade dos representantes immediatos da nação.

Mais encaminhada parece estar a questão com o governo francez. Depois de tantos annos de esforços vãos para leval-o a aceitar o arbitramento, para decidir de vez o litigio de limites com a Guyana, esforços que nunca foram tão tenaz e tão habilmente empregados como desde que é nosso ministro em França o Sr. Dr. Gabriel de Piza, o conflicto do Amapá, as riquezas auriferas e a conhecida uberdade do territorio contestado, decidiram o governo francez a aceitar esse meio pacifico. E como o territorio contestado está estimulando as ambições e para lá se dirigem individuos de todas as nacionalidades levados pela sede do ouro, e como as tentativas do governo local autonomo não são de ordem a entreter a tranquillidade em espiritos que nenhum laço harmoniza, e que os interesses põem em constantes attritos, resolveu-se tambem manter, até final solução do litigio, uma commissão mixta, composta de francezes e brazileiros, encarregados da policia do territorio contestado.

E' de crer que destes dois conflictos, o do Amapá e o da Trindade, si as questões continuarem a ser encaminhadas como até aqui, resulte a vantagem superior de resolvermos definitivamente as questões de limites com as Guyanas Franceza e Ingleza, que o imperio nos legou, como nos legou a de limites com a Republica Argentina, ameaça perenne á paz do Sul da America.

Menos ruidosa, mas não de solução mais facil, tem sido a campanha suscitada pelas reclamações italianas. Algumas dellas baseiam-se sobre factos que se deram durante a revolta, e o governo não tem meio de as liquidar com vantagem para nós pela difficuldade de promover inqueritos bastante claros para contestar as reclamações. Sabe-se que durante a guerra civil os odios levam a pratica de actos, que firmam a solidariedade de um grande numero de individuos que nelles se envolvem, e constituem mais tarde, quando as coisas voltam á vida normal, uma muralha impenetravel mesmo ás vistas mais perspicazes e ás energias mais decididas.

Alguns delles, que tiveram testemunhas, que tem sido narrados mais de uma vez, por se terem dado com individuos notoriamente conhecidos, nem assim podem ser esclarecidos apezar de não haver quem formalmente os conteste.

Imaginem o que será quando se trata da massa anonyma e obscura, pequenos negociantes, pequenos industriaes, estrangeiros recrutados, victimas de qualquer violencia. A reclamação póde não ser inteiramente fundada, mas como não é possivel combatel-a victoriosamente, força é attender a ella, mórmente tratando-se da nação que é a que hoje nos fornece maior numero de immigrantes e

aquella cujas relações commerciaes comnosco, mesmo pelo facto da immigração, mais rapido desenvolvimento tem tido ultimamente. Os dois governos tinham resolvido submetter essas questões ao arbitramento, tendo escolhido para arbitro o Sr. Cleveland, presidente dos Estados Unidos da America do Norte; mas, a nossa chancellaria continuou a examinar cada uma das questões com os representantes do governo italiano nesta capital, devidamente autorizados e com plenos poderes para resolvel-as, e muitas dellas têm sido resolvidas. Pouco terá para estudar o Sr. Cleveland, e do nosso caminho terá sido assim suavemente arredado mais esse tropeço.

Assim podessemos nós livrar-nos das difficuldades de nossa vida politica e financeira. E' certo que as paixões, si não estão ainda acalmadas, já passaram o periodo de sua maxima exaltação. E' certo que nesta capital, onde convivem elementos que podem dar lugar a serios conflictos, a policia está hoje organizada de modo a contel-os em respeitosa reserva. E' certo que entrou em todos os espiritos a convicção de que o maior de todos os bens é a estabilidade governamental, e que para mantel-a todos se acham dispostos a ceder no que não fôr essencial. Isto ficou provado no modo por que se resolveu a pacificação do Rio Grande do Sul, no modo por que se concedeu amnistia aos revoltosos, e está sendo provado ainda na correcção com que o povo e os partidos extremados têm procedido durante estes longos e demorados conflictos do Amapá e da ilha da Trindade.

A nossa vida economica e financeira é que causa mais sérias apprehensões. Seduzidos pela remuneração que o café dava ao lavrador, não só chegámos á producção excessiva, mas abandonamos todas as outras culturas, constituindo-nos tributarios do estrangeiro, e aggravando o cambio pela compra do que podiamos produzir, quando o que temos forçosamente de importar, e os capitaes que temos de exportar por outros motivos, já pesam de modo tão oneroso em nossa balança internacional. As tarifas protectoras ultimamente decretadas não chegam para conjurar o mal, e talvez mesmo em parte desviem as attenções de um dos remedios, fazendo empregar em industrias assim protegidas capitaes e esforços que poderiam concorrer para outras mais em harmonia com as nossas condições naturaes.

Nada disto, porém, é irremediavel, por pouco que tenhamos alguns mezes de paz, e que o estrangeiro se convença de que as nossas instituições estão consolidadas. O capital europeu não sabe em que empregar-se, e o paiz talvez unico do mundo que

lhe offerece vantagens e garantias é o Brazil. Muito tem prosperado a Republica Argentina, e noticias recentes dizem com eloquencia o que tem conseguido a sua industria, produzindo tudo o que é preciso para consumo, e tendo chegado já á exportação. Mas, a Republica Argentina está a armar-se até os dentes, e o capital europeu não vê bem ao que se destinam taes despesas. Nós tambem precisamos refazer o nosso material de guerra, mas agimos com mais discrição, pois que só precisamos de meios de defesa. E' para aqui que o capital, que superabunda no velho mundo, tem de affluir e affluirá, quando verificar que temos realmente um governo patriotico e compenetrado do dever que lhe assiste de fazer do Brazil a nação grande e respeitada que deve ser.

FERREIRA DE ARAUJO

Á QUINZENA

FEVEREIRO. **15.**— Eleição de governador do Estado de S. Paulo, obteve maioria de votos o Dr. Campos Salles. — Rejeição pela camara dos representantes dos Estados-Unidos do projecto adoptado pelo Senado da livre cunhagem da prata. — **16.** Reconhecimento official pela Turquia do principe Fernando como soberano da Bulgaria. — **18.** Morte na Italia do economista Christovão Negri (1809—1896). — **19.** Recepção pelo Presidente da Republica do Dr. Epifanio Portella, novo ministro da Republica Argentina. — **22.** Fallecimento do marquez de Muritiba, estadista do imperio. Manoel Vieira Tosta, 1º barão, 1º visconde e 1º marquez de Muritiba, nasceu na cidade da Cachoeira (Bahia) a 12 de Julho de 1807. Frequentou a Universidade de Coimbra, onde deixou de formar-se, por ter sido obrigado a sair de Portugal por haver tomado parte na revolução liberal. Depois de ter estado em Pariz, onde continuou a estudar, veiu a formar-se em direito no Brazil, em 1831, em S. Paulo. Foi magistrado, politico e estadista. Deputado em varias legislaturas, foi ministro, primeiro da marinha, depois da justiça e por fim da guerra, e senador do imperio. Presidiu a provincia de Pernambuco durante a rebellião Praieira, que contribuiu para debellar. — **24.** Inauguração, na presença do ministro da industria e viação e do vice-presidente da Republica, da estação de Joazeiro, terminal da estrada de ferro da Bahia a S. Francisco. — **26.** Morte de Arsenio Houssaye, escriptor francez (1815—96).

GUSTAVO LE BON

E A PSYCHOLOGIA DOS POVOS

I

O pequeno livro de Le Bon, intitulado—*Les lois psychologiques de l'evolution des peuples* é de uma tal opulencia de idéas como é raro encontrar num tão exiguo tomo. Tem-se a impressão, ao atravessar-lhe as paginas, falo por mim, de romper, por tenue vereda, um cerrado matagal onde vicejam arvores altanadas, mas das quaes mal vemos os troncos através do tecido das frondes e dos sarmentos. Em tal situação, não é difficil que o espirito desnorteado perca a trilha por onde passou o guia, e soffra a sensação de quem se vai afogar. Porém, pedindo ao medo energias novas, toma um impulso vigoroso e, de um arremesso, transpõe a orla do matagal que lhe parecia longinqua, mas que se achava bem proxima.

Foi esta a impressão geral que me deu a leitura do livro de Le Bon. Mas reconheço que taes impressões dependem, não raro, muito mais de condições subjectivas do que do estimulante objectivo. A extraordinaria abundancia de idéas nesta obra se explica, em parte pela vivacidade fortemente accentuada de audacia, que constitue a feição original do talento do estimado escriptor francez, e, em parte, por ser o livro uma condensação forte, uma synthese energica de extensas e bem documentadas monographias, taes como *L'homme et les sociétés*, *Les civilisations de L'Inde*, *La civilisation des arabes*, que assignalaram a Le Bon uma posição brilhante na mentalidade franceza contemporanea.

Mas essa abundancia se prejudica, muitas vezes, pela falta de precisão, e, outras tantas, por não se esteiar em poderosos elementos de persuasão que operem a transfusão do pensamento do autor na mente do leitor. Por certo ha grande copia de observações originaes; menos todavia do que se poderia imaginar pela surprehendente parcimonia das citações. Le Bon nos diz que desconfia muito dos documentos literarios, «que enganam quasi sempre e raramente instruem». Elle tem mesmo um methodo seu de estudar a historia, quero dizer as civilizações. Fecha os livros dos historiadores, dos sociologistas, dos ethnologos, emprehende longas viagens ao oriente, e ao occidente, a consultar as impereciveis obras de arte, os lavores pacientes e delicados da estatuaria, os magestosos monumentos da arhictectura em ruinas, que a humanidade espalhou prodiga, pela vasta superficie do orbe, para a perpetuação das dores que a pungiram, das illusões e dos jubilos que a exaltaram. E' dispendioso, mas não póde deixar de ser fecundo em idéas e, sobretudo, em emoções um tal methodo.

Mas ah! fechados embora, esses livros de nossos antecessores falam continuamente, porque suas idéas se espargiram como um perfume pelas camadas da atmosphera, e porque não é possivel cortarmos os élos infinitos que vinculam o pensamento dos nossos antepassados e dos nossos contemporaneos. Vêde o livro de Le Bon tão vigoroso no porte, tão farto de idéas proprias, e, entretanto, aqui e além, sem que sejam evocados os nomes dos pensadores que as conceberam surdem affirmações e principios alheios. São, as vezes, vistas geralmente conhecidas, que já foram assimiladas pelo patrimonio commum e que, portanto, seria hoje estorvante procurar a fonte de onde primeiro brotaram. São, outras vezes, principios, tambem largamente conhecidos, mas de que se fizeram paladinos philosophos determinados. Nesta segunda classe, encontram-se, por exemplo, certos conceitos ou modos de ver de Augusto Comte, de Gumplowicz, de Gabriel Tarde, entre outros, que o egregio autor assimilou e utilizou sem julgar necessario recordar os nomes daquelles philosophos, ou por tel-os alcançado independentemente delles, ou por julgal-os tão profusamente espalhados, que ocioso seria ainda vir recordar-lhes de onde partiram em jacto primeiro.

Não serei longo em comprovar o expendido, porque o meu intento se resume em documentar o asserto de que os espiritos, embora da

tempera de Le Bon, muito devem aos que como elles cultivam a sciencia ou especulam sobre a marcha da natureza. E Le Bon, não recusa o seu apoio a uma tal affirmação que se contem na sua theoria dos grandes homens.

Entre as idéas de Augusto Comte que se insinuaram na *Evolution des peuples*, destaco uma que ahi foi collocada como resistente pilar da theoria apresentada por esse notavel estudo. Refiro-me á affirmação de que os mortos governam os vivos do fundo de suas covas com imperio maior do que imaginam estes, affirmação contra a qual acabo de ler um interessante arrazoado, inedito ainda, de Clodoaldo Freitas. Leiam-se as frases que passo a transcrever: « E' por seus mortos, muito mais do que por seus vivos, que um povo é conduzido. E' por elles sómente que uma raça é fundada. Seculo após seculo, crearam elles as nossas idéas e os nossos sentimentos, e, portanto, os moveis todos de nossa conducta. As gerações extinctas não nos impõem sómente sua constituição physica; impõem-nos tambem seus pensamentos. Os mortos são os directores indiscutiveis dos vivos. Nós carregamos o peso de suas faltas, e recebemos a recompensa de suas virtudes.»[1]

Perfeitamente expresso e fortemente pensado. Mas Augusto Comte, como Laffite, Littré, Miguel Lemos ou Teixeira Mendes, não teriam duvidado em subscrever esse trecho. Mas si ha encontros de pensamento entre o fundador do positivismo e o autor das *Civilizações da India*, do que acabo de dar um exemplo bem proprio a dissolver todas as duvidas, maior é o numero das divergencias, estando a razão, a meu ver, muitas vezes do lado de Le Bon. Comte, por exemplo, affirmava que o mechanismo social ropousa sobre a opinião; Le Bon procura demonstrar com argumentação alongada, embora nem sempre vigorosa, que as idéas sómente actúam sobre a evolução humana, sobre as civilizações, sobre a alma dos povos, depois de « terem descido das regiões moveis do pensamento á essa região estavel e inconsciente dos sentimentos onde se elaboram os motivos de nossas acções ». [2] Augusto Comte acreditava no desdobramento continuo da cultura, no esclarecimento ininterrupto da mentalidade, salvo a contradicção de impor limites prévios ás pesquizas da

---

[1] *Op. cit.*, pag. 15.
[2] *Op. cit.*, pag. 121.

intelligencia e outras cincadas congeneres; Le Bon presume, ao contrario que os *ricorsi* de Vico traduzem melhor a marcha das civilizações; acha elle que as religiões se extinguem e renascem, que os deuses, « filhos de nossos sonhos » não se mudam sem transtornarem o mundo que fica a espera de novas divindades. « Por um instante os céus estão actualmente vazios; por esse facto só, o mundo deve mudar-se. »

Desviando um pouco o curso destes pensamentos, deter-me-ei um momento diante de Gumplowicz e de Gabriel Tarde. Para Le Bon, como para o denodado socialista de Gratz, não existem actualmente raças puras sinão entre os selvagens; as raças civilizadas são formações historicas. Para ambos, o alvo das civilizações, francamente descoberto ou embuçado nos ouropeis da cultura e do luxo é a dominação. D'ahi o desdem pelo estrangeiro que ostentam os povos fortes como o inglez, desdem que póde ser « um sentimento de ordem muito superior, sob o ponto de vista philosophico, mas de uma utilidade extrema, sob o ponto de vista da prosperidade de um povo ».[1] D'ahi o affirmar Le Bon que « os mais importantes elementos da civilização devem ser aquelles que permittem a um povo, subjugar os outros, isto é, as instituições militares.» [2]

Para mostrar o progresso das idéas, soccorre-se Le Bon, entre outros factores, ao da imitação, ao contagio: « desde que o mechanismo do contagio intervem, diz elle, a idéa entra na phase que a conduz forçosamente ao successo » (pag. 125), porque a imitação é uma faculdade infinitamente espalhada entre os homens, e porque « uma immensa maioria de cerebros aceita sem discussão as idéas completamente feitas que lhe fornece a opinião e que a educação lhes transmitte ». Sem os detalhes eruditos e as interessantes applicações philosophicas com que Tarde construiu um dos mais bellos fragmentos da philosophia contemporanea, eis ahi, em dois traços, a sua theoria.

O autodidacticismo, como o imaginou Ibn Tofail, não póde transpor a região dos sonhos. Na vida social os influxos reciprocos se entrecruzam bastos, e é de todo inutil tentar fazer ouvido surdo a ruido que sobe das forjas do pensamento alheio.

---

[1] *Op. cit.*, pag. 60.
[2] *Op. cit.*, pag. 82.

II

A humanidade divide-se naturalmente em raças, que se distribuem por classes, affirma Le Bon: a classe das raças primitivas, sem traço algum de cultura, como os Fogueanos e Australianos; a das raças inferiores representadas, sobretudo, pelos negros que são capazes sómente de rudimentos de civilização; as raças medias como os Chinezes, os Japonezes, os povos semiticos, que, como os Assyrios, crearam typos de civilização excedidos sómente pelos europeus; finalmente, os superiores comprehendendo os Hindús, os Gregos, os Romanos e os europeus actuaes com suas prolações americanas.[1]

Dessa classificação não haveria o que dizer, si não vizasse ella mais do que a uma distribuição dos povos segundo o seu grau de cultura. Porém outro pensamento encerra-se ahi, sem duvida mais valioso para o escriptor. Pretende-se affirmar que ha typos diversos de civilização e que povos existem incapazes de cultura. E' uma observação exacta, que já fôra anteriormente feita por Buckle. Mas dessa affirmação como premissa verdadeira, deduz Le Bon uma conclusão, pelo menos, precipitada:—Pois que a humanidade se dispersa em raças de caracteres fundamentalmente dissimiles, não ha uma civilização, mas civilizações differentes, desligadas entre si, tendentes para alvos differentes. «As raças possuem caracteres psychologicos quasi tão fixos quanto os caracteres physicos». [2] A associação desses caracteres forma a constituição mental de cada raça, sua alma, seu caracter essencial. E' a acquisição de «uma alma collectiva solidamente constituida que marca para um povo o apogeu de sua grandeza». Mas essa acquisição gloriosa fez com que «a expressão de certos modos de sentir e de pensar especiaes a esse povo não se poderia transmittir a povos de constituição differente».[3] Só as raças energicas é que podem engendrar civilizações, mas a transplantação desses inestimaveis acquestos

---

[1] *Op. cit.*, pag. 27—28.
[2] *Op. cit.*, pag. 167—169.
[3] *Op. cit.*, pag. 168.

é sempre difficil, muitas vezes impossivel. Um exemplo frisante dessa incapacidade do enxerto das civilizações de raça potente á raça aproximadamente igual, está na importação da arte grega na India, onde a sua apparição em breve foi seguida de completa desapparição.

Mas occorre logo ponderar: si a India não poude assimilar o pensamento grego, poude-o uma outra população não menos vigorosa, a romana, puderam-no os povos occidentaes que se acham no alto da pyramide cultural humana. E, portanto, parece que foi outra a razão do fenecimento das idéas importadas pela India. Antes é acreditavel que a luta entre a corrente de idéas estrangeiras e a corrente de idéas autochtones se não tivesse estabelecido em condições vantajosas á primeira.

O que porém, é mais importante affirmar contra a doutrina de Le Bon, é que o conhecimento da historia demonstra á saciedade, o élo de filiação que prende a civilização dos antigos á dos modernos, e que as grandes culturas nasceram sempre do connubio de povos differentes, do influxo recebido de raças extranhas. Os povos eleitos, que são os povos de grandes energias, recebem o legado de cultura deixado por seus antecessores, desenvolvem-no tanto quanto lhes permittem suas forças, acrescentam-no com as creações proprias, e cedem-no transformado aos rebentos ethnicos de mais viço que lhes vêm tomar o posto na direcção da civilização.

A religião, a philosophia, o direito, as artes dos povos occidentaes, si devem muitissimo á constituição mental algo dissimilhante, de Francezes, Allemães, Inglezes, Italianos, não é menos verdade que são fórmas de pensamento herdadas, e cujas origens se podem apontar, a despeito das successivas remodelações soffridas. Não é certo que o christianismo surgiu do contacto dos semitas com os aryanos e veiu depois a servir de elemento poderoso e vasto da civilização moderna? Não é verdade que recebemos a philosophia e a sciencia dos gregos por intermedio dos romanos, dos alexandrinos e dos arabes, e que sobre ellas se apoiou a sciencia e a philosophia dos modernos, para erguer mais amplas e mais altas construcções? E não é certo que esses mesmos gregos tão deslumbrantemente cultos, por igual peritos no manejo do escopro, da especulação philosophica, da investigação scientifica e da

dialectica subtil, aprenderam os rudimentos dessas disciplinas do espirito com os Egypcios, os Assyrios, os Babylonios e os Phenicios?

Já não quero falar das instituições juridicas cujo encadeiamento é manifesto, a começar dos Aryas primitivos, através de Hellenos, Romanos e Germanos, até os povos que actualmente habitam o occidente da Europa e as duas Americas, pois que ahi a evidencia inhibe a discussão, e, além disso, não me apraz retomar agora um assumpto que mais de uma vez tive occasião de explanar.

E' certo que muitos povos se têm revelado impotentes para transporem um certo ambito de expansão cultural e que outros, depois de exercerem a funcção de guias da mentalidade humana, volveram-se á obscuridade em que se submergiram afinal combatidos pelo esgotamento. Mas, porque morrem soldados na batalha, e porque outros não chegam a tomar parte no conflicto, devemos dizer que a victoria não foi alcançada? Os Arabes não conseguiram igualar os europeus em cultura, e o caracter de sua civilização é differente da dos povos occidentaes; mas foram estes mesmos Arabes que salvaram a philosophia grega do desmoronamento da civilização antiga, impediram-na de ficar soterrada sob os escombros do mundo greco-latino que se esboroara e vieram offerecel-a ao mundo moderno. Nesse exemplo se vê a possibilidade da transplantação de idéas de umas para outras raças, embora dissimilhantes pelos caracteres anatomicos e psychicos, e, ao mesmo tempo, se constata, mais uma vez, que é da combinação de esforços e producções de origens differentes que se argamassa a cultura humana.

III

Como acaba de ser visto, a theoria de Le Bon repousa sobre o conceito de raça, como a de Gumplowicz. E para ambos, para o sociologo de Gratz como para o scientista francez, as raças actuaes entre os povos cultos, são artificiaes, porque são formações historicas, «creadas pelo acaso das conquistas, das immigrações, da politica.»

Mas Le Bon, para classificar as raças, recorre antes aos caracteres psychicos do que aos anatomicos. Desde que um povo,

assimilando elementos ethnicos de origens differentes, consegue fusional-os em um todo psychologicamente homogeneo, porque communs são as crenças de todos, communs os interesses, communs os sentimentos, adquiriu uma alma, o que quer dizer, tem a energia e os materiaes sufficientes para affirmar uma civilização propria.

O mesmo se dirá de uma raça e de uma especie psychologica, que são agglomerações de povos, ia quasi dizendo singeneticos, para usar de uma expressão querida de Gumplowicz. Mas convém dizer que entre essas diversas formações sociodynamicas, não traça limites o escriptor francez. Povo, raça ou especie, tem qualquer dessas agremiações de individuos caracteres fundamentaes e reductiveis, em torno dos quaes se agrupam caracteres accessorios modificaveis, o que nos dá a illusão das transformações e das adaptações sociaes; a parte permanente, irreductivel é a do caracter, a parte movel e cambiante é a da intelligencia. « Uma das principaes consequencias da civilização, conclue Le Bon, é, de uma parte, differenciar as raças pelo trabalho intellectual, cada dia mais consideravel que ella impõe aos povos chegados a um elevado grau de cultura,e de outra parte differenciar, de mais em mais, as diversas camadas de que se compõe cada povo civilizado.»[1] Sem demorar-me em descobrir os pontos fracos e as observações verdadeiras que envolve essa theoria, tão a vista me parecem, examinarei como, no pensar do emerito escriptor francez, se formam as raças, porque encravou elle ali uma questão que nos interessa de bem perto, a nós brazileiros : a da mestiçagem.

« Diversas condições são necessarias, lê-se á pag. 46 do livro sobre o qual rascunho estas glossas, para que se fusionem raças para a formação de outra mais ou menos homogenea. A primeira dessas condições é que as raças submettidas ao cruzamento não sejam muito desiguaes em numero; a segunda, que não diffiram muito em seus caracteres; a terceira que sejam submettidas, durante muito tempo, a condições de meio identicas. »

Contra a primeira e a terceira das condições indicadas, nada vejo que oppor. Julgo-as indiscutiveis. Não assim, porém, a segunda. Sem duvida, reconhece Le Bon, raças muito diversas se podem cruzar. A preta e a branca o têm feito mais de uma vez para

---

[1] *Op., cit.* pag. 38.

que possamos negal-o. Mas « os mestiços que d'ahi resultam constituem uma população muito inferior aos productos de onde se origina e completamente incapaz de crear ou mesmo de continuar uma civilização.»

Exemplo frisante para comprovação do affirmado é o Brazil «votado perpetuamente á anarchia, ao menos que não seja dominada por mão de ferro» (pg. 47). Com certeza, não conhece a historia brazileira quem escreve sentenças taes.

Mas Agassis que percorreu o Brazil disse que o mestiço brazileiro perdeu as melhores qualidades do branco, do preto e do indio e constitue um typo indescriptivel de energia physica tão enfraquecida quanto a mental. E sobre essa proposição exclusivamente se baseou o escriptor francez para nos ferir de perpetua incapacidade!... Não mais felizes foram os nossos vizinhos da America meridional, mesmo os Argentinos, aliás não sendo dos que mais se afundam na decadencia moral. Em Buenos Ayres, é impossivel habitar « quem quer que tenha alguma delicadeza de consciencia e alguma moralidade » (pg. 66).

O Brazil fazia excepção a esse profundo desmantelamento graças á monarchia que, «muito liberal para essas raças sem energia e sem vontade», teve de succumbir e entregar o paiz ao anarchismo.

Palparam bem a contradicção manifesta que se contém nessa apreciação leviana? O mesmo pensador que nos dá como lei da evolução social dos povos a quasi inocuidade das fórmas de governo, que nos diz, com seus proprios termos «que não são as circumstancias exteriores, e ainda menos as instituições politicas que exercem um papel fundamental na historia de um povo» (pg. 168). e sim o seu caracter, vem dizer-nos que a monarchia teve a virtude de salvar o Brazil da anarchia temerosa em que se atafulham os povos hispano-americanos!... E' pasmoso, principalmente para quem, poucas paginas antes, havia affirmado quadradamente a nossa inconsistencia moral e a nossa miseria intellectual, baseado em Agassis, que por aqui esteve em pleno dominio monarchico.

Ainda mais, si é necessario *mão de ferro* para nos afastar da anarchia, como poude conseguil-o, no dizer de Le Bon, essa monarchia, em excesso liberal?

Não comprehendo cincadas deste jaez em um escriptor grave como Le Bon, si não explical-as pela cegueira doutrinaria que tudo

obscurece, excepto a brecha estreita por onde se côa a luz da doutrina preferida.

E porque na combinação metachimica em que se fundem as raças se hão de perder forçosamente as qualidades sans e elevadas, sobrenadando exclusivamente os elementos maus e grosseiros, si não se apontam energias antitheticas que destruam aquellas e façam subsistir estes ? Não nos diz o escriptor francez. Ha de permittir que não o acreditemos sob palavra.

Buckle nos havia condemnado á nullidade perpetua em virtude do meio physico, que elle aliás conhecia mal por informações ainda exageradas e obscurecidas pela surpreza dos primeiros exploradores.

Le Bon aponta essa acção deprimente do meio, porque julga inapreciavel, insignificante toda sorte de factores mesologicos. O inglez nas Ilhas Britanicas, na America, no Cabo ou na Australia é sempre o mesmo, sem que o habitaculo differente consiga modifical-o, ao de leve que seja. Mas si Le Bon, por amor de sua doutrina, não acredita que a grandiosidade da natureza tropical nos esmague e anniquile, mais funda nos aponta a miseria pela dissolução consequente da mestiçagem. Mas essa mestiçagem tem revelado incontestaveis aptidões intellectuaes, mesmo quando elementos da raça preta ou vermelha se fazem fortemente sentir na coloração da cutis. Entre os nossos homens de letras, artistas e politicos de nota, quantos são os brancos puros ?

E quanto a pretendida anarchia em que se engolphou o Brazil após a proclamação da Republica, somente quem não meditou sobre a historia dos povos poderá attribuil-a, seja á nova forma de governo, seja á malsinada mestiçagem. Sempre que a sociedade se desloca de um regimen para outro, abala-se, convulsiona-se, as vezes de um modo atroz para os contemporaneos. E o caso mais notavel e o mais eloquente desse phenomeno tem-no a França na sua revolução de oitenta e nove, a França onde não se cruzaram as raças inferiores que aqui no Brazil fizeram connubio. E essa monarchia, *trop libérale pour ces races sans énergie e sans volonté*, sentia convulsões muito mais violentas abalarem o organismo nacional, do que os tem presenciado a Republica. De 1822 a 1848 tivemos um tumultuar continuo de revoltas e motins, até que, contendo-se no canal traçado, deslisou a sociedade em quietação, emquanto recobrava alentos novos para experimentar uma fórma de governo de maior amplitude. Esta nova

fórma de governo ainda não funcciona a contento, porque ainda não poude ser applicada em sua pureza, mas é preciso não ter olhos para não ver, através de todas essas agitações e desvios, os éstos potentes da vida nacional que surde e borbota no dominio intellectual e no economico, brilhante de promessas e já produzindo os primeiros frutos, apezar do militarismo e apezar do cambio. E é preciso desconhecer a historia brazileira, para aventurar confrontos entre a monarchia que se desfez a um sopro dos quarteis, no momento em que o cambio estava ao par, e a Republica que ensaia estabelecer-se nesse paul mal soterrado ainda. Que Le Bon o faça, porque prefere ler os *livros de pedra* (que nós não temos) aos de papel, concebe-se ; mas que pretendam brazileiros embocar a tuba dos dithyrambos é esquisito.

IV

A falsidade da theoria leboniana irrompe por todos os poros e por todas as junturas. Na raça tem valor somente o caracter ; a intelligencia é mais do que um trambolho, chega a ser o mais poderoso elemento de ruina. «Os povos morrem desde que se alteram suas qualidades de caracter que formam o trama de sua alma, e essas qualidades se alteram desde que engrandecem a sua civilização e a sua intelligencia. » Que exultem os hottentotes e se lamentem os francezes.

Na evolução social, só entra em linha de conta a raça, a hereditariedade , o meio cosmico é posto á margem á moda positivista. Tendemos hoje para o esphacelamento das nacionalidades, para o predominio mais forte do Estado, e para novas religiões que se annunciam pelo mysticismo, pois que *l'histoire tourne toujours dans le même cercle*.

E' desanimadora uma tal doutrina pelas suas conclusões. O que vale é que as premissas são fantasias polvilhadas com algumas observações exactas.

Não era possivel que por esse methodo alcançasse Le Bon a ventura de descobrir as *leis psychologicas da evolução dos povos*.

CLOVIS BEVILAQUA

A FLORA DA LAGOA SANTA

LAGOA SANTA ET BIDRAG TIL DEN BIOLOGISKE PLANTEGEOGRAFI af Eug. Warming Professor i Botanik ved Kjobenhavns Universitet—Lagoa Santa. Contribuição para a Geographia Botanica Biologica pelo Dr. Eugen Warming, Copenhague, 1892.

Faz este anno quasi uma olympiada que appareceu o livro cujo titulo encima estas linhas. Durante todo este tempo esperavamos vêl-o, ao menos, mencionado na imprensa brazileira ou encontrar alguma noticia que a elle se referisse; mas parece que passou de todo despercebido ao mundo scientifico-literario do Brazil. E' para—antes tarde que nunca—revelar a existencia deste monumento, primeiro e até hoje unico, sobre uma flora local brazileira que ousamos apparecer neste lugar com a presente despretenciosa noticia.

Sabem todos que acompanham a sciencia no Brazil que na pequena villa de Lagoa Santa, no estado de Minas-Geraes, viveu por longos annos (1835-1880) o medico-naturalista dinamarquez, Peter Wilhelm Lund, tão celebre por suas importantissimas descobertas e collecções paleontologicas feitas nas cavernas calcareas das vizinhanças daquella pequena localidade. Nas primeiras linhas da *Introducção* ao livro cujo valor para a sciencia brazileira queremos patentear, vem narrado o modo como Lund veiu a se domiciliar naquella longinqua villa e as consequencias que desse facto derivaram. Palavras textuaes do Dr. Warning: «No dia 10 de outubro de 1834, dois viajantes chegavam com a respectiva tropa á pequena

villa de Curvello, no interior da provincia de Minas Geraes; eram Peter Wilhelm Lund e o botanico allemão Riedel, que havia mais de um anno estavam em exploração scientifica nos estados, então provincias, do Rio de Janeiro, São Paulo, Goyaz e Minas Geraes. Quiz o acaso que no mesmo dia um aventureiro dinamarquez Peter Clausen, vulgo Pedro Claudio Dinamarquez tivesse arreiado a sua besta e seguido para a villa vindo da sua fazendola chamada Porteirinha, 2 ou 3 leguas distante de Curvello, chegando ahi, chamou-lhe a attenção a tropa, foi ter com os viajantes, perguntou-lhes em que negociavam e no correr da conversa reconheceu-se que dois dinamarquezes se tinham encontrado tão longe da patria, quasi no centro do Brazil. »

Este encontro foi decisivo para o resto da vida de Lund e, mais tarde, para muitos outros homens de sciencia; porque Lund seguiu immediatamente com Clausen para Porteirinha onde demorou-se uma semana. Foi durante esse tempo que descobriu a presença de fosseis nas cavernas calcarias; reconheceu a sua immensa importancia scientifica e deliberou ficar no Brazil. Mais tarde, porém, foi fixar-se em Lagoa Santa em cujas vizinhanças encontrou cavernas identicas, tornando-se desde então este estudo o alvo fixo de toda a sua vida. Foi assim que a pequena villa de Lagoa Santa chegou a ser um lugar verdadeiramente classico para a sciencia; pois, ahi vinham de visita, ás vezes demorada, Burmeister, R. Burton, O. St. John, John Allen, G. Sceva, Reinhardt, Dom Pedro Segundo, Conde d'Eu, Regnell, Salmensen, Lindberg, Mosén e ainda muitos outros cujos nomes ou trabalhos são celebres na sciencia.

Tendo fallecido em 1862 o secretario do Dr. Lund, convidou elle ao Dr. Eugen Warming para substituil-o por algum tempo e estudar a flora do lugar. O Dr. Warming, que naquella época contava a bella idade de 21 annos, aceitou o convite com enthusiasmo e chegou á Lagoa Santa no dia 8 de julho de 1863 para ahi demorar-se até 24 de abril de 1866.

Os magnificos resultados scientificos dos seus estudos e investigações culminaram na obra presente da qual ora nos vamos occupar.

O livro do Dr. Warming é o estudo mais completo possivel de uma flora, que, por assim dizer, representa o typo de uma zona

vegetativa particular até então não descripta sinão nos seus traços mais geraes.[1]

Já na viagem tinha o autor reconhecido o grande interesse e o alcance scientifico que deviam ter o estudo desta flora estranha e a investigação dos factores que a determinaram, pelo que tambem entregou-se com ardor á esta tarefa, como attestam a sua dedicação e a avultada cópia das observações, magistralmente coordenadas e interpretadas.

A introducção começa por uma descripção topographica da Lagoa Santa e vizinhanças, no centro de uma região campestre bastante accidentada e cujos limites oriental e septentrional são formados pelo rio das Velhas. Segue-se um estudo geo-mineralogico do solo, no qual adopta as theorias de Liais. Menciona o interessante apparecimento dos calcareos no meio da decomposição genesica formando estensas e caprichosas cavernas e descreve especialmente a da Lapa Vermelha.

Sendo o clima um dos principaes factores na distribuição dos vegetaes o autor trata delle com certa estensão, pois, além das observações feitas pelo Dr. Lund, ajunta as que elle mesmo fez. Em Lagoa Santa distinguem-se apenas duas estações bem marcadas, a estação da secca e a das aguas. A média da temperatura é fixada em 20,5 centigrados, a minima em $+2,5^0$ e a maxima em 37^0. Durante a estação secca predominam os ventos de leste e sueste, ao passo que os de oeste e noroeste são os predominantes na estação chuvosa. Não se limita, porém, o autor á simples observação dos elementos climatologicos, estende-se até ás relações delles com os reinos animal e vegetal. Assim nota que os passaros migratorios são muito raros e que no mez de agosto, quando a vegetação começa de novo entrar em actividade, as rans apparecem em grande quantidade. Nos mezes de novembro e dezembro registra o interessante enxamear das formigas saúvas e outras e marca o mez de fevereiro como o periodo das verdadeiras chuvas, durante o qual, pela segunda vez, os batrachios deixam ouvir os seus diversos modos de coaxar.

---

[1] Nem exceptuamos o nosso proprio trabalho « Região Campestre » publicado em 1890, porque naquella época a obra do Dr. Warming já estava prompta e o plano della traçado muito antes. Entretanto o Dr. Warming tem a gentileza de referir-se frequentes vezes ao nosso modesto boletim.

No capitulo IV o Dr. Warming já estabelece as suas divisões das formações vegetativas e admitte duas ordens distinctas, a *primaria* ou *original* e a *secundaria* ou *derivada*. Na primeira colloca as florestas, os campos, os brejos e as vegetações aquaticas e na segunda todas as formações que apparecem nos terrenos das matas derrubadas, quer depois de terem sido cultivadas, quer não. Ahi não esquece falar da invasão da samambaia (*Pteris aquilina*, var. *esculenta*) nem do capim gordura (*Tanicum melinis*, Frü).

Foi a formação campestre a que mais lhe prendeu a attenção e sendo effectivamente a mais interessante sob todos os pontos de vista, é por ella que começa para em seguida passar ás outras.

Como o nosso objectivo é principalmente o de patentear o valor dos estudos sobre os campos, pedimos venia ao leitor para primeiro dar um resumo do que o autor diz das outras formações, para assim poder melhor analysar as importantes observações sobre a flora campestre.

Entrando na descripção das florestas observa o autor que são as condições physicas que determinam a separação em matas e campos, pertencendo estes exclusivamente aos terrenos seccos, ficando o estado hygrometrico da atmosphera sempre mais elevado por cima das matas. Comtudo diz que as florestas de Lagoa Santa não são tão magestosas nem tão sombrias como as das montanhas do littoral e attribue este facto á sua posição no planalto onde ha menos humidade de que resulta serem mais pobres de humus.

Nas listas das especies colhidas, nota que a maioria pertence ás familias Leguminosæ e Myrtaceæ cujos representantes attingem, muitas vezes, á altura de 25—30 metros. Com rara prudencia passa por cima da magna questão da idade destas florestas e das causas que determinaram a sua extraordinaria riqueza em especies. Entretanto deixa entrever que é da opinião de Wallace que admitte como causa *a priori* as condições climatericas favoraveis e a continuidade dos periodos geologicos não interrompidos por uma época glacial, [1] o que torna as florestas extremamente antigas. Assim mesmo acredita que a grande maioria dellas

---

[1] Parece-nos que é esta tambem a opinião dos geologos modernos com relação ás duas Americas, em desaccôrdo com a theoria de Agassiz.

no planalto já passaram pela destruição, pelo fogo, de que resulta serem hoje effectivamente capoeirões.[1] As maiores arvores, de 2 metros e meio de circumferencia, não mostraram mais que 35 á 40 camadas annuaes e só um exemplar de *Terminalia* encontrou o autor com dous metros de diametro.

Passando á vegetação arbustiva, considera grande o seu numero, mas diz que falta-lhe o aspecto gracioso e que sua folhagem, as mais das vezes, é de um verde sujo e sem brilho com flôres pequenas e geralmente brancas, salvo algumas excepções que cita. Nota a falta de plantas herbaceas e annuaes assim como dos musgos e dos lichens que forram o chão nas florestas boreaes. Poucas são tambem as saprophytas e a unica encontrada foi *Langsdorffia hypogaea*, de que conclue serem seccas e sem humus as florestas de Lagoa Santa, como, aliás, já observara antes.

O grande caracteristico ou differença especifica entre a vegetação das matas e dos campos, o Dr. Warming encontra-a nos cipós e dedica-lhes um capitulo longo. Trata ahi primeiro da genese destas interessantes plantas e distingue quatro categorias ou graus na transformação dos vegetaes em lianas. No primeiro grau se acham as que apenas se arrastam pelo chão sem subirem em procura de mais luz e ar ou as que se deitam sobre os ramos dos arbustos vizinhos ; são as sarmentosas como a *Chamissoa altissima* etc. No segundo grau os galhos já nascem-lhes perpendiculares ao tronco e no terceiro grau começam a enrolar-se tornando-se voluveis. O quarto grau é constituido por todos os vegetaes munidos de orgãos especiaes para segurar e subir. Ahi, nos degraus baixos da escala, se acham as espinhosas evoluindo até chegar ás que possuem gavinhos ou outros orgãos fixatorios dotados de sensibilidade. Emitte a opinião de que grande parte dos cipós são de natureza xerophila e admitte que a presença de *latex* seja disso uma prova representando o papel da mucilagem das cactaceas difficultando a evaporação. Cita tambem varios exemplos demonstrando que a evolução de arbusto para cipó nem sempre está perfeitamente effectuada, havendo especies de cipós que no campo se apresentam arbustivas, como *Chiococa brachiata, Combretrum Loeffelingü* e *Trhyallis latifolia* e d'ahi tira a

---

[1] E' a mesma impressão que temos e que externamos num artigo sobre o serviço florestal no estado de S. Paulo. (*Rev. Agricola* n. 9).

conclusão de que as plantas facilmente se adaptam ao meio em que são forçadas a viver. Lembra que as epiphytas são muito raras nas regiões de campo, ao passo que as parazitas da familia *Lorantaceæ* (herva de passarinho) se encontram até sobre vegetaes puramente campestres. Determina tambem as florestas que se desenvolvem sobre as rochas calcareas como inteiramente xerophilas e differentes das outras e passa para a flora dos valles como sendo a que mais se aproxima a das matas verdadeiras.

Tratando das formações secundarias ou derivadas, começa pela agricultura do lugar das plantas comestiveis e industriaes referindo-se ao mesmo tempo ao *mato*, isto é, ás plantas invasoras dos terrenos novos preparados para o cultivo.

Explica a formação das capoeiras [1] pela supremacia que vai tomando a flora das matas sobre os terrenos abandonados mas ainda não esgotados pelas culturas e aponta tambem a sua degenerescencia no caso de esgotamento [2] e a consequente invasão da samambaia, capim gordura e barba de bode. Não deixa de mencionar o papel da formiga saúva e observa que as monocothyledoneas são quasi livres dos estragos que causam estes insectos e cita as relações entre as formigas em geral e varias plantas com nectarios extrafloraes.

São numerosas as observações sobre os meios disseminatorios de certas sementes e minuciosas tabellas estatisticas das diversas floras destas formações acompanham incluindo até as relações reciprocas pelo methodo centesimal.

Dedica tambem capitulos especiaes ás floras dos brejos e das aguas livres, dividindo-as em formação *helophila* que comprehende as plantas dos brejos e das margens do lago, denominando formação *limnophila* a das aguas livres ou correntes e admira-se da riqueza em algas apezar de nunca ter encontrado grandes agglomerações dellas [3]

No capitulo seguinte occupa-se das « formações vegetativas consideradas nas suas relações reciprocas » Começa dizendo que os

---

[1] Dr. Warming escreve este termo phoneticamente. Ha muito tempo propugnamos para tornar effectivo este modo de escrevel-o, aproximando-nos ainda mais á etymologia delle, escrevendo *caapueira*.

[2] E' o que nós chamamos *carrascal* na nossa « Distribuição dos Vegetaes no estado de S. Paulo » (inedito).

[3] Isto nos causa estranheza porquanto temos observado muito destas agglomerações em lugares que devem ser identicos aos de Lagoa Santa.

limites entre o campo e a mata são nitidamente marcados, tanto topographicamente como pelas respectivas floras, o que, porém não se dá onde o homem tem intervindo. Assim mesmo não póde determinar si os limites são actualmente estaveis, ou si ha ou não invasão de uma formação por outra. [1]

Em seguida dá o autor uma lista comparativa das plantas componentes de cada formação e descreve a riqueza em especies de cada uma, chegando á conclusão de que a formação silvestre é duas vezes mais rica que a dos campos. Conhece apenas duas familias *Rhizololaceæ* e *Olacaceæ* como exclusivamente campestres e sem representantes nas matas. As causas disto o Dr. Warming procura na idade dos terrenos das florestas que elle considera como *muito mais antigos e primitivos* que os dos campos e nas condições de meio mais variadas. Aponta o curioso facto de serem as familias predominantes nas matas tambem as mais desenvolvidas morfologicamente falando, como *Leguminosæ*, *Myrtaceæ*, *Rubiaceæ*, *Compositæ* e *Orchidaceæ*, o que para elle é uma confirmação da sua opinião.

Ao tratar das adaptações biologicas nestas formações o autor entra primeiro em considerações sobre a duração da vida dos vegetaes e admira a escassez de especies annuaes, excepto nas formações secundarias. Continua estendendo-se sobre o papel que representa a agua e os meios que as plantas procuram para diminuir a evaporação e passa depois para as phases que apresenta a vegetação nas quatro estações do anno. Ahi divide o anno meteorologicamente e o mais interessante neste estudo, tão consciencioso, é o da queda das folhas, phenomeno que é tão intimamente ligado ao estado hygrometrico da atmosphera e, especialmente, do solo, chegando a ser diverso em individuos da mesma especie, mas que se acham em condições differentes pela differença das localidades. Seguem-se os estudos do desenvolvimento dos botões, duração da maturação dos frutos e termina o livro com a « florula da Lagoa Santa », uma verdadeira estatistica dos vegetaes colhidos que alcançam o respeitavel numero de 2593. E' isto nada mais e nada menos do que a *primeira flora local brazileira*.

---

[1] Em S. Paulo temos varios bons exemplos de invasão dos cerrados pela mata, entre elles o mais patente é o citado no *Boletim* n. 5 da Commissão Geographica e Geologica, pag. 9.

Em appendice apresenta ainda uma lista dos animaes vertebrados pertencentes á fauna de Lagoa Santa e por ultimo um rico indice bibliographico.

Voltando agora aos interessantes estudos sobre os campos, encontramos uma tal profusão de observações que melhor parece seguirmos a ordem estabelecida pelo autor.

Primeiro occupa-se elle com a identificação da vegetação dos campos limpos, em seus traços geraes, com a dos cerrados e distingue desde logo nella tres graus: as plantas herbaceas, arbustivas, e as arborescentes. Nas listas destas diversas cathegorias distingue ainda subarbustos e cipós e diz destes ultimos que cipós propriamente dito não ha e que se acham todos no primeiro estado de evolução para o typo francamente trepadeira ou sarmentoso. [1]

Nas observações dos caracteres biologicos das plantas herbaceas dos campos nota que a relação das annuaes é apenas de 5,7°/₀, o que attribue ás seguintes causas: 1°, á grande secca e dureza do solo na época da semeação; 2°, aos incendios ou queimas, os quaes não só destróem as sementes e as plantas já germinadas, como até chegam a transformar as especies primitivamente annuaes em vivazes e, 3°, á concurrencia ou «struggle for life» com os vegetaes arbustivos e maiores e avança á proposição de que as especies bienneas faltam totalmente. [2]

Nota tambem a falta das hervas com folhas basilares e de plantas rhizomaticas e estoloniferas. Ao mesmo tempo observa que

---

[1] Não podemos aqui acompanhar o autor *in totum*, porque temos visto varias *Ipomeas* (Convolvulaceœ) perfeitamente trepadeiras, e quando elle diz que *Papilonaceas ascendentes não existem*, lembramos as *Coliceas* no nosso herbario cujas flores foram colhidas pendentes de uma arvore por onde tinham subido. *Vitis salutaris* tambem encontramos mais que uma vez com sarmentos de 5 e mais metros de comprimento.

[2] Nisto os campos paulistas differem um tanto, porque as especies annuaes são aqui mais frequentes. A secca do solo ou a sua dureza não é obstaculo á germinação, porque si não houvessem as queimas as sementes germinariam na época das chuvas, pois a grande maioria possue pericardio duro e protector e affronta até a propria queima. Muitas plantas tambem se adaptaram de modo a fructificarem depois das queimas que em geral são effectuadas quando a secca attingiu ao seu maior grau e estando quasi suspensa a vegetação. Conhecemos plantas que desenvolvem botões floraes antes dos botões foliaceos.

quasi todos os dicolyledoneos vivazes possuem eixos subterraneos curtos, tuberosos e lignificados, sendo entretanto raro encontral-os succulentos. O desenvolvimento de bulbos considera frequente e refere-se aos bulbos (que nós chamamos pseudo bulbo) mucilaginosos de varias especies de Cyrtopodium (Orchidacea).

Tratando dos arbustos e das arvores diz que é impossivel traçar limites entre os arbustos, subarbustos e herbaceos vivazes e não póde aceitar a definição de Drude. Entre os arbustos cita muitos exemplos de desenvolvimento extraordinario das partes subterraneas e passa para a transição dos arbustos para arvores, demonstrando que certas especies podem ser arbustos num lugar e arvores em outros, conforme as condições locaes.

Depois das estensas listas sobre as especies colhidas, o autor fala dos cerrados com especialidade e diz que são quasi inteiramente desprovidos de cipós e plantas epiphytas, assim como de musgos que são totalmente ausentes. Explica esta ausencia pela falta de sombra e pelos incendios que facilmente destroem esta vegetação. [1]

Entretanto, quando fala das fórmas vegetativas e das familias sem representantes, observa que em certas especies ha tendencia para serem cipós e estas especies são de generos que nas matas são representadas por lianas, como as *Serjanias*, as *Tetrapteris* e as *Heteropteris* e emitte a hypothese de que estes e outros, como *Dilleneas* e *Hippocrateas* sejam emigrados das florestas. [2]

---

[1] Com certeza que é muito bem observado em relação aos cerrados de Lagôa Santa, mas não póde ser estendido aos cerrados todos, porque os ha em S. Paulo onde o fogo pouco trabalhou e ali os cipós existem como provam as collecções de Bignoneaceas feitas por Corrêa de Mello nos cerrados ao redor de Campinas; tão pouco as epiphytas faltam de todo, porque algumas ha que até são typicas nos cerrados, como, por exemplo, *Isabellia virginalis* e muitos *Pleurothallis*, de que concluimos que deve haver differença entre os cerrados de Lagôa Santa e os de S. Paulo.

[2] Seria portanto, um verdadeiro atavismo, o que muito vem em favor da hypothese de que a vegetação campestre origina-se das florestas, sendo a consequencia de uma transformação obrigada pela adaptação necessaria a condições desfavoraveis, ao desenvolvimento exuberante e igual ao que alcançaram nas matas. Torna-se isto mais plausivel ainda admittindo a hypothese da primasia da vegetação florestal nestes terrenos anteriores aos campos.

Nota mais a ausencia das plantas gordas e espinhosas, assim como a falta das Vellosianas e das Ericaceas, [1] e nenhuma planta das cellulares encontrou.

Na abundancia das especies encontradas, o autor vê a manifestação do caracter tropical, sem todavia apresentar a sua exuberancia. Attribue isso á secca da região, augmentada pela elevação acima do nivel do mar de que resulta ser a vegetação francamente xerophila. Em frases eloquentes descreve os contrastes entre a formação florestal e a dos campos seccos, ás vezes lado a lado uma da outra e sem a minima transição, phenomeno que explica especialmente pelas differenças na distribuição da agua, sendo certo que a constituição geologica dos terrenos não é diversa pois por toda a parte predomina a mesma terra vermelha argilosa. [2]

Querendo responder á interrogação que a todos se impõe si a adaptação das plantas campestres deve ser considerada o resultado de uma simples tendencia da vegetação de garantir-se contra a evaporação demasiada, ou si deve a sua origem á acção modificadora das fórmas, exercidas directamente pelas condições do meio, o Dr. Warming diz categoricamente « que adopta este ultimo modo de vêr » e que eram necessarias milhares e milhares de gerações para chegar a fixar os caracteres de adaptação adquiridos directamente.

Fazendo uma comparação entre a vegetação dos campos e as formações de vegetação aparentadas na America do Sul, o illustre mestre diz que ha nisto um problema de difficil solução, porque não póde ainda determinar as differenças entre os campos de Lagoa Santa, os « carrascos », os « carrasquenos », os « campos mimosos » etc., de outros viajantes. Acha, porém, que devem ser contadas para esta formação as « catingas » e as « catanduvas » de Lund. [3]

---

[1] E' isto prova evidente que os campos da Lagoa Santa não pertencem á formação montano-campestre, mas sim são campo propriamente dito.

[2] Em S. Paulo distinguem-se tres formações campestres: a dos campos argilosos originados pela decomposição de rochas vulcanicas; a dos argilosos originados pela decomposição de chistos argilosos e a dos arenosos originados pela decomposição de grés. Cada uma destas formações é caracterizada por vegetações diversas, havendo comtudo muitas analogias entre ellas, principalmente no aspecto geral.

[3] Para nós os « carrascos » e « carrasquenos » do Dr. Warming pertencem á formação florestal e escrevemos sempre « carrascal » e « carrascaes ». Os termos « catinga » e « catunduva » escrevemos: « caatininga » (Beaurepaire

Vem aqui uma observação interessantissima sobre a absoluta identidade entre os campos de Lagoa Santa e as savanas na visinhança de Caracas e, sobretudo, ao redor de Valencia, na Venezuela, salvo certos caracteres especificos, apezar de serem estes terrenos de uma formação muito mais recente. Quanto ás savanas das Guyanas vê-se forçado a reconhecer que tambem pertencem á categoria dos campos brazileiros.

Nas observações sobre as queimas dos campos, faz dellas uma descripção magistral e entra em minuciosas considerações sobre os effeitos produzidos na vegetação e até na propria fauna e termina esta interessante exposição confessando que lhe é impossivel resolver si destas queimas resultou a formação de novas especies ou não.

Passa em seguida á apreciação do problema—si foi por effeito das queimas que as catanduvas se transformaram em cerrados e estes em campos limpos. Lembra então primeiro que esta questão já foi proposta e discutida por Lund em 1835, o qual responde affirmativamente. O Dr. Warming, porém, não é da mesma opinião, apezar de que Lund admittia as queimas como muito anteriores á civilização ; pois, os indigenas já queimavam os campos havia muito com o fim de aproveitar a caça que então apparecia em quantidade. Reinhardt, o celebre naturalista, em 1856 refutou a theoria de Lund em relação ao papel, por demais importante, que este attribuía ao homem e porque não explica as grandes differenças especificas entre a catanduva e os campos. Citando alguns trechos do nosso modesto trabalho no boletim n. 5 da Commissão Geographica e Geologica, o autor se inclina para o nosso modo de ver, porque acredita tambem que nestas formações operaram sómente as condições physico-terestres, principalmente as de humidade, ainda que as queimas muito auxiliaram nas modificações e nas adaptações, com especialidade no campo. Chega então á pergunta : « si a catanduva de Lund e o cerradão de Löfgren » não serão muito aproximados [1] apezar de seus caracteres floristicos serem um tanto differentes.

Rohan) e caatãduva, de accôrdo com a pronuncia no interior do estado e a etymologia. Voltaremos logo a estes termos, dando o nosso modo de ver em relação a estas formações.

[1] No trabalho ao qual o Dr. Warming benevolamente se refere, ainda não tinhamos tentado uma systematização das formações floristicas no estado de S. Paulo. Hoje, porém temos prompto um ensaio neste sentido para servir

Acredita, porém que sim e termina a parte sobre os campos com as seguintes frases que pedimos venia para transcrever textualmente :

«O planalto do interior do Brazil, surgiu das ondas do mar depois do periodo palaeozoico. Os grandes animaes de especies hoje

---

num trabalho provisorio de distribuição da flora no territorio paulista exclusivamente. O pequeno quadro abaixo dispensar-nos-á de entrar em explicações minuciosas.

FORMAÇÕES FLORISTICAS NO ESTADO DE S. PAULO

Adoptamos em primeiro lugar a grande divisão martiana em *Dryas* e *Oreas* e partimos das matas primitivas, seguindo por um lado até ao campo sujo e por outro até ao campo limpo. Nas formações dryasticas as transições facilmente se comprehendem pelo quadro.

Já expuzemos numa nota anterior o que pensamos sobre as denominações de *Caapueirão* e de *Caapueira*. *Carrascal* é para nós o penultimo esforço de uma vegetação pauperrima para viver num solo exhausto, mas oriundo da mata virgem derrubada, esgotado pelo cultivo e finalmente abandonado. Só póde ainda degenerar em *campo sujo* cujos caracteres floristicos são completamente diversos dos do *campo* limpo.

Caatãduva e *Cerradão* designam em S. Paulo uma e mesma vegetação, sendo um nome indigena e outro portuguez. São as matas virgens orcadicas ás quaes tambem pertencem os *Caapões* estas singulares *ilhas de mata* que consideramos restos de cerradões em lugares onde ainda um pouco de

extinctas, viveram sem duvida em condições climatericas e de meio que não differiam muito das que actualmente conhecemos. Porque desappareceram elles e qual é a causa de acharem-se em tão grande numero enterrados nos solos dos pampas? E' o que ignoramos.»

Eis o resumo do magnifico trabalho que o Dr. Warming apresentou, indicando de um modo nitido qual é o caminho a seguir para a definitiva solução dos problemas da nossa flora e sua origem, tornando patente a immensa vantagem do estudo minucioso das floras locaes.

Sendo este trabalho effectivamente a *primeira flora local brazileira*, seria de justiça e de grande conveniencia que fosse traduzida para a lingua portugueza, para enriquecer a nossa literatura botanica e servir de exemplo e guia para futuros trabalhos identicos. Esta iniciativa, porém, pertence indubitavelmente ao patriotico governo do estado de Minas Geraes.

Faltam-nos, infelizmente, os requisitos necessarios para de um modo digno do trabalho acima, completar essa noticia com algumas considerações sobre o seu grande valor scientifico, porém estamos convictos de que os leitores já devem ter avaliado o seu grande alcance, abstraidas as imperfeições da nossa exposição.

ALBERTO LÖFGREN

---

humidade se conserva no subsolo em consequencia de uma depressão subterranea na rocha e talvez sem saida.

Cerrado é a consequencia de adaptação á humidade ainda menor e portanto, maior falta de humus; é o primeiro passo para o campo, ou talvez melhor, o primeiro élo de ligação entre os extremos das formações orcadicas.

Nhundú ou *Jundú* consideramos ser o interessante cerrado arenoso do littoral que alguns autores denominam *restinga*, porém, como acreditamos, indevidamente, porque restinga significa antes o plano arenoso por detraz das dunas de beira mar, mas não a vegetação que lhes é propria. O nome de *Nhundú* ou *Jundú* é muito corrente em S. Paulo.

Caatininga ou *campo cerrado* são os cerrados claros, ou, como tambem se diz em S. Paulo, *cerrado ralo*; é o ultimo passo para a saida no *Campo* limpo, cuja transição se opera lenta e imperceptivelmente.

O *Campo limpo* é uma formação especial que para nós tem o mesmo direito de ser chamada primitiva que a mata virgem. Queriamos até chamal-a *campo virgem*, si a isto não se oppuzessem os effeitos das queimas.

UM ESTADISTA DO IMPERIO[1]

J. Th. NABUCO DE ARAUJO

XII.—A REVOLUÇÃO DE 48

Com a queda da situação liberal Pernambuco estava fadado a ser o campo de uma revolução sanguinolenta. Nem por tradições, nem por principios, os Praeiros teriam a força de animo precisa para esperarem a sua vez, como tinha feito o outro partido. Os Conservadores sempre tinham esperança no dia seguinte pela convicção de ser o seu partido um dos baluartes do throno e de não poder haver entre elle e a Corôa desintelligencia que durasse. Além disso, ao contrario do partido chamado da Ordem, a Praia dispunha da massa popular e tinha sempre promptos, esperando um seu aceno, os elementos precisos para uma revolução. Quando os liberaes foram dispensados do governo em 1841 fizeram as revoluções de S. Paulo e de Minas. Nesse tempo os Chimangos faziam politica sua, á parte do grupo liberal do Sul, que se ficou chamando Luzia, e apoiavam com todas as forças o ministerio que abafou aquellas revoltas. Era agora a sua vez; tinha chegado a occasião de resgatarem perante o partido a sua culpa de 1842. O Presidente do conselho do novo gabinete (de 29 de setembro de 1848) era o visconde de Olinda, exactamente o chefe mais graduado dos Guabirús. Ao resentimento que os Praeiros experimentaram vendo á testa da administração o homem que com o seu prestigio pessoal, durante os

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de agosto, 15 de setembro, 15 de novembro de 1895 e 1 de fevereiro.

cinco annos da situação liberal, os estorvou e ás vezes paralizou no governo e que impediu os seus chefes de entrarem para o ministerio e de se acastellarem no Senado, juntava-se para movel-os á acção a confiança do partido liberal no Imperio de que Pernambuco não toleraria o dominio saquarema e que desta vez o paiz assistiria a um movimento como fôra o do Rio Grande e não ao espectaculo da Venda Grande ou de Santa Luzia. Sob tal influencia não havia para a Praia freio que a pudesse conter; a revolução era inevitavel.

Durante esse periodo, o mais agitado da provincia, Nabuco escrevia na *União*, que substituira o *Lidador* em 1848. Neste mesmo anno fôra elle nomeado juiz do crime do Recife. Em outubro o pai lhe escrevia: «*Disse-me o desembargador Euzebio, ministro da justiça, que te mandasse dizer que elle é o teu procurador.*» O despacho seguiu-se logo. As relações de Nabuco e Euzebio, começadas na Academia tinham-se estreitado na Camara em 1843. Nabuco era agora no Recife homem da confiança de Euzebio. «*Achei tão ajuizadas as suas reflexões*, escrevia-lhe este em dezembro de 1848, *que apresentei sua carta ao Imperador.*»

A Revolução de 48 provavelmente só rebentou por se ter tido medo de mandar para a provincia, á vista da sua situação melindrosa, um homem forte. Si em vez de Penna tivessem mandado logo Tosta, ou melhor do que Tosta, que era ainda um personagem secundario e portanto menos sobranceiro a influencias de partido, Honorio, ter-se-ia talvez evitado a revolta. O estado da provincia era quasi revolucionario. A Praia, que tinha querido revoltar-se durante a propria situação liberal, quando se deu a substituição de Chichorro, não vacillaria em fazel-o estando no governo os seus adversarios. O que podia impedir o rompimento era a presença no Recife de um homem de prestigio nacional, como Honorio, que só foi mandado depois da revolução, ou Caxias. O ministerio de 29 de setembro era um ministerio energico, mas queria ser fino, e a finura é muito difficil de alliar com a força. A revolução de Pernambuco, tanto quanto se póde conjecturar sobre um facto que se deu em outras circumstancias, não teria acontecido si o ministerio, em vez de adial-a para abril tivesse dissolvido logo em outubro a Camara dos Deputados que só veiu a dissolver em fevereiro do anno seguinte. A demora da dissolução fazia os mais incredulos duvidarem da solidez definitiva da nova situação e conservava aos chefes da

agitação em Pernambuco o prestigio perigoso de deputados. Além disso o governo sabia que a ultima situação praieira tinha armado os seus partidarios para qualquer movimento que fosse preciso pôr em campo. A's autoridades da provincia tinham sido distribuidas 5.000 armas com 350.000 cartuchos [1] e foi com esse armamento que se fez a revolução.

A nomeação de Penna foi inspirada na idéa de moderação. O nomeado era tão moderado que Paula Souza tinha querido mandal-o para Pernambuco. A politica, insinuação do Poder Moderador, era a mesma que tinha presidido, excepto á de Chichorro, ás nomeações na situação liberal; isto é, a de não mandar para o Recife presidente consignado ao partido dominante, mandar homens que pudessem moderar e conter os amigos e satisfazer ás reclamações razoaveis da opposição. [2] Penna não era o homem para a situação de Pernambuco. Sentindo-lhe a fraqueza, a Praia julgou-se senhora do terreno e a revolução rebentou na sua presidencia, sendo preciso substituil-o por quem a pudesse dominar. Foi então nomeado Tosta.

A historia da revolta praieira foi escripta, dos dois pontos de vista oppostos, por Urbano, o *leader* parlamentar da Praia, e Figueira de Mello, o chefe de policia da época.

« *Homem de um orgulho incommensuravel, de uma irascibilidade procellosa, levado ao furor e ao delirio, de um coração ferino e sanguinario, homem que na Camara temporaria tinha manifestado instinctos indomitos de odio e vingança; que em seus discursos, apartes, e gestos, lançava faiscas de colera*; » é este o retrato do novo Presidente segundo o escriptor praieiro. [3] Por seu lado diz o chronista guabirú: « *Quem conheceu de perto o novo administrador, e viu a amenidade das suas maneiras, a tolerancia das suas opiniões, a sensibilidade do seu*

---

[1] Figueira de Mello. Discurso na Camara dos Deputados em 24 de janeiro de 1850.

[2] « O ministerio tinha visto, e todos os seus membros sabiam, que o paiz estava em perfeita revolta, e Pernambuco especialmente. Entretanto, como que se não capacitou de que as aguas do diluvio revolucionario estivessem na altura em que estavam e procurou pomba, a mais inoffensiva que pudesse achar, para mandal-a a Pernambuco e lhe desse noticia do ponto a que tinham chegado as ondas revolucionarias. Esta pomba não voltou com ramo verde; as ondas revolucionarias já tudo iam alagando. » J. J. DA ROCHA, na sessão de 24 de janeiro de 1850. Annaes da Camara.

[3] *Apreciação da Revolta Praieira*, pag. 65.

coração, a independencia do seu caracter e a elevação dos seus sentimentos, ficou logo convencido de que elle não podia prestar-se ao papel de algoz de uma provincia e que empregaria todos os meios brandos para restabelecer a ordem publica, antes de lançar mão dos energicos que lhe aconselhava a extraordinaria situação dos negocios. »[1]

E' preciso escolher e fundir alguns desses traços para se ter o homem. Tosta era um conservador dos raros, que tinha a religião, a monarchia, a ordem publica, a lei, como dogmas indiscutiveis. Intolerante, quando se tratava delles; exclusivista, no sentido de julgar improprio para as funcções do Estado quem os não professava, elle confessadamente o era; mas com esse aferro ao systema politico, fóra do qual tudo para elle era anarchia e talvez até sacrilegio, possuia um espirito justiceiro. A mão do politico era pesada e de ferro, mas a consciencia do magistrado era delicada e escrupulosa. Como Presidente que dominou a Revolução, elle desenvolveu grande energia, mas não houve de sua parte nenhuma perseguição nem abuso de autoridade; não concedeu uma gotta de sangue ao espirito de partido; tudo que fez fel-o para salvar a cidade, e lembrando-se que as suas deliberações, tomadas no calor da acção e no tumulto dos successos, seriam depois examinadas a sangue frio pelo Imperador, o qual não perdoava a menor vindicta nem repressão escusada.

Segundo Urbano a deputação praieira embarcou para o Recife, depois de se assentar em reunião plenaria do partido que não recorreriam a meios materiaes. O novo presidente, Herculano Penna, tinha porém que desmontar a machina eleitoral de Chichorro e a Praia não pôde tolerar essa derrubada igual á que ella havia feito em 1844 e 1845. Os deputados pernambucanos escreviam para o Rio a Nunes Machado que ficára, chamando-o á provincia para conter a exaltação dos seus partidarios. Nunes Machado acudiu logo ao chamado, mas ao chegar ás Alagôas teve a noticia do rompimento. « *Tão puras eram suas intenções*, diz Urbano, *tanto estava a revolta fóra de suas vistas e esperanças, que nos assomos da surpreza lançou imprecações contra seus amigos e alliados, e partiu na firme resolução de fazer desarmar o partido.* »[2] Nada é mais provavel do que a reluctancia de Nunes Machado em empenhar-se em uma aventura dessa ordem.

---

[1] *Chronica da Rebelliõo Praieira*, pag. 179.
[2] *Apreciação*, pag. 5.

A revolta era inevitavel, não porque os chefes politicos da Praia a promovessem, mas porque eram impotentes para dominar os seus correligionarios. « *Nunes Machado tem todas as coragens*, dizia Paraná, *menos a de resistir aos amigos*. » Ao partir para Pernambuco elle que conhecia perfeitamente o temperamento do seu partido tinha o presentimento do desastre commum. « *Não vou para Pernambuco, porque se fôr, serei victima*, » são as palavras que lhe empresta a tradição conservada entre seus amigos. [2] Elle tinha certeza de que a resistencia armada era inevitavel e de que o resultado seria fatal.

Ao pisar o sólo pernambucano o chefe que ia tudo aplacar sentiu-se vencido pelas circumstancias locaes, enleiado pelas intrigas do partido. Havia já corrido sangue, os Praieiros estavam em armas, a attitude conciliadora attribuida a Nunes Machado foi considerada pelos combatentes como uma tentativa de deserção, e espalhou-se logo o boato de que elle se tinha passado. Essa suspeita bastou para lançal-o com dupla violencia no caminho da revolução. Póde-se lêr no avulso publicado por elle logo depois da sua chegada a historia do que se passou em seu espirito, a sua resolução de evitar a luta dominada pela sua incapacidade de affrontar uma suspeita deshonrosa. [3]

Estava empenhada assim com a sua approvação a guerra civil que elle tinha todos os motivos para não querer. Elle sabia que seu partido se achava em posição fraca para tentar o movimento revolucionario. O effeito da Revolução de fevereiro em França estava gasto. O paiz vira a situação liberal de 1844-1848 nada realizar do que promettera; não tocar siquer nas leis de 1841, por causa das

---

[2] Macedo, *Anno Biographico*, 2º vol., pag. 461.

[3] « Tendo-se espalhado de hontem para cá depois de minha chegada, a mais infame noticia, offensiva da lealdade de meu caracter, como *a de que me acho inteiramente mudado de meus principios e adhiro á causa saquarema*, que por tanto tempo tenho combatido; júlgo do meu rigoroso dever declarar perante os meus comprovincianos que estou cada vez mais firme em minhas opiniões; e visto como a malvadeza do Presidente da Provincia o Sr. Herculano Ferreira Penna tem feito derramar sem nenhum motivo legitimo o sangue de meus patricios, e se dispõe a levar minha cara Patria a ferro e fogo, estou resolvido a correr todas as vicissitudes, a que porventura possa ser levada esta bella Provincia, e nem duvido offerecer minha vida si tanto fôr preciso, para salvar Pernambuco das desgraças que lhe estão propinquas. Recife, 18 de novembro de 1848.— *Joaquim Nunes Machado*. » (Avulso impresso na Typ. Imp. 1848, por S. Caminha).

quaes o partido fizera as duas revoluções de Minas e S. Paulo. Os chefes liberaes tinham caido do poder mortalmente desalentados, descrentes uns dos outros e de si mesmos. Os Praieiros só tinham um programma conhecido de todo o paiz: a idéa retrograda da nacionalização do commercio. Essa idéa, si fôsse levada a effeito, significava o retrocesso do Brazil ao estado em que se achava antes da abertura dos portos por D. João VI. Além dessa inscripção não tinham nenhuma outra em sua bandeira. Elles negavam com todas as forças que a revolução tivesse caracter republicano e realmente Nunès Machado entrou nella accentuando as suas convicções monarchicas e dizendo que só o fazia, por força maior, para libertar a Corôa da tutela de uma facção; mas era evidente que a revolução, se durasse, tinha que ser forçosamente, como a do Rio Grande do Sul, um movimento republicano de separação. Ora, nada enfraquece mais os movimentos politicos do que a certeza de que a bandeira sob a qual elles se iniciam é impropria para dar-lhes a victoria e de que mesmo em plena luta será preciso substituil-a por outra que não se quiz desde o principio arvorar. De facto, como alliado conspicuo de Nunes, apparecia agora o mesmo Borges da Fonseca que a Praia havia prendido e processado por injurias ao Imperador no tempo em que os Ordeiros eram accusados por ella de adhesões republicanas. Desta nova alliança resultou o programma, redigido por Borges, em que figuravam entre outros estes compromissos socialistas, imitação das idéas de 1848 em França, —todas as nossas revoluções foram, dir-se-ia, sempre ondulações vindas de Pariz: —« *O trabalho como garantia de vida para o cidadão brazileiro, o commercio a retalho só para os cidadãos brazileiros.* » A Praia não é inteiramente responsavel por esse programma, nada é mais certo do que a incompatibilidade pessoal dos dois homens, Nunes Machado e Borges da Fonseca; mas tambem não se póde ella eximir de o ter tolerado, nem se póde negar que os Praieiros tinham a nacionalização do pequeno commercio no sangue.

Nunes Machado julgava e previa bem. A revolução não tinha nenhum pretexto que satisfizesse a opinião; o presidente Herculano Penna não praticara acto algum que parecesse excessivo, comparado com os da administração Chichorro, e, assim como ella não tinha pretexto bastante, tambem não tinha um principio por causa do qual fosse legitimo ensanguentar a provincia. A' ultima hora, quando foi

preciso levantar uma bandeira, cedendo aos exagerados, ella levantou essa da Constituinte, que nas mãos de um partido em armas era a subversão da obra que se estava concluindo da consolidação do Imperio.

Estudando imparcialmente a marcha do paiz, não se póde deixar de estimar o desfecho que teve o combate de 2 de fevereiro. Si o Recife tivesse sido tomado naquelle dia; si a columna da Bôa Vista tivesse podido unir-se, victoriosa, á que occupou o bairro de Santo Antonio, ter-se-ia dado apenas uma tremenda e inutil mortandade, sobretudo verificada a morte de Nunes Machado. Na falta de um chefe de maior ascendente, Borges da Fonseca teria ficado senhor da cidade. A Revolução não tinha forças para sustentar-se muito tempo. O ministerio estava tranquillo quanto ao resto do Imperio. A quietação do Rio Grande do Sul era profunda depois de tantos soffrimentos. Nem em Minas, nem em S. Paulo, muito menos na Côrte, o partido liberal pensava em recorrer ás armas. A reacção de 29 de setembro de 1848, como a de 1837, correspondia a uma necessidade invencivel de repouso; o organismo abalado precisava refazer-se pelo somno. « *O resto do Imperio,* escrevia Euzebio de Queiroz a Nabuco em dezembro de 1848, *conserva-se tranquillo apezar do mau exemplo dado pela Praia; já se vê que não é por falta de vontade de certos cabecilhas, que muito desejariam fazer diversão em favor dos seus amigos Praeiros.* » Presentiu-se que essa seria a ultima das revoluções; via-se nella a lição da experiencia que faltava ao Norte, mas que já tivera o Sul, experiencia necessaria ao partido liberal para resignar-se á vez do adversario.

No desenlace da revolução praieira o que ha a lastimar é sómente a perda de Nunes Machado, obrigado como vimos a entrar nella, contra os seus presentimentos e a sua razão, por um falso pundonor de chefe popular que não quer ser suspeito á democracia.

XIII.—CARACTER DA AGITAÇÃO PRAIEIRA

Não se póde deixar de reconhecer no movimento praieiro a força de um turbilhão popular. Violento, indifferente a leis e a principios, incapaz de permittir em seu seio o minimo desaccordo, empregando sempre meios muito mais energicos do que as resistencias

exigiam, embriagando-se dos seus excessos de autoridade: tudo isto é exacto do dominio da Praia, e esses são os caracteristicos proprios da democracia. Mas a verdade é que a Praia era a maioria, era quasi o povo pernambucano todo, [1] e o povo julga o seu direito tão estenso como a sua vontade, sobretudo quando luta com as classes que se servem das delongas infinitas da lei para conservarem os seus privilegios e perpetuarem os seus abusos. Muito provavelmente a Praia representava a queixa de uma população adiantada de instinctos contra a sua triste condição. O povo pernambucano formava uma democracia de fidalgos; havia nessa plebe o sangue de muitas familias que se illustraram, durante a guerra hollandeza umas, outras na Independencia, outras finalmente pela riqueza e posição social. Pela altura das suas origens essa democracia tendia a subir, sentia necessidade de elevar-se e as condições da provincia o não permittiam; d'ahi a sua tendencia revolucionaria permanente.

O povo acreditava ter dois ínimigos que o impediam de ganhar a vida e adquirir algum bem estar: esses inimigos eram os portuguezes, que monopolizavam o commercio nas cidades, e os senhores de engenho, que monopolizavam a terra no interior. A guerra dos Praieiros era feita a esses dois elementos, o estrangeiro e o territorial [2]; mais que um movimento politico, era assim um movimento social. Ora, a difficuldade desses movimentos quando se organizam em partido está em descobrirem uma formula que os satisfaça sem ser anti-social. Uma vez levantada a bandeira, a organização torna-se quasi impossivel, porque os interesses individuaes se lhe oppõem. O partido Praieiro foi um partido sem direcção e sem disciplina, porque propriamente não foi sinão um movimento de expansão popular. Os chefes deixavam levar-se pelo instincto das multidões que formavam o seu sequito, em vez de guial-as e de procurar o

---

[1] O visconde de Camaragibe disse uma vez ao conselheiro João Alfredo que a Praia tinha tirado aos conservadores nove decimos de população, e que o cavalcantismo tinha degenerado pelo crime dos feudatarios, senhores de engenho.

[2] « Acabe-se de uma vez com a introducção de africanos e com a influencia politica que exerce no paiz essa raça de estrangeiros que o Brazil será salvo.» Nunes Machado dissera na Camara.

modo pratico de satisfazer, na medida do possivel, o mal estar que ellas sentiam sem o saber exprimir.

Os Praieiros têm uma historia politica singular. Elles não eram liberaes doutrinarios, como foram posteriormente os liberaes de Pernambuco. Durante a situação liberal de 1844—1848 a sua principal e mais intima alliança na côrte foi com a chamada *facção aulica.* Quando o Conselheiro Luiz Antonio Barbosa proferiu na Camara a sua oração contra «*o circulo traçado pelos cortezãos em roda do throno*», foi Nunes Machado [1], foi Urbano, quem lhe saiu ao encontro, dizendo que não *acreditavam em nada disso.* A deputação praieira votou as leis do Conselho de Estado e de 3 de dezembro, que os Luzias consideravam o padrão do despotismo retrogrado e contra as quaes os Feijós e os Vergueiros aconselharam a revolução armada. Elles guiavam-se pela estrella politica de Aureliano. Tinham essa mistura de impulsos democraticos e de instinctos palacianos tão commum em nossa raça. Apezar do talento de alguns dos seus chefes, nunca se viu um partido mais inexperiente. Da incapacidade politica da Praia não é preciso outra prova sinão a de só se ter ella indentificado com o preconceito vulgar da nacionalização do commercio. Foi essa a unica idéa que ella nos deixou. No todo não eram nem os restos do antigo republicanismo de 1824 e de 1831, nem um nucleo liberal; o que elles encarnavam era o descontentamento sem formula concreta, sem consciencia do que o póde satisfazer. Por isso a democracia pernambucana pôde sempre ser facilmente captada e illudida, mas não achou nunca quem a encaminhasse para o seu destino. Fazendo Nunes Machado commetter um suicidio inglorio numa revolução que elle reprovara, ella fere-se a si mesma mortalmente.

Nunes Machado ficou sendo até hoje o idolo popular pernambucano, a memoria querida por excellencia. Pedro Ivo, na tradição republicana, o eclipsa, mas no coração do povo não compete com elle, cujo nome será o ultimo a morrer. E' que o povo perdôa aos que se

---

[1] E mais tarde, na sessão de 1848, a famosa tirada: «O paiz não acredita nesse mexerico, o paiz só reconhece os poderes estabelecidos na Constituição, tudo isso a que se dá o nome de entidades de reposteiros, todas essas imposturas e mentiras, toda essa joanna, esses farricocos, frades, padres, adherentes, tudo isso são cascalhos, são coisas que não existem, são miseraveis reptis...»

parecem com elle, e Nunes Machado é a expressão das qualidades e dos defeitos pernambucanos. A sua politica, se lhe tivessem deixado livre o campo, nunca teria melhorado, porém, só peiorado a condição do povo. A Praia morreu com elle, por ser elle de todos os seus homens o unico que podia imprimir ao movimento um cunho de generosidade.

De um ponto de vista superior, Nunes Machado não merece viver no coração pernambucano mais por exemplo do que o seu adversario de tantos annos, o barão da Bôa Vista. Para o Pernambucano que se collocar fóra dos partidos o preito simultaneo a um e a outro é tão natural como a Fernandes Vieira e a Mauricio de Nassau. Houve por certo exclusivismo no dominio Cavalcanti, e por esse motivo o partido perdeu a força com que começou, mas os homens que sairam dessa escola politica eram os mais aptos para dirigir uma sociedade bem composta. O que caracteriza esse partido não é a desconfiança do povo e da democracia; os mais velhos desses homens tinham sido até revolucionarios. Si um Muniz Tavares ou um Venancio de Rezende, conhecidos por suas tradições de 1817 e da Constituinte, passava para o partido da Ordem, os Praieiros gritavam contra a *apostasia*; entretanto esses homens não mudavam de sentimentos, trocando de partido; elles o que faziam era mostrar que o partido popular perdia o seu primitivo caracter e mudava as suas affinidades todas. Em 1817, por exemplo, fôra a camada superior da sociedade pernambucana, as antigas familias, os senhores de engenho, os ricos proprietarios, os que mais se apaixonaram pela Independencia e pela revolução. Os que restavam dessa geração não podiam partilhar os principios nem adoptar as maneiras da secção extrema da Praia. Cada palmo que os jacobinos conquistavam sobre o liberalismo conservador, em que se formaram os homens do periodo constitucional, produzia uma defecção das fileiras praieiras para as da Ordem. E' duvidoso si a massa do partido em 1848 não estava já convencida da insuficiencia dos seus chefes. Mais tarde os principaes Praeiros ou sentirão, como Urbano, o cançaço e o desgosto da politica, ou, como Lopes Netto e Felix Peixoto, deixar-se-ão fascinar pelas seducções da realeza a que sempre foram sensiveis, ou finalmente, se reconciliarão com os seus antigos adversarios, como Abreu e Lima, Feitosa, Luiz Cesario do Rego e tantos outros.

XIV.—EFFEITOS DA REVOLUÇÃO

A revolução pernambucana foi um erro depois unanimemente lastimado. Ella foi condemnada antecipadamente por Nunes Machado, [1] julgada prematura pelo proprio Borges da Fonseca, [2] pelos Praieiros todos que, accusando-se uns aos outros de perfidia, afastavam de si a responsabilidade. [3] Para o partido liberal do Imperio ella foi um grito geral de *sauve qui peut*. Elle separou a sua sorte da sorte dos Praeiros, no momento quasi em que acabavam de defender a revolução na Assembléa Provincial do Rio e no *Correio Mercantil* os seus mais brilhantes talentos como Salles, Paranhos. [4] Foi o desastre de 2 do fevereiro que dissolveu o partido liberal antigo, que de facto o fez desapparecer da scena durante o espaço de uma geração, e quando resuscitou transformado, elle tinha por chefes os seus adversarios de 1848.

A revolução de 1848 em Pernambuco podia ser desejada pelo partido conservador, tão proveitosa lhe foi. O erro politico foi enorme. Si os liberaes se tivessem simplesmente resignado a esperar a sua vez, a situação para o partido que subira teria sido quasi insustentavel na provincia. O exclusivismo da pequena aristocracia Cavalcanti era detestado em Pernambuco. As exigencias do partido eram excessivas e não seriam attendidas na Côrte. Os deputados conservadores de Pernambuco teriam que representar na Camara o mesmo papel de

---

[1] «Tanto estava a revolta fóra de suas vistas e esperanças, que nos assomos da surpreza lançou imprecações contra os seus amigos e alliados e partiu na firme resolução de fazer desarmar o partido.» Urbano, pag. 5.

[2] «Quando se quiz tratar a revolução que rompeu no dia 7 de novembro de 1848 consultado por meus amigos disse-lhes: é prematura, porque nem temos munição de guerra, e nem ao menos o accôrdo da Parahyba e de Alagôas.» Manifesto, de 27 de Março de 1846, em Figueira de Mello, pag. 386.

[3] «A columna occupa o bairro desde a ponte da Bôa Vista até a ponte do Recife e espera já pelo concurso que lhe promettera o perfido *Felippe Lopes Netto* que fôra o que mais solicitára o ataque da capital, já pela columna da Boa Vista, que tinha menos obstaculos a vencer.» Borges da Fonseca, *O Republico*, 2 de fevereiro de 1854.

[4] «Não se podia justificar a revolta, a nação não approvou-a; meus desgraçados amigos têm portanto de ceder.» Discurso na Assembléa do Rio, do Dr. Thomaz Gomes dos Santos, em 19 de Março de 1849. Thomaz Gomes tinha sido indicado para presidente de Pernambuco pela Praia quando foi nomeado Costa Pinto.

incontestaveis, de elemento fluctuante, que os Praieiros desempenharam no primeiro decennio do reinado. Com alguma habilidade, a Praia tornar-se-ia o centro da opposição liberal, o nucleo da situação futura. Em vez disso a infeliz revolução veiu licenciar o partido no resto do paiz e dissolvel-o na provincia.

O effeito do 2 de fevereiro em Pernambuco foi profundo e duradouro; os capitaes e os braços fugiram; os portuguezes julgaram-se ameaçados vendo-se suspeitos; as industrias ficaram paralizadas; a miseria augmentou entre a pobreza. Diante da nova situação os homens abastados, tendo visto que os Praieiros eram indifferentes á sorte de sua propriedade e de suas vidas, pensaram em aproximar-se uns dos outros. Um espectador das lutas da provincia, cujo espirito lucido o conservou sempre imparcial entre os partidos, mesmo quando os acompanhava, descreve assim a transformação que se deu em Pernambuco, depois de assignalar *o odio da maioria da provincia ao predominio esclusivo de meia duzia de homens :*

« *A tolerancia geral do predominio abusivo que lhe succedeu foi por muitos annos resultado natural do cataclisma com que os revolucionarios constituintes ameaçavam o Brazil. Os homens pacificos e desapaixonados da lavoura e do commercio, os desinteressados nas lides pessoaes da politica, viram as fontes da producção ameaçadas, temeram que as paixões adrede sobreexcitadas chegassem a pôr em risco a propriedade, presenciaram o afugentamento dos braços e dos capitaes e o subsequente definhamento das industrias, cairam em si, viram o caminho errado por onde estranhas ambições os guiavam, resignaram-se á prepotencia administrativa, como antidoto do veneno que girava na atmosphera revolucionaria. Elles e só elles, pelo arrependimento de uns, pela inercia de muitos e pela valiosa coadjuvação de alguns, foram os verdadeiros vencedores da Revolução.* [1]

O predominio absoluto do partido conservador em Pernambuco até 1864 foi o resultado do desastre de 2 de fevereiro. [2]

JOAQUIM NABUCO

---

[1] *Noticia biographica do Conselheiro F. X. de Paes Barreto,* pelo Dr. J. J. de Moraes Sarmento, pag. 25.

[2] « Não se desse a revolução de 1848 e os predominios pessoaes de quatorze annos seriam absolutamente impossiveis.» Sarmento, *Ibid.* pag. 26.

INDUSTRIAS EXTRACTIVAS[1]

I—DA INDUSTRIA EM GERAL

Antes de começar o estudo da «industria extractiva», vejamos o que rigorosamente se deve entender por «industria»; assumpto sobre o qual os especialistas não chegaram ainda a um accordo completo.

Etymologicamente, este nome vem do latim antigo *endu* ou *indu* para dentro, e *struere*, construir; porque a industria se limitava então á construcção de objectos e utensilios para o interior das habitações. Esta accepção teve depois latitude muito maior. Para Dupiney-de-Vorepierre, «industria» quer dizer, em rigor, «destreza para fazer alguma coisa». Alguns outros modernos especialistas, attendendo á difficuldade de distinguir a «industria» propriamente dita das outras artes, definem: «todas as operações que concorrem para a producção das riquezas».

Este modo, aliás pratico, de considerar a materia causa certa confusão; porque comprehende nella a Agricultura e o Commercio. Em economia aquelle vocabulo é quasi synonymo de producção. Em linguagem vulgar é «qualquer profissão mecanica ou mercantil que se exerce para viver». Emfim, no sentido mais commum da expressão, aquelle vasto ramo dos conhecimentos humanos

---

[1] Este estudo foi elaborado para uma conferencia que por convite do Presidente da Commissão da recente Exposição Industrial, devia o A. fazer durante a mesma exposição, conferencia que se não realizou.

N. DA R.

—«é a arte de transformar e apropriar as materias primas dos tres reinos da natureza ao uso, goso e conservação do homem». Esta definição, embora preferivel ás precedentes, considera apenas como industria a manufactureira, com exclusão indebita da extractiva, que, entretanto, é a origem de todas as outras.

Na rigorosa accepção da palavra, industria é a arte que ensina o homem a utilizar-se dos productos naturaes, a transformal-os em objectos para uso e gozo do mesmo, graças a processos chimicos mecanicos, ou outros. Quanto á origem historica, a «industria» começou, com o primeiro homem, portanto, como admitte a grande maioria dos especialistas, no periodo *quaternario* do nosso Globo, onde elle vivia a principio nú e á sombra das arvores. Reconhecendo depois, que a habitação troglodita ou das cavernas era preferivel, como a tinham os numerosos ursos, tigres e hyenas que o rodeavam, e precisando para isso desalojal-os d'ali, teve que lutar sem treguas contra estes, inimigos muito superiores em forças; d'ahi a necessidade de inventar e fabricar instrumentos apropriados ao fim, servindo-se para isto da materia prima resistente que encontrava ao redor de si (o silex e outras pedras duras), que eram lascadas por meio tambem de pedras, até que conseguiu dar a fórma desejada; motivo porque aquella época anthropologica recebeu o nome de— *idade da pedra lascada.*

De posse das cavernas e nellas abrigado, cobriu sua nudez com a pelle dos animaes que matava, e começou a fazer novos instrumentos, um tanto mais aperfeiçoados nas fórmas, como no modo de preparal-os; pois eram de *pedra polida* ou lisa; os cortantes apresentavam gume, como eram as machadinhas destinadas a cortar lenha e as facas, etc.; os outros, como serras, furadores, pilões, pedras de moer, etc., eram comparativamente muito perfeitos.

Começou a fazer ornatos (collares, pulseiras e outros) a principio de pedra, depois de marfim das defensas do mammouth, grande proboscidio, seu coévo, e depois de chifres de renna, na chamada *época da renna* pelo grande numero destes ruminantes que o rodeavam, e prestavam-lhe então os mesmos serviços que actualmente o boi.

Do choque da pedra uma na outra, resultou a scentelha, que casualmente e em grande numero caindo sobre a herva secca que lhe servia de leito, fêl-a arder: desta primeira fogueira veiu a

descoberta do fogo, por meio da qual, elle conseguiu afugentar as feras que á noite o procuravam atacar; depois veiu a idéa de assar a carne para evitar que se putrefizesse, como de ordinario.

Na época do *homem lacustre*, este, procurando evitar as féras, que ainda o perseguiam, construiu solidas pontes de madeira e enormes jangadas, sobre as quaes fez habitações, onde passava as noites afastado das margens das vastas lagôas, e ahi pescava e mariscava; como se vê dos objectos encontrados nos lagos da Suissa e de alguns pontos da Alta Italia (rêdes, linhas, anzoes, arpões, restos de pontes, etc). Em terra construiu em diversas épocas seus *dolmens* e *meio-dolmens*, *tumulos*, *kamleks*, *alinhamentos* e *menhirs*, etc., monumentos feitos de pedras, algumas das quaes collossaes monolithos. Nos *fiords* da Dinamarca e de outros paizes do norte da Europa encontram-se collinas ali chamadas *kjoekken-moeddings*, feitas pelo homem prehistorico com cascas de ostras, ossos e outros restos de comida, isto durante seculos, e hoje exploradas para a fabricação da cal. No Brazil, onde as estudei em Santa Catharina e Paraná, chamam-lhes *sambaquis* e no norte *ostreiras* ou *casqueiros*, segundo Beaurepaire Rohan.

Na época denominada *cainozoica* (nome tirado do de *Tubal-Caim*, que passa por ter sido o primeiro homem que trabalhou em metaes) apparece a industria destes, principalmente do *bronze* e *cobre*, e depois do *ferro* (*idades do bronze e do ferro*), com que elle fabricava seus instrumentos de ataque e defesa para combates parciaes e geraes, utensilios para usos domesticos, já então numerosos, além de collares, pulseiras, anneis e outros ornatos (alguns delles de ambar).

Assim successivamente progrediu a sua industria de artefactos, até que, na *época historica*, houve differentes descobertas e applicações de motores, a principio animados, depois por meio da agua e do ar, do vapor em substituição do braço operario, e emfim da electricidade. E' da phase do vapor que entendem alguns rigoristas deve começar verdadeiramente a «industria», auxiliada pela divisão do trabalho methodico, e depois pelas *exposições*, e pelos grandes *premios de animação*, etc.

Ensinam a historia da humanidade e a geologia, que o homem, depois de explorar o solo em que vivia, e, impossibilitado de continuar a se aprofundar pelo seio da terra, em virtude do calor cada

vez mais crescente devido á pyrosphera central, cujos minereos entretanto, elle poude estudar e explorar nas lavas e noutras rochas vomitadas pelas cratéras dos vulcões em actividade, como nas dos extinctos, de muitas das quaes se utiliza, dirigiu suas investigações para o *envoltorio aereo*, em que se acha immerso. Delle utilisou-se, como força motriz, para a navegação á vela e para os moinhos de vento.

O oxygeneo, elemento vital do mesmo ar, foi tambem utilizado na industria, seja para, por meio de machinas apropriadas ser convenientemente injectado nos pulmões em certos casos pathologicos, seja introduzido, por meio de propulsores para o interior dos altos fornos, seja para os maçaricos oxhydricos, produzindo altissima temperatura, que permitte a fusão de mineraes, infusiveis pelos outros meios conhecidos, etc. O gaz-carbonico foi, e é tambem utilizado em certas industrias; por exemplo na ustulação do chumbo e do zinco para a fabricação dos alvaiades. A navegação aerea, um dos grandes problemas da actualidade, tem por um de seus factores e mesmo por base de seu calculo o coefficiente de resistencia do ar.

O homem explorou, emfim, e continúa a explorar os vastos oceanos e mares, desde a superficie, até suas profundidades; percorridas aquellas pelas embarcações de toda especie, e de marcha cada vez mais rapida, graças ao vapor e aos progressos da industria naval, e que levam de umas para outras regiões os productos da civilização. Além disto, extrai o sal commum, alimento indispensavel á saude dos animaes.

Nas grandes profundezas tapetadas por florestas e relvados de algas, elle extrai umas como os varechs, a *Iridœa edulis*, *Halimenia edulis*, *Alaria esculenta* ou *Laminaria esculenta*, o *agar-agar* da Asia Oriental ou alga de Java (*Geldum corneum* Lamx, ou *Gracilaria spinosa*) e tantas outras para alimentos; diversas outras como a *Laminaria saccharina*, para adoçar os alimentos dos habitantes das costas banhadas pelo Oceano Glacial Arctico e suas dependencias. Outras servem para estrumar o sólo, etc. Varias são medicinaes como a *Coralina officinalis*, a *Gigartina helminthococton*, o *Fucus crispus*, etc.; outras fornecem colla para usos da marcenaria e carpintaria outras muitas são queimadas em lugar da lenha que é, bem como o carvão, rara naquellas regiões.

A soda é dos productos fornecidos á Industria pelas algas marinhas o mais precioso; sendo obtido pela incineração e por processo chimico elementar. Este principio entra na composição de grande numero de medicamentos diariamente prescriptos pelos medicos (iodêtos, bicarbonatos, bromêtos do sodio e outros): além disto, a soda constitue a base dos sabonetes e sabões finos, duros e hygienicos para a barba e outros usos do homem. As algas marinhas encerram tambem iodo e bromo em combinação com aquella base; como na *Polysiphonia atro-rubens* e outras. Os sargassos contêm phosphoro.

Não é só isto, o homem da sciencia, tendo encontrado nos antigos mares geologicos em algumas regiões da Russia, por exemplo, certos corpos petrificados, de fórma original, aos quaes a paleontologia denominou, com razão, *Coprólitos* (excrementos petrificados), porque são na realidade materias excrementicias fosseis, encontradas nos intestinos dos ichtyosauros e de outros grandes animaes saurios existentes outr'ora nos ditos mares e nas costas por estes banhadas nos antigos terrenos chamados *jurassícos*, explorou e explora essas materias para usos agricolas, como adubos phosphatados de grande utilidade.

Outra importante industria extractiva, tambem de origem animal, explorada em lugares banhados pelos mares, é a do *guano* chamado peruviano ou peruano, por ser muito abundante nas ilhas Chinchas e noutras do Pacifico pertencentes ao Perú. O *guano* é o excremento das gaivotas, alcatrazes, procellarias e outras aves maritimas accumulado durante seculos nas ilhas desertas, e nos rochedos onde essas aves pernoitam e descançam. Tão lucrativa é esta industria extractiva, que constitue uma das maiores fontes de renda daquella republica sul-americana, e lhe tem sido uma valiosa garantia para suas dividas, por mais de uma vez.

Nós possuimos, posto que em muito menor escala, guano natural, por exemplo na ilha da Rata (archipelago de Fernando de Noronha), e bem assim nas ilhotas—(Pico de Adão, Alcatrazes, Montão de Trigo e outras) proximas da barra de Santos (estado de S. Paulo), como na Trindade, etc. Este producto brazileiro não é tão precioso, porém, como o peruano, por causa das chuvas torrenciaes intertropicaes, que o lavam, levando certa proporção da parte soluvel, e não o deixam accumular em espessas camadas, como naquella zona geographica do Pacifico; entretanto é tambem util.

Nas costas batidas constantemente pelas ondas desaggrega-se o quartzo das rochas das penedias, e transformam-se em areias finas, que são exploradas na industria do vidro e do cristal, etc.

Bastam estes exemplos de diversas industrias extractivas, para fazer comprehender sua importancia e vastidão, e que é impossivel estudal-as todas em espaço tão exiguo; pelo que me limitarei a citar alguma das mais notaveis, de preferencia as brazileiras; sobretudo as ainda não exploradas, ou pouco exploradas; dividindo o assumpto em tres grupos :—dos *mineraes*, dos *vegetaes* e dos *animaes*.

II—CLASSIFICAÇÃO DAS INDUSTRIAS

A base de todas as industrias é a extractiva, que fornece as materias primas ás seguintes outras, segundo a maioria dos autores: *Agricola*, ou agricultura, que explora essas materias primas, empregando processos industriaes de preparo do sólo, plantação e colheita, com o fim de multiplicar os vegetaes e animaes uteis, augmentar os productos mais importantes ao fim á que são destinados, e destruir os prejudiciaes, etc. *Manufactureira*, (ou *industria* no sentido mais rigoroso da expressão), que dá as fórmas desejadas ás materias primas, por meio do trabalho manual, ou de machinas apropriadas. Comprehende a *Technologia*, na parte especial que ensina a preparar e aperfeiçoar as materias primas, de accôrdo com a procura e gosto do consumidor e o *Commercio*, que tem por fim escolher e comprar ao productor, directa ou indirectamente, os productos ou artefactos; facilitando a procura de comprador e vice-versa, mediante lucro para si. Muitas vezes o productor é o proprio negociante de seus artefactos, ou de suas colheitas.

Tal classificação das industrias embora geralmente aceita, é abstracta, e, como bem diz o Sr. de Vorepierre, tem o inconveniente de não corresponder ás divisões praticas estabelecidas por especialistas de renome, e de accôrdo com os progressos da civilização. Outros denominam as industrias, conforme os productos fabricados (*de tecidos, ceramica, de machinas, de calçado, de chapéos, de joias, etc*,) classificação que tambem não é scientifica, embora pratica e muito usada. Alguns as classificam segundo as materias primas empregadas (*industria de metaes, de fibras, de madeira, de*

couros, de leite, etc.,) tambem pouco scientifica, porém até certo ponto aceitavel, e constando de divisões da manufactureira e da agricola. Modernamente, alguns têm admittido, com certa propriedade a — industria das bellas artes, isto é, a reproducção mecanica, ou physico-chimica de estatuas, quadros e outros objectos de arte de valor, de modo a tornal-os de preço modico (*bronzes artisticos, oleogravuras, photogravuras, etc*).

Outra classificação geral, que não me parece aceitavel, é a que se baseia nas profissões á que são destinados os productos (*industrias cirurgica, dentaria, naval, militar e outras*).

Seja-me permittido abrir um parenthesis, para declarar, que é abuso, por occasião das exposições da Industria, exhibir armas e outros instrumentos bellicos. Estes productos, por nenhuma razão devem ali figurar ao lado dos outros; por faltarem-lhes para isto a condição indispensavel de ter por fim *o uso, goso e bem estar do homem.* Só deveriam ser admittidas nesta secção as armas e material de caça. Ninguem sustentará, com a boa razão de seu lado que os colossaes Krupps expostos pela cidade operaria de Essen, como os Armstrong, os diversos canhões de tiro rapido, metralhadoras e as innumeras outras armas, que em minutos reduzem a fragmentos inertes a flor da mocidade belligerante, sirva para *goso e bem estar do homem*!

Não satisfaz o sophisma em que se baseam as potencias militares que sustentam a utilidade das machinas de guerra, por causa do *si vis pacem para bellum*, nem o dos que acreditam que, si a industria chamada *militar* aperfeiçoar por tal modo as armas de guerra que as tornem muitissimo dispendiosas e desastrosas, raras potencias poderão declarar ou aceitar a guerra, e, portanto, esta acabará por desapparecer da civilização!

Isto se disse e escreveu por occasião do celebre Congresso da Paz na Europa, quando, como hoje, esta se achava militarizada e transformada em um vasto acampamento; congresso no qual o genial Victor Hugo, propondo o desarmamento dos exercitos e a creação de tribunaes arbitraes, internacionaes disse — «nutrir a esperança de que viria uma época, não remota, em que as armas de guerra figurariam nos musêos como objectos de curiosidade, ou como documentos que attestassem a marcha da civilização sob a barbaria das gerações passadas!» Esta philanthropica e civilizadora

esperança infelizmente não se realizou, nem se realizará pelo menos tão cêdo, e as potencias militares continuarão a esgotar os seus melhores recursos materiaes, e a perder seus filhos mais validos em exercitos permanentes, na espectativa antipathica de constante paz armada !

Lavrado este protesto, lembrarei que a «industria extractiva» fornece tambem á militar materias primas preciosas, entre as quaes madeiras leves resistentes e inatacaveis pelos xylophagos, e proprias para coronhas de espingardas, rodas de carretas para artilharia e material de transporte de guerra, além do ferro, nickel, alluminio, cobre e outros metaes para artilharia, cartuchame, etc. Fornece tambem madeira e outras materias primas para padiolas, leitos e carrêtas de ambulancias, de munições de bocca, fogões e outros objectos destinados aos soccorros dos feridos nos campos de batalha e nos hospitaes.

Houve quem admittisse *industrias immateriaes;* expressão contradictoria; pois dizer industria é dizer *trabalho e materia;* entretanto J. B. Say e outros sustentam aquella denominação, e Dunoyer, disto se occupando, comprehende nesta parte:

1º as artes que têm por objecto o *aperfeiçoamento physico* e a *conservação do homem* (gymnastica, dança, natação, hygiene e medicina em geral, etc.);

2º as artes que concorrem para a *cultura da imaginação e das faculdades estheticas* (architectura, esculptura, pintura, em uma palavra as bellas-artes, e até a poesia);

3º as artes que concorrem para a *educação das nossas faculdades intellectuaes* (sciencias, literatura e ensino);

4º as artes que concorrem para o *aperfeiçoamento de nossos habitos moraes* (sacerdocio, governo, etc.)

Tal classificação é inaceitavel, quanto a mim; pois abrange todos os conhecimentos humanos. A' vista das razões e da ligeira critica que acabo de fazer, julgo-me na obrigação de dizer o que penso a respeito da *classificação das industrias.*

Embora não a considere isenta de senões, proponho a seguinte, que me parece aceitavel:

1.º *Industria extractiva*—a mais simples e geral, que tem por fim tirar dos tres reinos da natureza, e preparar, independentemente de processos chimicos e de machinas especiaes, as *materias primas*

destinadas ao uso e goso do homem, e alimentação dos animaes domesticos e de utilidade.

2.º *Industria chimica*, que analysa os productos obtidos da *extractiva*, dos quaes separa os diversos principios activos, e ensina suas propriedades e applicações. Assim, da canna de assucar e da beterraba prepara o *assucar* e o *alcool*; do café prepara a *cafeina*, a *cafeóna*, etc.; da uva prepara o *vinho*, o *vinagre* e o *alcool*; do carvão de pedra extrai as *côres da anilina*, o *gaz de illuminação*, a *parafina*, o *alcatrão*, o *creosóto*, o *acido phenico* e seus derivados e compostos; das cascas de quinas, extrai a *quinina*, *chinchonina* e outros alcaloides; das gorduras, extrai a *oleina*, *magarina*, *stearina*, *glycerina* etc.

A importancia da industria chimica é immensa; basta lembrar as descobertas dos *anesthesicos*, por meio dos quaes o homem soffre sem dôr e sem consciencia as mais terriveis operações cirurgicas, os *antisepticos*, graças aos quaes abrem-se as cavidades do corpo humano para as operações de alta cirurgia, sem que se manifestem as molestias terriveis inevitaveis sem esses anti-scepticos, devidas a germens pathogenicos, e evita-se a sua transmissibilidade; a conservação dos alimentos, com o que se evita a fome, e os males inherentes á alimentação com substancias alteradas.

Grande numero de alcaloides, glycósides e outros principios medicinaes, com que combatemos nossas molestias, é ainda á industria chimica que devemos, bem como as bellas materias corantes, de origem vegetal, como o *anil*, a *brazilina*, o *carthamo*, *a cúrcuma* e tantas outras, ou de origem animal, como a *purpura*, *o carmin*, a *sépia*, etc.

3.º *Industria manufactureira* (ou *mecanica*, segundo alguns),— aquella que, pela mão do artifice, ou melhor, por meio de machinas, ou apparelhos mais ou menos completos, transforma as ditas materias primas extractivas em artefactos diversos para uso e goso do homem (moveis, carruagens, wagons, ornatos etc.)

4.º *Industria physica*, que applica ás materias primas a acção do *calórico*, da *luz*, do *vapor*, do *magnetismo*, da *electricidade* e dos demais agentes physicos, ou fal-os actuar por si.

Quem não sabe que o calórico, desde o brando, que nos aquece pelo inverno e cose nossos alimentos até o que funde os metaes para transformal-os em machinas e noutros objectos uteis é um elemento industrial physico de primeira ordem, e que é elle que faz ferver a

agua e produzir o vapor que substitue milhões de braços e outros motores animados; podendo transformar os movimentos intermittentes em continuos, graças ao emprego do parallelogramo articulado?!

A' luz, que nos dá a felicidade de podermos prolongar as horas de trabalho e de vida social e domestica, devemos a photographia, photogravura, phototypia, que reproduzem fiel e rapidamente os objectos de que desejamos ou precisamos conservar retratos ou cópias

O magnetismo cuja enorme utilidade poderia ser resumida na bussola, sem a qual fôra impossivel a navegação no alto mar, fornece-nos diversos apparelhos para usos scientificos geraes e medicos.

A electricidade, este moderno colosso á que chamarei o—Hercules-Prothêo, pela sua enormissima força, e pelas multiplas modalidades de apresentar-se, ora sob a fórma de faisca, fulminando, ou fazendo explodir as machinas de guerra e as minas, contendo fulminatos, ou polvora, e despedaçando rochedos colossaes; ora docil e submissamente obedecendo á vontade do physico, que a transforma em luz intensa comparavel a 1/10 da solar, ora em força, para auxiliar varias e modernas industrias, artes e sciencias, e para locomover comboios e embarcações; ora, emfim, como portador velocissimo de nosso pensamento e palavras de um a outro extremo da Terra e até de nossa voz, por meio de apparelhos especiaes, além de outras muitas applicações!

Cada um dos quatro grupos precedentemente mencionados póde conforme os fins a que são destinados, receber nomes especiaes (pharmaceutica, textil, de tinturaria e outros).

Dr. J. M. Caminhoá

(*Continúa*)

O PADRE JOSÉ MAURICIO[1]

VI

No dia 22 de setembro de 1767, nesta hoje Capital Federal, outr'ora muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, nasceu o nosso illustre compatriota numa casa, segundo nos informa o Sr. Dr. Moreira de Azevedo[2] da rua da Valla, actualmente Uruguayana. Trouxe, como diz o povo, o nome do santo, 22 de setembro consagrado a S. Mauricio.

Por sentença de habilitação *de genere* passada em favor de José Mauricio a 27 de junho de 1791 pelo padre Manoel dos Santos e Souza, secretario da Camara episcopal e assignada pelo Dr. Francisco Gomes Villas Boas, deão da Sé, vigario geral e provisor do bispado, vê-se que elle fôra baptisado na antiga Sé ou Cathedral, agora igreja do Rosario, e que seu pai Apollinario Nunes Garcia era natural da ilha do Governador, freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, e sua mãi Victoria Maria do Carmo baptisada na capella de S. Gonçalo do Monte, filial da matriz de Nossa Senhora do Rosario, freguezia da Carvoeira, bispado de Mariana (Minas Geraes). Pelo lado paterno descendia de uma familia estabelecida em Irajá, pelo materno, de uma crioula de Guiné, costa d'Africa.[3] O enlace foi feito de accôrdo com as leis da igreja, facto digno de nota naquella época entre pessoas de côr e de condição humilima.

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de novembro, 15 de dezembro, 15 de janeiro e 15 de fevereiro.

[2] *Revista do Instituto Historico*, Tomo XXXIV, pag. 233.

[3] Não sabemos de onde Porto Alegre tirou tão especificada informação.

Engana-se, pois, o Dr. Moreira de Azevedo, quando affirma que os progenitores eram ambos naturaes da então capitania de Minas Geraes, induzido, aliás, em erro pela noticia necrologica que o *Diario Fluminense* publicou a 7 de maio de 1830 [1] e devida á penna do conego Januario da Cunha Barbosa —mais uma fonte de consulta a que recorreremos, embora nella á farta tenham colhido Porto Alegre e Moreira de Azevedo.

Com a tenra idade de 6 annos, perdeu José Mauricio, em 1773 o pai.

Tornaram-se, pois, necessarias toda a coragem e dedicação por parte da extremosa mãi, pobre filha de escrava, ajudada pela mais fiel das irmans, para que o infausto successo não impedisse o andamento regular da educação do orphãosinho. Foram essas duas valentes mulheres que, por meio do seu trabalho diario, talvez a lavar e a engommar para fóra, se empenharam em mandar ensinar-lhe a ler e a escrever além das quatro operações arithmeticas e não pequenos esforços empregaram para que fosse crescendo em certa roda de meninos mais ou menos morigerados, não em malta de vagabundinhos, e pudesse assim pelas suas aptidões, de prompto reveladas, recommendar-se ao interesse e á attenção dos mestres e das pessoas generosas.

Dotado de voz muito afinada, começou, com effeito, a manifestar tão grande vocação pela musica, que, sem ter dessa arte os mais simples rudimentos, tocava de ouvido viola de cordas metallicas e violão, a ponto de a todos causar admiração. Contam que, do mesmo modo e desde os mais verdes annos, improvizava no cravo e no piano. Como, porém, naquella época, de 1779 a 1790, taes instrumentos deviam ser muito raros no Rio de Janeiro, d'onde nunca saíu José Mauricio, não é provavel que, desprovido de meios e naturalmente timido para frequentar casas que os possuissem, tivesse ensejo de nelles patentear o seu talento nativo de improvizador sinão bastante tempo depois, quando a sua reputação de musico lhe proporcionou occasião de tel-os mais a mão.

Nos fins do seculo passado e principalmente numa colonia como o Brazil, alvo da cobiça estrangeira, que muito fez para ceval-a em

---

[1] Tomo I.

qualquer ponto da sua vasta extensão, e por isto mesmo segregados do mundo inteiro pelo melindroso zelo da metropole, qualquer educação caminhava com extrema lentidão e a esbarrar com innumeros tropeços, superados tão sómente pela muita ambição de saber e irresistivel inclinação. Com tal imperio actuaram estas duas forças em José Mauricio que, afinal, pôde elle matricular-se na aula de musica dirigida por um pardo chamado Salvador José, onde em pouco tempo os mais surprehendentes progressos o collocaram muito adiante dos discipulos que tambem ouviam as lições daquelle mestre.

Incontestavel e muitas vezes comprovada é a vocação peculiar aos homens de côr preta e principalmente mestiços para as artes liberaes. Ha, entretanto, exageração e não pequena no que geralmente se assevera e importante resalva a fazer-se — aprendem com effeito depressa, suscitam grandes esperanças aos professores, parecem dever percorrer brilhante e rapida carreira, mas, chegados a certo ponto, param, estacam e retrogradam por modo sensivel, de maneira que existencias que promettiam scintillantes fulgores se atufam, as mais das vezes, na obscuridade e no esquecimento. Raros, rarissimos preenchem, como José Mauricio, os destinos que se afiguravam seguros aos admiradores das primeiras manifestações artisticas.

E o que dizemos em relação á musica, applica-se tambem á pintura. Muitas vezes ouvi meu pai, professor da Academia das Bellas Artes e seu director até 1851, falar nas decepções que experimentara em relação a rapazes, cujos ensaios iniciaes haviam provocado grande interesse. « *Encore un*, costumava elle dizer, *qui a trompé l'attente de tout le monde !*» Quantos, com effeito, mal ultrapassaram as raias da vulgar mediocridade, embora apregoados pelo clamor de enthusiasmo meramente nativista!

Já foi, aliás, confirmada pelos estudos de ethnologia comparada a observação que acabámos de fazer. Com rarissimas excepções, a educação simultanea e em tudo identica de duas crianças intelligentes, vivas, bem dispostas physica e moralmente, uma, porém, branca, outra preta ou mestiça demonstra, a principio, maior rapidez de progresso por parte desta, depois certa parada nos tempos da puberdade, e passada esta muito maior adiantamento da outra, que afinal se distancia longe e definitivamente.

Já fizemos anteriormente sentir quanto os padres jesuitas na fazenda de Santa Cruz souberam aproveitar as disposições nativas

dos crioulinhos de ambos os sexos. Tambem os resultados ali conseguidos foram muito notaveis, tanto assim que os chronistas do tempo nos falam com verdadeiro enthusiasmo dos cantores e instrumentistas pretos e mulatos ensinados conforme as tradições da Companhia, embora acostumados a applaudir grandes artistas europeus. Diz, com effeito, Balbi no seu *Essai statistique* :

« Quando o rei chegou ao Rio de Janeiro, ficaram elle e toda a côrte admirados, a primeira vez que ouviram missa na igreja de Santo Ignacio de Loyola em Santa Cruz, da perfeição com que era executada a musica vocal e instrumental por negros de ambos os sexos, que nessa arte se haviam aperfeiçoado consoante o methodo introduzido pelos antigos proprietarios daquella fazenda e que felizmente se conservava. Sua Magestade, que gosta muito de musica, querendo aproveitar esta circumstancia, fundou escolas de primeiras letras, de composição musical, de canto e de varios instrumentos em sua casa de campo e conseguiu em pouco tempo formar entre os seus negros tocadores e cantores habilissimos. Os dois padres Marcos[1] e Simão Portugal expressamente compuzeram peças para estes novos discipulos de Terpsychore, que as executaram na perfeição ; muitos foram admittidos entre os musicos das capellas reaes de Santa Cruz e de S. Christovão. Alguns mesmos chegaram a tocar e cantar de modo verdadeiramente admiravel.

«Sentimos não poder dar os nomes do primeiro violino, do primeiro fagote e do primeiro clarinete de S. Christovão e de duas negras que se distinguem entre as suas companheiras pela belleza de suas vozes e pela arte e a expressão que revelam no canto.

«Os dois irmãos Marcos e os melhores conhecedores do Rio de Janeiro os têm em muito apreço. Sua Magestade assistiu muitas vezes a cerimonias religiosas em que toda a musica foi executada por seus escravos musicos. Sua Alteza Real o Principe do Brazil (posteriormente imperador D. Pedro I do Brazil e IV de Portugal) que possue extraordinario talento musical, que compõe com tanto gosto quanta facilidade e que toca varios instrumentos, entre outros fagote, trombone, flauta e violino, muito contribuiu para aperfeiçoar

---

[1] Marcos Portugal era compositor. O irmão Simão distinguia-se como mestre de musica simplesmente, muito bem aceito entre as damas da côrte conforme já vimos.

este estabelecimento unico no seu genero, pela animação que dá a estes negros e pelos favores que lhe prodigaliza.

« Não ha muito, encarregou os irmãos Portugal de compor operas [1] que foram inteiramente executadas por estes africanos, [2] com applauso de todos os conhecedores que as ouviram.»

E note-se que á chegada do rei em 1808, já havia decorrido meio seculo menos um anno, que os jesuitas tinham sido impellidos a abandonar snas propriedades no Brazil e todas as terras do dominio portuguez, ficando ou perdidos ou desorganizados os serviços escolares que haviam instituido, imprimindo-lhes o cunho de tanta sagacidade e conhecimento das coisas. A semente, porém, fôra aqui lançada em terreno fertil.

Si José Mauricio não era producto directo moral do tal *Conservatorio dos negros*, de que faz tamanho cabedal o autor dos *Musicos portuguezes*, recebeu, comtudo, o influxo das lições dos padres jesuitas no gosto geral da população do Rio de Janeiro pelas artes liberaes. Esse pardo Salvador José era um dos continuadores das boas tradições por elles deixadas.

Outro musico, entretanto, havia aqui nesse tempo de bem mais ampla esphera que poderia ter guiado o nosso José Mauricio em seus primeiros ensaios, o padre Manoel da Silva Rosa, natural do Rio de Janeiro e nesta cidade fallecido a 15 de maio de 1793. Estudou comsigo a fundo harmonia e contra-ponto e, além de outras composições notaveis, deixou uma missa da Paixão de Christo que se tornou celebre e era ainda executada na capella imperial e em S. Francisco de Paula, nos tempos da minha meninice, pelos annos de 1852 a 1854.

Esse padre, porém, teve existencia muito retirada e obscura, como que famulo do bispo Frei Antonio do Desterro, sempre mettido comsigo e inimigo de exhibir-se, todo entregue, no retraimento em que vivia, ao seu querido orgão, que chegou a tocar por modo admiravel e não mais alcançado por musico algum no Rio de Janeiro.

Não achei em parte nenhuma especificado si Manoel da Silva Rosa era branco ou homem de côr.

(*Continúa*)

VISCONDE DE TAUNAY

---

[1] Se houve tal encommenda de operas, não consta, que fosse aviada. Ahi ha exageração. Tratava-se tão sómente de trechos religiosos.

[2] Não deviam ser filhos da Africa, negros da Costa, como se dizia, porém sim descendentes delles.

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

S. JERONYMO NO DESERTO (NICOLÁO BOLDRINI)

O grande desenvolvimento que em seu inicio teve a arte da gravura em madeira na Allemanha, promovido pela escola de A. Durer, offerecia no fim do seculo XV sensivel concurrencia com a Italia, onde, com excepção de Veneza, eram admiraveis os progressos da gravura em metal que encontrou em Marco Antonio (Raimondi) o mais notavel representante. Neste estado era a cidade de Vicencia o centro em que floresciam naquella época os mestres que tanto se celebrizaram na maneira de gravar a claro escuro ou a camafeu. Porém, quanto a este processo, cuja invenção é disputada por aquellas duas nações, apezar de não ser anteriormente desconhecido pelos povos do Oriente, cabe a esta a primazia no seu aperfeiçoamento, verdadeiro progresso na arte de Maso de Finiguerra. Entre os seus mais notaveis artistas acha-se talvez collocado Boldrini.

Nicoláo Boldrini, é um dos muitos artistas cujos dados biographicos chegaram até nós envoltos em contradicções pelo motivo da insufficiencia de documentos authenticos. [1] A data em que veiu ao mundo é circumscripta á primeira década do seculo XVI e quanto ao berço do seu nascimento disputam a primazia as cidades de Vienna, Vicencia e Trento segundo Huber & C. Rost, [2] Ch. Le Blanc [3] e Larousse [4] A época do seu fallecimento parece ser ignorada pelos inconographos que delle se occuparam, visto como nenhuma referencia vimos a respeito. Não obstante todos são accordes em affirmar que esse mestre foi do numero dos artistas formados na escola de Ticiano, segundo o qual gravou a maior parte de suas estampas, elevadas por Ch. Le Blanc ao numero de 34, não sabemos com qne fundamento, porquanto apenas 4 trazem a assignatura do gravador; emquanto que Passavant [5] dá-lhe 22 em uma addição que faz a Bartsch, [6] servindo-se provavelmente do catalogo de Bassegio, reduzindo-as

---

[1] Giambattista Bassegio (*Editione seconda. Bassano*. 1844, *in-8°*) que publicou o catalogo mais completo possivel das peças de Boldrini apenas traz á luz noticias vagas e que não se baseam em nenhum documento conhecido.

[2] *Manuel des curieux et des amateurs de l'art*. vol. III.

[3] *Manuel de l'amateur d'estampes*. vol. I.

[4] *Dictionnaire universel*, vol. II.

[5] *Le peintre graveur*, vol. VI.

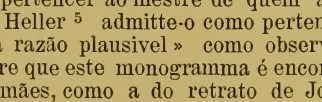
[6] *Le peintre graveur*, vol. VII.

Bryan [1] ao numero de 6. Ticiano, a quem se tem pretendido attribuir algumas gravuras de Boldrini, «nunca manejou o buril», segundo assevera Passavant, ao passo que Papillon [2] e Zani são de opinião que foi tambem gravador, e mencionam até muitas de suas peças. A proposito de um *S. Nicoláo*, affirma o primeiro que aquelle fez o desenho no proprio blóco de madeira, deixando ao gravador a sua missão, emquanto que o segundo chega a pôr em duvida si a estampa, que é assumpto destas linhas, foi gravada por Ticiano ou si por algum discipulo: ouçamo-lo no seguinte topico:

«...Ticiano gravou ainda em madeira, conforme se pretende, duas estampas, tendo cada uma vinte pollegadas de altura por quatorze de largura; representam um S. Jorge a cavallo, que despedaça a lança na guéla de um dragão, e um S. Jeronymo no deserto. Estas estampas são gravadas mui livremente, com bastante vigor, e com traços mais correctos e mais bellos que os das estampas precedentes. Desenhou tambem muitos quadros que mandou gravar em madeira, sem duvida por seus discipulos, mas é facil de se reconhecer os pontos que elle proprio gravou, porque parecem gravados apressadamente, razão pela qual estou em duvida si o S. Jorge e o S. Jeronymo, de que acabo de falar, são effectivamente suas gravuras...»

Na phase primitiva do desenvolvimento da arte de transportar para o papel as figuras abertas em uma placa de metal e cujo invento é attribuido por Vasari [3] a Maso de Finiguerra, até o momento em que começava o trabalho do impressor, a factura de uma xylographia passava muitas vezes pelas mãos de mais de um artista. Além do que se encarregava da composição do desenho havia tambem um outro que o copiava no blóco de madeira para um terceiro caval-o afim de pôr em relevo a figura. Eram portanto distinctas as funcções do inventor, desenhista e gravador e estas circumstancias ficavam mesmo assignaladas algumas vezes nas proprias estampas com as palavras latinas abreviadas que precediam aos nomes dos executores—*inv.*, *del.*, e *sculp*. Aquelle particular é observado nas figuras que acompanham a «Descripção anatomica do corpo humano» de *Charles Estienne de la Rivière* impressa em 1545 e 1546; conforme este declara no prefacio, ha o autor dos desenhos primitivos (*Estienne de la Rivière*), o desenhista (*Gollat*) e o gravador (*Geoffroy Tary*). Tambem podemos citar a obra de *Cesar Vecellio* intitulada «Habiti antichi...» da qual a Bibliotheca Nacional possue um exemplar da 3ª edicção.

A Boldrini são attribuidos os seguintes monogrammas:



O primeiro formado de um B atravessado horizontalmente por um I, dizem Bartsch e Zani [4] pertencer ao mestre de quem apontam até algumas peças, notando-se que Heller [5] admitte-o como pertencente a Burgkmair, «sem apresentar uma razão plausivel» como observa Bruillot [6] si bem que Passavant assevere que este monogramma é encontrado algumas vezes em xylographias allemães, como a do retrato de João Scharzenberg, de A. Durer.

---

[1] *Biographical and critical dictionary of painters and engravers.*
[2] *Traité historique et pratique de la gravure en bois*... vol. I pag. 161.
[3] *Vite de più eccellenti pittori, scultori,*.... vol. I.
[4] *Enciclopedia metodica delle belli arti,* vol. V.
[5] *Geschichte der Holzscheneidekunst,* pag. 185.
[6] *Dictionnaire des monogrames,* 1ere partie.

O segundo monogramma tem as opiniões de Ch. Le Blanc e Heller em favor do nosso artista, os quaes interpretam-no da seguinte fórma: «Nicoló detto Boldrini». Esta explicação parece-nos méra fantasia, e a sua contestação é apresentada por Bruillot que, comparando as obras de Boldrini com as do mestre desse monogramma, não encontrou similhança de especie alguma.

A terceira marca que se compõe das iniciaes B. F. é ainda este ultimo auctor quem as empresta a Boldrini, explicando-as por BOLDRINI FECIT (Nicoláo) e certificando a sua permanencia em uma gravura em madeira que representa Jesu Christo descendo da cruz, composição de muitas figuras, entre as quaes está S. João de mãos postas. Não obstante, parece-nos ainda uma hypothese.

Conforme criteriosamente observa Passavant, as unicas noticias certas que temos deste artista são tiradas das diversas assignaturas firmadas em suas gravuras, e as mais completas encontram-se na sua peça representando *Venus acariciando o deos do Amor*, segundo Ticiano, e com a seguinte inscripção:

TICIANUS. INV. *Nicolaus Boldrinus Vicentinus incidebat — 1566*

e na copia do *Homem das dôres* da pequena paixão de Durer:

Nicolaus Boldrinus Vicentinus incidit.

Encontra-se egualmente na gravura da *Predica de S. João Baptista*, segundo Domenico Campagnola, a assignatura:

D. C. — *Nich.º B. T.* [1]

Depois de um retrato de Quinto Curcio a cavallo, segundo Pordenone (B X. 9), á esquerda a indicação POR DO, e no meio da estampa a assignatura:

Nic. bol. inc.

Si bem que as quatro gravuras precedentes não admittam contestação quanto ao seu autor, as outras que lhe são attribuidas parecem ter obedecido a esta circumstancia em razão do confronto de estylos, operação assás praticavel em iconographia, e em virtude da qual pode-se chegar a resultados admiraveis, comquanto em muitos casos hypotheticos.

Um ponto que não se acha convenientemente esclarecido é o que se refere a existencia de um certo laço de identidade entre o nosso artista e outros que figuram simultaneamente na historia da arte da gravura com alguma semelhança em os nomes. Assim é que apparecem:—José Nicoláo Vicentino; chamado o *Vicentino*, gravador em madeira e a claro escuro (*intagliatori de figure de legno ed a chiaroscuro*) — João Nicoláo Vicentino (o *Rossigliani*, de Uber & C. Rost ou o *Giannicolo* de Vasari) que parece ser o mesmo José, e chamado *Nicolaus Rossilianus de Vicencia*, por Papillon. Na opinião de Malaspina [2] José Nicoláo é um artista differente do discipulo de Ticiano; attribue áquelle a especialidade em gravar a

---

1 A interpretação que os iconographos dão a esta marca é a seguinte: «Nicolò Boldrini Vicentino tagliò»; não obstante, custamos a admittir a forçada transposição das duas ultimas iniciaes para o concerto da phrase.

2 *Catalogo di una raccolta di stampe antiche...* vol. II, pag. 136.

claro escuro. Zani, procurando esclarecer o assumpto, perde-se em um labyrintho de filiações que mais vem complical-o.

A's ligeiras considerações que acabamos de expender sobre a vida e obra do mestre, cuja peça serviu de thema a estas linhas, é tempo de acrescentar mais particularmente algumas palavras que digam mais de perto ao assumpto em questão.

Separada das demais gravuras e depositada pelo antigo chefe da Secção de Estampas em uma gaveta encontrámos essa peça em estado verdadeiramente lastimavel e sem indicação de especie alguma escripta a lapis, como ordinariamente costumava praticar com os especimens que estudava. Ao passo que a nossa attenção era despertada por aquella particularidade, o nosso interesse em conhecel-a mais se accentuava diante do espirito de antiguidade que a caracterizava como um dos documentos do primeiro periodo da gravura em madeira. Não nos enganámos quanto a esta asserção; não obstante, achamo-nos inhibidos de asseverar outro tanto com relação ás primeiras tentativas que fizemos para classifical-a, enveredando-nos pela escola alleman, cujos representantes impunham-se-nos naturalmente nas pessoas de A. Durer e seus discipulos. [1]

Esgotámos todas as fontes que possuia a Bibliotheca Nacional e onde pudemos haurir dados sobre a sua classificação, e, persistente em nossas investigações resolvemos procurar restaural-a [2] convenientemente para depois remettermos uma copia photographica ao illustre sr. Georges Duplessis, uma das autoridades contemporaneas mais competentes na materia, acompanhada da carta que mais adiante transcrevemos. E' facto que o dr. M. Brum, em seu relatorio apresentado ao governo, quando de volta de uma commissão á Europa, affirma que levando comsigo algumas estampas de difficil classificação para lá estudal-as, foi de nenhum resultado essa medida; porém, somos de parecer que todas as investigações só devem ser abandonadas, depois de realizada a ultima tentativa possivel. Felizmente os resultados de nossos esforços vieram fortalecer-nos ainda mais em nossas convicções.

Eis a cópia de um topico da carta que dirigimos ao sr. Georges Duplessis, conservador da secção de estampas da Bibliotheca Nacional de Paris:

« Nous possédons deux estampes que j'ai photographié et dont je vous envoie les exemplaires, en vous priant de bien vouloir me communiquer votre opinion et m'éclairer de vos lumières.

---

[1] Posteriormente, quando procuravamos estudar essa gravura segundo as indicações do Sr. G. Duplessis, tivemos occasião de ver a opinião de Heller coincidir com as conjecturas que formulámos na consulta feita ao competente iconographo francez.

[2] O processo de restauração que empregámos foi inteiramente de nossa invenção; succintamente, vamos procurar expôl-o.

Extendemos em uma placa de vidro, á maneira das plantas topographicas, uma folha humedecida de papel-cartão e em seguida procedemos a lavagem da estampa, não sem grande difficuldade em razão da vetustez do papel e do grande numero de rasuras, falhas e rasgões.

Depois de 24 horas de repouso submersa em agua, retiramol-a e fomos encontrar, com profundo pezar, uma massa informe e flaccida. Com o maior cuidado seccamol-a entre duas folhas de papel *mata-borrão*; em seguida, com o auxilio de uma espatula demalfim, estendemol-a sobre a superficie de papel-cartão, préviamente humedecido de gomma *(Stickphast)*.

Terminada esta primeira parte collocámos a prancheta em opposição a luz solar para melhor distinguirmos os contornos das fendas e vasios, e assim conseguimos mais facilmente delinear moldes que, depois de cortados, foram perfeitamente collados ás cavidades existentes.

Anteriormente tivemos o cuidado de dar um tom de coloração áquelles, de modo a identifical-os perfeitamente com a côr caracteristica que o tempo se encarregára de fornecer a essa gravura, e assás peculiar de estampas antigas.

Emfim, retocámos á *nankin* todos esses claros e terminámos desta fórma o processo de restauração, depois do que, photographamol-a.

L'estampe A. (0,^{m}39×0,^{m}538) a eté trouvée ici complètement abîmée et je l'ai remis à neuf; il me semble que c'est une xylographie représentant Saint Jerôme exerçant la pénitence dans le désert. Elle ne presente aucun indice quant à la date, le nom, ni la marque du graveur. Par quelques conjectures, je crois pouvoir l'attribuer à Hans Burgkmair, xylographe qui vivait à Augsbourg à la fin du 15.me siécle et qui a eté ami ou disciple de A. Durer, à l'école duquel l'estampe paraît appartenir, quoique je n'en aie vu nulle part la description.

Incontestablement elle est un magnifique specimen. »

O illustrado membro do Instituto de França dignou-se reponder-nos na parte referente ao assumpto :

« Quant à la gravure sur bois elle a eté executée par un artiste italien, Boldrini, vraisemblablement ou un de ses élèves, d'après un dessin du Titien. »

Dirigindo as nossas pesquizas segundo estas indicações encontrámos emfim a sua fiel descripção em Passavant [1] a traducção que passamos a firmar acha-se de perfeito accordo com o nosso exemplar :— «58. *S. Jeronymo no deserto*, segundo Ticiano. No meio de uma paizagem selvagem, pedregosa, coberta de arvores e paus cortados, corre um rio. A' direita, perto de um rochedo, está o Santo de joelhos mui agitado, diante de uma cruz feita de canniços. No primeiro plano, á esquerda perto de uma arvore, vêm-se dois leões e uma leôa, e do mesmo lado, um veado que corre para o fundo. Peça não assignada mas de uma execução tão magistral que suppõe-se ter sido gravada, segundo um desenho de Ticiano, por Nicoláo Boldrini H. 14 p. L. 19 p. e 3 l. »

No caso de verificar-se, portanto, a identidade desta peça com o original do celebre mestre classico da escola veneziana, e no que julgamo-nos muito proximo da verdade, tem este especimen o grande valor de revelar o sentimento do desenho original de Ticiano, sendo por conseguinte um dos poucos, sinão o unico exemplar antigo que possue a Secção de Estampas, obtido segundo esse processo.

Distinguindo-se das gravuras daquelle tempo, esta particularmente se recommenda á apreciação dos amadores no tocante á energia e correcção do desenho que mesmo tocam a perfeição. Ahi a gravura resente-se influenciada do estylo peculiar aos celebres xylographos antigos, porquanto os poucos, porém firmes, traços cruzados que são observados, vêm egualmente confirmar a época em que foi executada. Este progresso na xylographia data do fim do seculo XV e pela primeira vez foi observado por F. Didot [2] na roupagem da figura que representa Santa Catharina do monte Sinai e que faz parte da serio de Breydenbach, impressa em 1486, por Reuwich.

Excepção feita de André Mantegna, que na exposição permanente concorre com um soberbo especimen, esse é um dos raros, representantes da gravura em madeira da escola italiana até o seculo XVI que enriquece aquella collecção de estampas.

Não é fóra de proposito transcrevermos as injustas accusações que, fazendo echo com Bartsch, o antigo chefe e fundador da Secção de Estampas formulou contra esse mestre, em as notas biographicas que acompanham a descripção da sua peça e consignada no Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional, á pag. 611 : « As estampas de Mantegna são notaveis pelo gosto e correcção do desenho ; outro tanto porém se não póde dizer da sua maneira de gravar, com sombras executadas por traços parallelos, duros, e não por traços cruzados (*hachures*). »

---

[1] *Le peintre graveur*, n. 58, pag. 235, vol. II.
[2] *Essai typographique et bibliographique sur l'histoire de la gravure sur bois.*

Admiramos (e seja dito com todo o respeito que tributamos á sua memoria) que com tanta infelicidade tivesse esta ultima circumstancia incorrido na critica do illustre iconophilo, porquanto é ella justamente um attestado exuberante da época em que floresceu o dilecto discipulo de Squarcione, e na qual a xylographia, puramente linear, estava longe de offerecer concurrencia á gravura a talho doce. Demais Mantegna não desconhecia a maneira de cruzar os traços. Ahi estão as suas peças *Flagelação* e *Combate de tritões*, das quaes possuimos copias heliograpicas da collecção *Amand Durand*, cuja publicação deve-se aos esforços do sr. G. Duplessis. Não fez mais que subordinar-se á influencia do meio e a sua preoccupação em libertar-se desse estylo é manifesta tambem na gravura representando *Soldados conduzindo trophêos* onde os traços cruzados são dirigidos da esquerda para a direita.

Algumas das chapas de Boldrini foram retocadas e reeditadas, no começo do seculo XVII por Andrea Andreani que as marcou com o seu monogramma. Este procedimento, classificado de abuso por Firmin Didot, foi, segundo o mesmo, prejudicial ao proprio Andreani, visto como as peças por elle abertas, e algumas magnificas, são objecto de contestação.

Antes de terminar somos levados a observar uma particularidade que infelizmente offerece o exemplar que acabamos de estudar a qual, logo a primeira vista disperta a attenção de quem o contempla; referimo-nos a uma solução de continuidade que o atravessa em todo o sentido latitudinal. Acreditamos que fosse originada do facto de se haver partido o *cliché* por occasião da impressão, ou descollado em duas partes.

Não podemos emfim concluir esta rapida noticia sem tornar bem patente o nosso reconhecimento ao proeminente sr. Georges Duplessis que de tão boamente se dignou acolher as nossas solicitações, esclarecendo-nos com as suas luzes, o que fazemos em homenagem a sua vasta erudição e nobre cortezia de seu gentil cavalheirismo.

R. VILLA-LOBOS

— O Sr. Edgard Prestage poeta e erudito inglez, que se dedica com grande talento ao estudo da literatura portugueza, vai publicar proximamente as traducções da *Chronica da Conquista de Guiné*, de Azurara, *Fr. Luiz de Sousa* de Garrett, *Ignez de Castro*, de Antonio Ferreira e *Carta de Guia de Casados*, de D. Francisco Manoel de Mello. O Sr. Prestage já traduziu e publicou as *Cartas da Freira Portugueza* e os sonetos de Anthero de Quental.

— O erudito hespanhol Sr. José Toribio Medina publicou o anno atrazado em Sevilha a relação até agora inedita de Fr. Gaspar Carvajal, companheiro de Orellana, do descobrimento do Amazonas. E' a narrativa da primeira viagem feita no grande rio, em 1549, e vem acompanhada de uma introducção historica e notas do publicador.

— Em Coimbra (Portugal) artistas, eruditos e homens de letras preparam-se para celebrar o quarto centenario do nascimento do grande poeta Sá de Miranda que, como se sabe, foi naquella velha cidade universitaria a 27 de outubro de 1495.

— A notavel descoberta da photographia dos corpos opacos será brevemente objecto nesta Revista de um artigo especial.

A POLITICA

Na quinzena que ora finda dois documentos foram publicados que merecem attenção : a resposta do Club Tiradentes ao manifesto monarchista, e o manifesto do partido republicano nacional.

A resposta acompanha *pari-passu* o manifesto restaurador, e a cada uma das allegações deste oppõe factos identicos que se deram no tempo do imperio. Realmente, os monarchistas têm de lutar sempre com esta difficuldade. A historia do imperio é historia contemporanea, e os factos estão ahi vivos na memoria de todos, e não se engana quem affirmar que, com ou sem a mudança de fórma de governo, muitos dos males com que hoje lutamos seriam exactamente os mesmos, com a unica differença que, si tivesse persistido a monarchia não teriamos muitos dos beneficios que á forma republicana são devidos. Entre estes, seria cegueira negar o desenvolvimento que tem tido a vida dos estados, verdadeiro assombro quando se compara a sua situação actual com a inercia em que se arrastavam as antigas provincias, dependentes do centro em tudo e por tudo.

A resposta lembra com vantagem que, si as eleições como hoje se fazem estão longe de exprimir a vontade do eleitorado, ainda assim, mesmo em estado de sitio, vingaram em alguns pontos candidaturas de opposição, o que equivale pelo menos ás derrotas de ministros no tempo do imperio, constituindo a excepção da regra geral fornecida pelas camaras unanimes.

Não é preciso acompanhar topico por topico a resposta para prever o que vai ser a discussão, que em breve veremos travada na imprensa, quando apparecer nesta capital o orgam de propaganda monarchista que está annunciado. Afigura-se-nos que não será facil a tarefa dos propagandistas. Em principio, o que faz a vantagem de uma propaganda é a circumstancia de criticar factos e argumentar com principios ; mas uma propaganda que tem passado, e nesse passado erros tão palpaveis que da monarchia se póde dizer que não foi preciso derrubal-a, porque ella caíu por si, estamos convencidos que não conseguirá abrir brecha, porque por mais que encare pelos prismas mais desfavoraveis a situação actual, toda a gente verá que o remedio não será a restauração daquillo que não soube manter-se.

E desta vantagem se utiliza a resposta, passando em rapida revista as revoltas que interromperam tão frequentemente os sempre falados sessenta annos de paz, as violencias então commettidas, analysando o systema financeiro dos emprestimos, a jacto continuo, para mascarar os *deficits* permanentes, e terminando por mostrar, em contrario do que diz o manifesto, que quem perseguia a Igreja era a monarchia que se apossava dos bens das ordens religiosas, que extinguia estas por decreto, que prohibia o noviciado, que encarcerava bispos, que exercia o beneplacito.

Os propagandistas não querem ver que o que a Republica soffre actualmente é o que os medicos chamam a febre de crescimento. A Republica succedeu de perto á crise da transformação do trabalho, que o governo de então, por sua imprevidencia, apezar de avisado a tempo, deixou que produzisse todos os seus effeitos, sem dar-lhe remedio. Esses effeitos acumularam-se, e a elles se reuniram erros — porque não dizel-o ? — de homens inexperimentados, as lutas contra ambições soffregas e todas as difficuldades das situações novas, dando em resultado o mau estar passageiro, que ha de ir cedendo á medida que a experiencia nos fôr mestra e conselheira. Não o querem ver os propagandistas, e em vez de se contentarem de fazer a critica da situação actual, que lhes podia ser apparentemente vantajosa, caem no erro de estabelecer comparações, em que forçosamente têm de ser batidos perante a opinião.

Bem diversa da desta é a significação do manifesto do partido republicano nacional. Em regra, é louvavel em politica tomar uma posição bem definida, e as opiniões mais extremadas são tão merecedoras de respeito como as mais moderadas e calmas. A Republica não tem ainda partidos fortes bem organizados. O unico que tem forças, o partido republicano federal, não tem organização, e compõe-se de elementos heterogeneos. Do grupo de patriotas exaltados que durante a revolta se congregaram em torno da legalidade uns, do marechal Floriano a maior parte, alguns ligaram-se a esse partido, ou porque, restabelecida a ordem, se tornaram conservadores, ou porque o partido entendesse dever avançar para as fileiras radicaes. Em todo caso, ninguem dirá que mesmo entre os vultos mais proeminentes dos chefes do partido republicano federal haja actualmente completa harmonia de vistas, e seria curioso comparar o jacobinismo actual de alguns delles com as suspeições em que incorreram durante o estado de sitio, e com a luta patriotica que então travaram contra o governo, apezar de se collocarem ao lado delle em relação á revolta.

Os membros do partido republicano nacional têm sobre os daquelle outro partido a vantagem da posição mais clara. Estamos longe de partilhar as suas idéas, mas para o equilibrio de que depende a boa marcha das sociedades constituidas é util que haja quem obstinadamente as defenda, quando mais não seja para que possam com mais efficacia ser combatidas, em vez de fazerem o seu caminho á surdina.

No manifesto a que nos referimos o partido republicano nacional propõe-se a «manter inviolavel em sua essencia o estatuto republicano de 24 de fevereiro, admittindo, porém, opportunamente, modificações ampliativas ou restrictivas em seu texto, que esclareçam e revigorem os principios nelle estabelecidos.»

Este primeiro artigo do manifesto não é sufficientemente claro. Si em seu primeiro periodo se revela conservador pela manutenção *inviolavel* da constituição, no final cede á necessidade de retocar a lei fundamental. Mais claro é o artigo em que diz que o partido se propõe a «defender contra os sophismas invasores e dissolventes a salutar independencia dos estados na Federação.»

Este artigo traz em seu bojo a mais incandescente questão que nestes annos mais proximos ha de agitar a opinião politica no

paiz. O Governo Federal não pensa em intervir em negocios nos estados, não pede a interpretação do texto constitucional que lh'o permitte, si não justamente porque em alguns delles se tem dado abusos, que actualmente não têm correctivo, e que entendem directamente com os bons creditos das instituições. Em Sergipe, por exemplo, não ha nem independencia nem vitaliciedade da magistratura, que de facto têm sido postergadas. Em outros estados funccionam governos illegaes. O Governo Federal e o Congresso já têm recusado manter relações com os detentores do poder em alguns desses estados. Querer que persista tal ordem de coisas, é attentar contra a União, que não póde subsistir entre estados de organização regular e outros regidos pelo arbitrio.

A base, porém, do partido é o nativismo, que vai até á luta para que se obtenha a revogação da lei da grande naturalização, com escalas pela nacionalização do commercio, da industria e da propriedade.

Repetimos que, embora distanciados deste modo de ver, é para applaudir a organização de um partido que o pregue, porque si não é conveniente a adopção de taes medidas radicaes, principalmente em um paiz novo, que tanto precisa do concurso estranho, a influencia das doutrinas póde fazer-se sentir beneficamente para que se não adoptem principios extremadamente oppostos. O nativismo é em relação á politica interna o mesmo systema acanhado e avesso ao progresso, que é o americanismo em politica internacional abstracta.

Comprehendemos o americanismo quando se trata de prender por interesses reciprocos as republicas americanas entre si, de modo que a união dellas seja solida, e que ellas constituam uma cadeia de que se não possa romper um élo sem que todas se resintam do abalo. Então, a America será realmente uma força, não para ataque, que se não compadece com a indole destas nações novas, mas para a mais efficaz de todas as defesas.

Do mesmo modo comprehendemos o nativismo, quando se trata de desenvolver os nossos recursos internos, de nos libertarmos do pesado jugo do estrangeiro que nos fornece o que consumimos, ficando nós em uma dependencia a tal ponto que não teriamos o que comer, e não teriamos para onde escoar os nossos productos de exportação, si o incidente que se deu ultimamente entre os

Estados Unidos e a Inglaterra tivesse chegado ás suas ultimas consequencias.

Si o americanismo e o nativismo não se nos afiguram uteis, a propaganda dessas idéas póde ter a vantagem de influir sobre os que nos governam para que, vendo o inconveniente de adoptal-os *in totum*, vejam tambem o perigo que haveria em rejeital-os *in limine*.

FERREIRA DE ARAUJO

A QUINZENA

MARÇO. **1.** Os Italianos atacam os Choanos em Adua e são desbaratados perdendo muitos soldados, officiaes, inclusive generaes, e material de guerra. — **2.** A camara dos representantes dos Estados-Unidos adopta um *bill* reconhecendo a belligerancia dos Cubanos revolucionados. — **4.** Demissão do general Baratieri, commandante em chefe das forças italianas na Abyssinia e nomeação para o mesmo posto, do general Baldissera. — Demissão de Crispi e do gabinete por elle presidido. — O Sr. Elduayen, ministro dos estrangeiros da Hespanha, deixa este lugar e é substituido pelo duque de Tetuan. — **5.** Adopção pela Commissão interparlamentar da Camara dos representantes e do Senado americanos, da resolução da mesma Camara sobre a belligerancia dos Cubanos. — **7.** O Senado estadual do Pará approva unanimemente uma moção contra a creação de uma commissão mixta franco-brazileira para administrar o territorio contestado do Amapá e communica o seu acto ao Presidente da Republica, declarando suspensas as suas sessões até receber a resposta deste. A Camara dos deputados do mesmo Estado vota moção identica. — Inauguração em S. Paulo de uma policlinica a expensas da Sociedade de Medicina e Cirurgia. — **10.** Organização do novo ministerio italiano sob a presidencia do Marquez de Rudini, ministro do interior. — **11.** Adhesão da França ás estipulações do tratado de propriedade literaria e artistica segundo o Congresso de direito internacional privado de Montevidéo. — **12.** O senado americano adiou, por tempo indeterminado, o voto da resolução sobre a belligerancia de Cuba. — Na quinzena os factos predominantes foram os movimentos e agitações populares na Italia contra Crispi e o seu governo e contra a continuação da guerra da Abyssinia e na Hespanha e nos Estados-Unidos, reciprocamente contra cada uma destas nações, por amor de Cuba.

INDICE DO TOMO V

Janeiro a Março de 1896

PAGS.

O Credito, comedia: José de Alencar. . . . . 5, 65, 137 e 221
O Romance Francez em 1895, Oliveira Lima. 31
Tarifas proteccionistas, Lourenço de Albuquerque. 43
A Chamma, poesia, Magalhães de Azeredo 48
Estudos classicos, Dr. Fortunato Duarte. 51
O Padre José Mauricio, Visconde de Taunay. . . . . 96, 235 e 375
Raul Pompeia, Rodrigo Octavio. 103
Rimance do triste pagem, poesia, Mucio Teixeira. 113
A Industria Nacional: Getulio das Neves. 117
Um Estadista do Imperio, J. Th. Nabuco de Araujo, Joaquim Nabuco . . . . . 153 e 353
O Espirito Americano, Magalhães de Azeredo 169
O Adulterio e o projecto do Codigo Penal, Arthur Orlando 177 e 275
Cancioneiro, Coelho Netto 201
Antonio José o « Judeu », M. de Oliveira Lima. 208
Esthetica de Poë, Araripe Junior 245
Paulo Ferrand, A Redacção. 251
O «Farol» Maranhense, J. P. da Graça Aranha. 265
João de Deus, J. J. da Silva Ramos. 289
Herbert Spencer e a sua obra, Alonso Adjuto. 302
Gustavo Le Bon e a psychologia dos povos, Clovis Bevilaqua. . . . 329
A Flora da Lagoa Santa, Alberto Lofgren. 340
Industrias extractivas, Dr. J. M. Caminhoá 365
A Politica, Dr. Ferreira de Araujo 130, 194, 260, 324 e. 386

BIBLIOGRAPHIA: Visconde de Taunay — *Ensaio sobre o Dr. Alexandre R. Ferreira* pelo Dr. Emilio A. Goeldi, 61; *Revista do Museu Paulista* publicada pelo Dr. H. von Ihering, 320; José Verissimo, *Estudos sobre o Amazonas. Limites do Estado*, por Torquato Tapajós, 129; *Il Brasile e il Secondo Congresso Geographico Italiano*, pelo professor Arrigo de Zettiry, 193; *Patria* por Guerra Junqueiro 255

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES . . . . . 189 e 380

NOTAS E OBSERVAÇÕES. UMA FORMA VERBAL ARCHAICA, Pacheco Junior. 57

A QUINZENA . . . . . 135, 199, 264, 328 e 390

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 057173194